



Mentiras **TRÁGICAS**

UM LIVRO DA SÉRIE RIXON HIGH

1. a. cotton

USA TODAY AND WALL STREET JOURNAL BESTSELLING AUTHOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

MENTIRAS TRÁGICAS

RIXON HIGH

L A COTTON

Publicado por Delesty Books

MENTIRAS TRÁGICAS
Copyright © L. A. Cotton 2021
Todos os direitos reservados.

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e eventos são produto da imaginação da autora ou usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas ou eventos reais é mera coincidência.

Nenhuma parte desse livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer maneira sem a permissão escrita da autora, exceto por resenhistas que podem citar passagens breves para propósitos de resenhas e comentários apenas.

Versão original editada por Andrea M. Long
Original revisado por Sisters Get Lit(erary) Author Services
Tradução: Erika Robles
Revisão: Byanca Ismael

CONTENTS

[Rixon High](#)

[Prologue](#)

[Chapter 1](#)

[Chapter 2](#)

[Chapter 3](#)

[Chapter 4](#)

[Chapter 5](#)

[Chapter 6](#)

[Chapter 7](#)

[Chapter 8](#)

[Chapter 9](#)

[Chapter 10](#)

[Chapter 11](#)

[Chapter 12](#)

[Chapter 13](#)

[Chapter 14](#)

[Chapter 15](#)

[Chapter 16](#)

[Chapter 17](#)

[Chapter 18](#)

[Chapter 19](#)

[Chapter 20](#)

[Chapter 21](#)

[Chapter 22](#)

[Chapter 23](#)

[Chapter 24](#)

[Chapter 25](#)

[Chapter 26](#)

[Chapter 27](#)

[Chapter 28](#)

[Chapter 29](#)

[Chapter 30](#)

[Chapter 31](#)

[Chapter 32](#)

[Chapter 33](#)

[Chapter 34](#)

[Chapter 35](#)

[Chapter 36](#)

[Chapter 37](#)

[Epilogue](#)

[Playlist](#)

[About the Author](#)

RIXON HIGH

Linhas Tortas

Uma novela de prequela Rixon High

Fora de Limites

Um livro da serie Rixon High

Mentiras Trágicas

Um livro da serie Rixon High

Nunca tenha vergonha de uma cicatriz. Apenas significa que você foi mais forte do que tentou machucá-lo.

~ Desconhecido

PROLOGUE

A ESCURIDÃO ME CONSUMIU. Fria e implacável escuridão.

Passou por minhas veias, uma tempestade sem trégua que abafava todos os pontos de luz.

— Peyton. Fique acordada, precisa ficar acordada — uma voz disse em algum lugar ao longe.

Mas estava frio.

Tão frio.

Meus dentes batiam conforme escorregava mais fundo no abismo escuro que me cercava.

Só queria fechar os olhos. Vagar para longe... longe... longe.

Seria mais fácil... a dor pararia.

Tudo iria apenas...

— Peyton, os paramédicos vão chegar a qualquer... graças a Deus, chegaram. — Mãos quentes me seguravam, tentando me conectar a luz. — Chegaram. Aqui embaixo.

Mas a atração da escuridão era forte demais. Ela me cobria, sufocando todos os sentidos. Exceto o frio. Isso não abrandava. Estava nos meus ossos; água gélida correndo em minhas veias. Meu corpo tremia conforme me equilibrava na beirada fina entre a consciência e inconsciência.

— Aqui embaixo — a voz repetiu, um toque leve como uma pluma passando pelo meu rosto.

— O que aconteceu? — outra voz perguntou.

— Peyton... ela-ela caiu o rio. Eu a tirei, mas ficou submersa por pelo menos meio minuto.

— Certo, afaste-se e nos deixe trabalhar. Peyton, pode me ouvir?

Tentei responder, só um murmurinho saindo dos lábios.

— Vamos aquecê-la e levá-la para a ambulância, tudo bem?

Algo farfalhou ao meu redor, me envolvendo como um burrito, depois fui erguida em uma maca, o ar soprando ao meu redor.

— Xa-xander? — Pânico me preencheu conforme lutava contra as garras da escuridão, os olhos se abrindo. As bordas de tudo

estavam embaçadas, mas vi seu rosto. As rugas de preocupação, a curva séria dos lábios.

— Estou aqui. — Pairou sobre mim. — Estou bem aqui.

— Não me deixe.

Estava assustada, muito assustada.

Ela se foi... minha mãe se foi, e estava sozinha no mundo. E deveria querer isso. Deveria sentir um grande alívio.

Mas tudo o que sentia era um desespero sombrio.

Estava sozinha.

E conforme a escuridão me consumia, e perdia a luta contra o frio congelante, o último rosto que vi foi o dele.

CHAPTER 1

PEYTON

MINHA MÃE ESTAVA MORTA.

Sete dias, oito horas, e vinte e cinco minutos, mais ou menos.

Não queria contar o tempo. Parecia tão patético lamentar a perda de uma mulher que nunca me quis por perto. Uma mulher que amava mais a próxima dose do que jamais me amou. Uma mulher que, no final, me dera um presente de despedida que nunca esqueceria.

Um presente que não era um presente de verdade, era mais como uma maldição.

Então sim, lamentar Kate Myers era tão indevido quanto era patético.

Ainda assim, não conseguia parar.

Sete dias, oito horas, e vinte e seis...

— Peyton? — Minha melhor amiga, Lily, tocou no meu braço, me sobressaltando.

— Sim? — Pisquei para ela.

— Perguntei se queria mais pizza?

— Não, eu estou bem.

— Você mal comeu sua fatia. — Preocupação envolvia suas palavras.

— Não estou com fome. — Não encontrei seu olhar, não podia.

Lily era minha melhor amiga no mundo inteiro. A garota que me conhecia melhor do que ninguém. Ela conhecia minhas falhas e inseguranças, minhas esperanças e sonhos. Mas ela não *sabia*.

Como poderia?

Lily tinha uma família que a apoiava. Tinha dois pais incríveis que estavam presentes não importava o que acontecesse. Quero dizer, eles me acolheram mais de uma vez quando minha mãe não conseguia colocar comida na mesa ou manter os associados suspeitos longe de casa.

— *Vai embora, sua pirralha. Fique no seu quarto e não saia até eu mandar.*

— Mas, mama — choraminguei, o estômago dando câibras de fome. Só comi uma banana machucada no café da manhã e se ela me fizesse ir para o quarto agora, quem sabe por quanto tempo precisaria ficar lá dentro. Algumas vezes, ela se esquecia de mim durante horas. — Não gosto quando você...

— Falei para ir — vociferou. — E não saia até que eu mande. — Ela me dispensou com os dedos ossudos e manchados, ignorando as lágrimas escorrendo pelas minhas bochechas. Algumas vezes, quando ela estava assim, eu a odiava. Deus, eu a odiava tanto.

Balancei a cabeça para afastar os pensamentos. Não era mais uma criança indefesa. Não era há um bom tempo. Ainda assim, nunca esqueceria da minha infância.

Morara com os Ford durante o verão e o começo do último ano antes da minha mãe ficar limpa, outra vez. Depois fui para casa para estar com ela.

Que erro do caralho que isso foi.

Um tremor passou por mim enquanto olhava para fora da janela do quarto da Lily. Ela tinha um daqueles bancos na janela que dava para o quintal enorme da família. Havia algo tranquilizante em sentar aqui, vendo as árvores oscilarem de leve no vento frígido da Pensilvânia.

— Estou preocupada com você — falou.

— Não precisa ficar. Estou bem.

Fiz uma careta interna com as palavras.

— Sabe, ninguém espera que volte para escola amanhã. Ainda é...

— Lily — ralhei, enfim olhando para ela. — Falei que estou bem.

— Desculpa. — Ela se sentou na beirada da cama. — Estou fazendo outra vez, né?

— Você não está fazendo nada. Eu só... estou bem. A escola vai me fazer bem. — Precisava me manter ocupada, fazer alguma coisa — *qualquer coisa* — em vez de ficar sentada o dia inteiro. Quando parava e minha mente ficava imóvel, as imagens me encurralavam. Sangue. Tanto maldito sangue. Os olhos embotados e sem vida da minha mãe conforme olhava para mim, os pulsos rasgados e abertos.

— Sinto muito por ter arruinado o final de semana de Ação de Graças.

— Peyton, você não arruinou nada. Queríamos estar presentes para você.

Lily e a família tinham grandes planos antes da minha mãe levar uma gilete nos pulsos e eu... bom, fiquei bêbada, fui para o rio e acabei no hospital. Não foi o meu melhor momento. Mas estava bem agora. Foi um lapso de julgamento. Meio segundo onde só queria que tudo parasse.

Toda a dor e mágoa.

A rejeição constante.

Os anos de abuso e negligência e nunca me sentir boa o suficiente.

Tudo o que sempre quis foi uma família que me amava... uma *mãe* que me amava.

E agora ela se foi.

Emoção surgiu no meu peito, mas eu a engoli. Passei a vida inteira trancando meus sentimentos, não estava prestes a quebrar o ciclo agora.

— Kaiden está nervoso sobre as quartas de final? — Mudei de assunto, voltando para o único tema que sabia que Lily não poderia resistir.

O namorado. Kaiden Thatcher.

— Ele diz que não está. Mas tem que estar. Quero dizer, é importante, certo?

— Bom, sim. Todo mundo está dependendo dele para trazer o campeonato para casa.

— Deus, estou tão nervosa. Sei o quanto isso significa para ele.

— Ele vai ficar bem, babe. Se alguém consegue fazer isso, é Kaiden.

Ele era meio que um manda chuva no campo, e apesar de um começo incerto no último ano em Rixon High, liderara o time até um recorde impressionante nesta temporada.

— Ele e papai passaram o dia inteiro ontem criando estratégias. Juro que passaram de inimigos mortais para melhores amigos em um final de semana.

Sorri, mas não foi verdadeiro. Estava feliz por Lily, ela não merecia nada além de coisas boas. Mas sentir-se feliz por alguém e *estar* feliz eram duas coisas diferentes. E meu estoque de raios de sol estava vazio.

— Se tiver terminado de comer, vou limpar. — Lily se levantou da cama.

— Na verdade, vou ajudá-la.

— Mesmo? — As sobrancelhas dela se uniram.

— Sim, uma mudança de cena pode me fazer bem. — Não colocara o pé para fora da casa dos Ford desde que recebi alta do hospital há cinco dias, exceto para ir ao funeral da mamãe. Mal podia me lembrar da cerimônia. Por sorte, os pais de Lily organizaram quase tudo e só precisei aparecer.

Levantando, passei a mão pelo meu longo cabelo loiro e inalei trêmula. Meu corpo estava dolorido, cansado com luto, mas o sono se recusava a vir fácil desde aquela noite.

Sete dias, oito horas, e trinta – conferi o telefone – trinta e cinco minutos, mais ou menos.

Peguei nossos copos e segui Lily para o andar de baixo. O ressoar familiar da risada do Sr. Ford atravessou o corredor e hesitei.

— Relaxa — ela disse, percebendo. — Vão ficar felizes em vê-la.

— Você faz soar como se estivesse enfurnada no quarto há dias.

Lily me deu um olhar compreensivo que fez um rastro de arrependimento serpentear por mim.

— Não fui *tão* ruim assim — murmurei conforme fomos até a cozinha.

— Você tem direito ao espaço — falou. — Só queremos que saiba que também estamos todos aqui por você.

— Eu sei. — Engoli o nó na garganta. — Tenho sorte de ter vocês.

Sem Lily e a família, não tinha ninguém de verdade. Outra onda de emoção surgiu dentro de mim. Não estava acostumada a ser tão açoitada pelos meus sentimentos. Costumava controlá-los. Dominá-los como um caubói dominava o gado. Mas isso era diferente. Quando escorreguei no Rio Susquehanna, a água gélida inundando meus pulmões, algo dentro de mim se rompeu.

Algo que parecia irreparável.

Permanente.

— Oi, meninas. — A mãe da Lily apareceu na porta. — É bom ver você de pé, Peyton. — Ela me deu um sorriso caloroso.

Sra. Ford era a melhor. Gentil e compreensiva, compassiva e engraçada, irradiava amor. Feroz e inabalável amor. O tipo de amor que uma mãe deveria ter pela filha, marido e família. Representava tudo que nunca tive, mas apesar de não ser minha, Sra. Ford me recebera em sua casa de braços abertos e me aceitava com falhas e tudo.

Mas a aceitação dela nunca poderia reparar por completo o dano causado pela mulher que eu chamava de mãe.

— Como estava a pizza?

— Boa, obrigada, Sra...

— Felicity. Pode me chamar de Felicity, Peyton. Você é família agora, querida.

As palavras dela reviraram meu estômago.

— Vo-vou tomar um ar fresco. — Corri para a porta dos fundos, saindo no ar frio do inverno. Minha respiração subia para o céu em um fio de fumaça conforme me encolhia no meu suéter de tricô e sentava no balanço. Quando respirava fundo, ainda podia sentir em meus pulmões, o ardor gélido do Rio Susquehanna. Eu me forcei a respirar, forçando as memórias a saírem.

Encarei o jardim enorme dos Ford. A piscina, coberta para o inverno, e a área de cadeiras perto de uma churrasqueira impressionante. Não era tão chique quanto os quintais de alguns de nossos amigos, mas ainda estava muito longe do que eu crescera conhecendo.

Não fiquei nada surpresa quando a Sra. Ford se juntou a mim no balanço.

— Espero que não se importe — falou, passando as mãos pela caneca de chocolate quente. — O tempo está mudando.

Consegui mover um pouco os ombros, abrindo espaço para ela.

— Olha, Peyton, não vou fingir que sei o que está sentindo ou pensando. Você passou por algo que nenhuma criança deveria passar. Mas quero que saiba que sempre pode me procurar, por qualquer motivo. Não está sozinha, querida. — Ela apertou de leve

meu joelho. — E sei que Jase está um bobalhão no momento, mas é só porque ele não sabe o que dizer. É um homem, eles gostam de consertar as coisas. Mas isso é uma coisa que ele não pode consertar e está tendo dificuldades em aceitar isso.

Meu lábio se contraiu.

— Não tem problema Sra.... Felicity. Entendo que é difícil para todo mundo, e sinto muito...

— Ah não, não vai fazer isso. Não vai pedir desculpas pelo que aconteceu. Pedir desculpas sugere que foi culpa sua, e não foi, querida, tá bom?

Eu não podia encontrar seu olhar.

— Peyton, olhe para mim.

Devagar, ergui os olhos para os dela, engolindo o nó gigante na garganta.

— O que sua mãe fez, não foi sua culpa. Preciso que você saiba disso.

Tudo o que consegui foi dar um aceno curto. Ela tinha boas intenções, mas isso não era algo que se podia colocar um band-aid e algumas palavras motivacionais.

— Como está se sentindo sobre amanhã? Sabe, posso falar com o diretor...

— Não. — Balancei a cabeça gentilmente. — Quero voltar para as aulas. As festas de final de ano estão chegando. Preciso da distração.

— Bom, se tem certeza. Mas se for demais, apenas fale e vou conversar com a administração. Também falei com Mya. Ela gostaria de vê-la.

— Agradeço tudo o que fez por mim, mesmo. Mas não preciso ver a conselheira.

— Acho que a escola vai insistir. É protocolo depois de um estudante... — Ela deixou sem terminar, e minhas bochechas esquentaram.

— Eu não... como disse para você e Jason antes. Foi um acidente.

— Ainda assim, foi um evento traumático. — Um sorriso tranquilizador ergueu os cantos da boca dela. — Mya, Sra. Bennet,

está lá para ajudá-la. Vai poder indicá-la para terapia de luto se quiser.

— Estou bem, mesmo.

— Peyton, você pode repetir as palavras o quanto quiser, mas não vai mudar o fato que passou por algo que muda uma vida.

Lily olhou pela porta, parecendo tímida.

— Tia Hailee está aqui. E eles... hm... Xander está com eles.

Meu corpo inteiro congelou com a menção do nome *dele*.

— Ele está aqui? — suspirei as palavras.

— Sim. Quer voltar para cima e...

— Lily. — A mãe dela balançou a cabeça.

— Desculpa. Não queria que fosse surpreendida. — Ela olhou para mim, mordiscando o lábio inferior.

— Não tem problema.

Então Xander estava aqui.

Não era como se tivesse salvado minha vida ou algo assim.

Quando entrei no rio naquela noite, não imaginei que precisaria de resgate. Então quando o tio da minha amiga me tirou da água e ficou comigo até a ambulância chegar, pensei que estava sonhando.

Xander Chase era um enigma. Solitário e taciturno, era um homem de poucas palavras. Recentemente começara a ajudar o pai da Lily no campo de futebol na nossa escola. Mas ele não era como os outros técnicos. Tinha uma escuridão em seus olhos. Uma sombra pairando sobre ele como nuvens carregadas em um dia chuvoso.

Sabia porque me sentara e assistira vezes o suficiente com Lily enquanto ela babava no Kaiden das arquibancadas.

— Deveria entrar e receber nossos convidados. Se vocês precisarem de alguma coisa, é só gritar.

— Obrigada — murmurei, ainda encarando o quintal.

Lily sentou no lugar da mãe, passando o braço pelo meu e apoiando a cabeça no meu ombro.

— Estava pensando, e acho que está certa. Voltar para escola vai fazer bem para você.

— Acho que sim. — Manteria minha mente longe de tudo, com sorte.

— E depois do final de ano, vou poder nos levar para a aula.

Meus olhos estalaram para os dela.

— Finalmente vai fazer aulas de direção?

— Sim. — Um sorriso enorme se abriu no rosto dela. — Acho que está na hora.

— Uau, Lily. Isso é demais. — Eu a abracei. — Estou tão orgulhosa de você.

— Não poderia ter feito isso sem você. Sempre acreditou em mim, Peyton, mesmo quando eu não acreditava. Você é uma das minhas melhores amigas.

— Nossa, Lil, não precisa ficar tão emocionada, vai me fazer chorar. — E só Deus sabia que fizera o suficiente disso na última semana. Na verdade, tinha quase certeza que chorei tudo o que tinha para chorar.

— Kaiden vai me dar algumas aulas no estacionamento da escola quando estiver vazio.

— Você vai detonar — falei, meu coração tão cheio por ela, e ainda assim, tão vazio ao mesmo tempo.

— Sabe, se economizasse o seu salário da Cindy, poderia economizar para um carro. Meus pais não querem...

— Sei que tem boas intenções, Lil. Mas preciso fazer isso. Preciso contribuir. — Eu não era responsabilidade dos seus pais, e nunca queria ser um fardo. Ajudar com compras e contas era o mínimo que podia fazer.

O ressoar de vozes saiu pela janela da cozinha e olhei sobre o ombro, vendo os tios da Lily, Hailee e Cameron, rindo e brincando com os pais dela. No segundo que Xander apareceu, meu corpo congelou, meu coração acelerado dentro do peito.

Todos os dias desde que recebi alta do hospital, esperava vê-lo. Mas ele nunca visitou e agora estava parado bem ali, e tudo o que podia pensar era: o que você dizia para o homem que a salvou?

Nada.

Não podia pensar em uma única coisa que poderia expressar minha gratidão.

— Peyton? — Lily perguntou e enfim desviei o olhar da porta do pátio.

— Estou bem. — A mentira amargou minha língua. Não estava bem. Mal estava sob controle e saber que Xander estava ali só fazia

as coisas dez vezes piores.

Precisava conversar com ele sobre aquela noite. Sobre o que ele viu... o que pensou que viu.

Precisava explicar.

Mas não era como se pudesse apenas ir até ele na frente de toda a família e amigos.

Deus, isso era desconfortável. E estava ficando mais frio a cada segundo que passava. Um tremor passou por mim, fazendo meus dentes baterem.

Lily franziu o cenho.

— Você está com frio? Talvez devêssemos entrar.

— Só um pouco mais — falei, ignorando-a. Não podia entrar, ainda não. Não até que tivesse descoberto o que diabos ia dizer.

Xander estava lá aquela noite. Ele me viu entrar no rio, seminua e bebaça.

Ele vira tudo.

Só podia imaginar o que pensava de mim. Mas ele não ficou no hospital tempo o suficiente para ouvir meu lado da história. Quando acordara, não tinha sinal dele. Doía mais do que deveria.

Xander Chase não era minha família. Não era ninguém para mim, na verdade, mas acho que sempre pensara de mim como alguém da família dele, já que eu era melhor amiga da Ashleigh, sua sobrinha.

Outra rajada de vento gélido passou por nós e Lily se levantou de um pulo.

— Sinto muito, mas preciso entrar.

— Tudo bem. — Dei um sorriso fraco. — Vou entrar logo.

— Tem certeza...

— Vai. Estou bem.

Deus, odiava aquela palavra.

Lily hesitou, mas acrescentei:

— Vai. Já vou entrar, prometo. — Eu só precisava de uma chance de recuperar o fôlego.

Com um pequeno aceno, Lily desapareceu para dentro, e afundi mais no meu suéter.

Gostava de ficar aqui fora, sob as estrelas. Era tranquilo. Um lugar para se perder em nada.

A porta se abriu com um clique outra vez e meio sorri, pronta para dizer outra vez para Lily que estava bem. Mas não era Lily.

Xander pairava sobre mim conforme tirava um maço de cigarros do jeans e colocava um entre os lábios. Encantada, observei enquanto o acendia e tragava o tabaco. Foi só aí que percebi que ele não estava olhando para mim. Também estava olhando para o nada.

— Então, eu estava aqui pensando em todas as coisas que queria dizer para você — tagarelei. — Mas agora você está aqui e não posso pensar em uma única coisa. — Risada nervosa escapou dos meus lábios como um instrumento desafinado. — Acho que só quero...

— Pare.

— De-desculpa? — Minha boca ficou seca conforme mexia com a barra do meu suéter. Xander ainda não olhou para mim, dando outra tragada no cigarro, segurando por um segundo antes de exalar um fio controlado de fumaça.

— Não precisa me agradecer. — Ele jogou o cigarro no chão e arrastou a bota por cima.

— Mas eu só queria explicar...

— Não sou seu terapeuta, garota. — Os olhos dele enfim encontraram os meus, sombrios e torturados.

Se não estivesse tão perdida em seu olhar duro, poderia ter hesitado com seu uso da palavra *garota*. Mas desse jeito, estava presa. Suspensa em seus olhos cinza prateados.

Antes que pudesse dizer outra palavra, Xander entrou de volta na casa como se não tivesse acabado de me deixar sem palavras.

E obliterado todas as imagens que tinha na cabeça dele como meu herói.

CHAPTER 2

XANDER

UM MINUTO depois de me reunir ao meu irmão e seus amigos, Peyton entrou na casa.

— Aí está, querida. Chocolate quente? — Fee perguntou para ela.

— Não, obrigada. — Ela se afastou de nós, indo na direção da porta. Como um peixe fora d'água, seus olhos grandes estavam arregalados em pânico.

— É bom ver você, Peyton — a esposa do meu irmão, Hailee disse.

— Você também, Sra. Chase. Só vou... — Ela acenou para a porta com o polegar e correu naquela direção, mas não antes do seu olhar assustado passar direto pelo meu.

Fui um babaca antes, lá fora. Mas não tinha tempo para drama de garota adolescente. Pelo que sabia da Peyton, ela teve uma vida difícil. E até aquela noite no rio, escondera bem.

Era uma das melhores amigas da minha sobrinha, então estava por perto o suficiente nos últimos três anos para notá-la. Peyton gostava de estar sob os holofotes. Gostava da atenção e elogios. Mas tinha outra coisa espreitando sob sua máscara loira alegre.

— Xan? — A voz do Cam me tirou dos meus pensamentos, e pisquei para meu irmão.

— Sim?

— Perguntei se você está bem?

— O quê? Sim? Claro. — Virei a cerveja, odiando o jeito que seus olhos enrugavam com desaprovação.

— Conversou com ela? — acrescentou.

— O que tem para dizer?

— Não seja um babaca. — Ele fez tsc. — Ela passou por muita coisa. Um pouco de empatia ajudaria bastante.

— Cameron. — Hailee balançou a cabeça discretamente.

— Ela me agradeceu, eu disse que não tinha problema. — Meus ombros se encolheram em indiferença. — A vida segue, certo?

Ele olhou feio para mim, mas não era nada novo. Cameron pegava firme comigo minha vida inteira. Catorze anos mais velho do que eu, praticamente me criou. Nosso relacionamento era complicado para dizer o mínimo, mas família era família, e era o único irmão que eu tinha.

— Tem mais cerveja? — perguntei para Jase, e ele acenou para a geladeira com a cabeça. — Fique à vontade. Mas é melhor você não chegar no trabalho de ressaca amanhã. As quartas de final estão quase aqui.

— Relaxa, chefe — falei com sarcasmo. — Conheço as regras.

Jase me dera a vaga de técnico assistente no ensino médio depois que Cam e eu tivemos uma briga enorme sobre dinheiro. Do tipo, eu não tinha nenhum e ele estava cansado de me bancar. Mas ele não sabia como era para mim. Ele tinha uma esposa incrível, bons filhos, e amigos que o amavam.

Meu irmão tinha tudo, enquanto eu passei os últimos dez anos afundando cada vez mais na sua sombra.

— Bom saber — Jase resmungou. — Todo mundo está esperando que ganhemos o campeonato outra vez.

— Você coloca muita pressão em si mesmo. — Fee passou a mão na cintura dele e se inclinou para beijar sua mandíbula.

Algo em mim se contorceu. Nunca tive isso, nunca quis isso. Mas não tinha mais vinte e um anos. Ficando bêbado no Bell e xavecando uma garota diferente todo final de semana perdera a atração há muito tempo. Então enquanto não tinha planos para me casar, ver meu irmão e seus melhores amigos com suas mulheres e famílias me lembrava de tudo que não tinha, e provavelmente nunca teria.

— Como estão as coisas com Kaiden? — Cam perguntou para o Jase.

— Ele é meu quarterback principal e o namorado tarado da minha filha... como você acha que as coisas estão?

— Você ainda não o matou. — Fee sorriu. — Chamaria isso de progresso.

— Ele é um bom garoto, mesmo — Jase soltou um suspiro pesado, esfregando uma mão sobre mandíbula. — Mas a ideia dele e Lily... Viu, nem posso dizer as palavras.

— Não o invejo — Cameron disse. — Agradeço a Deus todos os dias que Ashleigh ainda não tem um namorado.

— Pelo menos você só precisa se preocupar com Leigh. Tenho três garotas adolescentes vivendo sob o meu teto.

— Como ela está, mesmo? — Hailee perguntou.

— Peyton é forte — Fee respondeu. — Mas eu me preocupo com ela. O vidro mais forte costuma estilhaçar mais.

Olhei para a porta. Talvez tivesse sido muito duro com ela mais cedo. Mas não era como se devesse alguma coisa a ela. E daí que a tirei do rio? Teria feito o mesmo para qualquer pessoa.

— Ela tem sorte de ter vocês — Hailee acrescentou. — Não posso imaginar como deve ser perder a mãe tão jovem. — Os olhos dela encontraram os meus, se arregalando com arrependimento. — Merda, Xander, eu não...

— Relaxa, está tudo bem. — Eu a desconsidereei. Até onde me dizia respeito, era história antiga.

Tinha oito anos quando minha mãe perdeu a batalha contra o câncer no cérebro. Mal me lembrava disso. Um dia estava lá, no outro não estava. Ainda assim, algumas vezes me lembrava vividamente. Mesmo todos esses anos depois, podia sentir o cheiro enjoativo do hospital, o bipe monótono das máquinas a mantendo viva. Era de foder a cabeça.

— Vou fumar. — Sem ficar para ouvir o grunhido de desaprovação do meu irmão, saí e acendi outro cigarro. Eu nem gostava das coisas nojentas, mas me ajudava a focar. Evitava que me voltasse para outros vícios.

Traguei, inalando tão fundo que meus pulmões queimaram, depois deixei a fumaça sair pelo vão na minha boca.

O que queria de verdade era uma garrafa de Jack e meu sofá. Alugava um lugar pequeno no centro, algumas quadras do Bell's, o bar local que gostávamos de frequentar. Eu gostava porque tinha uma ótima vista do rio, e com frequência ia até lá nas noites quando o sono não me encontrava.

Foi assim que tropecei na Peyton aquela noite. Gostava de estar ao ar livre, no escuro quando ninguém estava por perto. Tinha algo tranquilizador naquele horário entre o crepúsculo e o alvorecer enquanto o resto do mundo dormia.

Às vezes eu passava pelo ocasional corredor ou andador de cachorros, mas costumava ter a calçada beirando Rio Susquehanna para mim.

A risada grave do meu irmão atravessou o ar, e afastei os pensamentos da minha cabeça. Não estava tentando ser um herói aquela noite, fiz o que qualquer pessoa meio decente teria feito. Mas vira o jeito que ela olhou para mim mais cedo... com porra de estrelas no olhos.

Mas não tinha intenção de ser o cavaleiro branco de ninguém.
Menos ainda dela.

Na manhã seguinte, cheguei na escola na minha caminhonete Chevy surrada. Parecia um monte de ferro-velho, mas funcionava como um sonho graças as horas que passei cuidando dela. Um grupo de garotas olhou para mim conforme estacionava, cutucando uma a outra e rindo. Minha chegada em Rixon High causou um belo burburinho e é por isso que ficava na minha.

Pegando minha mochila do banco de trás, coloquei um boné dos Raiders virado para trás e saí. Estava frio para caralho do lado de fora, meus pulmões arderam quando respirei fundo.

— Yo, Treinador — uma voz chamou, e me virei para encontrar Kaiden Thatcher correndo na minha direção.

— E aí, garoto?

— Estava me perguntando se podíamos repassar algumas jogadas outra vez? Quero estar pronto para o próximo jogo.

— Você está pronto, Thatch. — Jogando a mochila sobre um ombro, fomos na direção da academia juntos.

— É, talvez. É só muita coisa... sabe?

Olhei para ele. Não foi fácil para Kaiden, transferir para Rixon High no último ano. Estava em uma nova escola, no comando de um novo time, mas conseguira. O garoto vencera as probabilidades para levar os Raiders direto para as playoffs. E fizera tudo isso enquanto a família implodia. O pai era uma peça. Um bêbado com

uma rixa antiga contra Jase. Ele estava de volta na reabilitação, mas não antes de dar uns tapas em Kaiden. Tudo aquilo foi uma merda.

Sabia melhor do que muitos que a vida era difícil. Era confusa e dolorosa e algumas vezes era demais, mas não podia imaginar descontar nos que estavam presentes por mim. Aquela merda era confusa.

— Um conselho — falei. — Aproveite. Você trabalhou demais para chegar até aqui. É o último ano. Você tem uma bolsa de estudos garantida e seu futuro está definido. O que seja que aconteça nas quartas de final é a cobertura no bolo.

O ardor amargo de arrependimento serpenteou por mim. Eu me lembro do meu irmão dizendo algo parecido para mim um dia, quando era um veterano no ensino médio. Antes de tudo ir pelos ares.

— Tente dizer isso para o Técnico Ford e o resto da cidade — murmurou.

Ele não estava errado. Futebol era a vida em Rixon. As pessoas não apenas gostavam, eles viviam e respiravam futebol. E a pressão estava no time para trazer a taça do campeonato para casa outra vez.

— Sim, não vou discordar disso, garoto.

— *Garoto*, sério? — Ele revirou os olhos. — Tenho dezoito anos.

— E ainda tem muito para aprender. — Pisquei, dando risada.

Segui Kaiden para o vestiário, o movimento e a agitação, e o barulho é como voltar no tempo. Teve um tempo em que eu vivi por isso. O peso das ombreiras, o cheiro de grama recém cortada, o ofuscar das luzes de sexta à noite. Eu era o cara a ser vencido. Uma força implacável da natureza. Joguei toda minha raiva e luto e dor no futebol. E por um tempo, funcionou.

Mas nada bom durava para sempre.

Kaiden foi para os rapazes dele, enquanto fui para o escritório dos assistentes do técnico.

— Que horas você chama isso, Chase? — Técnico Huckley disse.

— Para mim parece que é a hora certa. — Meus olhos foram para o relógio sobre a cabeça dele.

— Você está dois minutos atrasado.

— Dá uma trégua para o cara — o técnico Macintosh interveio.
— Alguns minutos não vão fazer diferença. Além do mais, você está falando com um herói da vida real, bem ali.

— Mac. — Balancei a cabeça, odiando o jeito que estava olhando para mim.

— Isso foi pesado, Xander. Faz você se perguntar o que uma garota de dezessete anos estava fazendo lá aquela hora da noite.

Em uma cidade como Rixon, onde todo mundo conhecia todo mundo, as notícias corriam rápido. Então não era nenhuma surpresa que o acidente da Peyton se tornou o assunto da vez nos lábios de todo mundo. Um dos socorristas era um bom amigo de um dos maiores fofoqueiros da cidade, o que significava que infelizmente para mim, não tinha como deixar meu nome afastado do incidente.

— É óbvio que não era nada de bom — Huckley resmungou, passando os olhos pela prancheta na mão.

Olhei feio na direção dele. Não parecia certo para mim, ouvi-lo falar sobre a Peyton daquele jeito. Mas não deveria ter me surpreendido.

A maior parte dos caras que trabalhavam com o time eram decentes. Mas Huckley não gostava que eu tivesse conseguido o emprego com poucas, quase nenhuma, qualificação. E parte de mim entendia, mesmo. Mas eu precisava disso. Mais do que ele jamais saberia. Então pela maior parte, eu deixava seus cutucões velados e olhares de desaprovação passarem sem efeito. Sabia o que as pessoas pensavam de mim. Xander Chase, na rua da amargura. O cara que tinha o mundo aos seus pés e desperdiçou a chance. Mas eles não estiveram na minha posição. Não sabiam como era.

Nunca saberiam.

— Pessoal, vamos — Jase colocou a cabeça pela porta, os olhos indo para os meus. — Você está bem?

Deu um aceno curto, sem deixar passar o jeito que Huckley me olhava feio. Ele não gostava que Jase tivesse colocado o pescoço na reta por mim. Não gostava nada. Mas Jase era praticamente família, e sabia que precisava de uma chance de algo melhor. Algo para colocar minha vida nos trilhos.

— O chefe falou. — Técnico Macintosh pegou o palito de dentes da boca e riu. — Melhor não se atrasar.

Saímos do escritório e atravessamos o vestiário vazio. Jase era um cara firme, mas justo. Esperava que os jogadores dessem tudo de si e em troca ele dava tudo de si. Mas semana que vem seria outra coisa. Eram as quartas de final, e Rixon inteira estaria olhando para ele e o time trazer o campeonato para casa.

O que significava que a pressão também estava em mim, porque gostasse ou não, eu era parte do time agora.

Nos juntamos a roda, esperando as instruções de Jase para o nosso treino da manhã. Todos conhecíamos a rotina, mas ele gostava de começar todos os treinos com um discurso de encorajamento.

— Certo, vamos — falou. — Sábado marcou o primeiro dia de uma nova temporada. Temporada de playoff. Vocês foram lá e fizeram o que precisavam. Mas o trabalho duro não acabou. Não podemos nos dar o luxo de sermos complacentes porque os outros times vão vir para cima de nós e vão vir com tudo. Preciso de todos no seu melhor. Escutem seus técnicos, memorizem todas as jogadas e depois memorizem um pouco mais, apareçam todos os dias no treino e trabalhem duro. Entenderam?

— Sim, senhor. — A resposta em coro do time ecoou pelo campo.

— Ótimo, agora vão lá e me mostrem do que são feitos. Thatcher, você está com Técnico Chase, vamos precisar de você na sua melhor condição, filho.

— Sim, senhor. — Kaiden correu para o saco de bolas e pegou uma. — Estou pronto quando estiver, Técnico. — Ele jogou a bola para mim e a peguei com facilidade.

— Vamos passar as jogadas. — Eu sorri. Kaiden era um bom garoto, mas ele sabia que era bom.

Depois de organizar o treino, começamos focando na sua acurácia de arremesso.

— Como foi com a Lily e o pai dela? — perguntei conforme ele jogava outra bola para mim.

— Bem, eu acho. Por quê? Ele disse alguma coisa para você?

— Não, garoto. Mas se não soubesse melhor, diria que Jase na verdade gosta de você.

— Vai se foder, *Técnico* — resmungou. Se fosse qualquer outro do time poderia ter repreendido, mas Kaiden era diferente. Ele não teve sorte e eu gostei dele desde que assumi a posição de técnico algumas semanas atrás.

— Você beija sua mãe com essa boca? — Risada ressoou do meu peito conforme mudava o ângulo do alvo.

— E você? Todo mundo está chamando você de herói.

— É, bom, queria que parassem. — Eu engoli o nó grande para caralho na minha garganta.

— Posso perguntar uma coisa...? — Kaiden parecia pensativo.

— Claro, garoto.

— Acha que foi um acidente?

— Peyton disse que era. — A mão esfregando minha mandíbula escondia minha expressão. Ou ao menos, esperava que escondesse. Não queria entrar nesse assunto com ele, ou qualquer um a propósito. Peyton estava viva. Ficaria bem e conseguiria a ajuda que precisava. Acidente ou não, aconteceu.

Mas conforme dizia as palavras, algo em mim se contorceu. Porque não tinha certeza do que vira aquela noite. Tudo o que sabia era que arrastei uma garota mal consciente das profundezas gélidas do Rio Susquehanna e observei conforme a ambulância a levava para o Rixon General. Uma garota que, para todos, sempre fora tão vibrante e cheia de vida.

— É, mas o que você acha? — Kaiden olhou para mim como se tivesse todas as respostas.

Mas mesmo que tivesse, não era da minha conta.

E não tinha planos de me envolver.

CHAPTER 3

PEYTON

— LÁ ESTÁ ELA. — Meu amigo Bryan pulou até nós, me puxando em um abraço de urso. — Estava preocupado com você, Myers — sussurrou, e me afastei com gentileza para encontrar sua expressão preocupada.

— Estou bem.

— Mesmo? — A sobrancelha dele arqueou. — Porque eu...

— Ei, cara, dê um pouco de espaço para a garota. — O amigo Gav o cutucou para que se afastasse. Eles jogavam no time com Kaiden, e foi assim que começamos essa amizade estranha. Bom, Bryan e eu ao menos. — É bom ver você de volta, Peyton.

— Obrigada. — Não gostava do jeito que todos olhavam para mim. Olhares empáticos brilhando com pena.

— Pessoal, parem. — Abri a porta do armário e coloquei a cabeça para dentro, grata pelo alívio. Se soubesse como todos agiriam estanho, provavelmente teria pensado duas vezes sobre voltar hoje.

Mas não tinha como voltar atrás agora.

Eu era Peyton Myers. Não me acovardava ou me escondia de ninguém, e não estava prestes a começar agora. Mesmo que todos estivessem dando olhares discretos na minha direção como se fosse uma atração em um zoológico. Sabia que os rumores estavam correndo pela escola. Ouvi pelo menos cinco deles só no caminho do prédio.

Aparentemente, ela estava nadando pelada bêbada.

Estava vagando bêbada pelo rio e caiu.

Ouvi dizer que ela foi empurrada.

Rixon High era um caldeirão de fofoca e meu nome era a palavra nos lábios de todo mundo.

Claro que eu também ouvira *aqueles* rumores – os que falavam sobre tentar me matar. Mas eu os ignorava. Foi um acidente. Um erro momentâneo.

Isso é tudo.

— Peyton? — A voz da Lily me trouxe de volta para o momento.

— Hm, sim?

— Perguntei se estava pronta para ir para aula?

— Sim, claro. — Peguei alguns dos livros didáticos e bati a porta do armário fechada, o som reverberando por mim.

— Vejo você no almoço? — Bryan perguntou, os olhos se demorando um pouco demais.

Bryan Hughes era um bom rapaz, mas era um erro que não planejava cometer outra vez. Nós ficamos algumas vezes. Não deveria acontecer, mas ele me ganhara com seu charme e humor bobo. E além do mais, eu gostava de sexo.

Ou pelo menos, gostava... *antes*.

Agora, eu só me sentia boba. Como se minhas entranhas tivessem sido arrancadas do meu corpo, passadas por um moedor de carne e depois enfiadas de volta. Meu coração era uma bola de carne moída no meu peito, mal batendo.

Não era como imaginei que meu último ano seria.

Mas estava pensando muito sobre as coisas durante os últimos dias. Faria dezoito anos em algumas semanas. Na véspera de Natal, na verdade. Entraria no ano novo como um adulto. Um adulto sem casa, sem família, e sem planos reais para o futuro.

Meu trabalho na Cindy Grill me dava dinheiro o suficiente para ajudar os Ford com as compras da semana e algumas das contas menores, mas não era o suficiente para economizar para a faculdade ou um depósito para um apartamento. Ainda estávamos a seis meses da formatura. Seis meses nos quais poderia ganhar mais dinheiro. Poderia assumir mais turnos na Cindy ou tentar conseguir algumas horas em alguma das várias lojas do centro.

Mas eu não queria largar a escola. Conseguir meu diploma era chave para conseguir um emprego melhor ou talvez até fazer algumas aulas na faculdade comunitária.

Precisava de um plano e rápido. Mas estava exausta. Cansada e entorpecida. Planos podiam esperar, ao menos por hoje.

— Sim — sussurrei, dando a ele um sorriso fraco. Bryan era um bom rapaz. Engraçado e leal, tinha um futuro brilhante pela frente jogando futebol em Michigan. Seria um perfeito namorado, sem dúvida.

Só tinha um enorme problema...

Dar meu coração para alguém, com certeza não era parte de nenhum plano que eu tinha.

— Psiu — Bryan sussurrou-sibilou enquanto Sr. Keefer rabiscava um pouco de álgebra na lousa.

— O quê? — Movi a boca para ele.

— Quer vir em casa hoje a noite e passar um tempo? Meus pais estão viajando.

— Eu não...

— Ssh.

Nós dois nos viramos para encontrar Carrie-Anne Trombley olhando feio para gente. Bryan deu um sorriso brilhante para ela e sussurrou:

— Com ciúmes, Caz?

— Por favor, não me chame assim. — Ela fuzilou, mas peguei uma falha sutil na sua voz.

Interessante.

A certinha nerd Carrie-Anne tinha uma paixonite no Bryan? Ele era tudo que ela desprezava. Jogador. Bobão. Atleta convencido que prestava mais atenção no campo de futebol do que na sala de aula.

— Você adora — ele riu.

— Algo que gostaria de compartilhar com a sala, Sr. Hughes? — O professor voltou a atenção para nosso canto da sala.

— Não, senhor. Apenas dando as moças o que elas querem.

Uma rodada de risadas irrompeu ao nosso redor, e Carrie-Anne resmungou, abaixando a cabeça nos braços. A garota precisava relaxar, estava mais tensa que uma corda de violão.

— Tudo bem, tudo bem, acalmem-se. — Sr. Keefer revirou os olhos. — E talvez tente a arte da sedução silenciosa daqui para frente.

Abafei a risada que subia pelo peito. Deus, era bom rir. Mas no segundo que percebi, a sensação evaporou.

O vem e vai de emoções era exaustivo.

Assim que o Sr. Keefer terminou de explicar a equação, sentou-se e nos deixou resolver alguns problemas. Segui o processo para descobrir cada resposta.

— Psiu, Pey, pode me ajudar?

— *Bryan!* — Balancei a cabeça.

— E você, Caz? — Ele voltou a atenção a ela, e vi de soslaio ela corar.

— Não, não vou ajudá-lo. Já é ruim o bastante que nos colocaram juntos na aula de Inglês.

— Ei, sou um ótimo parceiro.

Ela bufou.

— Que seja, Bryan. Faça seu próprio trabalho.

— Nossa, alguém precisa transar.

Carrie-Anne arfou, chutando a cadeira dele.

— Babaca.

Ele foi falar, mas me inclinei e belisquei seu braço.

— Bryan... — avisei.

— O quê? — Ele moveu a boca com um sorriso. Sabia que a irritava, mas ele gostava disso?

Gostava dela?

Eu não sabia como me sentir sobre isso.

Não queria ficar com Bryan, mas transamos e gostava da sua companhia. Os pais dele eram donos dessa casa enorme do outro lado do rio. Tinham uma piscina coberta e sala de cinema. Era bem incrível.

Eu cresci em um trailer até finalmente nos mudarmos para uma casa pequena no centro, no verão antes de começar em Rixon High. Mal tínhamos um quintal, menos ainda uma piscina. Mas tínhamos uma porta giratória de homens.

— Então, esta noite... está dentro? — Bryan sorriu, e minha expressão suavizou. Era difícil dizer não para ele.

— Tudo bem, vou ver o que Lily e Ashleigh querem fazer.

Pelo menos se todos fôssemos para casa do Bryan, manteria minha mente ocupada. Queria voltar para o trabalho, mas Cindy insistira que tirasse a semana de folga.

— Sim. — As sobrancelhas dele se ergueram com animação. — Vou fazer valer a pena. — Ele piscou e revirei os olhos outra vez,

mas não podia negar que seu jeito de "tratar a Peyton como se nada de ruim tivesse acontecido" estava dando certo comigo. Não queria ficar reprisando aquela noite ou conversando sobre minha mãe. Queria deixar no passado onde era seu lugar.

E descobrir que porra faria com minha vida.

— Então, vamos falar do fato que Bryan é seu pau amigo, ou ainda estamos fingindo que isso não existe? — Ashleigh disse conforme nos levava para o outro lado do rio.

Sra. Ford estava relutante em nos deixar ir, mas conforme Lily a lembrou, ela e Ashleigh tinham dezoito anos agora. E Bryan era o melhor amigo do Kaiden. Felicity amava Kaiden. Eu não a culpava. Ele tirara Lily da sua zona de conforto e lhe dera confiança para viver a vida sem remorso. Todos o amávamos por isso. Até mesmo o pai dela, não que um dia fosse admitir.

— Pau amigo? — Lily perguntou, olhando de volta para mim.

— É, amigos que fodem.

— Mas vocês não estão, certo...? — Ela franziu o cenho. — Quero dizer, aconteceu tipo, duas vezes.

Ashleigh zombou, e bati a mão no encosto de cabeça do seu banco.

— Você prometeu.

— Prometeu? Teve uma promessa? — Mágoa lampejou no rosto de Lily. — Mas você disse...

— Não é nada demais — falei. — Nós nos pegamos algumas vezes.

— Defina algumas. — Ela me deu um olhar afiado.

— Ele me buscou na Cindy algumas vezes e nós... você sabe.

— Dei de ombros porque não era importante.

Pelo menos, não para mim.

— Ah, nossa, nem sei como responder isso. Minha melhor amiga tem um *pau amigo*, e nem pensou em mencionar.

— Não é importante — repeti.

— Então por que manteve em segredo? Apesar de não ser um segredo para *todo mundo* ao que parece. — Os olhos dela deslizaram para Ashleigh.

— Eu descobri. Ela não me contou.

— Todo mundo pode se acalmar um segundo? — bufei. — Não contei para ninguém porque sabia que todos fariam um alarde disso. Não gosto de Bryan desse jeito, não mesmo. Mas ele é legal e me faz sentir bem e entende.

— Entende o quê? — A expressão de Lily suavizou.

— Que não posso ficar com ele.

— Mas por quê? Você acabou de dizer. Ele é legal e faz você se sentir bem.

— Eu só não posso...

— Ah, Pey. — Ela esticou o braço entre os bancos para pegar minha mão. — Você merece ser feliz.

Feliz, sim. Mas a maioria dos relacionamentos não acabava feliz. Acabavam em mágoa.

Era por isso que mantinha minha distância e não deixava ninguém se aproximar demais. Podia fazer sexo. Sexo era uma transação, um simples caso de dar e receber. Mas criar sentimentos... isso era algo perigoso.

Ashleigh virou na garagem serpenteante do Bryan. A casa dele sempre me tirava o fôlego. Desde o nono ano, cresci com Lily e Ashleigh e suas casas lindas e pais generosos, a mundos de distância da minha própria vida. Mas tinha algo diferente em vir aqui. Brian gostava de mim. Eu sabia disso. Sentia todas as vezes que seus olhos de oceano olhavam na minha direção. Mas era só outra coisa que nos separava. A família dele era rica. Rica para caramba, e minha família... se fora, me deixando para trás sem nada. Acho que bem no fundo, não queria que as pessoas pensassem que estava usando o Bryan. O jeito que sabia que algumas pessoas pensavam que eu usava os Ford.

Um fio de vergonha serpenteou por mim.

— O que é? — Lily perguntou, me analisando.

— Nada — falei, desviando o olhar. — Só foram dias difíceis.

Não era uma mentira completa.

— Eu sei. Mas estamos todos orgulhosos de como você lidou com tudo. Você é incrível, Peyton. Espero que saiba disso.

Agradevia suas palavras gentis, mas não me sentia muito incrível. Eu me sentia entorpecida, cansada da pena e palavras de simpatia das pessoas. Nunca perdi ninguém antes, exceto meu doador de esperma, e mal podia me lembrar dele. Não era o mesmo. Mas perder minha mãe, não importa quão inútil ela fosse, parecia como se tivesse perdido um pedaço de mim.

O carro parou e saímos, mas minhas melhores amigas não inalaram a mesma respiração trêmula que eu, deixando minha máscara entrar no lugar.

A porta da frente se abriu, e Bryan sorriu ao ver que nos aproximávamos.

— Damas, bem-vindas ao Chez Hughes.

Ashleigh deu uma risadinha, entrando. Lily foi em seguida, deixando nós dois.

— Myers — falou com aquela voz grossa e cadenciada dele.

— Hughes — respondi, o mais leve dos sorrisos repuxando o canto da minha boca.

Mas aí o sorriso dele desapareceu, trocado por preocupação ardente.

— Quer falar sobre isso?

— Não, realmente não quero.

— Sim, sem problema. — Ele passou uma mão pelo rosto. — Mas quero que saiba que sinto muito, babe. — Bryan abriu os braços. — Eu sinto muito mesmo.

Caí no seu abraço, sorvendo o conforto. Os braços fortes eram como um cobertor ao meu redor. Meus dedos reviraram na sua camiseta enquanto engolia a onda implacável de emoção tentando subir pela minha garganta.

— Obrigada — sussurrei.

Ele me afastou com cuidado e olhou para mim.

— O que você precisar, estou aqui, entendeu?

Eu concordei, sem palavras para responder.

— Vem, já coloquei um filme e tem pipoca.

Isso. Era por isso que gostava do Bryan. Fazia tudo ser tão fácil. Era impossível não ser levada por seu charme.

Ele me colocou do seu lado e me guiou pelo corredor até nossos amigos, mas no segundo que os encontramos na sala de cinema me soltou. Suspirei e os olhos dele encontraram os meus, sorrindo.

— Vai. — Ele acenou com o olhar para o sofá enorme. — Fique confortável.

Lily e Kaiden já estavam curvados no sofá menor, perdidos no mundinho deles conforme ele sussurrava coisas fofas para ela.

Meu peito apertou.

— Peyton. — Gav deu um pequeno aceno.

— Ei.

Voltou para sua conversa com Ashleigh. Os dois pareciam se aproximar sempre que nós seis passávamos um tempo juntos, mas ele não mostrava nenhum interesse nela. Eu me perguntava se era porque ele sabia que ela estava interessada em outra pessoa.

Não que admitiria isso.

Dobrando as pernas sob mim, peguei o cobertor macio do encosto do sofá e cobri meu corpo. Bryan puxou uma pequena mesa de centro para perto e colocou um balde de pipoca e meu refrigerante favorito ali.

— Senhorita. — Ele me deu um sorriso largo.

— Você é um bobão.

— Sim, mas você me ama.

Culpa passou por mim. Eu gostava dele. Gostava muito dele... mas eu não... não podia...

Meu rosto deve ter dito tudo, porque Bryan soltou um suspiro ao se acomodar ao meu lado, com o controle na mão.

— Foi uma piada — falou. — Estava brincando, babe.

— Eu sei. — Não encontrei seu olhar intenso.

— Estão preparados para sexta? — Ashleigh perguntou.

— Claro que sim. — Bryan inflou o peito. — O campeonato é nosso. Certo, Thatch? — Ele olhou para Lily e Kaiden que conseguiram separar os lábios um do outro. Ela afundou o rosto no ombro dele, enrubescendo.

— Sim — falou.

— Nossa, cara, não pareça entusiasmado demais.

— Bry — Gav avisou com um pequeno balançar da cabeça.

— Você não tem nada com o que se preocupar — Bryan acrescentou. — Estamos mais fortes do que nunca e sedentos pela vitória. O time inteiro está. Além do mais, as garotas estarão lá para torcerem por nós, né? — Ele olhou para mim e piscou. — Nossos amuletos da sorte.

— Ele está certo — Kaiden disse para Lily, roçando o nariz no dela. Intimamente. — Com você na multidão, usando meu número... — Os olhos dele escureceram conforme se inclinava para sussurrar algo para ela, e só ela.

— Vão para o quarto — Bryan resmungou, apertando o controle e apagando as luzes. A tela se iluminou e os créditos de abertura começaram a rolar.

— Ei — sussurrou, e movi a boca: — O quê?

— Você vai no jogo, né? Senti sua falta no último final de semana.

— Acho que sim. — Meus ombros se encolheram um pouco. A família inteira de Lily e Ashleigh estaria lá para torcer para Jason e o time. Sempre fui com elas, mas ficara em casa no primeiro jogo das playoffs, fraca demais e chateada para ir. Agora que podia ir, algo parecia diferente.

E não só porque agora era parte da família delas.

CHAPTER 4

XANDER

EU VIVIA por esta hora da noite. O silêncio. A paradeira. A tela de estrelas brilhando no céu escuro.

Minha mãe me disse uma vez, quando era um jovem garoto assustado do que o futuro traria, que sempre que estivesse com medo, sempre que as coisas parecessem demais para minha mente processar, tudo o que precisava fazer era olhar para o céu e desejar para uma estrela que ela estaria comigo.

Não me lembrava de muita coisa dela, mas me lembrava disso.

Ao me sentar na margem do rio, olhando para o céu noturno, eu a sentir.

Sempre senti.

Talvez fossem os três copos de uísque que tomei antes de vir para cá, ou talvez fosse toda a merda flutuando na minha cabeça, mas estar aqui fora, sob a vastidão das estrelas, eu a sentia.

— Oi, mãe — falei rouco. O nome dela, um gosto agriado na minha língua.

Se alguém pudesse me ver agora, pensariam que enlouqueci, sentado aqui, conversando com o nada. Olhando para o céu como se tivesse todas as respostas.

Não podia explicar, há muito desistira de tentar... mas o buraco no meu coração deixado por ela, pelo meu pai, parecia um pouquinho menor quando estava aqui fora.

Era tarde, depois da meia noite. Esperava ver o ocasional corredor ou passeador de cachorros. Não esperava ver o lampejo de cabelo loiro no canto do meu olho.

— Xander? — Peyton coaxou. As mãos enfiadas no bolso do moletom, ela se misturava com as sombras exceto pela trança dourada solta sobre um ombro.

— Que porra você está fazendo aqui?

Ela hesitou com meu tom, e soltei um suspiro pesado conforme passava a mão no meu rosto.

— Merda, eu não quis... está tarde. Jase sabe que você está aqui?

— O que você acha? — Os lábios dela afinaram enquanto os olhos iam para o chão sob os pés.

— Então, você saiu escondida?

— Não conseguia dormir. — Ela olhou de volta para mim.

— É uma caminhada de pelo menos quinze minutos até a casa deles. Qualquer coisa poderia ter acontecido com você.

Conhecia o Jase, e sabia que se descobrisse isso, era provável que colocasse uma trava nas janelas dela. Era responsabilidade dele agora, estava sob sua tutela. *Porque ela ainda é uma criança*, uma vozinha me avisou conforme passava os olhos por ela outra vez.

Mas Peyton não parecia uma criança. Toda pernas longas e curvas esbeltas conforme ficava parada ali banhada pelo luar. Ela tinha esses grandes olhos azuis, cheios de dor. Era aquela expressão assombrada no seu rosto que atingia algo bem no fundo de mim.

Eu conhecia aquele olhar.

Vivera com eles todos os dias desde que era uma criança de quatro anos aprendendo as coisas – *vendo coisas* – que nenhuma criança daquela idade deveria ver.

— Vou levar você para casa — falei, começando a me levantar.

— Espera — tagarelou. — Só me dê alguns minutos. Eu me sinto... me sinto como se não conseguisse respirar naquela casa.

Minhas sobrancelhas se uniram conforme ela se aproximava devagar de mim, abaixando os olhos azuis para a grama ao meu lado. Um pedido silencioso.

Antes que pudesse me impedir, assenti, e ela sentou, esticando as pernas na sua frente.

— Não sabia que estaria aqui — sussurrou.

— Venho aqui as vezes.

— Foi assim que você... me viu? — As palavras ficaram presas em sua garganta.

— Sim.

— Sorte a minha. — Risada tensa escapou dos seus lábios, e olhei para ela e nosso olhar colidiu. Algo passou entre nós, algo que me atingiu como um choque elétrico.

Que porra é essa?

Meus olhos semicerraram e o som morreu e ela engoliu em seco.

— Escuta, Xander, eu...

— Não — sibilei.

Não queria fazer isso.

Não agora.

Nem nunca.

Mas Peyton tinha outras ideias, ao dizer:

— Só queria agradecer. — A voz dela tremeu. — Isso é um crime muito grande?

— Sei o que você estava fazendo, Peyton — falei devagar, com calma, garantindo que ela absorvesse cada sílaba.

— E-eu não sei o que você quer dizer. — O sangue esvaiu do seu rosto. — Foi um acidente. Eu caí.

Minha sobrancelha ergueu, pesada com acusação.

— Nós dois sabemos que você não caiu.

Eu a vira entrar na água. Assisti enquanto perdia o equilíbrio e submergia e nem ao menos relutou para ressurgir.

— E agora que você está aqui outra vez... tem que perceber como isso parece. — Meus lábios afinaram com desaprovação. — Deveria me deixar levá-la para casa.

Ela respirou fundo.

— Acha que eu... não é assim, eu só... precisava de um pouco de ar fresco, juro. Eu não... — Os olhos de Peyton se fecharam e a mão dela foi para o pescoço. Quando se abriram outra vez, olhou para mim com tanta dor que senti direto no estômago. — Por favor... você não pode contar para ninguém. Eles não... ninguém iria entender. Não estava tentando... fazer *isso*. Eu só...

— Relaxa — falei. — Não vou contar para ninguém. — Não sei porquê, mas tinha algo na sua expressão que me fazia acreditar nela.

— Não vai? — Alívio passou por ela, e o mais leve dos sorrisos surgiu nos seus lábios.

— Não. Estive aí, garota. Queria poder dizer que fica mais fácil. Que a dor, o luto, diminui com o tempo... — Deixei sem terminar, olhando de volta para o rio. Para o nada.

— Mas não fica? — Peyton soltou um silvo doloroso.

— Diminui — acrescentei —, mas está sempre ali.

— Você vem muito aqui? — ela perguntou.

— Gosto da vista. — Caindo de volta nos cotovelos, olhei para o céu outra vez.

Era uma má ideia, estar aqui com ela. Mas algo dentro de mim, a parte embotada com meu próprio luto e dor, queria ajudá-la. Além do mais, meu irmão sugeriu que conversasse com ela.

Só Deus sabe que ela parecia precisar.

— Você está certo. — Peyton afundou na grama e soltou um suspiro suave. — É lindo.

Silêncio pairou sobre nós, nenhum dos dois se apressando para preencher o vazio. Peyton parecia perdida nos próprios pensamentos, e estava feliz demais de me afogar nos meus.

— Sabia — por fim disse, a voz como um sussurro na brisa leve.

— No segundo que cheguei em casa e chamei por ela; sabia que algo não estava certo.

— Merda.

Ela ia fazer isso.

— Escuta, não estou certo...

Mas Peyton não me escutou. Ou se escutou, não se importou ao continuar:

— Procurei por ela pela casa e quando a vi, deitada em uma poça de sangue, foi como se algo se partisse dentro de mim.

— Porra — sibilei, mal conseguindo imaginar como ela deve ter se sentindo.

Passei por muita coisa... vi muita coisa. Vi minha mãe perder a batalha contra o tumor crescendo no seu cérebro. Mas não era a mesma coisa.

— Ela só estava deitada ali, morta. Os olhos ainda abertos, olhando para mim.

Senti ela estremecer ao meu lado, e a sensação mais estranha me tomou.

Queria confortá-la. Queria remover sua dor.

Mas não o fiz. Apesar de ela estar tão perto que teria sido fácil. Perto demais, como se presumisse que naquela noite nós tivéssemos nos conectado de alguma maneira.

— Sempre pensei que seria mais fácil — Peyton falou, respirando com dificuldade. — Pensei que seria melhor ter uma vida sem ela do que aturar toda aquela merda. Falei isso para Lily. Falei...

— Não — disse grosso. — Não tente se culpar por isso.

— Mas eu disse. Por um segundo, pensei que minha vida seria mais fácil se ela tivesse uma overdose... Que tipo de pessoa isso me torna?

— Todos pensamos merda. Não significa que bem no fundo queremos que isso aconteça. — Olhei para ela e seus grandes olhos azuis encontraram os meus, marejados.

Contorceu algo em mim.

Não deveria, mas o fez. E estava ali... entre nós. Uma ravina enorme, ela de um lado e eu do outro, e aquela noite preenchendo o vazio.

Isso era território perigoso.

Território que não tinha direito de cruzar.

— Deveríamos ir — falei frio, precisando acabar logo com isso. Ela estava magoada... muito magoada, e não era a pessoa certa para reconfortá-la.

— Ir? Mas pensei...

— Está tarde. Tarde demais para você estar aqui sozinha.

— Mas não estou sozinha. — Os olhos dela suavizaram.

Suavizaram para mim.

Porra.

Ela estava com aquele olhar estrelado outra vez. Sonhando com cavaleiros brancos e heróis vindo para salvar o dia.

Mas eu não era nenhuma dessas coisas.

Ainda mais não para ela.

De repente me sentindo desconfortável, e fora da minha liga, me levantei e falei:

— Vem. Vou levar você até em casa. — Porque Jase acabaria comigo se soubesse que a deixei andar de volta sozinha no meio da noite.

— E se eu não quisesse ir? — Peyton ergueu o queixo em desafio, fogo tremulando em seu olhar.

— Não me faça ligar para o Jase.

Mágoa lampejou.

— Você não faria isso.

— Tente. — Minha mão foi para o bolso do jeans onde meu celular estava.

— Tá bom. — Ela levantou de um pulo e saiu pisando firme, subindo pela encosta até a calçada.

Revirando os olhos, enfiei as mãos nos bolsos e saí atrás dela. Mas Peyton ficou um passo na minha frente, então a dei espaço, seguindo atrás como uma babá. Porque era o adulto aqui e ela estava agindo como uma pirralha mimada.

Só que ela não era.

Algo parecido com culpa rastejou por mim. Ela queria espaço. Ar fresco para respirar. Entendia isso, provavelmente melhor do que ninguém. Mas não mudava o fato que ela estava perto do rio – o mesmo rio no qual quase se afogara há mais de uma semana – no meio da maldita noite.

Rixon era uma pequena cidade, cheia de espírito de comunidade e taxas baixas de crime. Mas não significava que estava segura aqui. Coisas ruins ainda espreitavam nas esquinas sombrias da cidade. Eu sabia; vaguei o suficiente por elas. Traficantes escondidos em becos marcados por grafite, bares fuleiros nos limites da cidade, a ocasional mulher arrumada perto do estacionamento de trailers tentando ganhar uma grana fácil.

Rixon era como toda outra cidade no país. Só precisava olhar com um pouco mais de atenção para o verniz de cidade pequena para encontrar as fraturas.

Peyton não diminuiu o passo conforme seguimos o rio na direção do bairro do Jase. Raiva e decepção exalavam dela como uma tempestade.

— Espera — chamei enquanto ela avançava pelo lado da casa.

— O quê? — Ela diminuiu a velocidade, olhando de volta para mim.

— Não saia escondida outra vez — falei.

— Ou o quê? Vai me dedurar para o Jason?

Assenti incisivo, e os olhos dela se arregalaram.

— Babaca — suspirou, mas depois a expressão dela esmoreceu, mostrando uma garotinha que mal se continha. —

Sabe. Eu só pensei... — Peyton respirou fundo, e juro que a vi estremecer mesmo da minha posição na calçada. Estava em guerra consigo mesma. Com o que queria dizer e o que sabia que não deveria.

— Esquece. Não importa. — Decepção lampejou em seus olhos. — Te vejo por aí, *Técnico Chase* — ferveceu antes de passar pelo portão do jardim.

Foi embora.

Desse jeito.

Passei a mão na mandíbula enquanto me afundava mais na jaqueta e saía na direção oposta ao meu apartamento. Nunca deveria ter deixado ela sentar-se comigo. Deveria ter cortado antes que se tornasse outra coisa. Algum tipo de devoção de herói.

Eu a salvara. Mas não era um débito que queria que repagasse.

Na verdade, queria que todo mundo esquecesse. Queria voltar a ser o bom e velho Xander Chase, vivendo nas sombras.

Não que tivesse muita chance disso agora que trabalhava com Jase e o time. Não, estava sob os holofotes quer eu quisesse ou não.

A voz do meu irmão passou pela minha mente. *Está na hora de fazer algo com sua vida, Xander. Ela iria querer mais do que isso para você. Os dois iriam.* As palavras dele da nossa última grande discussão. Fora até ele para outra ajuda, depois de ser dispensado pelo mestre de obras da construção onde estava trabalhando. Minha conta semanal no Bell queimou meu acerto e quando o dia de pagar o aluguel chegou, não tinha o suficiente para cobrir.

Foi a última gota.

Cameron ficara ali parado, decepção brilhando em seus olhos conforme me repreendera como uma criança. Como se fosse um cabeça quente de dezoito anos outra vez e ele fosse um homem de trinta e quatro anos tentando fazer a coisa certa.

Amava meu irmão, sempre amei, sempre amaria, mas em algum ponto ao longo dos anos, as coisas entre nós ficaram tensas. Ele não podia entender por que estava tão determinado a arruinar minha vida e que não aguentava ser comparado com suas expectativas.

Ele me dera o dinheiro, claro que deu. Mas veio com um ultimato – dar um jeito na minha merda ou me considerar deserdado da conta bancária do meu irmão mais velho.

Ele ameaçara isso antes. Mas algo desta vez foi diferente.

Sentir a pontada amarga de vergonha morder meus calcanhares, peguei meus cigarros e coloquei um nos lábios, acendendo. O tabaco preencheu meus pulmões, mas a ardência era bem-vinda. Não olhei para trás ao atravessar a rua e me embrenhar nas sombras da calçada que me levaria para o centro e meu apartamento.

Com sorte, Peyton acataria meu aviso e repensaria quaisquer planos futuros para escapulir. Mas algo me dizia que não o faria. Porque fui ela um dia. Um animal ferido tentando se proteger. Era o único motivo pelo qual não planejava contar para Jase.

Pelo menos, era o que eu continuava a me dizer.

O próximo dia na escola, quando olhei para Peyton do outro lado do estacionamento, ela não olhou duas vezes para mim.

Não deveria doer tanto quanto doeu.

Pensando bem, talvez tenha sido muito duro com ela. Estava claro que estava magoada, perdida e com medo. Mas não era meu problema. Jase e Fee estavam de olho nela, Mya também. Peyton tinha bastante gente ao redor para animá-la.

Incluindo Bryan Hughes, um dos jogadores da defesa do Rixon Raiders. Ele foi até ela e passou o braço sobre ombro, puxando Peyton para seu lado. Ela deu um sorriso largo para ele, mas não alcançou seus olhos. Ele percebeu? Viu o jeito que ela retesou um pouco com seu toque?

Eu percebi.

Não deveria ter percebido, porra.

Se Bryan percebeu, não transpareceu, conforme ele e o pequeno grupo ria e conversava sobre o que seja que os veteranos do ensino médio conversavam esses dias.

Porra, o último ano parecia uma eternidade atrás. Por um momento, eu tive tudo. O mundo aos meus pés.

Até não ter.

Balançando a cabeça para tirar os pensamentos ruins, fui até o prédio.

— Bom dia, Treinador — Kaiden chamou e me encontrei olhando para eles outra vez.

O olhar de Peyton foi na hora para o chão, e me senti um completo babaca. Não queria bancar o psicólogo, mas não queria que ela pensasse...

Ah, quem diabos estava enganando? Era exatamente isso que queria que ela pensasse. Era uma adolescente. Uma adolescente perturbada, e sem estabilidade emocional. A última coisa que precisava era de uma paixonite pela pessoa errada, pelo cara que a salvara.

O cara que era tão perturbado e sem estabilidade emocional quanto ela.

— Não deveriam estar indo para a aula? — falei quando cheguei neles.

— Nah, temos tempo — Bryan sorriu, a puxando mais perto de si.

Peyton encontrou meu olhar, mas rapidamente desviou. Minhas sobrancelhas enrugaram, uma sensação estranha de puxão se espalhando no meu peito. Não era culpa. Não tinha nada para me sentir culpado.

Você foi um pouco babaca com ela ontem a noite. Abafei a vozinha. Ela era uma veterana. Precisava se voltar para as amigas, crianças da própria idade. Não precisava que eu a tranquilizasse ou oferecesse algumas palavras de conselho.

Mas conforme me afastava deles, senti os olhos dela em mim. Eu os senti queimando minhas costas, me implorando por algo.

Algo que nunca queria reconhecer.

CHAPTER 5

PEYTON

EU NÃO PODIA RESPIRAR.

O dia inteiro, conforme ia de uma aula para a outra, o peso no meu peito cresceu e cresceu até estar sufocando sob a presença opressora.

— Peyton? — Lily sussurrou, e pisquei para ela. — Você está bem?

— Estou... bem. — Soltei um suspiro, me forçando a sorrir. — Estou bem.

Ela me analisou, os olhos enrugando com suspeita.

— Você está quieta.

— Só é difícil, sabe?

— Eu sei. — Ela deu um sorriso caloroso, apertando minha mão. — Você esteve bem hoje.

Eu não tinha tanta certeza sobre isso.

Pensara que ontem teria sido o dia mais difícil. Mas hoje, hoje foi outra coisa. Não eram os olhares ou sussurros... eram as memórias. A imagem dela deitada lá, os pulsos abertos, sangue empoçado ao seu redor como um rio rubi escuro. Minha cabeça e coração não conseguiam conciliar isso. O nível de desespero que alguém precisava sentir para *fazer isso*. Nunca, nenhuma vez, nos meus quase dezoito anos, não importava como a vida ficasse ruim, pensei em me machucar fisicamente. Mas agora não podia parar de pensar nisso.

Em como sentiu-se ao passar o gilete sobre a pele. Ela chorou? As mãos tremeram e o corpo vacilou conforme o aço frio encontrou sua pele macia?

Bile inundou meu estômago e inalei uma respiração trêmula.

— Peyton?

Ignorei a Lily ao irmos na direção do campo de futebol. Ela queria ver o treino do Kaiden. Sempre queria assisti-lo. Não que a culpasse. Kaiden era um dos bons. O tipo de cara que cuidaria do seu coração e o manteria seguro. O tipo de cara que sempre

imaginara conhecer quando era uma garotinha, perdida e com medo do mundo.

Mas a vida me endureceu, criou camadas de pedra em volta do meu coração. Gostava de flertar com rapazes, ser o centro do mundo deles por um breve momento. Gostava de beijar e da sensação de pele na pele. Gostava da distração.

Mas não gostava de me sentir vulnerável.

— Ah meu Deus. — Lily cutucou meu braço quando nos sentamos nas arquibancadas. — Ele está tão caidinho. — Segui a linha de visão dela e encontrei Bryan acenando na nossa direção. — Sabe, ele está preocupado com você. — Ela enganchou o braço com o meu.

— Eu sei. — Mas não mudava nada.

— Você vai no jogo sexta a noite, né? — Ela mudou de assunto. — Se quiser ficar em casa, posso...

— Não, Lily, de jeito nenhum. Você precisa estar presente por seu pai, por Kaiden. Eu vou.

— Era em Pittsburgh, então passaríamos a noite fora.

Lily afundou no meu lado e soltou um suspiro cansado.

— Queria que pudesse deixar as coisas melhores para você, Pey.

— Não tem problema... vou ficar bem. — A mentira amargou minha língua. Não tinha certeza se algum dia ficaria bem outra vez. Sempre pensei que seria mais fácil se minha mãe estivesse morta. Ela nunca me amou, nunca me paparicou do jeito que Felicity o fazia com Lily e a irmã. Tudo o que sempre fez foi tomar e tomar, sem ligar para como suas ações e palavras afiadas afetavam as pessoas ao seu redor... me afetavam. Mas ela tirou a própria vida sabendo que *eu* a encontraria, e não podia superar isso.

Não podia superar o fato que ela me desprezava o suficiente para fazer isso.

Sempre soube que ela me odiava.

Só não percebera que era tanto.

— Já volto. — Lily apertou meu braço antes de correr na direção do Kaiden. Ele soltou a mochila e a pegou, a erguendo contra ele.

Um leve sorriso moveu meus lábios. Há algumas semanas, ela nunca teria essa coragem.

— Ei. — Bryan e Gav se aproximaram de mim.

— Como está minha garota favorita? — Bryan passou o braço pela minha cintura e me puxou para perto.

Risada tensa escapou dos meus lábios enquanto revirava os olhos.

— Pensei que concordássemos, menos toques?

— Concordamos? — A sobrancelha dele arqueou compreensivamente, um sorriso brincalhão repuxando sua boca. — Hm, não me lembro...

Cutuquei-o nas costelas, e gritou, apertando o peito.

— Você me magoa, Myers.

— Estava na hora dela o colocar no lugar, cara. — Gav piscou para mim.

Lily e Kaiden enfim se juntaram a nós e os quatro começaram a falar sobre o jogo de sexta.

Bryan ficou com o braço ao meu redor, e por mais que soubesse que era uma linha tênue para andar com ele, não fiz o esforço de removê-lo. A verdade era que não o queria, mas gostava do seu conforto. Gostava da sensação do seus braços fortes ao meu redor.

Uma sensação de percepção subiu pela minha coluna enquanto olhava para a porta onde Jase e Xander apareceram. Mal olharam duas vezes para minha direção. E isso me incomodava.

Não deveria.

Ele não me devia nada. Mas acho que pensei... não sei o que pensei. Tudo o que sabia era que quando acordei no hospital, com frio e confusa, procurei por ele na hora.

O homem que me salvou.

O homem cuja voz me prendeu a esta vida.

— Vou fingir que não posso ver isso — Jase disse, dando um olhar divertido para Lily e Kaiden.

Ela se afundou no lado de Kaiden, lutando contra um sorriso.

— Só estamos nos abraçando, pai.

— É, bom, não sou bobo. Sei que abraços levam a beijos, e beijos levam para...

— Ah meu Deus, *pai*. — As bochechas dela enrubesceram, e os rapazes riram. Kaiden não parecia envergonhado ou mesmo intimidado por Jase. Estava completamente tranquilo, abraçando a garota na frente do pai.

Bom para ele.

Lily merecia um rapaz que lutava por ela, que a defendia e a amava sem reservas.

Meu peito doeu e meus olhos se voltaram para o chão. Quando os ergui outra vez, Xander estava olhando para mim. Não, não olhando para mim; estava me encarando, as sobrancelhas enrugadas com preocupação.

Minha respiração falhou, meus lábios se abrindo em um suspiro suave. Pareceu tê-lo tirado dos seus pensamentos e ele passou uma mão pelo rosto.

— Preciso ir — falou para ninguém em particular.

— Precisa de uma carona? — Jase perguntou, e Xander balançou a cabeça.

— Vou para o Bell.

— Tem certeza que é uma boa ideia em uma noite de semana?

— Tão boa quanto qualquer outra. — Ele sorriu e saiu sem nem mesmo olhar para trás.

— Ei, você está bem? — Bryan murmurou no meu cabelo e Jase pigarreou.

— Alguma coisa que vocês dois querem me dizer? — Ele nos olhou com cuidado, um lampejo de preocupação quando olhou para mim.

Tentei sair dos braços de Bryan, mas só me puxou mais perto.

— Não, senhor — falou suave. — Somos apenas amigos... certo, babe?

— Bryan — sibilei.

Risada ressoou no meu peito.

— Não precisa se preocupar, Treinador. Sei como é. Peyton não namora.

Ah, meu Deus, ia matar ele. Dar uma joelhada nas suas bolas e...

— Peyton? — Jason perguntou.

— Somos apenas amigos.

— Amigos — murmurou, os olhos indo para o céu como se estivesse pedindo algum tipo de intervenção divina. Quando olhou para gente outra vez, falou: — Pensei que vira tudo isso... feito de tudo, mas aqui estou com três garotas adolescentes sob meu teto. Lembrem-se do toque de recolher — acrescentou, antes de sair na direção da caminhonete.

— E Kaiden? — Jason olhou para trás no último segundo.

— Sim, Treinador?

— Se eu o pegar escapulindo do quarto da minha filha mais uma vez, vou pendurá-lo pelas bolas no campo de futebol. Entendeu?

— Entendi, treinador. — Kaiden engoliu em seco.

Os olhos de Lily esbugalharam enquanto cobria a boca com a mão.

— Você está bem? — ele sussurrou no cabelo dela.

— Ele... sabe.

— É o Jason Ford. É claro que ele sabe — Gav riu.

— Mas... ah, meu Deus.

— Relaxa — Kaiden disse. — Ele está de boa.

— De boa com a gente... comigo... *ah Deus*.

Até eu sorri com o surto da Lily.

— Kaiden está certo, *babe*. Sei pai é o mais de boa. Se ligasse muito, teria colocado barras na sua janela e uma tranca na sua porta.

— É, eu acho.

— Então o que vamos fazer? — Bryan mudou de assunto. — Ou vocês dois... sabem. — As sobancelhas dele se moveram.

— Babaca. — Kaiden deu um soco no braço dele. — Falei pro Aaron que passaríamos um tempo na casa dele.

— Parece bom para mim, vamos nessa.

— Peyton, você vem? — Lily perguntou, e olhei entre ela e o Bryan. Não era como se ela e Kaiden me fariam sentir indesejada se fosse com eles, mas ser vela não era minha ideia de diversão. Ainda mais agora.

— Vou com Bryan e Gav.

— Tem certeza? — Preocupação brilhou nos olhos dela.

— Sim. Vejo vocês lá.

Os gêmeos viviam em uma casa não muito diferente de Bryan, menos a piscina coberta e a sala de cinema. Era um lugar lindo com vista para o rio, e Sr. Bennet, um dos melhores amigos do pai da Lily dera livre domínio sobre o depósito do jardim para Aaron, deixando que ele e os amigos o transformasse em um lugar para passar o tempo. Tinha um sofá enorme na frente de uma televisão de tela plana, uma mesa de sinuca e até uma área de bar. Era onde costumávamos passar tempo, já que a irmã da Lily, Poppy, era melhor amiga da irmã do Aaron, Sofia.

Gostava daqui, mas nunca me senti cem por cento confortável já que a mãe do Aaron e da Sofia – Mya Bennet – era a conselheira em Rixon High, a única pessoa que provavelmente sabia mais de mim do que estava disposta a contar.

— Leigh, sua vez — Aaron chamou, entregando o taco para ela. Ashleigh com frequência detonava os caras na sinuca, e eu costumava gostar de assistir, gostava de provocá-los sobre isso.

Mas não esta noite.

Esta noite, queria estar em qualquer lugar menos aqui.

— Precisa de uma bebida? Salgadinhos? — Bryan perguntou ao meu lado. Ele ficara sentado ali quase a noite toda, como um sentinela cuidando de mim. Era tão doce quanto sufocante. Mas não tinha o ânimo – ou a energia – para dizer que precisava de espaço.

— Não, estou bem. — Dei um sorriso fraco e os olhos dele semicerraram, brilhando com preocupação.

— Poderíamos ir embora? — Ele deixou as palavras, a insinuação, pairarem entre nós.

— Eu não...

— Merda, foi uma coisa idiota a se dizer. Só quero ajudar, de qualquer jeito que conseguir. — A expressão dele suavizou.

— Eu sei. Você é um bom amigo, Bryan.

— Amigo, certo. — Os lábios dele afinaram e um lampejo de culpa passou por mim.

Sabia que ele queria mais do que amizade, mas não podia dar a ele.

— Deveria parar de comer doces, Bry — Gav disse, sentando-se ao lado dele. — Vai precisar ralar na sexta. Os Panthers têm um dos melhores ataques no estado.

— Deixa eles virem — deu de ombros —, estou pronto.

— Estamos prontos — Kaiden acrescentou, puxando Lily no colo. Ela afagou seu pescoço e não demorou antes de estarem se beijando.

— Vão para o quarto.

Kaiden mostrou o dedo para ele sobre a cabeça e risadinhas ecoaram ao meu redor.

Essas pessoas eram meus amigos. Dez de nós abarrotados no depósito reformado. Ainda assim, nunca me senti mais sozinha do que naquele momento, sentada ali no meio da conversa e risada fácil.

Não era que eu queria que ficassem desconfortáveis comigo. Não queria. Só não podia aguentar os olhares de pena e empatia nos seus olhos todas as vezes que olhavam para mim. Mas a verdade, era que não era eles.

Era eu.

Algo mudara dentro de mim naquela noite. Profundamente alterado. E as coisas que costumavam me confortar e divertir, não pareciam mais significantes.

— Quer ir para casa? — Lily perguntou enquanto os rapazes conversavam sobre o próximo jogo.

Balancei a cabeça.

— Estou bem. — Porque estar nos Ford, no meu quarto espaçoso com o próprio banheiro e vista do jardim, era um outro tipo de tortura.

Minha pele vibrou, minha barriga cheia de emoção. Não era luto, ou mágoa. Era algo totalmente diferente.

Lily soltou um pequeno suspiro e pressionei os lábios em um sorriso fino. Ela queria ajudar, todos queriam.

Mas isso não era algo que alguém poderia consertar. Era algo com o qual precisava lidar sozinha.

Sozinha.

Acho que é outra coisa com a qual precisava me acostumar.

Ashleigh nos deu carona de volta para casa. Lily e Poppy foram atacar a geladeira antes de irem para a cama, mas recusei qualquer comida, pegando uma garrada de água e indo direto para o quarto. Eu me sentia como se não conseguisse respirar, uma faixa apertada contraindo minhas costelas.

Fechei a porta e fui direto para o banheiro, segurando a pia enquanto me encarava no espelho. Meus olhos estavam embotados, círculos escuros os cercando graças a falta de sono. Mas todas as vezes que fechava os olhos, via seu corpo sem vida, o sangue empoçado ao seu redor.

Um tremor passou pela minha coluna e engasguei no silêncio. Emoção embargou minha garganta, embrulhou meu estômago. Não podia dormir. Ainda não. Precisava... precisava de alguma coisa – *qualquer coisa* – para fazer tudo parar.

Antes que soubesse o que estava fazendo, peguei a faca, a que pegara da cozinha lá embaixo, do bolso de trás. Não tive intenção de pegar... mas estava bem ali, me provocando. Chamando por mim. Lily e Poppy estavam tão distraídas atacando a geladeira que antes que percebesse, pegara a faca e a enfiara no bolso. Minhas mãos tremiam conforme pressionava o polegar na lâmina afiada. Ardeu, mas também teve outra coisa... algo que desenrolou a vergonha bem fundo dentro de mim.

Respirando fundo, pressionei com mais força, retesando quando uma gota de sangue se formou. Mas um pouco da tensão em mim desapareceu.

Foi isso que ela sentiu? Naqueles minutos ou horas antes de a encontrar, era isso que minha mãe estava procurando?

Minhas mãos se moveram involuntariamente, abrindo o jeans e o tirando. Sentei no chão do banheiro, pressionando as costas na banheira enquanto apertava a faca na mão.

Era uma má ideia.

Mas poderia ser pior, *não poderia?*

Poderia estar saindo escondida, me embebedando, me metendo em todo tipo de problema. Pelo menos estava aqui, segura na casa dos Ford. Não iria muito longe. Só o suficiente para sentir aquele rompante de alívio outra vez. Só o suficiente para afastar o peso opressivo destruindo meu peito.

Minhas pernas se abriram, a pele macia das minhas coxas visíveis. Arrastei a ponta da faca pela parte carnuda da parte interna da minha coxa, angulando apenas o bastante para a lâmina pressionar na pele. Lágrimas silenciosas escorreram por minhas bochechas e uma guerra era travada dentro de mim. Só queria que tudo parasse.

Só queria respirar...

Um choro angustiado escapou dos meus lábios conforme apertei mais a faca, cortando minha pele. Sangue empoçou ali, outro choro escapando da língua enquanto um tremor passava por mim. Doía, mas o alívio... o alívio era como uma dose de euforia passando por mim.

Meus olhos se fecharam conforme soltava a cabeça para trás e exalava uma respiração trêmula. Eu me sentia mais leve do que em dias. Mas no segundo que meus olhos se abriram, encontrando o sangue escorrendo pela minha perna, a sensação se tornou envolvida em vergonha.

O que diabos eu estava fazendo?

A faca caiu no azulejo conforme as lágrimas escorriam, grossas e rápidas, uma tempestade violenta me levando, me separando em duas.

De um lado, eu me sentia melhor. As endorfinas afastaram o tumulto constante de emoções surgindo dentro de mim. Por outro, eu me sentia enojada comigo mesma. Mas conforme o fio de sangue diminui e minha respiração voltava ao normal, o barato se dissipava e a vergonha fervilhava, me deixando entorpecida outra vez.

CHAPTER 6

XANDER

FICAR ENFURNADO em um ônibus escolar cheio de jogadores de futebol não era bem minha ideia de diversão.

A viagem para Pittsburgh foi demorada, barulhenta, e quando chegamos na escola com mando de campo no jogo desta noite, estava pronto para encontrar o bar mais próximo e me perder no fundo de um copo de uísque... ou dois.

Mas tínhamos um jogo para ganhar, e o trabalho estava só comendo.

— Certo, escutem — Jase se levantou, segurando o bagageiro para se apoiar. — Temos noventa minutos até o chute inicial. Quero que se lembrem que não estão apenas representando o time esta noite, mas também estão representando a escola e toda a maldita cidade. Todos estarão olhando para vocês, então não ferrem com tudo.

Ele estava tenso, as rugas em volta dos seus olhos mais fundas que o normal. Eu entendia. Treinar um time vencedor não era tarefa fácil, ainda mais em uma cidade como Rixon. Mas era mais do que isso — ele era Jason Ford, um dos mais bem-sucedidos quarterbacks na história da NFL. E apesar da sua carreira ter sido reduzida por uma lesão, a lista de prêmios com certeza não foi.

Jase tinha uma grande reputação para manter, mas se alguém podia fazê-lo, era ele.

O ônibus parou com um barulho e a porta se abriu. Balancei a cabeça, segurando um sorriso. O time de futebol era um dos mais bem financiados do estado, e ainda assim a escola não podia pagar algo melhor do que o monte de sucata no qual estávamos.

— Certo. — Jase bateu no teto. — Vamos jogar um pouco de futebol.

Os rapazes se empurraram para saírem do ônibus, o clima carregado de ansiedade. Até chegar em Rixon High para treinar o time, esquecera como as noites de sexta podiam ser elétricas. Esses jovens garotos foram colocados em pedestal e eram venerados como deuses. Esse tipo de veneração de fãs era

viciante. Consumia tudo. Fazia jovens homens pensarem que eram intocáveis. Invencíveis. Fazia eles pensarem que estavam acima de qualquer coisa.

Mas sabia melhor do que ninguém como aquela posição era precária.

— Você está pronto? — Jase me perguntou quando todo mundo saiu do ônibus.

— O máximo que vou ficar. — Peguei minha mochila e me levantei. Pittsburgh era uma viagem de ida e volta de oito horas, então o conselho escolar permitiu que passássemos a noite. O que significava não só manter quarenta e oito jogadores de futebol na linha no jogo, significava mantê-los na linha depois que chegássemos no hotel.

Pelo menos meu irmão, Hailee, Fee e os Bennet também estariam aqui. Futebol não era só o emprego do Jason, era uma ocasião de família. Ele, Cameron e Asher um dia usaram os uniformes do Raiders, um dia fizeram este caminho até o campeonato. Agora era a vez da geração mais jovem deles. Meu sobrinho Avery teve sua vez antes de ir para a faculdade há alguns anos, e agora era a vez de Aaron. Como um segundo anista, tinha futebol no sangue, e eu não tinha dúvidas que ele iria longe.

— Sabia que isso era para ser apenas algo temporário — falou conforme saíamos do ônibus. — Mas você está se provando mais útil do que imaginava.

— Obrigado, babaca — murmurei baixo, e Jase riu.

— Você sabe o que eu quero dizer. Os garotos respondem a você. Acho que ter alguém um pouco mais novo faz uma ponte.

— Tente dizer isso para Huckley.

— Ainda está pegando no seu pé? — Os olhos de Jase semicerraram com preocupação.

— Nada que eu não possa aguentar.

— Darren é bom, mas é da velha guarda e você não...

— Ganhei meu lugar. É, eu sei. — Soltei um suspiro.

— Olha. — Ele me deu um olhar compreensivo. — Não deixe que ele o afete. Você está aqui porque o quero aqui. E queria falar com você sobre fazer isso algo mais permanente. Você é um trunfo para o time, Xander. O que acha?

— Agradeço a proposta, Jase, mesmo, mas...

— Mas?

— Não sei se tenho o que precisa para a estabilidade.

— Pensei que diria isso — ele zombou. — E sei que não deve acreditar em mim, mas talvez seja exatamente isso que você precisa. Está perdido, Xan. Talvez precise de algo mais permanente para ajudá-lo a se encontrar outra vez.

— Ei, Treinador — alguém gritou, e Jase me deu um olhar de desculpas.

— Vai — falei, acenando com a cabeça para o time que estava indo devagar na direção do campo de futebol.

Ele jogou a mochila sobre o ombro e saiu correndo atrás dele. Observei enquanto se afastavam para deixá-lo chegar na frente, para liderá-los. Jase podia pegar pesado as vezes, mas o time o respeitava. Os outros técnicos também o respeitavam.

Inferno, eu o respeitava.

E sabia que só estava tentando ajudar, me oferecendo algo mais permanente do que uma temporada com o time. Mas estava mesmo querendo fazer disso uma carreira? Não era bem o que planejei para mim.

Mas viver em um apartamento studio, dirigir um Chevy velho, com menos de algumas centenas de dólares na conta do banco também não era.

Porra. Talvez precisasse considerar isso. Poderia mudar as coisas. Abandonar meu título de rua da amargura da família e fazer algo de mim mesmo.

Não. Quem eu queria enganar? Só acabaria ferrando com isso uma hora. E aí Jase se arrependeria do dia que me convidou para fazer parte do time, e Cam ficaria mais ressentido comigo do que já estava.

Uma temporada, era só para isso que eu servia. Ajudaria o time a chegar nas finais, com sorte os veria levar o campeonato para casa, colocaria um pouco de dinheiro no banco, e depois seguiria meu caminho.

Afinal, aceitara há muito tempo que não tem final feliz na minha história.

— Corre, *CORRE!* — Jase urrou, vendo Cole Kandon, um dos *wide receivers* do time, sair correndo pelo campo. Ele era o melhor amigo do Aaron e também estava no segundo ano. Rápido e forte, as pernas dele cobriram as marcas das jardas. Quarenta... trinta... vinte...

— Vai, *VAI!* — Os punhos de Jase se fecharam, prontos para socarem o ar. As arquibancadas rugiram atrás de nós, a multidão visitante torcendo para o time.

— Sim, sim... porra, sim — gritou assim que Cole bateu com a bola na *end zone*, a declaração de '*touchdownwwwnnn*' do narrador ecoando nos alto-falantes.

A explosão da multidão bateu em mim, tirando tanto meu fôlego que respirei fundo. Todo mundo já estava comemorando. Mesmo com alguns minutos sobrando no relógio, os Panthers não poderiam nos vencer agora. Os Rixon Raiders iriam para a semifinal semana que vem.

Um passo mais perto do campeonato.

Kaiden correu até nós, Aaron e Cole no seu encalço.

— Venha aqui, Kandon — Jase passou o braço pelo pescoço do Cole e bateu suas cabeças juntas, sem ligar que Cole ainda estava com o capacete. — É assim que se faz, filho. Acabou de nos colocar nos últimos quatro. Parabéns.

— Obrigado, treinador — Cole disse, mas peguei um toque de hesitação ali.

— Certo, volte lá e termine com isso. — Jase bateu no ombro dele, e correram de volta para o campo, se preparando para o *field goal*.

Alguns segundos mais tarde, a bola voou pelos postes de gol. Derrota estava estampada na equipe técnica do outro time, mas quando o apito final soou, tiveram espírito esportivo, nos parabenizando por uma vitória merecida.

Amigos e família do time correram para o campo para comemorar, cercando os jogadores. Lily foi direto para Kaiden e ele a ergueu, a rodopiando enquanto davam risada e se beijavam. Jesus, ele estava caidinho. Completa e totalmente enfeitiçado por

ela. Mas Lily era uma boa garota, e só Deus sabe, ela passou por coisas o bastante. Merecia felicidade. Merecia alguém como Kaiden. Via muito do meu irmão e Hailee neles. O amor implacável e fé um no outro, e apesar de serem jovens, apesar de terem a vida inteira pela frente, algo me dizia que permaneceriam juntos.

Meus olhos passaram por Lily, pousando em Peyton. Estava parada na beirada do campo, os braços em volta da cintura, assistindo enquanto as amigas comemoravam com o time. Um rapaz se aproximou dela. Não o reconheci. Não estava usando o marcante azul e branco de Rixon, mas também não estava usando o verde e preto dos Panthers.

— Xander. — Cameron entrou no meu campo de visão, exigindo minha atenção. — Bom jogo.

— Foi tudo eles. — Passei os olhos pelos rapazes, um peso se firmando no meu peito enquanto os observava rir e brincar e sorver tudo isso.

Poderia ter sido você. Silenciei a voz, afastando as memórias indesejadas.

— Não faça isso — Cam disse, passando a mão no rosto. — Não se deprecie. Jase diz que suas opiniões foram inestimáveis.

— Não tenho certeza disso.

— Ele me disse que pediu para ficar depois que a temporada terminasse. — Cam me observou com atenção.

Claro que falou.

— Falei que pensaria nisso. — A mentira escapuliu da minha boca. Um lampejo de loiro chamou minha atenção, e minha coluna enrijeceu quando vi o cara seguir Peyton pela beirada do campo.

— Xander? — Irritação pairava na voz do Cam.

— Sim?

— Você está distraído.

— Não estou... estou bem. — Deus, odiava aquela palavra.

— Acho que o emprego faria bem para você. Está na hora de você...

Num minuto estávamos só nós dois, no outro fomos cercados pelo time conforme os caras se revezavam para trocar um tapinha comigo.

— Aproveite — meu irmão falou com um pequeno sorriso, se afastando. A expressão em seu olhar, fazia meu coração se apertar. Anseio. Arrependimento... decepção.

Sabia o que ele estava pensando. Eu poderia ter tido isso. Poderia ter tido tudo. Mas desperdicei minha chance.

Errei.

— Certo, peguem leve comigo — protestei enquanto os rapazes me cercavam, a animação deles exalando no ar. Era impossível não se deixar levar por ela, e logo me peguei cantarolando com eles.

— *Raiders, Raiders, Raiders.*

Conforme a animação diminuía, a multidão começou a se dispersar, e Jase mandou que todos fossem para o vestiário para tomar banho e se trocar para que pudéssemos ir para o hotel.

Mas eu fiquei para trás. Quando percebeu, perguntou:

— Vai vir?

— Em um minuto.

Compreensão passou por nós e ele assentiu, saindo correndo atrás dos jogadores. O estádio do ensino médio estava quase vazio agora, exceto por alguns retardatários.

Fui para o centro do campo, agachando e passando a mão pela grama batida, respirando o ar frio. Meus olhos se fecharam conforme deixava as memórias saírem. O reflexo forte das luzes de sexta. O barulho, o cheiro o estalido de ansiedade. Um dia, vivi por isso, mas nem mesmo a promessa de um futuro no futebol não foi o suficiente para afastar meus demônios, e no final, sabotei qualquer chance que tinha de chegar nos profissionais.

Afundando o rosto nas mãos, respirei fundo enquanto me levantava e me preparava para guardar toda aquela merda na sua caixinha. De volta onde pertencia. Não adiantava chorar por leite derramado. Não era mais uma criança, e era tarde demais para segundas chances.

Comecei a ir para o túnel que levava ao vestiário, mas algo chamou minha atenção perto da saída.

Peyton.

Peyton e o cara desconhecido. Ele estava na cara dela, sussurrando algo no seu ouvido. Mas não parecia uma conversa

amigável, os braços dela estavam cruzados sobre o peito, criando uma barreira entre eles.

Por que ela não estava com as outras? Esperando o time terminar?

Estava prestes a intervir quando Bryan apareceu, correndo na direção deles. Ainda estava de uniforme, parecendo assassino ao se aproximar deles.

Nem mesmo me deu atenção, o único propósito era chegar até ela.

Ela mandou mensagem para ele?

Fazia sentido. Pareciam próximos.

Por que você se importa? O pensamento ecoou alto na minha mente. Não me importava. Pelo menos, não deveria.

Mas aí Bryan ficou cara a cara com o rapaz e Peyton avançou para tentar separá-los.

Estava me movendo antes de saber o que estava acontecendo.

— Não quer fazer isso, Hughes — rosnei, assustando Peyton. Ela se encolheu, se recusando a encontrar meu olhar. — O que diabos está acontecendo aqui? — exigi.

— Pergunte para Farrow — Bryan cuspiu, os olhos semicerrados com desdém.

— Você. — Prendi o outro garoto com um olhar firme. — Qual é seu nome?

— Sean Farrow.

Reconheci vagamente do Jase e outros técnicos. Pelo que ouvi, era má notícia.

— Você está bem? — perguntei para Peyton, que assentiu, ainda se recusando a encontrar meu olhar.

— Dê o fora daqui — falei para Farrow.

Deu um olhar irritado para Bryan e saiu, passando a mão no cabelo.

— Preciso falar disso para o Jase?

— O quê? — Os olhos arregalados dela pousaram em mim. — Não! Ele só estava...

— Assediando você — Bryan opinou. — Não tem problema, você pode dizer.

— Posso cuidar do Sean — ela murmurou.

— É, foi por isso que me mandou mensagem? — A sobrancelha dele se ergueu e vi desaprovação ali.

Neste momento, Lily e Ashleigh apareceram perto das arquibancadas e Peyton as viu.

— Eu deveria ir. — Saiu na direção delas, deixando Bryan e eu a observando.

— O que aconteceu? — eu disse entredentes.

— Ela mandou mensagem falando que precisava de mim. Eu vim.

— Esse garoto Farrow, o que sabe sobre ele?

— O cara é um babaca completo. Ele e Peyton tiveram um casinho no começo do semestre, mas não foi sério.

— Preciso me preocupar? — As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse pará-las.

As sobrancelhas de Bryan se uniram antes de soltar uma respiração controlada. Estava observando-a, seguindo todos os movimentos conforme Lily e Ashleigh a levavam para fora do campo.

— Posso lidar com Farrow, treinador. — Ele inflou o peito.

— Não duvido disso. Mas não pode ter um demérito no seu nome. — Dei um olhar firme a Bryan. — Se ele se tornar um problema, quero saber, tá bom?

O que diabos eu estava dizendo?

Peyton não era meu problema.

Não era nada meu.

Ele enfim olhou para mim, confusão anuviando seus olhos, mas depois de um segundo falou:

— Sim, tudo bem.

— Vem, você precisa tomar um banho antes de irmos embora. Está fedendo.

Um sorriso leve foi traçado em seus lábios.

— As garotas curtem. Todo o suor e sujeira, as deixam animadas...

Mas os olhos dele o traíram quando se voltaram para onde Peyton e as amigas haviam desaparecido.

Não estava pensando em garotas... estava pensando em *uma* garota.

A mesma garota que dominava meus pensamentos desde que a tirara daquele maldito rio.

CHAPTER 7

PEYTON

DEPOIS DE DAR ENTRADA no hotel, o pai da Lily levou todos nós para o restaurante ao lado e nos deixou pedir um banquete noturno. Todo mundo estava eufórico com a vitória, animado para a semifinal do próximo final de semana em Harrisburg. Mas minha mente ainda estava de volta no estádio.

Bryan encontrou meu olhar do outro lado da mesa e moveu a boca.

— Você está bem?

Dei um pequeno aceno, fingindo ser levada pela conversa de Ashleigh e Poppy.

Não esperava que Sean Farrow estivesse aqui. Ele odiava futebol do jeito que morcegos odiavam luz solar.

Nós ficamos algumas vezes no final do verão, mas eu esfriei as coisas quando ele tentou me pressionar por mais.

Eu não queria mais. Queria diversão. Uma distração. Intimidade sem compromisso. Além do mais, se algum dia fosse namorar – e não iria – não seria com alguém como Sean. Ele gostava da caçada, era tudo. Assim que me tornei difícil demais para conseguir, ele seguiu em frente com outra garota da nossa sala, Layla Hannigan.

Aprendi a muito tempo atrás que a palavra "não" era como um desafio para a maior parte dos rapazes.

Um tremor passou por mim e Lily colocou a mão no meu braço.

— Onde você acabou de ir? — ela perguntou.

— Lugar nenhum. — Peguei o refrigerante e sequei o copo. — Acha que podemos ir logo?

— Sim, ouvi os adultos dizerem que queriam uma bebida em paz quando nós fôssemos para os quartos. — Ela se aproximou. — Não tem problema em ficar com Leigh e as garotas, né?

— Nenhum, sério. — O plano era que eu e Ashleigh voltaríamos para nosso quarto e depois escapuliríamos para o quarto da Poppy e da Sofia, para que Lily pudesse ter um tempo a sós com Kaiden.

Nunca imaginei que a veria fazer algo tão ousado, então é claro que não me importava. Só esperava que as garotas não quisessem

dar importância a nossa noite longe.

— Ótimo, certo. — Ela me deu um sorriso tímido.

— Alguma coisa que você quer me dizer, Lil? — provoqueei.

— Eu... hm, trouxe uma coisa comigo.

Minhas sobrancelhas se juntaram.

— Tipo um dildo?

— O quê? — Ela gaguejou. — Não, não trouxe... um desses.

Abafei a risada subindo por minha garganta.

— Desculpa, pensei que...

— Lingerie. Trouxe lingerie sensual — sussurrou, cor desabrochando nas suas bochechas.

— Que escandaloso.

— Acha... quero dizer... ele vai gostar, né? — Os olhos dela foram para Kaiden que estava cercado pelos colegas de time.

— *Babe*, você poderia usar um saco de estopa e Kaiden ainda pensaria que é a garota mais bonita do lugar. Você não tem nada com que se preocupar.

Alívio passou por ela e soltou um pequeno suspiro.

— Certo, não sabia se era a hora certa. Quero dizer, mamãe e papai vão estar no mesmo corredor, mas não é como se tivéssemos tempo a sós em casa e...

— Lily?

— Sim?

— Respire, *babe*. Precisa respirar. — Sorri.

Os olhos dela se fecharam e depois abriram.

— Estou sendo ridícula.

— Só está nervosa. — Apertei sua mão. — Você não tem nada com que se preocupar. Kaiden te ama.

Tanto que as vezes doía meu peito só de ver.

Certo, a maior parte das vezes.

Não que algum dia iria admitir isso para ela. Lily só me diria que encontraria alguém um dia. Se me abrisse mais para os garotos.

Mas era esse o ponto, se você se abrisse, ficaria vulnerável. Não podia ficar vulnerável. Não outra vez.

— Certo, todos podem se acalmar? — Com a garrafa em mãos, Sr. Ford se levantou e passou os olhos pela área do restaurante que enchamos. — Só vou dizer isso uma vez. Quando voltarem para

seus quartos, vão direto para os quartos, e não quero ver nenhum de vocês até amanhã de manhã. Se eu ouvir sequer um sussurro de vocês quebrando as regras, não vão precisar se preocupar apenas com as corridas. — Os olhos dele se fixaram nos rapazes. — Vocês cumpriram a tarefa hoje. Representaram o time, e deixaram Rixon orgulhosa. Não me decepcionem agora.

Um ressoar de "Sim, treinador" passou pelo lugar.

— Certo, saiam daqui. Técnico Macintosh e Técnico Huckley vão levar vocês de volta para o andar.

Foi um êxodo em massa conforme o time saía do restaurante. Kaiden permaneceu. Aaron e Cole também.

— Você foi ótimo esta noite, filho — o pai do Aaron disse, trocando soquinhos com ele. — Vá dormir um pouco. — O lábio dele se curvou com compreensão.

— Ash — Jason avisou, e ele ergueu as mãos.

— O quê? Sabem que não devem quebrar as regras.

Aaron lutou contra um sorriso.

— Boa noite, pessoal, vejo vocês amanhã. — Os olhos dele encontraram Poppy e ela abaixou a cabeça.

Os dois eram tão óbvios, mas nenhum deles confessara ser algo mais do que amigos.

As garotas também se levantaram. Poppy abraçou a mãe e o pai enquanto Sofia fazia o mesmo. Lily foi a próxima, o pai sussurrando algo para ela. Não precisava muito para descobrir o que ele sussurrou quando ela bateu no braço dele e ficou vermelha como um pimentão.

— Boa noite, Peyton — Felicity disse. — Até amanhã.

— Boa noite — falei, seguindo Lily para fora do restaurante.

Os rapazes estavam esperando por nós e todos subimos juntos no elevador.

— Festa no meu quarto? — Bryan disse. — Consegui contrabandear um pouco de vodca e salgadinhos.

Os olhos dele estavam pesados em mim, mas não encontrei seu olhar. Ele se aproximou mesmo assim, pressionando o corpo contra a lateral do meu.

— Ei, Myers, você está bem?

Ergui o rosto para o dele e fingi um sorriso.

— Muito.

— Escuta, sobre você e Sean...

— Não tem um eu e Sean. É óbvio que ficou entediado com a Layla e decidiu voltar rastejando para mim. E agora está irritado que não quero ficar com ele outra vez.

Ele hesitou, raiva fervilhando em seus olhos. Nós dois sabíamos o quanto eu e Sean passamos tempo juntos.

Todo mundo sabia.

Meus olhos se fecharam enquanto suspirava. Quando os abri outra vez, vi o reflexo de Lily e Kaiden se beijando no espelho atrás de mim. Minha expressão deve ter me traído, porque Bryan soltou:

— Podem ao menos esperar até estarem entre quatro paredes?

— Só está com ciúmes, Bry — Gav zombou.

Os olhos pesados do Bryan voltaram-se para mim, mas desviei o olhar. O desejo dele era algo que vivia e respirava, rodopiando no ar ao nosso redor.

No segundo que a porta se abriu, falei:

— Acho que vou encerrar a noite.

— Não — Ashleigh disse. — Você precisa vir.

— Você vai. Só quero dormir.

— Pey — sussurrou, preocupação brilhando em seus olhos, mas a dissuadi.

Não estava me sentindo sociável, não depois de fingir um sorriso no jogo e no jantar.

Saímos do elevador, o corredor um burburinho de atividade enquanto o resto do time ia na direção dos quartos.

— Vamos — Técnico Huckley gritou. — Vamos sair cedo amanhã.

Lily, Ashleigh e eu tínhamos um quarto contíguo com Poppy e Sofia, então seria fácil nos esgueirar para o quarto delas. Mas aí teriam que se esgueirar pelo corredor para o quarto dos rapazes.

Todos nos despedimos e desaparecemos nos nossos quartos. Ashleigh começou a recolher as coisas na hora.

— Não precisa ir embora neste segundo — Lily disse, mordiscando o lábio enquanto uma das mãos ia para a trança solta sobre o ombro.

— Você está nervosa — falei, reconhecendo sua ação pelo que era.

— Meu pai vai...

— Relaxa, seu pai e os outros adultos estarão no bar por pelo menos mais algumas horas, lembrando o passado. Além do mais, eles devem esperar que você esgueire o Kaiden para cá.

— Peyton está certa — Ashleigh acrescentou. — Quero dizer, os Bennet confiaram que Ezra ficasse em casa. Confiaram na gente o suficiente para não virem aqui bisbilhotar.

— Ainda não posso acreditar que deixaram Ezra — Lily disse.

Ezra era o irmão adotivo de Sofia e Aaron. Só que não agia desse jeito. Ele estava com os Bennet há alguns anos e sabia tanto sobre ele agora quanto no dia que chegou.

— A vizinha, Sra. Grakinsy, vai ficar de olho nele. — Ashleigh era uma máscara de indiferença, mas eu e Lily sabíamos que tinha uma quedinha pelo garoto elusivo que morava com os Bennet.

— Pronta? — ela me perguntou. Assenti, pegando minha pequena mala.

— Aproveite sua noite. — Sorri para Lily, e ela abaixou a cabeça, sem conseguir esconder as bochechas vermelho vivo.

— É, Lil. Não faça nada que nós não faríamos. — Ashleigh piscou, indo para a porta que conectava os quartos e abrindo a do nosso lado. Bateu na segunda porta e ela se abriu.

— Hora de festejar — Poppy sorriu.

— Não deixe que fique muito louca — Lily falou. — Meu pai...

— Nunca vai descobrir. — Poppy assoprou um beijo para ela e nos puxou para o quarto que estava dividindo com Sofia. Fechei a primeira porta, nem um pouco surpresa quando ouvi o clique do trinco no lugar. Lily sabia que eu e Ashleigh não faríamos algo como entrar no quarto para pegar ela com Kaiden... mas não duvidaria da Poppy.

Fechando a segunda porta, me apoiei nela, olhando as duas camas Queen.

— Vou ficar na cama extra — falei, sabendo que planejavam se embriagar com os rapazes.

— Tem certeza que não quer ir com a gente? — Poppy perguntou.

— Não, estou cansada. — A mentira soou convincente.
— Certo, era o Aaron — Poppy não ergueu os olhos do telefone.
— Falou que a barra está limpa, então se vamos, deveríamos ir agora.

Sofia levantou e pegou a bolsa, seguindo Poppy até a porta.

— Tem certeza que está bem? — Ashleigh perguntou, desconfiança brilhando em seus olhos.

— Vai. Vou ficar bem.

— Certo, mas se precisar de mim...

— Eu sei.

Eu as vi sair do quarto dando risadinhas abafadas.

E não sabia se ficava aliviada por enfim estar sozinha ou amargamente decepcionada.

Uma hora mais tarde, o sono ainda não me encontrara. Colocara meu pijama favorito e ficara confortável na cama extra. Mas os murmurinhos do quarto da Lily – meu quarto – e o baque de passos acima, junto com portas batendo e risadas no corredor faziam ser difícil pegar no sono.

Frustrada, afastei o lençol, coloquei o moletom e enfiei os pés nos tênis. Não sabia onde estava indo, mas sabia que não podia ficar aqui por mais um segundo.

Pegando o cartão chave sobressalente, abri a porta e olhei para fora. O corredor estava vazio, então saí do quarto e corri para as escadas, subindo até o telhado. Vira a placa para o terraço no telhado na recepção durante o check-in. Claro, duvidei que alguém fosse estar aqui em cima nessa época do ano.

A porta da saída de incêndio estava à frente e pressionei a barra, empurrando a porta pesada com o ombro. O ar frígido encontrou minha pele quente e estremei, mas tinha algo em sentir o frio contra o rosto que me fez inalar uma profunda e tranquilizadora respiração.

No momento que saí no terraço do telhado, hesitei.

— Você — a palavra escapou dos meus lábios.

Xander olhou para cima, os olhos anuviando com alguma coisa. Soltou um suspiro longo e equilibrado.

— Você não deveria estar aqui.

— Não vim procurando você, se é o que pensa.

— Merda, Peyton — suspirou —, não foi isso... o que você está fazendo aqui?

— Não conseguia dormir. — Ele me encarou, esperando alguma outra explicação que não tinha. Mas acrescentei: — Precisava sair do quarto. *Antes que fizesse algo estúpido.*

Xander me seguiu conforme me movia para a beirada do terraço. O hotel tinha só cinco andares, mas tinha vista para a cidade, fazendo tudo lá embaixo parecer pequeno e insignificante. Antes que pudesse me impedir, subi no parapeito e...

— Que porra é essa? — Correu até mim. — Você quer mo... — Xander parou no meio.

— Não se preocupe, não vou pular. Só gosto da sensação de estar... — Como explicaria?

— Imprudente?

Meus olhos foram para os dele, e assenti devagar.

— Por favor, desça daí — falou, mais suave desta vez.

— Contaria para Jase se não descesse?

A sobrancelha dele arqueou.

— O que você acha?

— Tá bom — ralhei, descendo e indo para um dos sofás de vime. — O que você está fazendo aqui?

— Não conseguia dormir — Xander respondeu, se juntando a mim. Os olhos dele foram para minhas pernas desnudas, se demorando um segundo. Calor passou por mim, mas me repreendi em silêncio por ser tão tola.

Xander não me via como nada além de uma adolescente muito emotiva. Deixara isso claro em mais de uma ocasião. E parte de mim odiava que ele me vira aquela noite no rio. Não porque esperava que algo acontecesse entre nós, não era iludida desse jeito. Mas porque pela primeira vez na minha vida, alguém me vira. A verdadeira eu. Perdida, e falha e assustada.

Xander me vira no meu momento mais vulnerável e isso me assustava.

Mas tinha outra parte que estava aliviada que foi ele. Porque se estivesse certa, então ele carregava um pouco da mesma escuridão que eu. Não precisava fingir perto dele.

— Estou surpreso que você não está se esgueirando nos quartos dos rapazes e...

— E o quê? — ralhei, mágoa passando por mim.

Era isso o que pensava de mim?

Que era alguma vadiazinha do ensino médio?

— Não foi isso que quis dizer, Peyton — falou como se pudesse ouvir meus pensamentos.

— Então, o que foi? — Indignação estava pesada no meu peito.

— Fui jovem um dia, sabia? Acha que não sei o que acontece quando os adultos viram as costas?

— Talvez... antes... — Deixei as palavras pairarem.

Silêncio nos envolveu. Denso, opressor, apertava meus pulmões até não poder respirar. Mas não desviei o olhar, e Xander também não. Ao invés disso, olhou para mim, os olhos me analisando. Procurando alguma coisa no meu rosto.

Quando respirou fundo, me perguntei se tinha encontrado o que fosse que procurava.

— Deveria voltar...

— Se está incomodado desse jeito com a minha presença, por que você não entra? — Ergui a testa.

— Peyton — suspirou outra vez. — Sou o adulto aqui.

Maldito seja.

Achava que eu não sabia disso? Que todas as vezes que pensava nos seus braços fortes me puxando do rio, ou na sua voz grave me atraindo para longe da escuridão, não estava super ciente do fato que ele era um homem e eu apenas uma garota?

Eu sabia... e odiava isso.

Odiava que ele olhava para mim e via uma garota fraca e patética.

Podia ter apenas quase dezoito anos, mas fui forçada a crescer há muito tempo atrás. Mas não importava. Porque ele não olhava para mim e via uma jovem mulher lutando para encontrar seu lugar no mundo...

Xander via a garota que o amigo – *seu chefe* – acolhera quando ela não tinha para onde ir.

Ele via um caso de caridade.

Nada mais.

CHAPTER 8

XANDER

O AR ESTALOU ao nosso redor enquanto ela me encarava, desafio queimando em seus olhos azuis. Apesar de tudo que passou, Peyton ainda tinha tenacidade dentro dela, ainda tinha os colhões para me enfrentar. Essa garota... Ela tinha alguma ideia de como era bonita?

Porra. Não sabia de onde o pensamento viera, mas me atingiu direto no peito.

Ela era linda. Era o tipo de garota que o puxava para sua órbita. Vi isso acontecer com os amigos, com Bryan, e aquele babaca do Sean Farrow. Peyton iluminava o lugar para onde quer que fosse, mas o brilho em seus olhos diminuiu depois do *acidente*. Ela estava perdida... e olhava para mim como se soubesse que eu também estava.

— Então... — falou, um leve sorriso curvando seus lábios, como se fosse uma conclusão certa que não a mandaria de volta para o quarto.

— Você é problema. — As palavras escapuliram da minha língua antes que as pudesse impedir.

Algo lampejou em seus olhos, mas ela afastou, sorrindo para mim.

— É isso que a vida é, né? Viver. — A tristeza em sua voz era como um soco no estômago.

Peguei outro cigarro e acendi. O nariz de Peyton enrugou.

— Você gosta mesmo dessas coisas?

— É uma distração — respondi erguendo um ombro.

— Talvez devesse começar a fumar então.

— Nah, custa uma pequena fortuna e o cheiro nunca some.

Ela ergueu os tênis para a borda da mesa e cruzou os braços em volta de si, olhando para a cidade ao longe.

— Não posso parar de pensar naquilo... nela...

As palavras eram baixas, baixas demais para uma garota confiante e forte como Peyton.

— Fecho os olhos e a vejo, repetindo na minha mente. E não posso evitar pensar que foi seu “foda-se” final para a filha que nunca quis.

A falha na voz dela me fazia querer confortá-la, mas não podia. E mesmo se pudesse, o que um cara como eu sabia sobre confortar uma garota como ela? Eu mantinha as pessoas longe por um motivo — porque meu coração virou pedra há muito tempo atrás. Era o único jeito que sabia como me proteger da dor constante. O buraco deixado pelas duas pessoas que me amavam incondicionalmente.

Minha infância inteira foi marcada pelas pessoas que amava me deixando. Primeiro minha mãe, depois Cameron, depois meu pai. Passei uns bons dez anos indo na terapia, mas ninguém podia me consertar. E só Deus sabe que eu nunca consegui me consertar.

— Tenho certeza que sua mãe a amava do jeito dela.

Peyton fez um barulho de desdém.

— Minha mãe era uma viciada egoísta que se importava mais com o próximo barato do que jamais se importou comigo.

Retesei com a honestidade, a dor avassaladora, na sua voz.

— Sinto muito.

— Por quê? — Ela olhou para mim. — Não é sua culpa.

— Ninguém deveria ter que passar por isso.

— É, bom, o universo não estava nem aí quando chegou na minha vez — zombou.

— E o seu pai?

— Quer dizer o doador de esperma inútil que deu o fora quando mal tinha parado de usar fraldas e nunca olhou para trás?

Jesus. Minha mandíbula travou enquanto imaginava o que ela precisou aguentar, o que passou. Sabia um pouco da sua história do Jase e do Cameron, mas não sabia o quanto havia sofrido. Duvidava que alguém sabia. Porque Peyton cumpria seu papel. Usava sua armadura de sorrisos falsos e confiança atrevida e os empunhava com perfeição. A melhor defesa era um bom ataque, e ela acertava em cheio.

Mas essa garota... a garota que tirei do rio era diferente.

Até eu podia ver isso.

— Eu só... ugh. — Ela passou a mão pelo cabelo, puxando as pontas em frustração. — Estou tão cansada de me importar.

— Se importar é o que a faz humana.

— É, bom, talvez também esteja cansada disso. — Ela me deu um olhar sardônico.

— Dê um tempo. As coisas vão...

Peyton bufou.

— Acho que nós dois sabemos que esse negócio de "tempo" é um monte de bosta. Tempo pode fazer as coisas mais fáceis, mas nunca o deixa esquecer. E mesmo se pudesse esquecer, estaria dentro de você como um lento e infeccioso veneno.

Ela estava certa.

Passei por psicólogos e psiquiatras o suficiente para saber que trauma de infância o moldava na pessoa que se tornava. Mas Peyton ainda era jovem. Tinha a vida inteira para mudar as coisas, para não sucumbir aos pensamentos sombrios circulando em sua mente.

— Desculpa... — As bochechas dela coraram. — Não quis desabafar desse jeito.

— Não tem problema.

Tinha, mas era tarde demais para ela voltar atrás. Além disso, era óbvio que precisava de alguém para desabafar. Acho que o mínimo que poderia fazer era ouvir.

— Tenho certeza que você tem coisas melhores a fazer do que ficar sentado aqui comigo enquanto tenho uma crise existencial.

— Peyton — falei —, você passou por algo enorme. Vai levar...

— Não diga. Deus, por favor, não diga.

— Tudo bem, não vou dizer. — Um leve sorriso ergueu o canto da minha boca. — Mas é verdade. Apenas leve um dia de cada vez. E deveria mesmo pensar em conversar com alguém.

— Estou falando com você.

— Quero dizer um profissional. — Eu lhe dei um olhar incisivo.

— É, eu sei. Mas não preciso de um psicólogo pra me dizer o que já sei.

— E o que é?

Os olhos dela se fecharam enquanto respirava fundo. Quando abriram outra vez, sua expressão suavizou.

— Que sou perturbada.

— Todos nós não somos? — Meu sorriso cresceu, uma sensação estranha repuxando meu peito.

— Acho que sim... — Peyton olhou de volta para a vista. — Rixon parece tão pequena comparada com isso. — Ela soltou um suspiro suave.

— Você é uma veterana. Você tem o mundo aos seus pés.

— Talvez.

Não gostava do tom resignado em sua voz, como se já tivesse aceitado seu destino.

— No próximo outono, vai para a faculdade e Rixon será uma lembrança.

— Faculdade. Certo. — Seus ombros ergueram um pouco.

— Você quer ir para faculdade? — perguntei.

— Preciso ser realista. — Peyton olhou para mim. — Não tenho família, nem dinheiro, tenho um emprego de meio período na Cindy Grill. Não é bem algo que paga as contas.

— Mas você pode conseguir ajuda financeira.

— É uma opção. — Ela deu de ombros.

Não parecia convencida.

— Você não foi para a faculdade? — ela me perguntou.

— Não, eu... larguei o ensino médio.

— Ah. O que aconteceu? — Soltei uma respiração controlada e Peyton hesitou. — Desculpa, não é da minha conta.

— Não tem problema. Só prefiro não reviver aquela época da minha vida... eu era uma confusão.

— Mas poderia ter jogado futebol na faculdade?

— Onde ouviu isso? — Meus olhos semicerraram, um lampejo de vergonha subindo pela minha espinha. Suspeitei que ela já soubesse parte da história da Lily e da Ashleigh, mas ainda assim, não gostava da pena em seu olhar.

— As pessoas falam, Xander.

— Sim. — Fiz tsc, esfregando o queixo.

Em uma cidade como Rixon, tudo o que as pessoas faziam era falar.

Silêncio ecoou ao nosso redor. Peyton me observava com olhos ansiosos, mas não queria mexer nesse vespeiro, recordar velhas memórias. Minha vida pode não ter sido um sucesso comparada ao

Cam ou ao Jase, mas estava em um lugar bem melhor do que estava naquela época. Isso devia valer alguma coisa.

— Está ficando tarde — falei.

— Pode confiar em mim, sabia? — As palavras dela afundaram em mim, se firmando.

— Você é só uma...

— Criança, sim. Você fica me lembrando. — Mágoa lampejou no rosto de Peyton. — Queria que fosse apenas uma garota de dezessete anos normal. Queria que não tivesse visto metade das coisas que vi, ouvido metade das coisas. Deus, queria que tudo o que tivesse que me preocupar fossem candidaturas a faculdade e quem está namorando com quem.

— Peyton, eu...

— Eu entendo. Você é o tio da minha melhor amiga. Treina o time de futebol da minha escola. Você é... um homem, e eu sou apenas uma garota. — Os olhos dela brilharam com dor. — Não quero nada de você, Xander. Não sou tola para pensar que um dia me veria como mais do que sou, mas só pensei... pensei que talvez você entendesse. Que talvez você compreendesse.

— Nem deveria estar sentado aqui com você.

Risada amarga escapou dos seus lábios, destruindo meu âmago. De todas as coisas que poderia ter dito... escolhi essa.

Maldito idiota.

— Acho que um de nós deveria ir então. — Ela se levantou, indo na direção da porta. Parado no lugar, observei sem conseguir pensar em uma única coisa para dizer.

Peyton foi mais rápida quando disse:

— Boa noite, Xander. Acho que te vejo por aí.

Quando entramos no ônibus na manhã seguinte, ainda estava pensando no que Peyton dissera no terraço do telhado. Mal dormira, revirando suas palavras na cabeça. *Pensei que talvez você entendesse. Que talvez compreendesse.*

Ela sentia. A afinidade estranha entre nós. No começo pensei que fosse só um senso remanescente de gratidão que sentia por eu ter salvado sua vida. Mas quanto mais tempo passava com ela, quanto mais se abria comigo, sabia que era mais do que isso.

Me assustava para caralho.

Nunca conheci alguém como eu antes. Alguém flagelado pelos mesmos pensamentos sombrios e trauma emocional o suficiente para afundar um navio. Claro, conheci pessoas ao longo dos anos que conheciam luto e perda e dor. Mas nunca conhecera alguém como Peyton.

Ela é só uma criança.

Só que não era.

Era uma jovem mulher carregando o peso do mundo nos ombros.

— Me lembre de nunca ter filhas outra vez. — Jase sentou-se na poltrona ao meu lado, o time já nos seus lugares.

— O que aconteceu? — perguntei, incerto se queria saber.

— Peguei Poppy, Sofia, e Ashleigh no quarto do Bryan.

— Caralho. Estou surpreso que Hughes ainda tem as bolas. — Lutei contra um sorriso.

— É, bom, falei para aquele filho da mãe tarado que é melhor aparecer na academia no primeiro horário para a punição.

— Onde estava Lil... com o Kaiden.

— Porra, não estou pronto para isso.

— Lembre-se de como era com dezoito anos. — Eu lhe dei um olhar incisivo. Podia ser apenas uma criança na época, mas ouvi as histórias. Todo mundo ouviu.

— E é exatamente por isso que não gosto disso. Kaiden é um bom garoto. É bom para Lily. Mas a ideia deles... não, não vou pensar nisso — disse entredentes, passando uma mão no rosto.

— Ela tem dezoito anos, Jase. Iria acontecer uma hora.

— Você soa como a Fee. — A sobrancelha dele arqueou. — Esperava isso da Peyton. Mas não esperava da Lily e da Poppy.

— Não estava com elas? — Porra, as palavras pareciam algodão na minha boca.

— Nah, ela ficou para trás. Está com dificuldades.

— Sim — respondi.

— O que diabos deveria fazer com ela? É o último ano. Tem grandes decisões para tomar, e não tem nada.

— Ela tem você.

— Mas é o suficiente? Sempre soube que a mãe dela era problema, mas nunca pensei... caralho, Xan. — Ele abaixou a voz, mas o ronco do motor sob nós abafou suas palavras. — O que ela fez... Como pode fazer isso sabendo que seria Peyton que a encontraria?

— Peyton falou disso com alguém?

— Falou com Mya, mas não quer ver um terapeuta de luto ou psicólogo.

— É muita coisa para abordar.

— É, mas se não o fizer... como isso acaba?

— Dê um tempo a ela. Ainda está novo.

— Talvez você devesse falar com ela?

— Eu? — refutei.

Se ele soubesse que eu já estava conversando com ela, as circunstâncias daquelas conversas, tinha quase certeza que me avisaria para ficar longe dela.

— Só estou pensando alto. Não estou sugerindo de verdade que faça isso. Não estava preparado para filhas adolescentes, menos ainda uma com tanta bagagem quanto Peyton.

— Você está fazendo uma coisa boa, Jase.

— Ela perdeu tudo. A mãe simplesmente... porra. — A voz dele falhou conforme passava a mão no rosto, soltando um suspiro. — Desculpa, cara, sei que também não deve ser fácil para você.

— O que o faz dizer isso? — Fiquei tenso.

— Só pensei que traria de volta algumas daquelas memórias ruins.

Memórias ruins.

Engoli uma risada. Eu não tinha memórias ruins; tinha pesadelos eviscerantes. Não sei por que meu luto havia se embrenhado tão fundo, mas há muito aceitei que nunca iria desaparecer.

— Foi há um bom tempo atrás — foi tudo o que disse, pressionando a cabeça no banco e fechando os olhos.

— Sabe que Cam pega pesado porque ama você, certo? Porque ele quer mais para você.

— Não vamos fazer isso — falei com um suspiro profundo.

— Não vou pressionar, você sabe. Mas é seu irmão. Deveria falar com ele, tentar consertar um pouco dessas coisas. Vocês só têm um ao outro.

Mas não era verdade, porque Cameron tinha Hailee. Tinha Avery e Ashleigh. Tinha uma família que o amava e amigos que fariam qualquer coisa por ele. Eu estava na periferia, sempre do lado de fora olhando para dentro. Talvez em parte fosse minha própria culpa, mas não mudava o fato que Cameron tinha uma vida, uma boa vida, e eu não tinha nada.

Teve um tempo, quando eu era apenas uma criança que adorava o irmão mais velho, que pensei que nunca nos separaríamos, mas o tempo apenas me provou errado. E talvez fosse egoísmo ser o centro do seu mundo, talvez me fizesse ser algum tipo de estranho ser dependente desse jeito dele, mas não podia mudar o fato que conforme sua vida se movia em novas direções, eu me sentia deixado para trás, e não sabia como lidar com perder ele.

Culpa era um motivador poderoso; mas crescente vergonha e amargura no meio e era letal. Assoberbante demais para meu eu adolescente lidar.

Não estava mentindo quando disse para Peyton ontem a noite que todos éramos perturbados – exceto que não estava falando sobre ninguém além de mim mesmo.

Para o meu alívio, Jase não pressionou. Ele me deixou sentar ali e ponderar meus pensamentos, suas palavras. Mas o que ele não sabia era que não mudava nada. Eu não era mais uma criança. Ninguém iria aparecer e me consertar. Só se eu quisesse...

E parei de querer há muito tempo.

CHAPTER 9

PEYTON

— TUDO É TÃO LINDO — Lily disse ao meu lado conforme vagávamos pela rua, vendo as vitrines das lojas decoradas com guirlandas e enfeites de Natal. As festas estavam se aproximando rápido e com elas... meu aniversário.

Dezoito anos.

Na véspera de Natal, eu faria dezoito anos.

Como se tivesse ouvido meus pensamentos, Lily perguntou:

— O que você quer fazer no seu aniversário?

— Eu não pensei nisso ainda. — Dei de ombros.

Lily se afundou ao meu lado, apoiando a cabeça no meu ombro.

— Temos que comemorar. Aposto que meus pais dariam uma festa...

— Não. Nada de festas.

— Queria saber como fazer as coisas melhorarem para você — sussurrou, mas ela não olhou para mim.

— Não é algo que alguém possa consertar, Lil.

— Eu sei, mas é o último ano e talvez não devesse dizer isso porque era sua mãe, mas odeio que ela tenha feito isso com você. Odeio que ela...

Passando o braço em volta dela, abracei Lily apertado, afundando meu rosto no seu ombro.

— O que é isso? — ela riu, retribuindo meu abraço.

— Obrigada — suspirei. — Obrigada por ser minha melhor amiga, por não me pressionar e me dar espaço, e por ser apenas você, Lily Ford. Eu te amo. — Erguendo o rosto, dei um sorriso a ela. — Você é minha melhor amiga no mundo inteiro.

— Eu também te amo. E sei que não deve estar muito no clima de comemorar, mas é seu aniversário de dezoito anos. Precisamos fazer alguma coisa. — Lily fez beicinho.

— Tá bom. Algo pequeno.

— Eba. — Ela se soltou de mim e bateu palmas, o sorriso contagiante.

— Você ainda não me disse o que aconteceu ontem à noite, com Kaiden.

Calor inundou suas bochechas, e abaixou a cabeça.

— Foi... intenso.

— Ele gostou da sua nova linge...

— Peyton. — Ela pressionou a mão na minha boca e olhou pela calçada.

— Relaxa, ninguém está ouvindo.

— Vamos para o Sprinkles e vou comprar um cupcake e te contar tudo.

— Graças a Deus. — Dei um olhar divertido para ela. — Porque estava começando a pensar que precisaria pedir todos os detalhes sórdidos para Kaiden.

Lily revirou os olhos, pegando minha mão e me puxando na direção da pequena cafeteria que gostava. Entramos e ela disse:

— Escolha uma mesa, vou pedir.

— Lily — suspirei —, posso pagar minha própria sobremesa.

— Eu sei, mas quero fazer isso por você.

— Tá bom. Mas a próxima vez, eu pago.

Mostrou a língua para mim, e acenei para ela enquanto procurava uma mesa perto do fundo. Era mais fácil respirar perto de Lily. Ela me tranquilizava, sempre tranquilizou. Mas culpa pesava na minha alma porque estava guardando segredos dela.

Fazia duas semanas desde a noite quando tudo mudou. Não era nada, ainda assim, de certa forma, parecia uma eternidade.

Sempre pensei que ficar livre da minha mãe e seu vício era o que queria, mas subestimara como me sentiria solitária. Não era que sentia falta dela. Não sentia. Ela nunca me tratou como nada além de um fardo. Mas aí, sempre tive uma mãe. Sempre tive *alguém*. Mesmo que ela amasse o próximo barato mais do que me amava, eu tinha uma família.

— Um latte de caramelo e um brownie de chocolate. — Lily deslizou a bandeja na mesa e sentou-se, soltando o cachecol grosso. — Hmm, eu amo aqui.

— Quer dizer que ama os cupcakes.

— Verdade. — O rosto dela se iluminou ao esticar a mão para o cupcake red velvet.

— Então... a noite passada... — Pequei o copo e dei um gole. — Foi intenso.

A cor retornou às suas bochechas.

— Foi como se ele não pudesse ter o bastante de mim. Não sabia que lingerie sensual podia fazer isso com um rapaz.

— Não saberia dizer.

— O quê? — Lily olhou boquiaberta para mim, como se tivesse criado uma segunda cabeça. — Quer dizer que você nunca...

— Para quem teria comprado lingerie sensual?

— Eu não sei. Acho que só pensei... — Culpa brilhava em seus olhos.

— Pensou que só porque fiquei com bastante gente que tenho experiência com a arte da sedução?

— Peyton, não foi isso...

— Não tem problema. — Tinha, mas não estava procurando simpatia ou pena. — Nunca me importei o suficiente para querer me vestir para um cara, Lil — falei com pura honestidade.

— Aposto que Bryan...

— Bryan não tem nada a ver com essa conversa. — Saiu mais grosso do que queria, mas ela precisava parar de pressionar. Não existia um Bryan e eu. Nunca iria acontecer.

Não podia me forçar a querê-lo do jeito que suspeitava que ele me queria. Além do mais, se o fizesse... não teria sentido. Ele tinha o futuro inteiro pela frente, uma bolsa de estudos para Michigan. Eu não tinha isso.

— Desculpa. Não quis te chatear.

— Não tem problema. — Suprimi a vontade de hesitar com a palavra. — Estou feliz por você, babe. Você não merece nada além de coisas boas.

— Você também merece coisas boas, Peyton. — Lily sorriu, mas não chegou aos seus olhos; como se soubesse o que eu estava pensando e poderia pressentir exatamente onde minha cabeça estava.

— Mande uma mensagem para Cindy mais cedo — falei, mudando o assunto. — Vou voltar aos meus turnos de sempre na segunda.

— Você não precisa fazer isso. Ainda não.

— Sim, preciso. — Precisava me manter ocupada, sem contar o fato que precisava de cada centavo que poderia conseguir.

— Você não vai me escutar quando dizer que meus pais não querem seu dinheiro, vai?

— Nope. — Tirei um pedaço do brownie e coloquei na boca.

— Pensou mais sobre a faculdade?

— Jesus, Lil, se soubesse que isso se transformaria na inquisição espanhola, teria ficado em casa.

Casa.

As palavras me acertaram direto no peito. A casa dos Ford era mesmo minha casa agora? Acho que não era como se tivesse outro lugar para chamar de meu. Antes, quando ficara com eles sempre pareceu temporário. Apesar de não gostar muito da ideia de ficar sozinha com minha mãe, ainda era minha casa, meu quarto... meu lugar.

Por mais bem-vinda que os pais de Lily me fizessem sentir, estava bem ciente do fato que era uma convidada. Uma forasteira olhando para dentro. Estava grata, tão grata, mas não podia negar que estar ali com eles também era um lembrete permanente de tudo que nunca tive e nunca teria.

— Desculpa. — Ela me deu um sorriso de desculpas. — Só não gosto de ver você tão... triste.

— Não estou triste, *babe*. Eu só... honestamente, não sei o que estou. Mas vou ficar bem. — Ali estava aquela palavra de novo. — Depois que voltar para a lanchonete e acabar com esse semestre, tenho certeza que me sentirei mais como minha antiga eu.

Era uma mentira. Aquela garota – a garota que costumava ser – morrera junto com a mãe. Ou talvez tenha se afogado no Rio Susquehanna. De qualquer jeito, ela desapareceu, e tudo era diferente agora.

Eu era diferente.

Se alguém podia entender, era a Lily. Mas todas as vezes que pensava em me abrir para ela, confessar meus segredos mais profundos e sombrios, algo me segurava. Ela já passara por tanta coisa que não precisava que a fardasse com meus problemas. Não quando enfim chegara em um bom lugar.

Não, eu não faria isso com ela.

— Não posso acreditar que é quase o final de ano. — Ela passou o polegar pela caneca de chocolate quente. Algo brilhou em seus olhos e tive a sensação que ela estava escondendo alguma coisa.

— Lily... — Esperei.

— Kaiden quer viajar no feriado... tipo juntos.

— Uau, isso é importante.

— Eu sei, né? Quero dizer, não falei com minha mãe e pai ainda, porque né, meu pai mal aceitou que estou namorando.

— Seu pai ama Kaiden.

— Sim, mas ele vai amar que me leve para uma viagem romântica em uma cabana? Uma cabana, Peyton.

— Parece adorável. — Meu peito apertou.

— Talvez poderíamos transformar isso em algo em grupo? Ele ficaria mais ameno se soubesse que todos iríamos.

— Não sei se é isso que Kaiden tem em mente.

— Não, você está certa. Ele falou que depois da noite passada, passar tempo juntos desse jeito, quer mais. — Um sorriso ergueu o canto da boca dela, fazendo seu rosto inteiro se iluminar.

— Deus, vocês dois são nojentos — provoquei.

— Desculpa. — Ela fez beicinho. — Não quero ser. Mas tudo isso é tão novo e excitante e assustador... Deus, é aterrorizante.

— Lil, respire — falei, respirando fundo, esperando que me copiaria. Ela o fez, assentindo enquanto inalava e exalava. — Melhorou? — perguntei.

— Sim, obrigada. Aposto que você pensa que sou...

— Por favor. Você sabe que nunca a julguei... por nada. Isso é uma coisa boa, babe. Faltam apenas uns meses antes de vocês irem para a faculdade juntos.

— Se eu entrar.

— Vai entrar. — Lily planejava ir para a Universidade de Pittsburgh enquanto Kaiden se comprometera com Penn State. Era apenas algumas horas de carro, mas fariam dar certo. Não tinha nenhuma dúvida disso.

— Então você acha que deveria dizer sim... para a cabana?

— Dãn, sim!

A risada suave dela preencheu o espaço entre nós.

— Estou tão feliz que tenho você para falar de todas essas coisas.

— Você também tem Ashleigh, e Poppy.

— Sim, mas não é o mesmo. — Lily deu um sorriso para mim. — Mal posso esperar até você conhecer seu cara e podermos ir em um encontro duplo.

— Meu cara? — refutei.

— É, quero dizer, sei que você não gosta de Bryan desse jeito, mas não significa que não existe alguém no mundo para você.

O rosto de Xander encheu minha cabeça. O jeito que ele olhara para mim ontem à noite no terraço do telhado. Teve um momento, quando nossos olhos colidiram, e o ar estalou ao nosso redor. Mas afastei esses pensamentos. Qualquer compreensão que pensei que existisse entre nós era claramente um erro de julgamento da minha parte. Ele deixara isso bem claro.

— O que é? — Lily perguntou. — Qual é o problema?

— Nada — sorri com a mentira —, nada mesmo.

— Certo, vamos repassar as regras — Jason falou, os braços cruzados sobre o peito conforme observava nós três.

— Sério, pai, é só uma pequena reunião. — Poppy deu a ele seu melhor olhar pidonho. — Pode confiar em nós.

— Não é em vocês que não confio, são os garotos... — A sobranalha dele se ergueu.

— É só Kaiden e os amigos, e Aaron e Cole.

— Parece rapazes demais para o meu gosto. Talvez devêssemos repensar isso.

— Não vamos repensar nada. — Felicity entrou no quarto. Ela estava deslumbrante com um vestido preto até o joelho. — Não saímos há uma eternidade. Nós precisamos disso. — Colocando a mão na bochecha do marido, deu-lhe um beijo leve. — As garotas sabem as regras, assim como os garotos.

— Mamãe está certa, pai. Vocês merecem uma noite de liberdade. Vocês trabalham tão duro. — Poppy deu uma risadinha.

— Comam, bebam, sejam felizes, e não corram para casa.

— Cuidado, mocinha. — Apontou um dedo para ela. — Ou vou chamar a vizinha e pedir para vir e ficar de olho em todas vocês.

Ela arfou.

— Você não faria isso.

— É um desafio?

— Jase. — Felicity revirou os olhos. — Precisamos ir embora ou vamos perder a reserva.

— Vai — Lily acrescentou. — Ficaremos bem. Vocês não precisam se preocupar.

Jason grunhiu, deixando a esposa o empurrar na direção da porta.

— Nada de fumar em casa — ele falou por cima do ombro —, nada de álcool, e, com certeza, nada de sexo.

— Ah, meu Deus — Lily suspirou, os olhos arregalados e a pele corada. Poppy por outro lado estava rindo.

O clique da porta da frente indicava que eles tinham ido embora, e Poppy soltou um suspiro pesado.

— Eu pensei que eles nunca fossem ir embora.

— Que horas os caras estarão aqui? — perguntei para elas, tentando parecer entusiasmada. A verdade era, eu não queria nada além de voltar para o meu quarto e ficar lá. Mas sabia que se fizesse isso, só resultaria em mais perguntas. Ou Bryan fazer algo estúpido como ir me fazer companhia.

Então aqui estava, dando um sorriso e fingindo que tudo estava bem.

— Ashleigh vai buscar Sofia, Aaron e Cole agora, e Kaiden e os rapazes estão a caminho.

— Não posso acreditar que papai caiu nessa — Poppy falou, pegando as tigelas do armário e as enchendo com salgadinhos. Felicity não economizou, comprando todo tipo de batata e molho que existia. Também tinha pizza, e um montão de doces.

Era fofo, ainda que fosse um pouco exagerado. Mas era uma grande ocasião para as irmãs Ford e o pai superprotetor.

— Tenho quase certeza que ele instalou algumas câmeras para que possa ver exatamente o que estamos aprontando.

— Deus, espero que não. — Poppy parecia horrorizada. — Falei para Ashleigh e Sofia trazerem algumas bebidas.

— Poppy! Papai vai...

— Nunca vai saber. Além do mais, não é como se fôssemos nos embebedar. — Ela deu de ombros.

— Tá bom.

— Como se você não fosse estar distraída com Kaiden. — Poppy mostrou a língua para a irmã, e abafei uma risada. Ela era tão diferente de Lily; aventureira e disposta a pressionar os limites. Jason ia precisar ralar quando se tratava de Poppy. Eu só não estava certa se ele já sabia.

Peguei uma tigela de batatas e um refrigerante e fui para o sofá do lado oposto da sala, deixando Lily para tranquilizar a irmã que poderia ficar perto de Kaiden sem se comerem.

Era óbvio que ela subestimava o quanto eles faziam demonstrações públicas de afeto, mas nenhum de nós se importava, de verdade. Lily passou tempo demais vivendo nas sombras. Era bom enfim vê-la sair da sua zona de conforto e viver.

Era meio irônico que quando ela se encontrou, eu me perdi.

Alguns minutos mais tarde, a campainha tocou e vozes encheram o corredor.

— Myers, abra espaço. — Bryan apareceu na porta, sorrindo. Revirando os olhos, me mexi e ele pulou no sofá. Os outros entraram atrás dele. Normalmente, a risada deles era contagiante, mas dessa vez não ajudava a aliviar o incomodo na minha barriga.

— Ei. — Bryan me cutucou. — Você está bem?

Ele me perguntara a mesma coisa, aquela manhã no hotel. Podia ler nas entrelinhas – queria saber por que não me juntei a festa deles. Mas falara para ele aquele dia o que disse agora.

— Estou bem.

Apesar de não estar.

Nem um pouco.

No segundo que todo mundo foi embora, e Lily e Poppy foram para a cama, coloquei o moletom e o tênis, e saí da casa na calada da noite. Fora difícil, fingir sorrir e rir e apenas *estar* com eles. Sempre odiei ficar sozinha. Isso me lembrava de estar presa no quarto enquanto minha mãe *recebia* os amigos homens e depois ficava chapada.

Afastei os pensamentos enquanto ia até o rio. No segundo que apareceu, eu o vi, deitado no mesmo lugar onde o encontrei na outra noite. Parte de mim sabia que deveria me virar e ir embora, mas acho que não tinha mais pensamentos racionais quando se tratava de Xander, porque minhas pernas me carregaram na sua direção.

— Peyton? — Ele olhou para mim, as sobrancelhas unidas em confusão. — Você está mesmo aqui?

— O quê? — Franzi o cenho, depois compreendi. Ele estava bêbado. — Posso ir embora. — Rodopiando, fui sair, mas a voz dele me parou.

— Espera.

— Sim? — Olhei para trás.

Xander se apoiou nos cotovelos, me analisando.

— Por que você está aqui?

— Pelo mesmo motivo que você — sussurrei.

Ele assentiu, dando tapinhas no lugar ao seu lado. Queria acreditar que ele estava mostrando bandeira branca depois da outra noite, mas estava bêbado. Provavelmente não sabia o que diabos estava fazendo.

Meu estômago afundou, mas ainda me sentei ao seu lado. Não podia evitar.

— Fui para um bar esta noite. — Ele voltou a deitar, olhando para o céu escuro. — Tinha essa mulher loira...

— Não tenho certeza...

— Eu não fiz nada. Mas ela me lembrava de você. Porra, por que ela me lembrava de você?

— E-eu não sei — suspirei, meu coração apertando com suas palavras.

Também me deitei, olhando direto para ele. Seus olhos estavam fechados, a testa enrugada, e a mandíbula apertada.

— Xander?

— Sim? — Os olhos dele se abriram conforme se virava para olhar para mim.

O ar ficou denso à nossa volta. A conexão estranha entre nós ficando tensa. Eu me perguntava se ele também sentia isso. Se sentia, não disse nada. Ele apenas olhou para mim. *Por* mim.

— No que você está pensando? — perguntei.

— Naquela noite... tirá-la do rio.

Ah Deus. Eu não queria falar disso. Não podia. Não outra vez.

— Eu a salvei — falou baixo. Uma estranha reverência em sua voz. — Mas não pude salvá-la.

— Quem?

— Minha mãe. — Os olhos dele se fecharam outra vez conforme seu peito inflava com uma respiração profunda.

Meu coração acelerou enquanto ficávamos sentados ali, ombro a ombro. Estiquei um pouco os dedos, roçando na mão de Xander. Não tive intenção, mas quando o senti, foi quase impossível recuar. Mas precisava fazer isso antes que ele percebesse. Puxando-os de volta, não esperei que ele pegasse minha mão.

Os olhos cinza-escuros dele se abriram outra vez.

— Você é tão forte — sussurrou, fechando os dedos em volta dos meus. — Minha mãe morreu há anos e ainda não superei. Acho que nunca vou superar.

— Eu... não é a mesma coisa — soltei as palavras sobre o nó na minha garganta. — Minha mãe não me amava, não me queria por perto. — Dor lampejou por mim.

Depois foi como se café puro tivesse atingido o organismo de Xander, deixando-o sóbrio. Ele afastou os dedos dos meus.

— Você não deveria estar aqui. — A expressão dele ficou tensa.

— Eu sei.

— Deveria ir — acrescentou, os olhos abaixando para minha boca. Calor desabrochou na minha barriga, um friozinho farfalhando ali.

— Xander, eu...

— Vai — vociferou, levantando com tudo, afundando as mãos no rosto. — Apenas saia daqui.

Eu me levantei atrapalhada.

— Você quer mesmo que eu vá embora?

— Sim — saiu rouco —, antes que eu faça algo que vá me arrepender.

— Tá bom — sibilei —, mas também deveria tentar ir para casa, antes que pegue no sono aqui e seja assaltado ou algo assim. — Eu me forcei a me afastar dele, e subi de volta pela encosta, quase certa que ouvi a voz dele no vento.

— Não deveria se importar comigo, Peyton. Só vou decepcioná-la.

CHAPTER 10

XANDER

ACORDEI com uma batida latejante na cabeça. Com olhos embaçados, me apoiei em um cotovelo e respirei fundo.

Porra.

Meu crânio parecia que iria explodir, e no segundo que meus olhos pousaram na garrafa de uísque vazia, meu estômago revirou. Afastando o lençol, levantei cambaleante e passei a mão pelo cabelo bagunçado. Estava uma maldita bagunça. Mal podia me lembrar de voltar para casa a noite passada.

Tinha uma loira no bar. Uma alta e magrinha que ficara do meu lado mesmo depois de insistir não estar procurando companhia. Ela se ofereceu para garantir que chegasse bem em casa... e disse a ela para dar o fora.

Não foi meu melhor momento.

Mas ela me lembrava de Peyton. Toda olhos arregalados e sedutora.

O que diabos eu estava dizendo?

Peyton não era sedutora, ela era... uma criança.

Só que ela não era.

E esse era o problema.

Não podia tirar a imagem dela no beiral do terraço do telhado da cabeça. Meu coração pulou para fora do peito quando subira ali. Mas foram suas palavras de despedida que se embrenharam sob minha pele.

Não quero nada de você, Xander. Não sou tola para pensar que você me veria como algo além do que sou, mas só pensei... pensei que talvez você entendesse. Que talvez você compreendesse.

Não deveria ter importado – não importava que ela pensava tão pouco de mim.

Mas importava.

O dia inteiro, repassara aquelas palavras na cabeça até que precisara tirá-las da cabeça. E o único jeito que sabia como fazer isso envolvia uma dose infinita de uísque com gelo.

Mal podia me lembrar de sair do bar. Eu vim direto para cá? Não, isso não parecia certo. Eu fora... porra, fora para o rio e ela estivera lá.

Peyton estivera lá.

Conversamos... nós... Não, nem podia pensar sobre *isso*.

Jesus. Balancei a cabeça conforme entrava no meu pequeno banheiro. Era uma maldita bagunça, e tudo por causa de uma garota de dezessete anos no ensino médio.

O que isso dizia sobre mim?

Sobre o tipo de cara que eu era?

Se Jase ou Cam pudessem me ver agora...

Quem diabos estava enganando? Eles – principalmente Cam – esperariam algo assim de mim. Afinal, eu era o Xander Chase, o cara que sempre errava e sabotava qualquer chance que tinha de mudar sua vida.

Era um milagre que não havia atrapalhado as chances do time ainda. Mas parte de mim gostava de trabalhar com os garotos. O técnico Huckley era um babaca taciturno, mas todo o resto era legal; e não sei, meio que parecia o final de um ciclo.

Sabia que abria mão da minha chance quando estava na escola, mas talvez ao ajudar o time, ajudar Kaiden, estivesse pagando minha dívida de algum jeito.

Jogando água fria no rosto, eu me encarei no espelho. Parecia tão ruim quanto me sentia. Meus olhos estavam vermelhos e fundos. Sabia que se Cam pudesse me ver agora, teria uma coisa ou outra para dizer. Foi um dos motivos pelo qual parara de ir à casa dele para o café da manhã de domingo.

Mas não tinha como evitá-lo hoje.

Prometi para Jase que apareceria na casa dele hoje. Não importava o quanto não quisesse. Porque ela também estaria lá.

— Você parece uma bosta — Jase falou ao me receber em sua casa.

— Bom te ver também — resmunguei.

— O que diabos aconteceu com você?

— Me deixa adivinhar. — Cameron apareceu, apoiando-se no batente da porta. — Noite pesada no Bell?

— Algo assim. — Passando a mão sobre o queixo, encontrei o olhar firme do meu irmão, desejando não ter feito isso na mesma hora.

A desaprovação em seus olhos era quase demais para aguentar. Deveria estar acostumado com isso a essa altura, mas nunca ficava mais fácil.

— Vem — Jase disse, me batendo no ombro. — Você vai precisar de um café forte para sobreviver ao dia.

Ele não estava errado. A casa estava cheia de pessoas, o barulho latejando contra minha cabeça sensível. Passamos pela sala de estar, e vi minha sobrinha, Ashleigh, com as garotas Ford, sentadas com Aaron e Sofia Bennet.

— Ei, tio Xan. — Ela me viu. — O que aconteceu com você?

— É, treinador. — Aaron sorriu. — Não parece muito bem.

— Ainda faria você comer poeira.

Nesse momento, a campainha tocou. Jase parou.

— Esse é o Kaiden. Vai encontrar um pouco de café e Advil.

— Sim — murmurei, seguindo Cameron para a cozinha.

— Preciso me preocupar? — perguntou, analisando meu rosto.

— Relaxa, foi para extravasar. Estou bem.

— Quantas vezes eu ouvi...

— Falei que estou bem — sibilei, fazendo linha reta até a cafeteira.

Fee se aproximou e cutucou meu ombro.

— Ei, está tudo bem?

— Como eu disse, estou bem.

— Sim, mas você sabe como “estou bem” soa. Soa muito como “não estou bem”. — A expressão dela suavizou, mas vi a preocupação ali.

— Foi uma noite difícil.

— Quer falar sobre isso?

— Não muito. — Meu peito apertou. Tenho certeza que ela adoraria ouvir tudo sobre como passei um tempo com a melhor amiga adolescente da sua filha.

— Bom, estou feliz que você está aqui. Todos somos. Você é parte desta família quer queira ou não.

Meus lábios se abriram, mas nenhuma palavra saiu. Que porra tinha para dizer? Só estava aqui porque Jase – meu chefe – praticamente exigira.

Mas aí Peyton apareceu na porta como um anjo enviado do paraíso e sabia que estava mentindo para mim mesmo.

Não estava aqui apenas pelo Jase.

E era exatamente por isso que deveria ter ficado longe.

— Ei, querida — Hailee disse. — Como você está?

— Estou bem, obrigada, Sra. Chase.

— Peyton — minha cunhada riu. — Quantas vezes preciso dizer para me chamar de Hailee?

— Desculpa. — O olhar dela passou direto por mim. Ela ergueu o queixo imperceptivelmente, mas percebi. Parecia um soco no estômago. Ela estava puta... e a sua raiva era toda dirigida a mim.

Não a culpava – fui um babaca com ela no terraço do telhado, e ontem a noite no rio. Mas essa coisa entre ela e eu, era um território perigoso. Confuso e inesperado. E queria acreditar que era só porque a salvara... mas não estava mais tão certo.

Ela pousou os olhos na Fee e disse:

— Só queria pegar algo para beber.

— Claro. — Fee me empurrou pelo corredor para dar espaço para Peyton abrir a geladeira.

— Precisa de mais alguma coisa?

— Estou bem, obrigada.

O ar ficou denso com tensão. Não sabia se era ela e eu, ou ela e todo mundo. Mas a presença dela mudava as coisas.

Quando ela desapareceu da cozinha, todo mundo pareceu respirar.

— Como ela está? — Hailee perguntou. — Parecia bem no jogo.

— Queria saber. Ela ficou tão boa em criar barreiras. Fala que está bem, mas como pode estar depois... Deus, nem posso imaginar.

— Ela tem sorte de ter você e Jase — Hailee acrescentou.

— Tem? — Os ombros de Fee se curvaram. — Porque alguns dias, parece que não fazemos ideia de como conversar com ela.

— Ela passou por muita coisa. Vai demorar.

Meus olhos foram para a porta, mas Peyton desapareceu. Sabia em primeira mão que não era tão simples quanto Hailee fazia parecer. Eu tinha pessoas presentes para mim, mas não me impediu de perder o controle.

Merda, talvez devesse abrir o jogo com Jase a respeito de tudo. Mas a última coisa que queria era dificultar mais as coisas para ela. Para todos eles.

— Preciso de um cigarro — falei, pegando a caneca de café e indo para a porta dos fundos. O ar frígido ardeu quando respirei fundo, mas gostava da dor. Colocando a caneca em uma superfície, acendi um cigarro e traguei a fumaça.

Não fiquei nada surpreso quando Cameron me seguiu para fora.

— Não preciso de uma babá — disse entredentes.

— Merda, Xan, não foi isso... Como você está?

— Como eu disse, estou bem.

— Sei que as coisas têm estado estranhas entre nós, mas você sempre pode me procurar...

— Engraçado. — Arqueei uma sobrancelha para ele. — Porque eu o procurar foi exatamente o que nos trouxe até aqui.

— Isso não é justo e você sabe. Você é grandinho. Tem responsabilidades. Não pode continuar a levar a vida sem um plano. Mamãe e papai iriam...

— Não, tá bom? Só, não.

Não queria ouvir sobre o fracasso que eu era, o que nossos pais pensariam de mim se ainda estivessem aqui. Ouvira isso o suficiente ao longo dos anos.

Dando uma longa tragada do cigarro, coloquei a bunda no chão e arrastei a bota nele.

— Deveria largar essa merda.

— Isso me acalma.

— Posso pensar em um punhado de jeitos produtivos de fazer isso. — Cameron sorriu. — Como talvez encontrar uma mulher...

— Você está me dando conselhos sobre sexo agora?

— Isso não é... vai se foder. — Um sorriso leve foi traçado em seus lábios. — Estou feliz que veio. Todos estamos. — Cameron se virou para ir embora, mas colocou a mão no meu ombro no último

segundo. — Não importa o que aconteça entre nós, você sempre será parte desta família, Xander. Espero que saiba disso.

As palavras dele permaneceram comigo muito tempo depois dele voltar para dentro. Sabia que tinha boas intenções; sempre teve. Mas Cameron não sabia como era se sentir inadequado, se sentir completamente sozinho em um lugar cheio de pessoas. Porque ele nunca estivera sozinho, não de verdade. Ele sempre tivera Jase e Asher, e depois Hailee apareceu e se enraizou ao seu lado. Cameron pode ter vivido pela morte da nossa mãe e depois o acidente do meu pai, mas ele não fizera isso sozinho.

Então ele nunca entenderia como era estar no meu lugar.

Com três famílias abarrotadas na casa dos Ford, não tinha onde me esconder. Fee e Jase cobriram a ilha com papel alumínio para fazer uma mesa enorme de nachos. O cheiro era tão bom que nem mesmo minha ressaca poderia me impedir de atacar.

— Acho que morri e fui para o céu — Aaron gemeu com a boca cheia de nachos de carne.

— É bom, né? — Poppy disse. — Ajudei mamãe a fazer. — Ela abriu um sorriso largo.

— Vem, Peyton, vem até aqui e coma alguma coisa — Jase disse, se afastando para abrir espaço para ela.

— Ah, não estou com fome. Mas obrigada, Sr. Ford.

A mandíbula dele contraiu, mas Fee lhe deu um olhar de aviso e um pequeno aceno de cabeça. Olhei de volta para Peyton. Parecia tão pequena enrolada no sofá, rolando a tela do telefone. Se sentia que a observava, não olhou para cima.

— Ei, treinador — Kaiden disse, e Jase e eu olhamos para ele. Ele sorriu. — Treinador Chase.

Jase revirou os olhos.

— Não se esqueça de quem ensinou tudo o que você sabe, garoto.

— Com ciúmes, treinador? — A oportunidade de provocá-lo era boa demais, e abafei um sorriso.

— Ei, também ensinei tudo o que você sabe, Xan.

— Ele está certo — Asher acrescentou.

— Talvez vocês dois deveriam se encarar? — Aaron sugeriu. — Agora esse é um embate que pagaria para ver.

— Nah, o Técnico Ford é velho demais para correr com os garotos esses dias. Não é, Jase? — Risada ressoou no meu peito. Parecia estranho ficar parado aqui, falando besteira com ele, Kaiden e Aaron.

Mas parte de mim gostava. Gostava da sensação de ser parte de alguma coisa.

Porra. Quando isso aconteceu?

Cameron encontrou meu olhar, e algo passou entre nós. Os olhos dele tinham um brilho de alívio, de esperança. Mas não quis pensar nisso. Só porque estava aqui, rindo e brincando como se fosse um deles, não mudava o fato que não era.

— E aí, Kaiden? — perguntei, tentando quebrar a tensão que pousou sobre nós.

— Por que você não foi para a faculdade? Quero dizer, era bom, todo mundo fala que era. Vi seus recordes de escola. Poderia ter jogado em qualquer...

— Kaiden. — Jase balançou a cabeça, movendo o olhar, cheio de preocupação, para o meu.

O silêncio era ensurdecedor enquanto todos os olhos se viraram para mim. Porra, parecia que as paredes estavam se fechando ao meu redor, o ar sendo tirado da sala.

— Desculpa — Kaiden tagarelou —, não deveria ter dito nada.

— Não tem problema — menti. — Era jovem e tolo. — Engoli pelo nó na minha garganta. — E algumas vezes merdas acontecem.

Encontrei meu irmão do outro lado da cozinha. Estava preso no lugar, me observando. Tinha tanto deixado sem dizer entre nós. Tanto que nunca contaria para ele. Tanto que não podia contar para ele.

— Preciso de um cigarro — falei, indo para a porta.

— Vou com você — Cameron ofereceu, mas o prendi com um olhar firme.

— Não, fique. — Esfreguei o queixo, minha pele parecia tensa demais para meu corpo. — Apenas preciso de um pouco de ar.

Sem outra palavra, escapuli para fora; mas não fiquei perto da casa, saí na direção do lago.

Queria ficar sozinho. Precisava ficar sozinho. Era difícil explicar que passara a desejar a coisa que sempre me ressentia.

Por tanto tempo, me sentira solitário. Sentira como se fosse eu contra o mundo. De volta na escola, teria dado qualquer coisa para ter um amigo, um amigo de verdade que me entendia. Que me compreendia. Mas isso nunca aconteceu. Eu tinha amigos, claro. Estava sempre cercado de pessoas que queriam Xander o jogador de futebol estrela. Garotas que queriam um pedaço de mim e caras que queriam festejar comigo. Mas ninguém queria me *conhecer*. E talvez fosse minha culpa. Talvez fosse intenso demais, cauteloso demais, inatingível.

Passando uma mão pelo rosto, soltei um suspiro controlado. Não queria um passeio pela memória. Tudo o que queria era terminar a temporada com o time e me preocupar com o resto mais tarde.

As árvores criavam um arco natural até o lago. Era reservado aqui embaixo, silencioso e fora de vista da casa. Era o lugar perfeito para se perder.

Mas no segundo que saí do meio das árvores, percebi que não estava sozinho.

CHAPTER 11

PEYTON

SENTI o Xander antes de o ver.

Mas sabia que não estava aqui por mim. Por que estaria?

— Desculpa — falei, erguendo o olhar para o dele —, já vou. —
Desviando o olhar, fui desviar dele, mas pegou meu pulso, fazendo pequenos choques passarem por mim.

— Fique.

Nossos olhos colidiram, e o ar foi tirado dos meus pulmões.

— Você estava certa — falou tão baixo que mal o ouvi. —
Entendi.

As palavras dele não deveriam ter me afetado tanto quanto fizeram, mas o alívio foi instantâneo. Como se um peso tivesse sido tirado dos meus ombros.

— É por isso que você está se escondendo aqui? — Semicerrei os olhos.

Xander soltou um suspiro pesado, passando a mão sobre a mandíbula. Estava coberta por barba por fazer, mas combinava com ele. Nunca beijei um cara com barba antes, e não podia evitar me perguntar como seria.

— É difícil fingir o tempo todo. — Os olhos dele foram para minha boca e subiram outra vez, e queria tanto saber o que ele estava pensando. — Qual é a sua desculpa? — O canto da boca dele se inclinou.

— Apenas precisava de um pouco de ar.

— Nem mesmo vi você sair.

— Usei a porta da frente e contornei pelo portão dos fundos.

— Furtiva.

— Menos perguntas. — Dei de ombros. — Quer sentar? —
Minha mão foi para o espaço ao meu lado no banco. Era velho e caquético, mas firme o bastante.

— Preciso fumar. — Xander já estava pegando o maço.

— Não ligo.

As sobrancelhas dele se uniram enquanto me analisava.

— Tem certeza?

— Sim, minha mãe fumava. — Não acrescentei que raramente era tabaco.

— Minha mãe sempre odiou. — Xander sentou-se e não pude evitar perceber como estava na beirada do banco, mantenho uma distância respeitosa entre nós, diferente da noite passada. — Ou pelo menos, é o que Cameron costumava me dizer. Ele me contou essa história uma vez, de como meu pai chegou em casa uma noite fedendo a charutos e ela o fez dormir no porão por duas noites seguidas até conseguir tirar completamente o cheiro dele.

Observei enquanto ele colocava o cigarro entre os lábios e acendia a ponta. Não gostava muito do cheiro, mas também não odiava, e não tinha como negar que tinha algo seu no jeito que ele o acariciava com a boca.

— Peyton? — A voz de Xander me tirou dos meus pensamentos, e minhas bochechas arderam.

— Eu... hm, nunca provei. Fiquei chapada algumas vezes, mas não gostei.

— Nunca deixe que Jase escute você dizer isso. Se pensasse que estava corrompendo Poppy e Lily...

— Você conheceu Lily? Ela nunca faria isso. Mas não tenho certeza quanto a Poppy. — Eu ri.

— Sim, ela tem aquele brilho no olho. Algo me diz que Jase vai ter trabalho com ela ao longo dos próximos anos.

— Ela está ocupada demais com a paixonite no Aaron para se meter em muitos problemas.

— Você também percebeu isso, é?

— Acha que é discreta, mas não está enganando ninguém. Todo mundo menos o Aaron pode ver o jeito que ela olha para ele.

— Ele vai descobrir.

— Uau... — Lutei contra um sorriso.

— O quê? — Xander deu mais uma tragada no cigarro e depois apagou no banco antes de o jogar no matagal.

— Conseguimos manter uma conversa sem as coisas ficarem estranhas. Acho que é a primeira vez para nós.

— Peyton, eu...

— Não, não diga nada. O que seja, apenas não. Me deixe ter isso, *por favor*.

Ele me olhou por um segundo e depois soltou um suspiro resignado.

— Posso fazer isso.

Xander se inclinou para trás no banco e olhou para o lago. A água brilhava sob o sol evanescente do inverno. Estava congelando aqui fora, mas gostava do ardor do vento gélido. Mantinha-me alerta, afastando alguns dos pesadelos rodopiando na minha mente.

— Posso te perguntar uma coisa? — falei.

Os olhos cinza-prateados dele foram para os meus.

— Depende do que você quer saber.

— Por que você não foi para a faculdade?

— Indo direto ao ponto, hm? — O rosto dele era uma máscara de indiferença mesmo as palavras saindo tensas.

— Você não precisa responder. — Ele não respondera Kaiden mais cedo, então fazia sentido que provavelmente não iria querer me contar. — Ouvi o que Kaiden disse. Você era bom. Melhor do que bom.

— Algum dia você quis tanto algo que não pode pensar em mais nada? Isso consume seus pensamentos. Se torna tudo para você. Porque você acha, não, você sabe, que se conseguir fazer com que aconteça vai consertar tudo? — Xander inalou uma respiração entrecortada. — Mas acontece, que quando você chega lá, quando está no topo e o que você queria tanto está ao seu alcance, tem esse momento de puro pânico. E se você não alcançar as expectativas de todo mundo? E se não o consertar? E se isso não for o que você quer? Futebol era minha saída. Era meu bilhete dourado para longe de Rixon, longe de todas as memórias ruins. Era uma chance para eu escapar. E estava bem ali... tão perto que quase poderia tocar.

Ele passou a mão pelo rosto, dor exalando dele. Lutei contra a vontade de esticar o braço para ele, para oferecer conforto. Porque sabia que não aceitaria ou apreciaria.

— Fiquei bêbado duas noites antes do jogo final. Destruí o carro a caminho de casa e acabei no hospital com a clavícula quebrada. Poderia ter sido pior. Os médicos disseram que se estivesse indo mais rápido, provavelmente não teria sobrevivido.

— Ah, meu Deus — suspirei, o peso da sua confissão como uma pedra no meu peito.

— Passei o final de semana no hospital enquanto os Raiders jogavam sem mim. Perderam o jogo, e perdi meus amigos, meu time... meu futuro. Sumiu, desse jeito.

— Sinto muito — falei porque o que mais poderia dizer?

Dor exalava do Xander, deixando o clima pesado ao nosso redor.

— Recusei as ofertas das faculdades depois disso. Cameron ficou furioso. Não falou comigo por quase um mês.

— Ele queria mais para você?

— Sim, mas aí que está... percebi deitado naquela cama de hospital que nunca quis isso por mim. Todos os anos que passei treinando e me esforçando, não era por mim... era por ele. Era para meus treinadores e a escola e o time. Nunca quis isso, além de ser um bilhete para fora de Rixon. Talvez devesse... Talvez eu... merda, não sei.

— Alguma vez se arrependeu?

Seus olhos desviaram para os meus.

— Me arrependo de muitas coisas, sim. Mas bem no fundo, não acho que a faculdade teria me feito feliz. Estava correndo atrás de um sonho que nunca fora meu para começar.

— Não sei se quero ir para faculdade — tagarelei.

— Não sei se sou a pessoa para aconselhá-la com isso. — Ele me deu um olhar incisivo, mas tinha o toque de um sorriso em seus lábios.

Gostava quando ele sorria. Era raro, algo para ser cobiçado. Por mais tolo que fosse, gostava que ele *me* dava seu sorriso. Sabia que não significava nada, mas ainda me fazia sentir especial.

— O que Jase e Fee pensam?

— Não conversei com eles sobre isso ainda. Parece estranho, sabe? Eles me acolheram, e tem sido tão bons... mas eu não quero ser um fardo.

— Peyton, eles não pensam isso. Não por um segundo.

— É, talvez. Mas sinto que preciso fazer um plano e encontrar um caminho para seguir. Tenho quase dezoito anos, e não tenho nada...

— Jase é um dos melhores caras que conheço. Vai fazer as coisas certas com você.

— Eu sei. Mas não deveria precisar. — Meu peito apertou. — Não sou responsabilidade dele.

— Só não tome nenhuma decisão precipitada sem conversar com eles — Xander falou.

— Não vou.

— Está ficando com frio? — acrescentou quando um tremor passou por mim.

— Não muito. Me acostumei. Passei bastante tempo aqui fora.

Uma sombra passou pelo seu rosto.

— Sei que passou por bastante coisa, mas é seu último ano. Você não tem uma segunda chance com isso. Confia em mim, eu sei.

— Por favor. — Olhei boquiaberta para ele. — Não aja como se pudesse me esquecer de tudo que aconteceu. Minha vida nunca foi fácil. Não cresci com uma família que me amava. Sempre fui ferozmente independente. Sempre... — Inalei uma respiração trêmula. — Sempre tive que me erguer acima das minhas circunstâncias ruins. E fiz isso porque sabia que merecia mais. Algo dentro de mim se recusava a aceitar que isso era meu destino. Mas encontrar ela daquele jeito... me mudou, Xander. Me mudou e agora não sei como me encontrar outra vez.

Lágrimas arderam o fundo dos meus olhos e engoli em seco. Não queria perder o controle, mas estava tão cansada de guardar tudo.

— Peyton, eu...

— Não tem problema. — Estiquei a mão, sem conseguir olhar para ele enquanto tentava desesperadamente secar as lágrimas silenciosas que escorriam pelas minhas bochechas. — Eu só preciso de um minuto.

Mas as palavras só me fizeram chorar mais.

— Ssh, vem cá. — Xander envolveu um braço ao meu redor e me puxou contra seu corpo. Sem pensar, virei as mãos no moletom dele, sorvendo o conforto que estava me oferecendo.

— Não chore — falou e a voz falhou. — Por favor, não chore.

— Eu só... por quê? Por que ela faria isso? — Era a pergunta que me assombrava.

Ela me odiava mesmo tanto assim?

— Sei que é difícil de acreditar, mas a dor e desespero, a decisão de... acabar com tudo. — Ele engasgou com as palavras. — Provavelmente tinha pouco a ver com como ela se sentia sobre você.

Ergui o rosto para o dele, inalando outra respiração trêmula.

— Essa é sua tentativa de me fazer sentir melhor? Porque você pode precisar melhorar sua abordagem. — O mais leve dos sorrisos moveu meus lábios.

Xander sorriu de volta, e a visão fez meu coração palpitar.

— Aqui está ela.

Não ousei perguntar a quem ele estava se referindo. Não queria acabar com o feitiço sob o qual estávamos.

Afaguei seu pescoço outra vez, inalando seu cheiro. Ele cheirava tão bem. Tão masculino e limpo. Antes que pudesse me impedir, meus lábios roçaram sua garganta. O corpo inteiro dele estremeceu, um gemido involuntário ressoando no seu peito. Sorri, sentindo um raio de confiança passar por mim conforme roçava os lábios em seu pescoço outra vez.

Xander ficou tenso.

— Peyton...

— Desculpa — sussurrei, minhas bochechas ardendo, sem saber o que falar ou fazer agora.

Não deveria ter feito isso.

Deus, não deveria ter...

— Ei — falou baixo, me afastando do seu peito. — Não tem problema.

— Não tem?

Calor desabrochou em meu peito, mas uma explosão repentina de emoção fez uma nova onda de lágrimas escorrer pelas minhas bochechas.

— Desculpa, sou uma bagunça.

— Não tem problema — repetiu, tirando o cabelo do meu rosto. Assenti, respirando fundo para me acalmar. — Melhorou? — Xander ainda me segurava, os olhos ainda fixos nos meus.

— Um pouco, obrigada.

Ele me deu um pequeno aceno antes de colocar uma distância apropriada entre nós.

Eu odiava isso.

Odiava como de repente sentia frio. Nos seus braços, me sentira acalentada e segura e amada.

Eu o havia beijado. Não tive intenção, mas a vontade de sentir o sabor da sua pele foi tão assoberbante que não pude conter.

— Desculpa, isso foi... porra. — Os lábios dele ficaram finos enquanto afundava o rosto nas mãos.

— Está tudo bem — sussurrei.

— Não, Peyton, não está. Tem uma centena de motivos pelos quais não está bem.

— Foi só um abraço, Xander. — Consegui dar o melhor sorriso falso que podia, apesar do fato que nós dois sabíamos que ele não estava falando do abraço. — Você não precisa ficar todo incomodado com isso.

Ele não parecia convencido, mas não me afastara e me repreendera. Isso tinha que significar alguma coisa, não?

— Me deixa adivinhar, vai voltar a me evitar agora? — Olhei para ele, mas estava encarando o lago.

Xander não me respondeu, mas bem no fundo, não esperava que o fizesse. O momento que havíamos acabado de compartilhar já era o sussurro de uma memória.

Tanto que me perguntava se tinha sonhado com isso.

Ele se levantou tenso, uma rajada de ar frio passando por mim.

— Deveria voltar para dentro.

— Acho que vou ficar aqui fora.

Ele enfim encontrou meu olhar outra vez, e o que vi fez um tremor passar por mim.

— Você é forte, Peyton — falou, embargado. — Nunca se esqueça disso.

E depois desapareceu.

— Peyton, vamos — Lily gritou.

— Estou indo. — Passei um pouco de gloss e espalhei nos lábios. Conferindo meu reflexo uma última vez, sorri para mim mesma.

E daí que talvez tenha exagerado um pouco, mas não tinha nada de errado em se esforçar um pouco.

Ah, quem diabos estava enganando?

Não podia parar de pensar sobre ontem. O jeito que Xander me segurou, se abriu para mim. O fato que não me afastara quando o beijei. Não de verdade. Ele estava um pouco hesitante, sim, mas não parecia muito irritado com isso.

Algo havia mudado entre a gente.

Sabia melhor do que ser levada por sonhos fantásticos de que poderia sentir o mesmo puxão que eu sentia quando estava com ele. Mas não queria que me visse como uma garota de escola com uma paixonite errada.

Compartilhamos algo, algo real. Um único momento onde nós dois abaixamos nossas proteções. Isso nunca acontecera comigo antes. Mas Xander conhecia a dor, sabia sobre luto, e como era estar do lado de fora olhando para dentro.

— Peyton!

Pegando a bolsa, corri para fora do quarto e desci as escadas.

— O que diabos demorou... — Ela olhou boquiaberta para mim.

— O que você está vestindo?

— O que você quer dizer?

— Você está... bonita, mas não é um pouco demais para a escola?

— É só jeans e um suéter, Lil. — Dei de ombros.

Ela me deu um olhar estranho.

— E seu cabelo e maquiagem?

— O quê, uma garota não pode se orgulhar de si agora?

Ela pode não ter gostado do esforço que fiz, mas com sorte Xander gostaria.

Eu me peguei procurando por ele. Sabia que era improvável que veria Xander pela escola já que ele passava a maior parte do tempo no vestiário ou no campo de futebol, mas não me impedia de esperar vê-lo.

— Vamos assistir o Kaiden depois da aula? — perguntei para Lily.

Ela olhou para cima das notas que estudava e franziu o cenho.

— O que deu em você?

— Nada. — Dei de ombros, batendo a caneta contra meus lábios. — É só uma pergunta.

— Você tem certeza? Parece... não sei, diferente.

— Por que coloquei um pouco de maquiagem?

— Não é só isso... — Ela revirou os olhos. — Não sei, é como se você...

— Jesus, Lil, é um crime ser feliz?

Porque eu estava. Tá bom, talvez feliz não descrevia bem o que me sentia, mas acordei me sentindo mais leve do que me senti há dias, e sabia que era tudo graças a um cara taciturno de olhos escuros que não podia parar de pensar nele.

— Por que tenho a sensação que você está aprontando alguma coisa?

— Paranoica demais? — Meus lábios se curvaram. — Pensei que ficaria feliz que me sinto mais como a antiga eu.

— Claro que estou, mas não tem problema em não estar bem, sabia.

A preocupação em seu olhar ameaçava socar um buraco direto pela minha determinação, mas me recusei a deixar.

Eu me sentia bem.

Enfim sentia como se as coisas pudessem ficar bem.

E talvez não deveria ter fixado tudo isso na conversa encorajadora do Xander ontem, mas ele fora o catalisador, ao menos.

Ainda assim, me repreendi em silêncio por procurar por ele na biblioteca. Não iria vê-lo aqui.

— Planejei ir — Lily acrescentou. — Mas você não precisa vir comigo. Eu entendo se...

— Quero ir. — Meus olhos passaram para o relógio na parede.
— Na verdade, está na hora. — Senti um friozinho na barriga com o pensamento de vê-lo.

Guardamos rápido nossas coisas e saímos, só para ser interceptada pelo Kaiden.

— Isso é uma surpresa — Lily disse, caindo nos seus braços. Ela se ergueu e o beijou.

— Não sabia que estava com Peyton. — Os olhos dele pousaram em mim, e me deu um sorriso fino.

— Desculpa, estou interrompendo alguma coisa?

— Claro que não. — Lily sorriu, mas Kaiden pareceu conflitante.

— Eu... hm, na verdade, esperava emprestar você por dez minutos antes do treino.

— O quê...

— Vai, não tem problema — falei, colocando meu capuz de lã. Estava frio hoje. Muito mais frio do que no final de semana. Eu me sentia como um marshmallow enterrado sob o casaco grosso.

— Você tem certeza? — Desculpas brilhavam em seus olhos.

— Sim, vou encontrar você nas arquibancadas.

— Certo. — Ela pegou a mão do Kaiden e abafou um sorriso nervoso. Eles estavam enjoativamente apaixonados. Era impossível não sentir uma pontada de ciúmes enquanto ele a levava embora.

Caminhei devagar na direção do campo de futebol. Eles não tinham muitos telespectadores quando era frio desse jeito, mas Lily não perdera um único treino desde que ela e Kaiden começaram a namorar. Quase chegara na virada para a arquibancada quando senti alguém se aproximar atrás de mim. Minha pele formigou com ciência e sabia que encontraria Xander quando me virasse.

Com certeza, meu olhar pousou nele conforme parava e me virava.

— Ora, olá. — Sorri, sem conseguir segurar mesmo que tentasse. — Você está atrasado. Não deixe o Técnico Ford saber que está relaxando no trabalho. — Risada suave escapou dos meus lábios, mas Xander não estava rindo. Na verdade, ele não parecia nada feliz de me ver.

Meu coração afundou.

— Xan...

— Não — sibilou. — Não me chame assim aqui. — O olhar firme dele passou ao nosso redor.

— Relaxa, ninguém mais está aqui. — Talvez não devesse achar tão adorável que ele estava preocupado em ser pego falando comigo, mas meu coração tolo já se grudara nisso. — Estou feliz que nos trombamos — falei, encontrando minha confiança. — Queria agradecê-lo por ontem.

Procurei seus olhos por um toque de emoção, mas não tinha nada. Xander usava uma máscara de indiferença, irritação até, que me gelou até o âmago apesar da temperatura já congelante.

— Eu preciso ir. — Passou uma mão pelo cabelo e foi desviar de mim.

— Espera. — Peguei o pulso dele. Irritação lampejou em seus olhos, o músculo na mandíbula contraindo enquanto levava o olhar escurecido para onde meus dedos esbeltos circulavam seu braço.

Eu o soltei na hora e dei um passo para trás com uma respiração trêmula. Esse não era o cara que se abriu para mim ontem. Não era o cara que me tirou do rio e salvou minha vida.

Estava claro que li errado toda a situação. *Porque você é uma garota tola sem experiência com caras tipo Xander.*

— M-me desculpe. — Rodopiando, sai pelo caminho de volta para o prédio principal. Xander não chamou por mim, pelo menos acho que não chamou. Era difícil escutar sobre o rugido de sangue nos meus ouvidos, as lágrimas ardendo meus olhos, o arame farpado da vergonha apertando o ar dos meus pulmões.

Procurando na minha bolsa, consegui pegar o telefone e mandar uma mensagem rápida para Lily que não me juntaria a ela afinal. Eu criara esse momento na minha cabeça o dia inteiro, me perdendo na fantasia de que, de algum jeito, quando enfim visse Xander, ele ficaria feliz por me ver. Que eu veria ao menos um lampejo de reconhecimento do que compartilhamos ontem.

Mas não tinha nada feliz no jeito que olhou para mim.

Compreendi, então, que ontem não fora um "momento". Não éramos iguais compartilhando nossas histórias. Xander sentira pena de mim. Ele ficara com dó de me despedaçar, e fizera o que qualquer pessoa normal faria. Ele me ofereceu conforto. Não porque estava compelido a isso, ou porque *queria*... mas porque era o que

se fazia quando alguém estava sofrendo. Você os confortava. Mas eu corrompera isso. Eu me grudara em como foi bom, como pareceu *certo* estar envolvida nos braços dele e me deixei acreditar que significava mais.

E quando ele não me repreendeu por beijá-lo, como uma tola e estúpida, me deixara acreditar que Xander se importava comigo.

CHAPTER 12

XANDER

OBSERVEI PEYTON se afastar apressada de mim, xingando baixo quando por fim desapareceu de vista.

Porra.

Não planejei machucá-la desse jeito, não outra vez. Mas vi o jeito que seus olhos se iluminaram quando se virou e me viu parado ali. O lampejo de esperança passar sobre seu rosto. Vi a camada a mais de maquiagem e a roupa justa sob o casaco, e não pude deixá-la continuar com isso. Não podia deixá-la pensar que ontem era algo mais do que eu oferecendo um pequeno ato de conforto.

Mesmo que meus olhos tenham se demorado nas suas curvas por um segundo a mais do que deveriam.

Não foi minha intenção esticar os braços para ela ontem, puxá-la em meus braços e tentar absorver sua dor como se fosse minha. Não tive intenção de passar o beijo como se não fosse importante. Como se ela não tivesse ultrapassado uma porra de um limite enorme. Mas ela me atraiu. Era homem o suficiente para admitir isso. Peyton me intrigava, e não só porque era linda e mais sábia do que sua pouca idade. Eram as sombras em seus olhos, a escuridão que tentava com tanta força esconder.

A verdade era que a porra da alma dela clamava pela minha. E ontem, cometi um deslize. Eu me permiti me aproximar. Mas era errado de tantas maneiras. Não estava lá, no lago, confortando-a do jeito que Jase ou Cam ou até mesmo Asher fariam. Como um adulto, uma figura paterna. Estava confortando ela como um amigo... algo mais do que um amigo. Alguém a quem me sentia atraído. E quando ela se afastou de mim e me olhou com lágrimas nos olhos, algo dentro de mim tinha se escancarado.

Ela me desarmou. Porque ela me fez me importar.

Uma garota de dezessete anos fez o que nenhuma outra mulher conseguiu antes.

Era fodido. Que a primeira pessoa por quem sentia alguma coisa de verdade – era completa e totalmente proibida.

— O que aconteceu com você? — Jase me perguntou no segundo que cheguei no vestiário.

— Problemas com carro. — Não era uma mentira completa. — Desculpa.

— Alguma coisa que eu posso ajudar?

— Nah, posso cuidar de um pneu furado. — Dei um sorriso e ele revirou os olhos.

— Vejo você no campo.

Com um aceno tenso, passei por ele e fui para o escritório dos técnicos assistentes, deixando minha mochila. Por sorte, Técnico Huckley não estava à vista. Não estava no clima de lidar com sua merda passivo agressiva depois da hora que acabei de passar tentando trazer minha caminhonete de merda de volta a vida.

Pendurei a jaqueta no suporte e passei a mão no rosto. Precisava me controlar. Era melhor que Peyton me odiasse do que acreditasse que poderia existir algo entre nós.

Quando saí, alguns retardatários ainda estavam no vestiário.

— O técnico espera vocês em campo agora — resmunguei, parando quando ouvi o nome da Peyton.

— Vai, Hughes, desembucha. Você e Peyton... o que está acontecendo?

Bryan riu.

— Já falei, cara, não beijo e conto.

— Todos nós sabemos que você correu para salvá-la quando Farrow a encurralou no jogo. É o herói dela. — O rapaz, um garoto chamado Sam, riu. — Mas a pergunta é, ela ficou de joelhos e agradeceu?

Minha coluna enrijeceu, mas não estava certo se era o jeito que Sam estava falando dela ou se era a ideia dela com Bryan... ou os dois.

Recuando alguns passos, coloquei a cabeça na parte das gaiolas do vestiário e falei: — Campo, agora.

— Merda, desculpa, treinador.

Saí pisando firme, mas não antes de ouvir Bryan dizer:

— Não fale dela desse jeito, tá bom?

Não fiquei para ouvir o resto. Bryan era protetor com ela, e parte de mim estava aliviado que alguém estava no time dela. Mas não

impedia o gosto ácido do ciúmes na minha língua.

No segundo que irrompi pelas portas e no ar frio, respirei fundo tentando apagar a imagem dela da minha mente. Mas meus olhos foram direto para as arquibancadas.

E apesar de saber que não a encontraria ali, ainda procurei por ela.

Peyton não me procurou outra vez. Ela não vinha com Lily assistir o time treinar, e na rara ocasião que me aventurava no refeitório da escola para pegar almoço, nunca a vi.

Eu me disse que era melhor assim, que era assim que tinha que ser. Mas não podia me livrar da sensação que tinha errado de alguma forma. Mas tínhamos um jogo pela frente, então não tinha tempo para me distrair.

Menos ainda por uma garota tão fora de alcance, tão proibida, que mesmo me deixar pensar nela me fazia sentir um tarado.

A semifinal contra Limmington High era no sábado em Harrisburg. Era apenas uma curta viagem de ônibus, e já que havíamos sorteado o jogo da tarde, não tinha dúvidas que teriam grandes comemorações ou comiserações na noite de sábado. Era tudo o que os rapazes falavam no vestiário antes e depois do treino.

Quando chegou a manhã de sexta, todo mundo estava sentindo a pressão, até mesmo eu. Saí do carro e analisei o estacionamento da escola, na hora me repreendendo por procurar por ela. Como se o universo tivesse escutado minha prece, eu a encontrei do outro lado do terreno. Mas ela não estava sozinha. Aquele babaca do Sean Farrow a estava encurralando contra a parede, a mão dele pressionada na parede ao lado da cabeça da Peyton enquanto se aproximava e sussurrava algo para ela.

Antes que soubesse o que estava fazendo, fui na direção deles, raiva passando por mim.

— Bom dia, treinador — uma voz chamou, e olhei para encontrar Bryan vindo na minha direção. — O que... filho da puta — sibilou baixo. — Preciso ir, vejo você no treino. — Ele saiu, correndo na

direção deles e foi o suficiente para me tirar do transe no qual me encontrava.

O que caralho estava pensando? Aproximar-me deles – *dela* – desse jeito?

Acho que poderia ter usado a desculpa de funcionário, mas ainda assim era arriscado. Farrow não estava fazendo nada que Peyton não parecesse estar gostando. Na verdade, no segundo que Bryan os alcançou, ela parecia puta, como se tivesse arruinado o momento deles.

Um aperto estranho comprimiu minhas costelas, mas me livre disso ao atravessar o gramado na direção da academia. Ainda assim, apesar de me dizer que não me importava, não podia evitar olhar para eles outra vez. Peyton estava no espaço pessoal de Bryan, o dedo balançando no seu rosto enquanto ele se afastava com as mãos para cima. Farrow parecia divertido, parado ali com um sorriso presunçoso ao ver Peyton comer as bolas dele.

Estava velho demais para essa merda. Velho demais para me preocupar sobre qualquer que fosse o drama de adolescente que estavam envolvidos. Mas porra, se não queria ir até lá e tirar o sorriso do rosto daquele merdinha. Bryan balançou a cabeça e se afastou, seu desânimo óbvio mesmo a esta distância.

— Está tudo bem? — perguntei casualmente quando ele me alcançou.

— Malditas garotas — murmurou, sem se importar em diminuir o passo.

Eu me demorei, vendo Farrow tentar conversar com Peyton outra vez. Mas ela o dispensou, o empurrando e indo para o prédio da escola. Eu deveria ter me movido. Deveria ter seguido Bryan, porque no último segundo, antes de entrar, Peyton olhou para cima, me encontrando do outro lado do gramado. Mesmo com a distância entre nós, vi sua respiração falhar, seus olhos se arregalarem. Mas aí seu olhar semicerrou, animosidade exalando dela. Parecia adorável para caralho, toda brava e acalorada.

Era uma atitude ousada, uma da qual não tinha dúvida que me arrependeria mais tarde, mas não interrompi nosso olhar. Ou talvez ela só tenha me enfeitado bem assim, já que não podia desviar os olhos.

Peyton balançou a cabeça, interrompendo a conexão, e entrou, sem olhar para trás.

Ainda estava pensando no seu olhar frio quando entrei no vestiário.

— Que bom que se juntou a nós, Chase — técnico Huckley disse ao passar por mim.

— Estou cinco minutos adiantado — falei entredentes.

— E ainda assim, alguns de nós chegaram há trinta. Temos um grande jogo no sábado...

— Sério, *Técnico* — cuspi as palavras —, quer fazer isso?

Olhando em volta, fiquei aliviado de encontrar a maior parte dos caras cuidando das próprias vidas. Huckley pegou a escalação da semana passada do quadro de aviso e colocou a nova. Como esperado, não tiveram grandes mudanças.

— Só estou falando como é. — Ele me olhou dos pés a cabeça, como se não fosse nada mais do que sujeira na sola do seu tênis.

— Chase, entra aqui — a voz de Jase ecoou.

— O chefe está chamando. — Huckley não desviou o olhar.

— Sim, está. — Quase bati com o ombro nele, mas consegui me controlar.

Ele não valia a pena. Eu sabia disso.

Conheci pessoas como ele minha vida inteira. Pessoas que gostavam de me lembrar que não era nada mais do que o irmão na pior de Cameron Chase.

— Entre, sente-se — Jase falou, mal desviando o olhar das notas na sua frente.

— E aí? — perguntei, tirando o boné dos Raiders e passando a mão pelo cabelo úmido. Posso ter exagerado um pouco demais no uísque ontem, mas estava aqui na hora.

— Aqui. — Pegou um envelope pardo e jogou por cima da mesa.

— O que é isso? — Eu o peguei e abri.

— É a ficha de candidatura para a posição permanente.

— Merda, Jase, eu não...

— Você é bom com os garotos, aparece e faz o trabalho. Me dê um bom motivo por que você não pode falar sim para isso?

Meus olhos escanearam o formulário. Ele estava me oferecendo um bote salva vidas; me dando uma chance de enfim fazer algo da

minha vida.

Não precisava pensar.

— Você não precisa decidir agora...

Porra.

— Olha, Jase. Estou grato, cara. Grato para caralho. Mas não mereci isso. *Eu não mereço.*

Ele não fazia ideia que estava... bom, o que seja que estava fazendo com Peyton. Nós não cruzamos nenhum limite real, exceto o beijo – que eu não tinha nenhuma intenção de deixar acontecer outra vez. Mas o fato que me sentia culpado para caralho me dizia tudo o que precisava saber.

Eu era um mentirosinho de merda, e não merecia seu apoio.

— Vou deixar você decidir isso — falou. — Que tal isso? Me recuso a aceitar não como resposta a não ser que você me dê um motivo válido para recusar.

— Vamos, Jase, isso... só não vou aparecer. — Eu lhe dei um olhar incisivo. Não era como se pudesse me coagir a aceitar o emprego.

— Você não vai fazer isso. Você é muitas coisas, Xander, mas não é um babaca completo. — Jase sorriu.

— Por que é tão importante para você? — perguntei. Ele nunca fora tão investido na minha vida antes. Claro, Jase com frequência agia como o árbitro entre mim e Cameron, mas nunca fizera tudo isso.

— Está na hora, Xan — falou.

Soltei um suspiro. Não queria fazer isso agora, aqui de todos os lugares. Na verdade, não queria fazer isso nunca.

— Cameron falou para você fazer isso?

— Não. *Não!* — Ele balançou a cabeça e ergueu as mãos. — Não é o que isso é. Sabia que você precisava de uma chance, e dei uma, e você me surpreendeu em todas as oportunidades. Sei que você nunca deve ter imaginado voltar para o futebol, mas você é um trunfo para o time.

As palavras dele deveriam ter me feito sentir bem, e talvez uma pequena parte de mim se sentia. Mas o resto de mim estava encharcado em culpa e arrependimento. Estava tão perto de realizar

todos os sonhos de Cam, e desperdicei a chance. Sabotei meu futuro.

Tinha que viver com isso todos os segundos de todos os dias. Decepcionei meu irmão – a única pessoa que fez tudo no seu poder para me criar da maneira certa e me dar tudo apesar do fato dos nossos pais terem morrido. Eu os decepcionei.

Eu me decepcionei.

— Xan? — A voz rouca de Jase me tirou dos meus pensamentos. — Se você alguma vez precisar conversar...

— É, eu sei. — Passei a mão no rosto. Não precisava conversar. Não precisava.

— Certo, saia daqui. Pegue isso, leia, pense... mas pelo amor de Deus, não tome uma decisão precipitada. — Os olhos dele me fuzilaram, com tanta força que fiquei preocupado que fosse partir minha máscara de indiferença e ver dentro da minha alma sombria. Fiquei bom ao longo dos anos em dissuasão, em me fingir do cara mal compreendido e ressentido.

— Certo. — Fechei a pasta parda e me levantei, dando a ele um pequeno aceno de gratidão. — Vejo você no campo.

— Com certeza, temos um campeonato para ganhar.

O canto da minha boca se ergueu. Mesmo agora, depois da sua carreira bem-sucedida, apesar de curta na NFL, futebol era tudo para Jase. Eu me perguntava o que ele via quando olhava para mim. Eu me perguntava o que pensou todos esses anos atrás quando desisti da *minha* chance.

Como se ele tivesse ouvido meus pensamentos, quando cheguei na porta, Jase disse:

— Talvez esteja na hora de deixar o passado para trás, Xan. Talvez esteja na hora de seguir em frente.

Como se fosse fácil.

CHAPTER 13

PEYTON

— TEM certeza que não quer vir? — Lily me perguntou pela décima vez esta manhã, e mal era oito e meia.

— Já falei para Cindy que pegaria um turno extra no restaurante.

— Mas é dia de jogo... — Ela fez beicinho. — É meio que importante.

— Eu sei. Mas Kaiden e seu pai terão fãs o suficiente torcendo por ele. Duvido que vão sentir minha falta.

— Eu vou sentir sua falta.

— Você vai ficar bem. — Dei um sorriso fraco a ela, acrescentando baixo: — Preciso do dinheiro, Lil.

Não era uma mentira; precisava do dinheiro. Mas não era o único motivo que não queria ir ao jogo com elas. Talvez me fizesse uma covarde, me esconder do Xander, mas não estava pronta para vê-lo outra vez, não depois de segunda.

Consegui evitá-lo a semana inteira. Não era difícil. Ele mal vinha para o prédio principal da escola, e durante o almoço, eu me ocupava com tarefas na biblioteca. Mas enquanto evitá-lo era fácil como respirar, lutar contra a vontade de procurá-lo não era.

Não importava o quanto machucou quando ele me afastou.

— Tem certeza que não consigo convencê-la a vir? — Lily fez beicinho.

Balancei a cabeça, esperando que ela deixasse para lá antes que eu fizesse algo estúpido tipo admitir a verdade.

— Tá bom. Você está errada, sabe? Todos queremos você lá. Você é parte desta família agora. Você é uma de nós.

Lily cambaleou para trás quando joguei meus braços em volta dela e afundei o rosto no seu pescoço.

— Você é minha melhor amiga, babe. A melhor.

Risada suave mexeu meu cabelo.

— Eu também te amo — Lily falou embargada, me empurrando.

— Deveria terminar de me arrumar. Prometi para Kaiden que iria até lá e o daria um... beijo de boa sorte. — Calor explodiu nas suas bochechas.

— Um beijo de boa sorte, hm? E onde exatamente você vai beijar?

— *Peyton!* — Ela suspirou.

— Vai — falei, evitando que ela passasse mais vergonha. Ela era fofa. Mas enquanto a observava ir, a dor no meu peito ficou mais pesada. Lily estava desabrochando, voando livre, leve e solta nas asas do amor e aceitação. Enquanto eu murchava nas sombras.

Terminei meu café da manhã, observando a família Ford enquanto entravam e saíam da cozinha, um burburinho de atividade. E quando enfim deixaram a casa, soltei um suspiro controlado. As palavras de Lily ainda ecoando alto na minha cabeça.

Você é parte desta família agora. Você é uma de nós.

Eu queria acreditar nela, mesmo.

Mas quando você passava a vida inteira sem pertencer a nenhum lugar, era difícil aceitar qualquer outra coisa.

Para um turno de sábado, Cindy Grill estava mais tranquilo do que de costume. Nenhuma surpresa dado que os amados Raiders da cidade estavam em Harrisburg jogando as semifinais. Era tudo o que as pessoas falavam. Tanto que quando um homem pediu para Cindy aumentar o rádio para que pudessem ouvir os comentários, ela cedeu.

— Mesa quinze, pedido pronto — Calvin, o cozinheiro da churrasqueira, chamou pela partição enquanto deslizava os pratos para mim.

— Obrigada, Cal. — Pegando dois guardanapos, peguei os pratos e fui até a mesa quinze. — Certo, hambúrguer com fritas e costela com fritas.

— O cheiro está bom — o homem disse, sorrindo para a mulher. Eu vi os anéis quando tirei o pedido.

— Se precisar de outra coisa, não hesite...

O restaurante irrompeu com celebração quando “*touchdoooooown*” ecoou pelo alto-falante do rádio.

— Você frequenta Rixon High, né? — A mulher viu meu crachá, e assenti. — Estou surpresa que você não está no jogo.

— Sinto muito, conheço vocês?

— Minha filha é uma veterana, Carrie-Anne Trombley. — Ela sorriu calorosamente. — Ela mencionou que tinha uma amiga que trabalhava aqui.

Eu e Carrie-Anne Trombley, amigas? Não tive coragem de decepcionar a mãe dela.

— Hm, sim — falei, tentando não franzir o cenho. — Temos algumas aulas juntas. Ela não...

— Ah, ela está no jogo.

— Está? — Não pensava que fosse fã de futebol. Na verdade, parecia odiar o time de futebol com ímpeto. Principalmente o Bryan.

Mas aí, vira o jeito que olhava para ele as vezes.

— Ela não te contou? — A mulher parecia genuinamente surpresa. Estranho. — O primo, Jude, é uma grande fã, assim como nossa Carrie. Ele frequenta a Temple University agora, mas voltou para levá-la no jogo.

— Desculpa — falei, olhando para o balcão. — Eu preciso...

— Ah, claro.

— Aproveitem a comida. — Correndo para o balcão, finjo ficar ocupada.

— O que foi aquilo? — Cindy perguntou baixo sobre meu ombro.

— A filha dela está na minha aula — falei. — Ela acha que somos amigas.

— E vocês não são?

— Mal conversamos.

— Talvez a filha queira ser sua amiga? — Cindy me deu um dos seus sorrisos característicos.

— É, talvez. — Ainda tinha algo que parecia estranho para mim, mas não era como se estivesse tentando conhecer Carrie-Anne. Era fácil julgar sem conhecer os fatos.

O sino sobre a porta tocou e um grupo de adolescentes entrou. Meus olhos foram na hora para o cara na frente. Sean.

Merda.

Também conseguira evitá-lo a semana inteira, depois que ele me encurralara mais cedo na semana para se desculpar pelo que

acontecer no jogo. Sean não era um cara mau; ele só não gostava de ser rejeitado. Orgulho masculino era algo estranho. Mas eu não tinha a energia para ficar irritada sobre isso, então conversamos, e aceitei seu pedido de desculpa. Mas recusara sua proposta para me levar para sair e me recompensar.

Os olhos dele se iluminaram quando me encontrou do outro lado da lanchonete.

— Ô ou, garota — Cindy riu —, conheço esse olhar.

— Ele é um...amigo.

— Não são sempre assim. — Ela deu tapinhas no meu ombro enquanto desaparecia para cuidar de uma das suas mesas, me deixando para lidar com Sean e seu grupo de amigos.

Peguei quatro cardápios e fui até eles.

— Bem-vindos a Cindy. Vão jantar conosco hoje?

— Sim, Sean está com bastante fome. Não é, Farrow?

— Não seja um babaca, Richie. — Sean me deu um olhar de desculpas. — Vamos comer. — Os olhos dele percorreram meu corpo e voltaram, um pequeno sorriso curvando seus lábios. Maldição, seu sorriso, me atingia todas as vezes.

É como acabei envolvida com ele para começar.

— Por aqui. — Eu me forcei a respirar fundo enquanto levava Sean e os amigos para a cabine perto da janela. Esperando até que estivessem sentados, entreguei os cardápios. — Posso pegar bebidas para vocês?

— Quatro cocas — Sean falou, sem dar tempo para o amigo responder primeiro.

— Claro. Voltarei em breve para tirar o pedido.

Enquanto me afastava, ouvi Richie dizer:

— Porra, Farrow, você está muito acima da sua liga.

— Deixa disso, babaca, Peyton é legal.

Legal.

Mas não boa o bastante. O pensamento veio do nada. Mas não estava pensando no Sean, estava pensando no outro homem de olhos escuros que se recusava a me ver.

Coloquei o pedido de bebidas no sistema e me ocupei em fazê-las. Mas uma sensação de ser observada passou por mim.

— Desculpa. — A voz de Sean me fez parar, e me virei devagar para encontrá-lo apoiado no balcão. Cindy encontrou meu olhar sobre o ombro dele e ergueu uma sobrancelha.

— Não sabia que estaria aqui hoje. — Ele me deu outro daqueles sorrisos de covinha.

— Está tudo bem — eu disse.

— Não queria que usasse contra mim.

— Por que eu faria isso?

— Richie é...

— Posso lidar com Richie, Sean.

— Por que você não está no jogo...? Imaginei que estaria ali torcendo para o Hughes. — Algo como ciúmes lampejou em seus olhos.

— Nada está acontecendo entre Bryan e eu, não que seja da sua conta.

Ele se levantou, erguendo as mãos.

— Relaxa, não quis... — Dei-lhe um olhar firme e ele riu. — É, tudo bem. Quis.

— Estou trabalhando, Sean. Eu deveria...

— Sair comigo mais tarde?

— Sean...

— Só... pense nisso. Vamos para aquele bar, The Tap. Eles têm música ao vivo esta noite e Richie conhece o dono, então não olharão nossos documentos. — A boca dele se curvou outra vez. — Vá em frente. Sabe que quer. A não ser que esteja planejando comemorar com o time.

Não estava.

Eu me voluntariei para um turno duplo para me manter ocupada... e para evitar Bryan e o time quando chegassem de Harrisburg.

— Vou pensar nisso — soltei, pegando meu bloco de pedidos e indo para o balcão.

— Que horas você sai? — Sean me perguntou, um brilho em seus olhos.

— Oito.

— Vou esperar — falou, me dando outro olhar demorado que um dia teria feito meus dedos se curvarem. Mas não era aquela garota

agora.

— Amigos... — Eu lhe dei um olhar incisivo. — Nada mais.

— Palavra de honra. — Sean ergueu dois dedos antes de voltar para a cabine. O tapinha que trocou com Jake não passou despercebido.

Outro rugido preencheu o restaurante, as pessoas comemorando e gritando. Os Raiders conseguiram – venceram Limmington e garantiram o lugar na final da próxima semana. Podia imaginar como seria louca a festa desta noite na casa do Bryan, mas não tinha vontade de ir. De ficar perto de todas aquelas pessoas, fingindo que tudo estava bem.

Que eu estava bem.

A pele na minha coxa interna queimava. Não havia colocado a faca na coxa outra vez, mas pensara nisso. Pensara em esculpir os pensamentos sombrios para fora de mim.

Mas não era aquela garota, não era.

Eu não era ela.

As lágrimas ardiam o fundo dos meus olhos, mas eu as engoli enquanto me aproximava de uma mesa para tirar os pedidos. Eu me jogaria no trabalho. Iria para o bar com Sean e beberia e daria risada e fingiria.

Qualquer coisa para não pensar na minha mãe. Sobre o que ela fizera.

Sobre o que *eu* fizera.

Qualquer coisa para não pensar nele.

Cindy me deixou sair quinze minutos mais cedo para me arrumar para o encontro que falei para ela várias vezes que não era um encontro. Usei o pequeno banheiro para colocar minha blusa cropped preta simples e soltar meu cabelo do rabo de cavalo bagunçado. Algumas borrifadas de perfume e um pouco de gloss nos lábios e estava o melhor que ficaria sem voltar para a casa dos Ford.

— Sério, garota, se você fica bem assim depois de dez minutos, só posso imaginar como ficaria depois de uma hora. — Cindy sorriu para mim enquanto limpava o balcão.

— É o melhor que pude fazer. — Dei de ombros, passando minhas ondas loiras sobre um ombro.

— Ele vai adorar. Agora vai, e não faça nada que eu não faria. — Cindy piscou antes de praticamente me empurrar do restaurante.

Sean estava esperando do lado de fora, apoiado na caminhonete. Ele soltou um assobio baixo, os olhos cheios de calor e desejo.

— Você está...

— Amigos, lembra. — Dei um olhar duro a ele.

— É, é. Conheço as regras. Vamos dar o fora daqui. — Ele abriu a porta e entrei.

A última vez que estivera no carro do Sean, as coisas acabaram um pouco diferentes.

Talvez isso tenha sido uma má ideia.

Mas não estava pronta para ir para casa, e com certeza não queria ir para a festa no Bryan, apesar das mensagens que recebera dele e da Lily me implorando para ir.

— Você está bem aí? — Sean perguntou enquanto dirigia a pequena distância para atravessar a cidade até o The Tap.

— Estou bem. — Dei um sorriso fraco para ele. — Quem vai estar lá esta noite?

— Richie, e alguns dos outros rapazes. Acho que Jayden vai levar a namorada. Vai ser divertido.

Divertido. Parecia uma eternidade atrás desde que me divertira. Agora quando olhava para trás e me imaginava festejando e flertando e ficando com rapazes, um tremor passou por mim. Aquela garota morrera na noite que caí no rio. E talvez fosse melhor porque apesar de ela estar sempre disposta a se divertir, era tudo uma mentira.

Uma farsa.

Sean saiu da rua principal e entrou em um pequeno estacionamento perto de um velho prédio de tijolos a vista. Nunca estivera aqui antes, mas conhecia o lugar.

— Pronta? — perguntou, e assenti, saindo do carro antes que pudesse contornar o carro e abrir a porta para mim.

Um sorriso conhecedor ergueu o canto dos seus lábios quando o encontrei na frente do capô.

— Você está determinada nesse negócio de amigos, hm?

— Aham. — Passei a mão pelo cabelo e dei um sorriso a ele.

— Vá na frente, *amiga*.

Sean acenou para a porta, um letreiro em neon acima dela, piscando “música ao vivo”. Já podia ouvir a batida pesada pulsando de dentro. Mas mesmo sobre o barulho, juro que ouvi Sean dizer:

— Veremos.

— Vamos, babe, você está bêbada — Sean disse. — Deveria levar você para casa.

Casa.

Ele não sabia que não tinha uma casa mais... não que minha casa algum dia tivesse sido um lar.

— Estou bem... bem. Veja. — Bati no peito de Sean, cambaleando para frente. Ele me pegou com um suspiro exasperado.

— Estamos indo embora. Então você vai vir ou...

Algo chamou minha atenção do outro lado do bar. Não, não algo. *Alguém*.

— Quero ficar, só mais um pouco.

— É, que seja. — Sean revirou os olhos, olhando por mim e sorrindo.

— Para quem você... — Olhei para trás. — Ah.

Ele estava secando a amiga da namorada do amigo na cara dura. Não podia lembrar o nome dela. Não prestei muita atenção quando nos apresentou.

— Vou embora. Você não vai ter problema de ir para casa, hm?

— Eu... Sean, espera... — Mas ele já tinha ido embora, pegando a mão da garota e a levando para a saída.

Babaca.

Virei o resto da minha bebida e bati em uma mesa próxima antes de procurar o único outro rosto familiar no bar.

— Técnico Chase. — Sorri. — Não esperava encontrar você aqui. — Cambaleei na direção da mesa que estava apoiado, caindo direto em uma morena bonita. — Opa, desculpa.

— Amiga sua? — ela perguntou para Xander, arqueando uma das sobrancelhas perfeitamente arqueadas. O álcool nas minhas veias se acalmou um pouco enquanto eu a observava. Ela era bonita, linda até, e estava parada perto do Xander. Perto demais.

Ah, meu Deus.

Ele estava aqui com ela?

Tipo um encontro?

Meu estômago embrulhou enquanto tentava me endireitar, mas o lugar rodou e meu braço se esticou para pegar...

O braço de Xander.

— Merda — resmungou. Ele estava bonito, bonito demais, parado ali com o jeans e a camisa escura, as mangas empurradas até os cotovelos daquele jeito sensual que os caras faziam. O cabelo estava uma bagunça imperfeitamente arrumada, mechas caindo um pouco nos olhos, disfarçando as profundezas sombrias.

— Desculpa, Tash, mas deveria lidar com isso — falou, curvando o braço na minha cintura. Era bom ficar tão perto dele outra vez.

Parecia certo.

— Você precisa que eu vá. Posso...

— Não, fique. Vou falar para Harry colocar suas bebidas na minha conta. Fique, aproveite a música. — Ele começou a me levar embora.

— É a sua namorada? — Minha cabeça pendeu sobre seu braço. — Ela é bonita, bem bonita.

— Você está bêbada.

— Tão bêbada. — Solucei, abafando uma risada com minha mão. — Sean e o amigo Rich...

— Aquele merdinha trouxe você aqui e deixou você bêbada?

— Merdinha? — Olhei para cima, mas Xander não estava olhando para mim. Estava focado demais em me levar para fora do bar lotado.

— Ela está bem? — Um dos seguranças perguntaram quando chegamos na entrada.

— Não se preocupe, Shane, é uma amiga. Vou garantir que chegue bem em casa.

— Aposto que vai.

Xander ficou tenso ao meu lado, e tive certeza que ouvi um xingamento baixo escapar dos lábios dele, mas tudo estava rodando tão rápido que não podia ter certeza de nada.

— Jase vai pirar quando...

— Não. — Segurei o braço de Xander com força. — Não pode contar para ele. Por favor, você não pode... só preciso ficar sóbria e depois ficarei bem. — Puxei o braço dele e seu olhar firme me encontrou. — Por favor, Xander.

Ele soltou um suspiro.

— Vem, minha caminhonete está nos fundos.

Mantendo o braço apertado em volta da minha cintura, Xander me levou para os fundos do bar para o pequeno estacionamento. Ele abriu a porta e me colocou para dentro. Meus olhos pareciam pesados, assim como meus membros.

— Obrigada — sussurrei enquanto ele se inclinava sobre mim para fechar o cinto. Ele olhou para cima, os olhos indo para minha boca. Calor passou por mim, contraindo minha barriga. Algumas vezes, tipo agora, e quando estivemos no lago, juro que ele olhava para mim como se quisesse me beijar.

E queria que fizesse isso. Deus, como queria.

O ar não existia quando Xander me encarava, mas podia sentir o calor da sua respiração fazer cócegas no meu rosto. Ele inalou bruscamente, balançando a cabeça, como se para interromper a tensão entre nós. Afastando-se, ele bateu a porta e foi para o lado do motorista, dobrando seu corpo para dentro.

— Uma hora — grunhiu. — Você tem uma hora para ficar sóbria e depois vou levá-la para casa.

— Bom, nesse caso, preciso de comida — resmunguei. — Muita e muita comida.

Xander me levou para um drive-thru e pediu uma porção gigante de fritas e uma coca. O açúcar impediria que dormisse, falou, e o carboidrato absorveria o álcool.

Quando ele entrou no estacionamento sombrio, eu já tinha devorado metade das batatas.

— O quê? — falei, lambendo o sal dos meus dedos. Ele só balançou a cabeça. — Quer um pouco?

— Não, eu estou bem.

— Então quem era aquela mulher? Tash. — Olhei para ele. Já me sentia melhor, o mundo não estava mais rodando. Mas o início de uma ressaca terrível estava surgindo.

— Uma amiga.

— Tá bom. — Então ele não queria falar sobre ela. Não era da minha conta com quem Xander passava um tempo. Mas não impedia de me incomodar. Ela era tão bonita e controlada e madura, exatamente o tipo de mulher que caras como o Xander namoravam. O tipo de mulher que se casavam.

De repente, não me sentia muito faminta. Fechando a tampa das batatas, joguei o recipiente no saco de papel marrom.

— Você está bem? — perguntou.

— É, me sinto melhor, obrigada.

— Pronta para me contar o que aconteceu?

Evitei seu olhar pesado.

— Já falei, estava com Sean e os amigos dele.

— E encheram você de álcool, deixaram bêbada, e depois o quê? Abandonaram você?

— Não foi assim. — Vergonha passou por mim enquanto me lembrava dos avanços de Sean quando chegamos no bar. Uma mão no meu joelho. Um braço estava em volta do meu ombro. Ele quebrara sua promessa e não gostava muito de ser encurralada. Quando o amigo dele, a namorada, e a amiga apareceram, ele se afastou de mim.

Agora sabia por quê.

Xander bufou, o som de desdém me fazendo hesitar.

— Sou uma garota crescadinha — falei curta, enfim encontrando seu olhar. — Posso cuidar de mim mesma.

— Você está em um bar, sozinha e bêbada... não é bem o que chamo de cuidar de si.

Desviando o olhar, pressionei a testa no vidro frio, meus olhos fechando com suas palavras. Tinha tanta raiva na sua voz. Mas o que não podia entender era sua motivação.

— Deveria levá-la para casa — falou, e me perguntei se percebeu que hesitei com aquela palavra.

Casa.

Eu ainda não sabia como me sentir de verdade sobre isso.

Virando para ele, apoiei a cabeça no banco e falei:

— Só um pouquinho mais, por favor.

— Peyton... — Ele soltou um suspiro pesado.

— Por favor.

— Dez minutos. — Os lábios dele afinaram com desaprovação, um contraste com o pequeno sorriso nos meus lábios.

— Obrigada.

CHAPTER 14

XANDER

O AR na caminhonete estava denso demais, mas só tinha a mim mesmo para culpar. Não deveria ter me metido. Ou pelo menos, deveria tê-la levado direto para Jase e o deixado lidar com ela. Mas eu não podia fazer isso.

Não podia fazer a coisa certa quando se tratava de Peyton.

Ela estava sob minha pele, e no segundo que ela cambaleara para mim no bar, perdi todo senso de propriedade.

Só Deus sabe o que Tash e Shane pensaram disso tudo, mas lidaria com eles mais tarde. Agora, não podia pensar em nada além da garota meio dormindo no assento ao meu lado. Os olhos estavam pesados, o longo cabelo loiro caindo sobre os ombros como uma cascata dourada.

Ela era bonita demais para seu próprio bem.

— Você não foi no jogo? — perguntei.

— Tinha que trabalhar... — Ela olhou para mim, surpresa rodopiando nos seus olhos.

— E aqui estava pensando que pudesse estar me evitando.

— Você não pode dizer coisas assim para mim... — A respiração dela falhou, e estava certa.

Maldição, estava certa.

Não deveria estar encorajando isso... o que seja que *isso* fosse. Mas procurara por ela hoje e notara sua ausência quase na mesma hora. Jase confirmara que estava trabalhando um turno duplo na Cindy Grill, mas suspeitava que não era o único motivo que ficara longe.

E não podia culpá-la.

Deus, eu era uma maldita confusão. E tudo por uma garota que nunca poderia ter.

Porque isso – ela e eu – não era uma opção.

Nunca.

E ainda assim... não me impedia de imaginar as coisas.

— Quem é a Tash? — Peyton sussurrou, passando os dedos para cima e para baixo no couro gasto do banco.

— Uma amiga.

— Uma amiga que você gostaria de foder?

— Peyton. — Engoli em seco. Aquela palavra nos seus lábios... era pecaminosa. Calor surgiu dentro de mim.

Controle-se, porra. Apertei o punho contra a coxa. Precisava levá-la para casa, agora. Antes que fizesse algo irresponsável, algo que nunca poderia desfazer.

Algo que iria condenar nós dois.

— Fiquei com ciúmes, vendo você com ela — falou ousada.

Queria acreditar que era o álcool nas suas veias falando, mas quando voltei o olhar para ela, vi a honestidade brilhando ali.

Peyton estava falando sério, todas as palavras.

— Não estamos... juntos.

Por que caralhos falei isso?

Talvez devesse ter falado para ela que estávamos e colocar um fim neste negócio que estava crescendo entre nós.

— Você tem dezessete anos — falei, me sentindo enjoado.

— Terei dezoito anos em breve.

— É apenas uma criança.

A respiração dela entrecortou.

— É isso mesmo que vê quando olha para mim? Uma criança?

— Peyton se sentou, focando os olhos em mim. — Porque outros homens não olham para mim como se fosse uma criança. Eles olham para mim com desejo nos olhos. Você olha para mim com...

— Pare, apenas pare. — Soltei um suspiro profundo. — Isso... nós, não pode acontecer. Você está no ensino médio, Peyton. E eu... não sou bom para uma garota como você.

Sem contar o fato que eu trabalhava lá.

Mágoa marcou sua expressão, mas ela não desviou o olhar.

— Estar com você... faz tudo ficar em silêncio, Xander.

— Porra.

Caralho!

— Algumas vezes parece que não posso respirar. — A voz dela estava baixa. Quieta para caralho. — Todo mundo ao meu redor está seguindo com suas vidas e eu... estou presa. Sonho sobre aquela noite constantemente. Sonho com escorregar sob a água e senti-la encher meus pulmões. A água gelada transformando meu

sangue em gelo. Sonho com você me puxando para fora. Acha que meus amigos querem ouvir isso? Que querem saber que não posso tirar a imagem da minha mãe para fora da minha cabeça... o sangue. Tanto sangue.

Lágrimas silenciosas escorriam por suas bochechas, estilizando algo bem fundo de mim. Antes que pudesse me impedir, puxei Peyton para os meus braços, passando uma mão no seu cabelo denso e segurando sua nuca enquanto a aconchegava contra meu corpo.

— Ssh, estou com você, estou com você — sussurrei, balançando de leve enquanto ela soluçava baixo.

Sabia como sentia estar sozinha, carregar um fardo tão pesado. Minha mãe não me negligenciara, nem um pouco. Ela me amara ferozmente e lutara para ficar comigo. Mas quando enfim perdera sua luta contra o tumor, algo dentro de mim se quebrara, e nunca se consertou bem.

Mal podia me lembrar dela, apenas um lampejo da sua voz suave e sorriso caloroso. A memória persistente dela cantando para mim e me segurando. Vinte anos depois, não podia me lembrar de muita coisa dela, mas podia me lembrar de todos os minutos sem ela.

Os dedos esbeltos de Peyton se contorceram no meu suéter e respirei fundo enquanto ela se pressionava mais perto.

A coisa certa, a coisa inteligente, teria sido deslizá-la com cuidado do meu colo e levá-la para casa. Mas enquanto a segurava, percebi que havíamos passado desse ponto. Passado do ponto de fingir que algo não estava acontecendo entre nós.

Mesmo que não pudesse agir, mesmo se não fosse agir, podia fazer isso. Podia segurá-la e confortá-la.

Podia deixá-la saber que não estava sozinha.

Mas aí, senti ela se mover. As bochechas roçaram nas minhas, os lábios quentes passando pelo meu rosto enquanto inalava uma respiração trêmula. Então estava me beijando. Mal um sussurro de um toque, ainda assim, sentia até o estômago.

— Xander — sussurrou, virando um pouco a cabeça e deslizando a boca contra a minha outra vez. Mais forte. Mais determinada.

Meu corpo inteiro estremeceu enquanto abafava o gemido involuntário ressoando no meu peito.

— Peyton, não...

— Por favor, Xander. Me dê isso. — As mãos dela espalmaram meu peito, subindo pelos meus ombros enquanto beijava o canto da minha boca, passando a língua sobre a junção dos meus lábios.

Jesus. Era bom.

Bom para caralho.

Parecia como tentação e salvação, e doce, doce tortura.

— Pare. — Era uma respiração entrecortada. — Precisa parar. — Soltei um longo suspiro, forçando meu corpo a se acalmar. Ela estava tão perto, perto para caralho. E eu queria beijá-la. Queria enfiar as mãos no seu cabelo e colidir os lábios nos dela e beijá-la até não saber onde eu acabava e ela começava.

Mas ela estava bêbada, e eu estava...

Eu estava ferrado.

Ferrado para caralho.

— Você não me quer? — Peyton ergueu o rosto marcado pelas lágrimas para o meu, a pura vulnerabilidade na sua voz era como um soco no estômago.

— Não podemos — repeti. Só que dessa vez, não estava certo de quem tentava convencer mais. Peyton ou mim mesmo.

— Entendi. — O corpo inteiro dela ficou tenso enquanto começou a se afastar, se atrapalhando para voltar para a cadeira. — Acho que deveria me levar de volta. — Ela colocou o cabelo atrás da orelha, se recusando a encontrar meu olhar.

— Sim. — Exalei outra respiração controlada, dando partida na caminhonete. Roncou para a vida, abafando a batida violenta do meu coração contra meu peito.

Cruzáramos um limite.

Eu cruzara um limite.

E não estava certo do que faríamos daqui para frente.

O caminho até Jason foi quase insuportável. Peyton não falou, menos ainda olhou para mim. Fizera umas coisas fodidas na vida, mas esta noite ganhava de todas.

Quando enfim parei na rua dos Ford, era um pouco depois das onze. Não sabia onde Jase e Fee pensaram que ela estava, mas Peyton não parecia preocupada enquanto pegava a maçaneta e ia abrir a porta.

— Obrigada — murmurou —, por... tudo.

As palavras açoitaram meu âmago.

— Posso levá-la até a porta e explicar...

— Não tem problema. Mandeí mensagem para Fee mais cedo.

— Mandou?

Pavor serpenteou por mim, mas Peyton soltou uma risada amarga.

— Não se preocupe — falou seca. — Não falei para ela com quem estava.

— Não é isso...

— Não importa. Deveria ir. — Seus olhos mal encontraram os meus.

Precisava lutar contra a vontade de puxá-la de volta para dentro do carro e ir embora para que pudéssemos terminar o que começamos, mas se eu o fizesse...

Duvidava que ser indiciado por corrupção de menores seria a pior coisa a acontecer comigo.

— Porra — bati os dedos no volante, observando enquanto Peyton entrava em silêncio na casa dos Ford.

Eu estava uma confusão.

Toda essa porra era uma confusão.

Depois que Peyton estava segura dentro, acelerei e saí correndo na direção do meu lado da cidade. Mas o caminho fez pouco para aliviar a memória dos seus lábios na minha pele. Ela poderia ter me marcado.

No segundo que voltei para meu apartamento, olhei para o espelho só para garantir que não tinha, porque porra, ainda podia sentir seus lábios macios bem ali, pressionados contra minha pele. Estava duro só de pensar nisso, e antes que percebesse, tinha tirado a roupa e cambaleado para entrar em um chuveiro frio. Mas

não encontrei nenhum consolo ali. Peyton era como um fantasma que não podia exorcizar, um pesadelo lindo do qual não podia escapar.

Tinha algo muito errado comigo porque o desejo percorrendo meu corpo não diminuiu sob o jato frio. Cedendo a tentação, eu me segurei com força e estoquei na minha mão, gemendo na ducha.

Meus pensamentos me atingiram como um trem descarrilhado, colidindo comigo com tanta força, tanta clareza. Não podia fazer nada a não ser imaginá-la de joelhos, os bonitos lábios rosa envolvidos no meu pau.

— Porra — gemi, me masturbando com mais força, perdido na sensação imaginária dos meus dedos no seu cabelo, a língua e dentes me levando ao ponto de euforia. Eu a guiaria direito, mostraria como gostava. E quando me fizesse gozar, gemendo seu nome, eu a deitaria na cama e mostraria o quanto gostava dela.

O quanto a queria.

— Porra. Pooooora! — Gozei com força, oscilando sob o jato de água. Meu peito arfou enquanto tentava recuperar o fôlego, tentei processar que porra havia acabado de acontecer.

Imaginara Peyton antes... mas nunca desse jeito. E Deus, agora eu a imaginara daquele jeito, não estava certo se algum dia poderia olhar para ela do mesmo jeito outra vez.

Ela era só uma adolescente.

Só que não era.

E quanto mais tentava lutar contra isso, mais parecia fazer merda.

Domingo, Cameron me convocou na sua casa para jantar. Tecnicamente, o convite veio pela Hailee, mas só porque ela gostava de brincar de pacificadora entre nós.

— Tio, Xan — Ashleigh falou ao abrir a porta. — Você veio.

— Deixa eu adivinhar. Seu pai não estava esperando...

— Xander. — Cameron apareceu no corredor e me deu um aceno firme.

— Trouxe uma garrafa de vinho. — Ofereci para ele, e pegou. — Como estava a festa ontem a noite? — Minha atenção se voltou para minha sobrinha que parecia um pouco acabada.

— Ugh, não pergunte — ela resmungou.

— Acho que deveria contar tudo para o Tio Xander sobre como você chegou bêbada em casa e vomitou na sua lixeira.

Soltei um assobio baixo.

— Não surpreende que você esteja tão pálida.

— Nunca vou beber outra vez. — Ashleigh vociferou.

— É o que todos falamos, garota, até a próxima vez que alguém oferecer uma bebida.

— Que bom que você está de castigo por um mês então, né? — Cameron deu um sorriso presunçoso para ela.

— Mãe — ela gritou. — Ele está fazendo outra vez.

— Fazendo o quê? — Movi a boca para meu irmão.

— Ao que parece, agora que Leigh tem dezoito anos, não posso mais tratá-la como criança. Mas o que parece esquecer é que funciona pros dois. Se ela tomar decisões infantis, ela...

— Certo, pai. Entendi. — Ela jogou as mãos para cima. — Eu errei. Pelo menos vim para casa e não fiquei e deixei algum cara me corromper e...

— Whoa — Cam falou, franzindo o cenho. — Não vamos falar sobre isso antes de comermos.

— Como queira, pai. — Ela saiu pelo corredor.

— Algumas vezes ela faz Avery parecer um sonho.

— Acho que os garotos são diferentes — falei como se soubesse alguma coisa de criar filhos.

— É, com ele tudo o que precisava me preocupar era que engravidasse alguma garota desavisada. — Ele passou uma mão sobre a mandíbula, olhando para onde Ashleigh tinha desaparecido para a cozinha. — As garotas são... são algo bem diferente.

— Não seja muito duro com ela. É uma boa garota.

— Sim, podia ser pior. Podia ser como Peyton.

— O que isso quer dizer?

Merda.

Saiu afiado demais.

A sobancelha de Cameron se juntou.

— Vai, Xan. Sei que você não sabe muito dela, mas antes de tudo, era bem óbvio que ela era... um espírito livre.

— Jase parece pensar que não é muito surpreendente dado tudo que ela passou.

— É, a vida dela não foi fácil. — Um lampejo de arrependimento brilhou no olhar de Cameron. — Foi uma coisa idiota a se dizer. Peyton é uma boa garota mesmo que seja um pouco equivocada. Leigh a ama. Lily também. Não posso imaginar como deve ter sido, encontrar a mãe do jeito que ela...

— Estão no ensino médio. Deveriam errar e experimentar e cometer erros.

Só Deus sabe que eu cometi.

Do jeito que Cameron estava me encarando, sabia que ele se lembrava muito bem como eu era com aquela idade.

— Não invejo Jase — Cam admitiu —, isso é certeza.

— Olhe para nós, tendo uma conversa normal.

— Coisas mais estranhas aconteceram. — Ele me observou. — Já tomou uma decisão sobre a proposta de Jase?

— Não, e agradeceria se não começasse. Tenho algumas coisas para descobrir antes.

— Que coisas?

— Não vou fazer isso...

— Aí estão vocês. — Hailee saiu pelas portas do pátio e veio até Cameron. Abaixando-se, ela roçou a bochecha dele com os lábios. — O jantar não vai demorar. Xander. — Ela sorriu para mim. — Estou feliz que veio. Nós dois estamos.

Dei um pequeno aceno.

— Estamos só discutindo o trabalho na escola — Cameron disse.

Queria bater a cabeça dele na parede. Ele não podia deixar em paz como eu pedira.

— E? — Hailee olhou para mim com expectativa.

— Ainda estou decidindo.

— Bom, tenho certeza que tomará a decisão certa para si.

— Só tem uma decisão a ser tomada aqui, com certeza você sabe disso? — Cameron me analisou.

— Nunca vi isso como algo permanente.

— Isso é uma balela, Xander, e você sabe.

— Cam! — Hailee avisou, apertando os ombros do marido. — Xander é um adulto crescido. Pode tomar as próprias decisões.

— Eu só não compreendo o que tem para decidir. — Cam relaxou na cadeira, soltando um suspiro exasperado. — Daria estabilidade. Uma chance real de sair daquela merda de apartamento. Você teria tudo: seguro de saúde, um plano odontológico... tudo isso.

— Se soubesse que vir se transformaria na inquisição espanhola eu teria ido para o Bell.

— Pedi para ele ficar bonzinho — Hailee acrescentou, antes de desaparecer para dentro da casa.

— Eu só não entendo, do que você tem tanto medo? — Não tinha malícia na voz dele desta vez, só curiosidade genuína. Mas era fácil para Cam. Sempre foi. Ele era velho o suficiente quando mamãe morreu para seguir em frente com a vida, o mesmo com papai.

Sabia que não fora fácil para ele cuidar de mim, mas tivera Hailee ao seu lado, sem contar Jase e Asher.

Olhei para ele, o irmão que me criara. O cara que sempre estivera lá. E nunca sentira mais distância entre nós.

— Você não entende — sussurrei.

— Tente. Puta que pariu, converse comigo, Xander. Não sei qual é o problema. — Os olhos dele semicerraram e passou uma mão pelo queixo. — Jase fez um favor ao oferecer o emprego com o time.

— Eu sei disso.

— Então o que tem para decidir? Nunca vai ter outra chance dessas. É a escolha certa e você sabe.

— Não é tão simples.

— Está preocupado em decepcioná-lo? Em cair em antigos hábitos...

— Não — falei entredentes.

— Não o quê? Tente falar com você? — Ele franziu os lábios. — Tente entender que porra você poderia ter para pensar? É um bom emprego. É a decisão...

— Não sou mais um garoto, Cam. Não preciso que faça o papel de pai comigo.

Ele ficou tenso.

— O que diabos isso quer dizer? — Saiu frio.

— Nada — bufei, desviando o olhar. — Não quer dizer nada.

— Sabe, mamãe e papai iriam querer mais para você. Iriam querer nada mais do que ver você ser bem-sucedido... em alguma coisa.

Foi como se ele tivesse me socado no peito. Olhei para ele, de boca aberta e sem palavras. Empalideceu.

— Merda, Xander, eu não...

— Que seja. — Fui me levantar, mas Hailee chamou: — Cam, um pouco de ajuda, por favor.

A voz dela foi como um balde de água fria na tensão surgindo entre nós. Meu irmão soltou um pequeno suspiro de frustração enquanto pegava os cigarros.

— Você precisa largar essa merda — falou brusco ao se levantar.

— É pra já, *Pai*.

Eu me arrependi da palavra no segundo que saiu dos meus lábios. Era um golpe baixo, sabia disso. Mas não era mais um garoto e estava cansado dele sempre pensar que sabia o que era melhor para mim. Problema se não gostava das decisões que eu tomava.

Ele me deu um olhar demorado antes de voltar para a casa. Enfim pude respirar outra vez. Abaixando a cabeça contra a parede, respirei fundo. Estava tão frio que meus pulmões arderam, mas eu gostava da queimação.

Sempre foi o mesmo entre nós. Cameron me culpava pelos meus erros, e o ressentia por isso. Mas ao longo do caminho, ficou confuso, falhas de comunicação se embaraçando até não ter como desenrolar o passado. E o infortúnio era, eu sabia... sabia que ferrara as coisas de volta no ensino médio. Aquela decisão de meio segundo me levava por um caminho sombrio. Não podia lidar com a decepção, a culpa devastadora, o jeito que Cameron olhou para mim depois do acidente. Mas ao invés de superarmos isso, juntos, só nos afastamos cada vez mais.

Um minuto mais tarde, Ashleigh saiu e se juntou a mim.

— Pensei que o encontraria aqui — falou.

— E aí, garota?

— Algumas vezes eu me pergunto se você fala isso para me irritar ou para se lembrar que você é o adulto agora. — Ela deu uma risadinha, mostrando a língua para mim.

— Confie em mim, não preciso do lembrete — falei, me abaixando para apagar o cigarro.

— Queria que parasse com isso. É um hábito nojento. — O nariz dela franziu.

— Poderia ser pior. — Dei de ombros.

— É só tão... nada atraente.

Olhei para ela e arqueei uma sobrancelha.

— Obrigado. — Saiu sarcástico.

— Sabe, se parar pode ter uma chance melhor de arrumar uma namorada.

Quase engasguei com a saliva.

— Namorada? De onde isso saiu?

— Ouvi mamãe e papai conversando... acho que pensam que está na hora de você criar raízes ou algo assim.

O rosto de Peyton apareceu na minha mente.

Era oficial, eu iria para o inferno.

— Tio Xan? — Ashleigh sussurrou, e me perguntei o que viu para parecer tão preocupada.

— Não sei se é uma conversa que deveríamos estar tendo.

— Tenho dezoito anos agora. Sei tudo sobre de onde vem os bebês. — Ela revirou os olhos.

— Eu nem sei o que dizer para isso.

Ashleigh riu.

— Talvez mamãe pudesse arrumar um encontro para você com uma das amigas artistas do grupo?

— Já fiz isso. Acabou mal. — A mulher fora legal o suficiente, mas não era exatamente o tipo de cara com muito para oferecer para alguém. Nós fomos em dois encontros antes dela perceber que não eu tinha planos para o futuro.

A maior parte das mulheres da minha idade estavam procurando Sr. Certo, não Sr. Agora, e quando percebiam que eu não tinha

planos de criar jeito, nunca ligavam outra vez. Tash era a exceção.

Era como eu – danificada – e por um tempo, foi bom entre nós. Não era convencional, mas era bom.

Agora ela era uma das poucas pessoas que chamava de amiga. Ela já explodira meu telefone sobre a noite passada. Mas não estava pronto para lidar com sua interferência. Ela me conhecia. Sabia que não bancava o herói.

Também não fazia ideia que a garota que conhecera brevemente ontem à noite era a mesma que tirara do rio.

— Tio Xan, posso perguntar uma coisa? — A voz de Ashleigh me tirou dos meus pensamentos.

— Claro, Leigh Leigh. — Sorri com o apelido que a chamara quando era criança.

— Como sabe se alguém gosta de você ou não?

— Eu... não sei se sou a pessoa certa para responder isso.

— Por que você nunca teve um relacionamento? — Ela me deu um sorriso zombeteiro. — Vai, você deve ter gostado de alguém, tem quase trinta.

Sim, eu gostava de alguém. Uma das suas melhores amigas.

— Você tem uma paixonite, Leigh? — provoquei, tentando mudar o foco que queimava sobre mim.

— Eu... não, não é assim. Somos amigos... pelo menos. — Ela abaixou o olhar. — Acho que somos. Ele é confuso.

Eu semicerrei os olhos.

— Ele é um cara bom?

Ela pressionou os lábios e encontrou meu olhar.

— É meio solitário.

— Alguém que conheço? — Minha sobrancelha arqueou.

— Como se fosse te contar. Esquece. — Ela se levantou com um pulo. — Esqueça que falei qualquer coisa.

— Meu conselho — ofereci antes que pudesse escapar —, faça ele suar. Você é uma boa garota, Leigh. Merece ser tratada bem.

Os olhos dela se arregalaram como se estivesse me vendo de um jeito completamente novo, e depois desapareceu para dentro.

Deixando-me sozinho.

Assim como gostava.

CHAPTER 15

PEYTON

— O QUE ACONTECEU ONTEM à noite? — Lily me perguntou enquanto estudávamos no quarto dela.

— Já falei, saí com o Sean.

— Pro bar. — Ela me deu um olhar afiado.

— É... tinha uma banda.

— Vamos falar sobre o fato que você foi para o bar com Sean Farrow ao invés de ir para uma festa com as melhores amigas?

Soltei um suspiro pesado.

— Não tem nada pra ser dito. Não queria ficar perto de muitas pessoas, e Sean...

— Você foi para um bar, Peyton. Cheio de pessoas. Então não venha com essa. — Ela fechou o caderno. — Converse comigo.

— Eu só não consegui. É difícil explicar

— Tente... por mim, por favor.

Eu me sentei, cruzei as pernas e tentei descobrir por onde começar.

— Para ser honesta, não planejei ir em lugar algum. Mas Sean apareceu no restaurante, e quando me chamou para ir com ele, falei sim.

— Você gosta dele?

— Sean? Deus, não. — Aquilo acabou faz tempo. Não que algum dia tenha existido algo entre nós. Era um casinho, nada mais.

— Então por que você foi com ele? — Confusão anuviou os olhos da Lily.

— Preciso de um motivo? — Saiu mais defensivo do que pretendia. Lily não era a inimiga aqui. Era minha amiga. Minha melhor amiga. Mas não compreenderia.

— É por causa do Bryan? Porque sabe, ele entende. Ele sabe que você não gosta dele desse jeito.

— Não é por causa do Bryan, Lil.

— Então o que é?

— Eu só... — Respirei fundo. — Algumas vezes, quando estou com todos vocês, é difícil.

Sua expressão entristeceu.

— Peyton.

— Não é nada que alguém tenha feito ou dito, sou só eu... não estou... não sou a mesma.

Ela esticou o braço e pegou minha mão.

— Vai demorar.

— Por favor, não pense que é você, não é. Eu só... não consigo ficar animada sobre a faculdade e o futuro, ainda não.

— Deus, queria que tivesse me contado. Posso ver como deve ter sido difícil.

— Não tem problema, mesmo. Não espero que as pessoas pausem suas vidas porque algo ruim aconteceu comigo. Mas também não posso fingir que tudo está bem o tempo todo.

Silêncio pairou sobre nós. Não queria que Lily se sentisse mal, mas a verdade era, não era sobre ela. Era sobre mim. Era meu fardo para carregar, minha dor para suportar.

Minha jornada para viver.

E não tinha todas as respostas agora, de como ela poderia me ajudar.

— Você e Sean... você sabe...? — Um sorriso leve foi traçado em seus lábios.

— Não, não transamos. A noite passada não foi sobre isso, Lil.

— Ah, tudo bem.

— Só precisava me distrair. — Precisara pensar em qualquer coisa além do Xander, mas o tiro saía pela culatra quando o vi do outro lado do bar.

Deus, ainda não podia acreditar que fizera aquilo. Abordei-o enquanto estava com a amiga, e depois o beijei daquele jeito enquanto estávamos na sua caminhonete.

Fui uma idiota, e gostava de tortura ao que parecia. Mas sentada ali, envolvida em seus braços, eu sentira, a conexão entre nós.

Estava ali, não importava o quanto ele lutasse contra isso.

Mas eu nunca quis ser aquela garota, enganado rapazes para ficarem comigo. Como ele deveria pensar que eu era patética, me jogando nele desse jeito.

— Peyton? — A voz da Lily me tirou do transe.

— Sim? — Forcei um sorriso fraco.

— Tem certeza que não tem mais nada?

Ela sabia.

Claro que Lily sabia que estava escondendo algo dela. Mas devia pensar que tinha a ver com minha situação, e não com o irmão do tio.

Não era surpresa que Xander não hesitou em me impedir. Tinha tanto em jogo, tanto. Lily e Ashleigh nunca olhariam para mim do mesmo jeito se soubessem a verdade. Se soubessem como me sentia sobre Xander, se soubessem o que eu queria dele.

Vergonha queimou por mim.

Não quis que acontecesse. Não quis desenvolver sentimentos por ele. Mas o fiz, e agora não sabia como fazê-los desaparecer.

Porque eu não olhava para Xander e via uma paixonite boba de escola. Via um cara que passara a maior parte da vida se protegendo das pessoas ao seu redor. Via um cara que criou barreiras no seu coração e jurou nunca deixar ninguém entrar. Via um cara com dor nos olhos. Um cara com escuridão em seu coração.

Via uma alma gêmea.

Eu me via.

E nos poucos momentos que conversáramos, e nos abrimos um com o outro, vi além disso tudo. Quer ele soubesse disso ou não, Xander me deixou entrar e agora eu queria mais.

Queria conhecer o cara que nunca deixava o mundo ver.

Queria tanto que doía.

Lágrimas surgiram em meus olhos e Lily esticou a mão para mim, me puxando em seus braços.

— Ah, *babe*, não chore. Estou aqui. Estou bem aqui, Peyton. Vai ficar tudo bem. Prometo, tudo vai ficar bem. — Ela me abraçou e segurei firme.

Porque naquele momento, silêncio era uma resposta melhor do que todas as coisas que queria dizer e nunca pude.

— Peyton, espera. — Sean correu até mim, o cabelo loiro acinzentado caindo nos olhos com cada passo.

— Preciso mesmo ir para aula — falei, esperando evitar fazer uma cena.

Ele me mandara mensagem ontem pedindo desculpas por me abandonar no bar. Não era como se eu pudesse falar que peguei uma carona para casa com Xander, então criara uma história sobre pegar uma carona com um familiar de uma amiga, sabendo que era improvável que algum dia ligaria os pontos.

— Só um minuto, tá? — Pegou meu pulso com cuidado, meus olhos indo na hora para o lugar que seus dedos me seguravam.

— Sean...

— Vamos. Falei que sentia muito.

— Não importa. Foi um erro, Sean — falei, puxando o braço. — Nunca deveria ter ido com você.

— Por que precisa ser uma vaca tão grande o tempo todo?

Eu me afastei, como se ele tivesse me dado um tapa no rosto, minhas bochechas queimando. Não ajudava que um grupo de segundo anistas passou no exato momento, rindo de nós. De mim.

— Do que você acabou de me chamar? — fervei.

— Você me ouviu. Você é a porra de uma provocadora, Peyton. Agindo como se fosse boa demais para mim.

— Eu... não é isso que estava fazendo.

— Ah, vamos, babe. — Ele desdenhou. — Estava quase me implorando para comê-la durante o verão e agora está agindo como...

— Como ousa? — Minha voz falhou conforme lágrimas ardiam meus olhos. — Nunca namoramos. Não devia nada para você na época, e com certeza não devo nada agora. Você me chamou para sair. Falei que iria como sua amiga... não prometi nada. Além do mais, você não se incomodou muito, foi embora com outra garota.

— É, só porque você...

— Ah, meu Deus, supere. Quantas vezes preciso dizer isso? Não estou interessada.

— Isso é uma balela e você sabe. — Esticou a mão para mim outra vez, mas bati nela para afastá-la.

— Não me toque. Não ouse me tocar.

Ele bufou, entrando no meu espaço pessoal.

— Uma opinião tão altiva de si mesma, quando não é nada mais do que ralé com uma boceta apertada.

As palavras dele colidiram comigo com tanto veneno que não pude acreditar que estava olhando para o mesmo cara que me implorara para sair com ele no sábado.

— Você é uma bagunça — cuspiu as palavras.

— Afaste-se, Farrow. — Alívio me cobriu com o som da voz do Bryan, rapidamente seguido de medo conforme ele se colocava entre nós e encarava o Sean.

— Sempre soube que você era um merdinha.

— Vai se foder, Hughes.

— Repita, babaca. — Bryan se aproximou, enfiando a cara na do Sean.

— Bryan! — gritei, pegando seu braço. — Não.

— Ouvi o que ele disse — fervilhou. — Acha que vou deixá-lo falar com você desse jeito?

— Vocês dois se merecem — Sean provocou. — Você está tão desesperado para bancar o herói e ela é a princesa partida. Boa sorte tentando colar ela de volta.

Antes que pudesse impedir, Bryan se jogou em Sean e os dois bateram na parede, dando socos e cotoveladas.

Um grito escapou da minha garganta enquanto alguém gritava:

— Briga!

Crianças correram para nosso lado tranquilo da quadra, formando um semicírculo ao nosso redor enquanto Bryan e Sean se espancavam. Ashleigh correu para o meu lado, enlaçando o braço pelo meu.

— Ah, meu Deus, o que aconteceu?

— Eu... eu não...

— Certo, certo, separem-se — Jason se meteu na briga. — Afastem-se. Agora. — Ele tirou Bryan de cima de Sean e o empurrou para o lado. — Acalme-se, Hughes. Acalme-se.

Sangue escorria do nariz do Sean.

— Seu maldito babaca — rosnou.

— Vai andando, Farrow. Direto para a enfermaria. — Ele se virou e deu um olhar assassino para Bryan. — Vou lidar com você mais

tarde. Dê o fora daqui. Todos vocês.

Ashleigh começou a levar embora, mas o pai da Lily não acabara.

— Peyton, uma palavrinha, por favor.

— Ah Deus.

Meu coração subiu na garganta.

— Quer que eu fique? — Ashleigh sussurrou, mas balancei a cabeça.

— Vai, está tudo bem. Converso com você mais tarde.

Não encontrei o olhar afiado de Jason enquanto esperávamos a multidão se dispersar.

— Ande comigo — falou.

Acompanhei seu passo conforme nos afastávamos do prédio da escola e ao redor da lateral na direção da academia.

— Quer me contar o motivo daquilo tudo?

— Como você sabe que tinha alguma coisa a ver comigo? — Olhei para ele.

— Peyton, posso ser o que vocês adolescentes consideram velho, mas não sou bobo. Só tem dois motivos pelo qual rapazes brigam daquele jeito. Porque estão bêbados, ou por uma mulher. E já que não é segredo que Bryan tem uma quedinha por você...

— Tá bom, me pegou. — Inalei uma respiração entrecortada. — Mas não sabia que isso iria acontecer.

— Não estou culpando você, Peyton. — Jason segurou a porta do vestiário aberta e nos levou para dentro.

Era estranho estar aqui quando estava vazio. Não que fizesse um hábito de entrar no vestiário dos meninos. Não fazia. Mas eu, Ashleigh e Poppy entráramos aqui uma ou duas vezes para pregar uma peça no Aaron.

— Sente-se — falou, acenando para a cadeira do outro lado da mesa. — Agora, por que você não me conta o que exatamente aconteceu?

— Bryan só estava me defendendo.

Raiva lampejou em seus olhos, mas não do tipo selvagem que estava fervilhando no olhar de Sean mais cedo. Não, essa era o tipo calmo, controlado de raiva que vinha com anos de aprender controlar sua emoção.

— O Sean... fez algo para machucá-la?

— Ele... falou algumas coisas. Coisas que preferia não repetir.

— Peyton, não posso ajudar se não me disser o que aconteceu.

— Saí com ele no sábado, como amigos — acrescentei rápido.

— Ele entendeu mal a situação.

— Você disse que estava passando um tempo com amigos no sábado.

— Estava... ou pelo menos pensei que estivesse. — Meus olhos foram para minhas mãos.

— Entendi. — As palavras dele estavam tensas. — E onde você estava?

— Não foi... assim — Ergui meu olhar para o dele. Era o pai da Lily, o cara que me acolhera quando não tinha para onde ir. Devia uma a ele. Devia mais a ele do que jamais poderia pagar. Mas ainda assim, me sentia estranha conversando com ele sobre essas coisas. E não tinha nada a ver com o fato que ainda estava guardando alguns segredos.

— Ei, Jase... desculpa, não sabia que estava ocupado.

Meu coração palpitou com a voz do Xander. Eu o senti atrás de mim, senti a tensão exalando dele.

— O que é?

— Pode esperar — falou. — Está tudo bem? — Os olhos dele fuzilaram minha nuca, mas não olhei para trás porque sabia que se o fizesse, eu me revelaria.

— Nada que não possa lidar — Jase falou. — Vamos terminar logo e depois podemos repassar aquelas fitas do jogo.

— Parece bom. — Xander deu um tapa na porta. — Estarei no escritório dos técnicos assistentes.

Jason deu um pequeno aceno a ele, esperando que fosse embora.

— Desculpe por isso.

— Não tem problema — falei, tentando controlar as emoções.

Minha pele parecia tensa demais, o peito apertado. O pai da Lily poderia ver a mudança em mim? Escutar a batida rápida do coração no meu peito? Podia ver a cor nas minhas bochechas, não importava o quanto tentasse me forçar silenciosamente a não corar?

— Sei que não foi fácil para você, Peyton, e sei que não sou muito bom nesse tipo de coisa, mas é importante para mim que você saiba que estou aqui, certo?

— Obrigada. — Engoli o grande nó na garganta. — Vou ser eternamente grata para você e Felicity.

— Sabemos que vai demorar para você se recuperar, mas estamos aqui para você. Cada passo do caminho.

Lágrimas arderam os cantos dos meus olhos.

— Deveria ir para aula.

— Claro. — Ele sorriu. — E você vem direto para mim se Sean Farrow causar mais problemas. Vou ter uma conversa séria com ele e Bryan. Suspeito que o Diretor Kiln também vai querer conversar com eles, mas farei o melhor para manter seu nome fora disso.

— Obrigada. — Levantei, afastando o cabelo do rosto. — Te vejo mais tarde.

— Sim. E Peyton? — falou quando cheguei na porta. Olhei para trás. — Você é boa demais para um cara do tipo do Sean Farrow.

Saí de lá com vergonha no meu encalço.

Se ele soubesse.

Não voltei para a aula, não depois de tudo. No lugar, saí pelo lado da academia e me escondi nas sombras. O prédio tocava a fila de árvores cercando este lado da escola. Adolescentes vinham aqui o tempo todo no intervalo para fumar, mas estava vazio agora.

Pressionando a cabeça no tijolo, respirei fundo, estremecendo com o ar gélido inundando meus pulmões.

Tudo estava uma confusão.

Não deveria ter saído com o Sean no sábado à noite. Apesar de saber que não merecia suas palavras cruéis, também sabia que em parte era minha culpa por iludi-lo. Falara que não estava interessada, mas não me impediu de beber com ele, dançar e rir. Mas só queria sentir alguma coisa além do torpor que me corria em todos os segundos de todos os minutos.

Algumas vezes não era torpor. Algumas vezes era uma dor tão profunda, tão vasta, que parecia que o único jeito de me livrar dela era abrir meu peito e sangrar.

Fui com Sean para sentir outra coisa, para me perder na multidão barulhenta e álcool barato. Fui porque o pensamento de voltar para os Ford sozinha era tão assustador que festejar com Sean parecera uma opção melhor. Mesmo quando bem no fundo, sabia ser uma má ideia. Eu criara essa confusão... e agora precisava lidar com as consequências.

— Peyton? — Minha cabeça se virou para encontrar Xander parado ali.

— O que você quer? — Saiu afiado.

— O que aconteceu?

— Por que você se importa?

Seu olhar estava dolorido.

— Vamos. Não é isso... Merda, sabe o que estou arriscando por vir aqui?

— Então, por que você está aqui? — Olhei feio para ele, meu corpo tremendo com fúria e frustração.

— Queria garantir que você estava bem. Ouvi dizer que teve uma briga...

— Estou bem. Você deveria ir.

— Sim. — Mas Xander não se moveu. Nos encaramos, presos em uma batalha silenciosa de vontades.

— Não posso fazer isso — falei, passando por ele empurrando. Lágrimas ameaçavam irromper enquanto lutava com minhas emoções. Mas congelei completamente quando uma mão roçou na minha.

A mão do Xander.

Minha respiração falhou conforme abaixava o olhar para onde sua mão tocava na minha. Mas estava confusa demais, cansada demais, para tentar decifrar o que significava. Os sinais confusos estavam açoitando.

Então sem outra palavra, me afastei dele...

E não olhei para trás.

CHAPTER 16

XANDER

DEIXÁ-LA SE AFASTAR de mim era uma das coisas mais difíceis que já fiz. Algo estava errado. E não só conosco. Mas com ela.

Ouvi dizer que teve uma briga e no segundo que os nomes de Bryan Hughes e Sean Farrow foram mencionados, minha mente foi na hora para Peyton.

Aquele merdinha fez alguma coisa para ela? Falou alguma coisa?

Peyton já estava tão frágil. Forte, sim, mas sua força estava abalada. Partida. E eu não ajudara. Mas tinha responsabilidades. Trabalhava aqui, e ela... era uma estudante aqui. Compreendia o tipo de merda que jogaríamos no ventilador se a verdade aparecesse?

Sempre tivera uma personalidade moralmente duvidosa, mas traçava uma linha em corrupção de menores. Mesmo que a alma dela clamasse pela minha como uma mariposa atraída pelo fogo.

Porra.

Tudo estava tão fodido.

Bati os punhos na parede, fazendo uma careta com o raio de dor que ricocheteou pelo meu braço.

— Chase? — uma voz familiar disse. — O que diabos você está fazendo aqui? — O técnico Huckley apareceu, me olhando com desdém.

— Só precisava de um cigarro — menti.

— Precisa largar essa merda, e nada de fumar na propriedade da escola. Deveria saber disso — escarneceu.

— Foi uma manhã difícil. Dá um tempo, tá? — Minhas sobrelhas se ergueram, mas sua carranca não se moveu.

— Tem sorte que fui eu que peguei você aqui e não um grupo de adolescentes. Não é um exemplo...

— Entendo — ralhei, ficando cansado dos seus sermões de merda. — Nós devíamos entrar. — Passando por ele, fui virar a esquina, mas sua voz me impediu no último segundo.

— Sei que ele ofereceu a posição permanente para você, Chase.

— Isso é entre mim e Ja... Técnico Ford. — Olhei para trás.

— Mas aí que está, uma decisão dessas afeta todos nós.

Minhas sobrancelhas se juntaram.

— Se tem algo para dizer, Huckley, desembucha.

Os olhos cor de mel dele semicerraram, cheios de desprezo e julgamento.

— Você não merece estar aqui. Homens bons foram passados para trás por você.

— Fale o que quer dizer — resmunguei. — Olha, Darryn, você não gosta de mim, tudo bem. Mas estou aqui para fazer um trabalho e enquanto estiver, vou fazê-lo. Se tiver um problema com isso, leve para o chefe.

Não olhei para trás enquanto virava a esquina e entrava na academia.

— Algum problema? — Jase falou no segundo que cheguei no seu escritório.

— Só o Huckley cumprindo seu dever de me lembrar que aqui não é o meu lugar.

— Sei que o cara pode ser um pouco... difícil...

— Difícil? Ele só está esperando que eu deixe a bola cair para que possa atacar.

— Ele é inofensivo. — Jase soltou um pequeno suspiro.

— Veremos.

Cinco minutos mais cedo, e ele teria me pegado com a Peyton. Isso teria sido toda a munição que precisaria.

— Queria me ver mais cedo?

— Esperava tirar a tarde de quarta de folga — falei.

— É a última semana de treino, Xan. Temos muito...

— É o aniversário da morte dele.

— Merda. — Jase afundou no banco. — Claro que é. Desculpa, eu não...

— Relaxa, não tem motivo para você se lembrar. Mas costumo visitá-lo e mamãe e...

— Claro, tire uma folga. Vamos conseguir dar conta sem você. Apenas garanta que voltará na quinta de cabeça limpa. — Ele me deu um olhar conhecedor.

— Voltarei. Temos um campeonato para ganhar.

— Com certeza, temos.

Um leve sorriso moveu meus lábios.

— Vou começar com aquelas fitas — falei.

— Ótimo. Quero que garanta que Kaiden estará pronto para Bridderton. Eles têm uma grande defesa.

— Vai estar pronto.

— Certo, saia daqui e falo com você depois.

— Pode deixar, treinador.

Memórias me açoitaram. Dez anos atrás, parara neste mesmo escritório, na véspera do jogo do campeonato do meu último ano. Técnico Hasson confiara em mim para levar o time até o final... Tudo o que precisara fazer era querer.

— Xander? — A voz da Jase me puxou dos pensamentos. — Você está bem aí?

— Sim, técnico, estou.

Qual escolha eu tinha?

Não era como se pudesse voltar no tempo e mudar uma maldita coisa.

Quem quer que tivesse decidido colocar os campeonatos de futebol para o último final de semana antes do feriado de final de ano subestimara muito o quanto o corpo estudantil ficaria animado.

Todo mundo estava falando do jogo que se aproximava e dos planos para o final de ano. Os corredores estavam em caos.

— Xander, espera. — Mya Bennet me encurralou quando fiz a rara visita para o refeitório da escola. Mas depois de horas de estudar fitas de jogo e beber nada além de café forte, precisava de comida.

— O quê? — falei, segundo a deixa dela para sair do caminho do fluxo de alunos.

— Falou com Peyton esses dias?

Tudo dentro de mim congelou.

— Eu a vi no Jase algumas vezes. Por quê?

— Estou preocupada — respondeu. — Está recusando a terapia de luto. E ouvi dizer que teve uma briga esta manhã, mas quando perguntei, ela me ignorou falando que foi apenas um mal-entendido.

— Entendo que está preocupada, mas o que isso tem a ver comigo?

— Você a salvou, Xander. E sei que não está completamente confortável com a ideia que Peyton o vê como... o salvador. Mas só pensei que talvez pudesse ter tentado conversar com você. Mas está certo, devo estar me intrometendo. É uma situação delicada com você trabalhando aqui e a conhecendo fora da escola.

— Olha, Mya, não tenho certeza do que você quer que eu diga. — Arrastei a mão pelo rosto. — Fiz o que qualquer um teria feito.

— Eu sei. Desculpa. Ela só é difícil na queda. Passou por tanta coisa. Não quero que coloque o último ano em risco.

— Tentou perguntar o que ela quer?

As sobrançelas da Mya se juntaram.

— O que você quer dizer?

— Como disse, ela teve o mundo inteiro virado de cabeça para baixo. E todo mundo está tão ansioso para consertar as coisas para ela, mas alguém parou e se importou em perguntar o que ela quer?

Surpresa brilhou nos olhos de Mya.

— Sabe, se quiser largar o futebol, uma ajuda no escritório dos conselheiros cairia bem.

— Você está brincando, né? — Não sabia nada de dar conselhos e guiar.

— Estou falando sério, Xander. Depois de tudo que você passou, acho que os adolescentes beneficiariam de ter alguém que compreende como é.

— Como é? — perguntei, escolhendo focar naquilo do que no fato que soava que estava me oferecendo um emprego.

— Sim. — A expressão dela suavizou. — Ser um pária, tentar encontrar seu lugar no mundo. — Não gostava do jeito que ela olhava para mim, por mim, como se visse através das minhas defesas.

— Não sou esse cara, Mya.

— Não se deprecie. Acho mesmo...

— Sra. Bennet, um minuto, por favor? — Uma aluna escolheu o momento perfeito para interromper.

— Claro, Terri, o que é?

— Podemos... hm... entrar? — A garota acenou para o escritório de Mya.

— Claro. Entre e já estarei lá. Desculpa — Mya falou para mim. — Parece que o dever chama.

— Não tem problema. Preciso voltar de qualquer forma.

— O que falei... É só outra opção, sem pressão. — Ela me deu um sorriso caloroso antes de desaparecer de volta para dentro do escritório. Não falava muito com Mya, algumas vezes de passagem e na reunião ocasional que frequentava com meu irmão e Jase, mas aquela tinha que ser uma das conversas mais estranhas que já tivera.

Não era material de orientador. Mal tinha minha vida nos trilhos. Sem contar o fato que estava pensando coisas bem inapropriadas sobre uma das alunas.

Balançando a cabeça para afastar os pensamentos, continuei até o refeitório, só para trombar com Kaiden, Bryan e Gav.

— Então os rumores são verdade? — falei para o Bryan, vendo o hematoma na sua mandíbula.

— Por que não pergunta pro cuzão do Farrow — resmungou.

— Pensei que tivesse avisado para não fazer nada estúpido. — Minha sobrelha arqueou.

— É, bom, você não ouviu o que ele estava dizendo para Peyton.

Minha coluna se enrijeceu.

— Então estavam brigando por uma garota.

— Não é qualquer garota, Treinador, e você sabe disso. — Os olhos dele encontraram os meus, e por um segundo, me perguntei se Bryan sabia mais do que deixava escapar. Mas não tinha jeito... só estava sendo paranoico, era só porque ele estava ciente que a conhecia fora da escola.

— Você tem sorte que o Técnico Ford não vai deixar você de fora do jogo de sábado — falei, sabendo muito bem que Jase faria de tudo para manter o melhor jogador da defesa na escalação.

— Ele começou — Bryan protestou.

— Sim, mas você deveria saber melhor — Gav deu um olhar afiado para ele. — Farrow é uma peça, mas não vale a pena acabar no banco por ele.

Bryan passou a mão pelo cabelo, olhando para mim, e sabia exatamente o que estava pensando. Sean Farrow não valia a pena, mas Peyton valia.

Sabia disso porque estava pensando a mesma coisa.

Ela estivera com Farrow sábado à noite; estivera bêbada com ele.

Raiva lampejou por mim. Bryan não era a única pessoa parada aqui que queria dar uma lição em Farrow. Mas eu era o adulto, deveria ser a voz da razão.

Porra.

Quando a vida ficara tão complicada?

Quando você tirou o corpo sem vida dela do rio.

Um tremor passou por mim enquanto dava um pequeno aceno para os rapazes e pedia licença. Se ficasse parado para escutar mais conversa do Sean Farrow e Peyton, tinha toda probabilidade que faria algo estúpido.

E já fizera o suficiente disso.

Não vi Peyton nos próximos dias, e apesar de procurar por ela na escola, sabia que era o melhor. Era ruim o suficiente que passaríamos o final de ano juntos. Era a vez de Jason e Felicity de serem os anfitriões, então não tinha como escapar. Mesmo que só aparecesse pela comida, ele esperaria que estivesse lá.

Era a tarde de quarta, e estava pronto para sair.

— Você está bem? — Jase me perguntou antes que chegasse na porta.

— Eu estou bem.

— Ótimo. Vai fazer o que precisa e depois volte amanhã com a cabeça limpa, certo?

Consegui dar um pequeno aceno. O dia de hoje nunca era fácil, mas parecia diferente este ano. Ou talvez eu estivesse diferente.

Passando a mochila sobre o ombro, abri a porta e saí do vestiário. Sem dúvida Huckley teria algo a dizer sobre minha folga da tarde tão perto das finais, mas o time estava pronto. Kaiden estava pronto. Não tinha nada mais que poderíamos fazer a não ser colocar todo o treino e trabalho duro em jogo e esperar que fosse o suficiente.

Quase chegara no estacionamento quando notei um lampejo de loiro de soslaio. Virando-me, observei Peyton enquanto ela saiu pela entrada lateral da escola.

Onde diabos ela estava indo? Ainda tinha três horas até o último sino.

Entrando na minha caminhonete, saí do estacionamento e fui para o portão, virando à direita, na mesma direção que Peyton teria ido. Minha mente estava assoberbada com os motivos que ela estaria deixando a escola no meio do dia. Algo aconteceu com Farrow? Ele disse algo para ela outra vez? Ele... a machucou?

Porra. Minhas mãos se apertaram no volante enquanto observava a calçada a procura dela.

— Bingo — sussurrei, vendo-a à frente. Era um dia feio, com nuvens escuras e turbulentas surgindo no céu. Parecia que poderia chover. Ainda assim, não me impediria de fazer o que precisava fazer, não hoje.

Peyton por outro lado...

Tirei o pé do acelerador e abaixei a janela do passageiro.

— Ei.

— Xander? Meu Deus. — Ela apertou o pescoço. — Você quase me deu um infarto.

— O que você está fazendo? — perguntei, mantendo um olho na rua.

— Está me perseguindo?

Risada ressoou no meu peito.

— Sério?

— Ugh, que seja. Apenas... vá. — Ela ajustou o capuz de lã, se afundando cada vez mais fundo no casaco assim que um estalo alto de trovão ecoou acima. — Merda. — Peyton quase pulou.

— Quer uma carona? A coisa está feia aí fora.

— Não, eu estou bem. Preciso do ar fresco.

— Entre na caminhonete, Peyton.

— Não pode me dizer o que fazer. Além disso, alguém pode ver.

— Uma de suas sobranças se ergueram.

— Não vejo outros carros, vê?

Outro estalo de trovão ecoou no céu, gotas grandes de chuva caindo.

— Merda — murmurou, olhando para mim e de volta para a calçada.

— Última chance — falei.

— Tá bom... *tá bom!* — Peyton veio pisando firme até a caminhonete e abriu a porta, entrando.

— Se continuar resgatando você desse jeito, você vai se acostumar.

Os olhos dela deslizaram para os meus, semicerrando com suspeita.

— Acabou de contar uma piada?

— Não chamaria de piada.

Ela revirou os olhos.

— Sabe o que eu quero dizer. Você parece... diferente.

— Não leia muito nisso — resmunguei, virando na rua para o cemitério Rixon.

— Hm, os Ford moram na outra direção.

— Eu sei.

— Então tudo bem. Acho que podemos acrescentar sequestro na sua lista de falhas. — Peyton soltou um suspiro resignado, e olhei para ela. Estivera chorando se os olhos inchados eram indicativos. Mas ela ainda me tirava o fôlego. Ela era bonita para caralho.

— Tenho uma lista? — O tom brincalhão na minha voz me surpreendeu. Mas ela parecia tão triste, tão partida... naquele momento, faria qualquer coisa para fazê-la sorrir.

— Não importa — respondeu baixo.

Baixo demais, como se não tivesse mais forças dentro dela, e me recusava a acreditar nisso por um segundo.

— Vai em frente, tenta...

— Bom, você é arrogante, para começar. — Ela enfim olhou para mim. — E taciturno e rabugento, tão rabugento.

— Fale como realmente se sente. — Sorri, olhando para ela.

— Você fala uma coisa, mas faz outra, e me passa todos esses sinais confusos. É confuso. — A voz dela ficou baixa outra vez. — Você é confuso.

— Sinto muito. — Não era o suficiente, mas era tudo o que eu tinha agora.

O clima na caminhonete ficou denso outra vez, o silêncio quase pesado demais para aguentar. Mas não sabia o que dizer para consertar as coisas, e ela não estava errada. Eu era todas aquelas coisas e mais. Peyton me via. Ela me via de jeitos que ninguém nunca vira, e me assustava para caralho.

— Para onde estamos indo?

— Vai ver — falei, pegando a saída para o cemitério. Era nos limites da cidade, na fronteira do bosque denso que levava até o lago. Eu vinha aqui duas vezes por ano, não importasse o que acontecesse. Sempre vim, sempre viria.

Mas nunca trouxera ninguém aqui antes.

— O cemitério... você me trouxe no cemitério. Bom, isso não é nada estranho. — Peyton passou a mão pela condensação na janela. A chuva estava caindo, ricocheteando no capô da minha caminhonete.

Entrei no pequeno estacionamento de terra. Tinha um pavilhão, então peguei minha capa de chuva do banco de trás e saí, me protegendo com ela enquanto corria para a porta da Peyton.

— Você perdeu a maldita cabeça? Está caindo o mundo...

— Com medo de um pouco de chuva? — Meus lábios se apertaram enquanto lutava contra um sorriso.

Os olhos dela semicerraram.

— Quem é você e o que fez com o Xander Chase que conheço e... — Ela se parou, engolindo o que fosse que estivesse prestes a dizer.

— Vem. — Estiquei o braço para sua mão, desarmado pelo formigamento de eletricidade que fluiu entre nós. Se Peyton sentiu, não falou nada enquanto eu segurava a capa sobre sua cabeça e fechava a porta, e a levava para o pavilhão.

— Está caindo o mundo — falou, sentando-se no banco de pedra cercado a parede. Uma rajada de vento frio vagou pelo ar e

observei, enfeitado, seus lábios rosa.

— Xander?

Pisquei.

— Ahn?

— Tem algo errado? — O mais leve dos sorrisos moveu sua boca.

Aquela boca.

Deus, as coisas que imaginei fazer com aquela boca.

— Gosto do seu gorro. — falei, sentando ao seu lado. Perto o suficiente para tocá-la, mas ainda longe o suficiente para resistir.

— Meu gorro. — Peyton esticou a mão para ele sem perceber.
— É só um gorro.

— Mas fica bem em você.

— Você está... flertando comigo?

— Você sempre fala o que seja que está na sua cabeça? Mesmo que possa colocá-la em problemas?

O sorriso dela cresceu.

— Principalmente se puder me causar problemas.

Jesus. Essa garota.

— Me diga o que aconteceu hoje na escola — mudei de assunto.

As paredes dela subiram na hora e abaixou o olhar para as mãos, as retorcendo.

— Foi o Farrow outra vez? Porque se foi...

— Você vai o quê? — Não tinha acusação em sua voz, só uma leve curiosidade. Estávamos nadando contra a maré, rapidamente vagando para onde a atração era forte demais, e se não tivéssemos cuidado, logo estaríamos nos afogando sem escapatória.

Precisava parar. A provocação e o flerte. As palavras brincalhonas para fazê-la sorrir.

— Sean é um babaca — sussurrou, encontrando meus olhos devagar outra vez. — Ele falou algumas coisas bem ruins para mim no outro dia. Pensei que fosse a última vez quando Bryan desceu o braço nele, mas parece que não sabe quando parar.

— O que aconteceu... com ele, quero dizer?

— Você quer mesmo saber?

— Não teria perguntado se não quisesse.

Peyton me observou por um segundo, e não culpava sua hesitação. Eu estava passando sinais confusos. Mas o que ela não sabia era que todas as vezes que nossos caminhos se cruzavam, estava ficando mais difícil fazer a coisa certa. Afastar-me.

— Você está com aquele olhar outra vez — falou, tão baixo que mal a ouvi.

— Que olhar?

Um momento passou.

O ar estalou.

E ela disse as cinco palavrinhas que fizeram meu mundo rodar.

— Como se quisesse me beijar.

CHAPTER 17

PEYTON

XANDER NÃO PISCOU. Ele não fez nada. Apenas olhou para mim como se estivesse me vendo pela primeira vez, e queria acreditar que significava alguma coisa. Queria tanto acreditar que era isso, o momento em que ignorávamos todas as regras e cedíamos a essa coisa que crescia entre nós.

Mas ele não se aproximou.

Outra vez, ele não me beijou.

Não fez nada.

Desânimo afundou em mim. Frio e cruel, desânimo. Deus, quantas vezes faria isso? Esperar que ele tomasse uma atitude? Que me provasse certa e confirmasse o que eu sentia todas as vezes que estávamos juntos.

— Por que você me trouxe aqui, Xander? — Consegui forçar toda a mágoa da minha voz. Nem soava brava, apenas resignada.

— Meus pais estão enterrados aqui. Venho todos os anos para vê-los. Duas vezes, na verdade. Uma no aniversário da morte da minha mãe e outra...

— No aniversário da morte do seu pai.

Ele concordou com a cabeça.

— Ele morreu há dezessete anos atrás em um acidente. Três anos e meio depois que perdi minha mãe. Tinha onze anos.

— Sinto muito.

— Eu também.

Sem pensar, estiquei o braço para sua mão. Não importava que ainda sentia o amargor da rejeição na boca. Xander me confortara quando mais precisei. Podia fazer o mesmo por ele.

Quando nossos dedos se enlaçaram, não sei quem ficou mais surpreso. Eu ou ele. Mas parecia tão natural ficar tão perto dele, tão certo. Como se parte de mim soubesse que ele era meu, independente do que a sociedade dissesse.

Amor não era um caminho fácil; com frequência era difícil e confuso e caótico. Não que eu amasse Xander. Mas sabia que

estava me apaixonando por ele. Reunira os pedaços de atenção e conforto e momentos suaves e agora queria mais.

Queria tudo.

— É meu aniversário em breve — tagarelei, desejando que a chuva afogasse minhas palavras.

Não o fez.

Xander ficou tenso ao meu lado, lendo o significado escondido nas minhas palavras. Faltavam só doze dias até que fizesse dezoito anos. Doze dias até minha idade não importar mais.

— A chuva está diminuindo — falou, soltando a mão da minha, o momento desapareceu tão rápido que parte de mim se perguntou se eu tinha imaginado.

Se não machucasse tanto, teria ficado impressionada com a facilidade que ele fica quente e frio comigo.

— Vou lá... — Ele se levantou e acenou para a fileira mais próxima de lápides.

— Vou esperar aqui — falei, de repente me sentindo deslocada.

Ele me trouxe aqui, no lugar que visitava os pais. Era íntimo demais para não significar nada. Não era?

Queria que soubesse.

Queria que tivesse experiência com caras tipo o Xander. Caras mais velhos com experiência de vida e histórias para contar. Passei por muita coisa nos meus quase dezoito anos, mas ainda me sentia tão inocente perto dele. Eu era dominada pelas minhas emoções e transparecia.

Mas jurei há muito tempo que nunca seria menos do que mim mesma.

A chuva criara uma névoa sobre o cemitério, e observei enquanto Xander se movia por uma fileira até duas lápides lado a lado. Sabia que ele e o pai da Ashleigh perderam os pais quando Xander era um jovem garoto, mas não podia imaginar como deve ter sido para ele ver a mãe sofrer só para perder o pai em um acidente trágico três anos depois. Ele tinha onze anos e o mundo inteiro foi destruído. Meu coração sentia por ele: pelo garoto que era na época e o homem que era agora. Era óbvio que Xander carregava muito luto e dor não resolvidos pelo que aconteceu.

Cameron e Hailee o criaram. Que grande responsabilidade quando eles mesmos eram tão jovens. Mas também tinha algo tão lindo nos irmãos que ficavam juntos quando seus mundos implodiam. Mas do pouco que sabia do relacionamento deles agora, não era tudo alegria. Frequentei reuniões familiares dos Ford e Chase para saber que Xander nem sempre aparecia, e quando o fazia, com frequência ficava na dele.

A vibração do telefone me tirou dos meus pensamentos e o peguei do bolso.

Lily: Você matou aula?

Peyton: Apenas preciso de um pouco de ar. Estou bem. Vou pra casa mais tarde.

Lily: Onde você está? Estou preocupada...

Culpa densa e pegajosa serpenteou por mim.

Peyton: Estou bem, prometo. Algumas das fãs do Sean me encurralaram no banheiro feminino.

Ele espalhara um monte de mentiras sobre mim. Acho que rejeição era uma desculpa para ser um babaca cruel porque as coisas que contara a elas...

Inalando uma respiração entrecortada, limpei os olhos e mandei outra mensagem antes que ela pudesse responder.

Peyton: Vou ficar bem. Eu só não podia ficar lá mais um segundo. Por favor, não se preocupe comigo.

Lily: Impossível. Você é minha melhor amiga. É o que fazemos.

Respondi a mensagem com um emoji de coração e coloquei o telefone no silencioso, enfiando de volta no meu bolso. A verdade era que quando fugi da escola, não estava pensando em nada além de sair daquele banheiro. As paredes começaram a se fechar ao meu redor enquanto Layla e as amigas me provocavam sobre Sean.

Antes de perceber o que estava fazendo, saíra pela entrada principal da escola e entrei no ar frio do inverno... e continuei a andar. Apenas continuara até sair pelos portões.

Provocadora.

Ralé.

Putá.

As palavras delas passaram por mim. Sabia que meus colegas de turma achavam que eu era uma notória chavequeira. Antes... de tudo, fora verdade até certo ponto.

Gostava da atenção. Preenchera aquele buraco aberto dentro de mim. A parte de mim que desejava ser normal. Ser uma adolescente normal. Mas não era imprudente com meu corpo. Não dormia com um cara atrás do outro. Eu não era assim.

Observara a porta giratória de homens da minha mãe. Homens que a usariam e machucariam e a fariam chorar de dor. Não tinha desejo algum de me tornar isso... nenhum. Mas flertar, beijar, dar uns amassos com um rapaz me faziam sentir melhor. Nunca prometi mais do que podia dar, e sempre, sempre tomei cuidado.

— Peyton?

Xander parou na minha frente, os olhos enrugados com preocupação. Nem mesmo ouvira ele se aproximar, perdida demais nos meus pensamentos.

— Você está chorando.

— Eu não... — Toquei meus dedos congelados nas bochechas.
— Não percebi. Deu tudo... certo? — perguntei.

— Sim. — Ele se juntou a mim no banco outra vez. — Nunca fica mais fácil, mesmo depois desse tempo todo.

— Você sente falta deles.

— Cada segundo de cada dia — admitiu. — Nunca superei isso, perdê-la. Me mudou. Terapeutas tentaram dar um nome, para ajudar meu pai e irmão a entenderem, para me ajudar a entender. Mas sempre soube qual era o problema... algo dentro de mim se partiu no dia que precisei me despedir dela. Talvez fosse meu coração, ou meu senso de razão ou alguma parte do meu cérebro. Não sei... mas não fui o mesmo depois disso.

— Xander... — Minha respiração falhou, a dor dele algo vivo ao nosso redor. Queria esticar o braço para ele, confortá-lo, mas estava tão assustada de ser rejeitada outra vez.

Mas eu não conseguia me impedir. Porque ele estava sofrendo, e precisava mostrar que não estava sozinho.

Passando o braço pelo dele, enlacei nossas mãos. Xander abaixou o olhar para onde nossos dedos estavam unidos, e segurei o fôlego, esperando que se afastasse.

Mas não o fez.

— Não precisa significar nada — sussurrei, apoiando a cabeça no seu ombro enquanto nós olhávamos para o cemitério.

— Significa — respondeu depois de um segundo. — Significa... muito.

Meu coração palpitou, e estava desesperada para saber o que estava pensando. Mas agora não era a hora de pressionar por respostas.

— Achei impossível fazer amizades — falou baixo. — Tinha problemas afetivos, de confiança, ansiedade, depressão. O que pensar, eu tinha. Quando chegou o ensino médio, ficara muito bom em fingir. Era bom no futebol, muito bom, e se tornou uma maneira de me comunicar. As pessoas não queriam saber como eu estava. Queriam saber das minhas estatísticas e minha performance em campo. Era mais fácil fingir do que tê-los me olhando mais de perto.

— Entendo. Você se escondeu nisso.

— Sim. Mas quando o último ano chegou, a pressão era insuportável. Me sentia como se não pudesse respirar... Devagar, jogo por jogo, treino por treino, eu rachei. E porque ficara tão bom em fingir, ninguém percebeu... até que era tarde demais.

Xander respirou fundo como se dizer as palavras o machucasse fisicamente. Ou talvez fosse a verdade por trás delas. Ou a vulnerabilidade de me contar.

O que fosse, soube no momento, que estava certa. Xander e eu éramos iguais. Nossas histórias não eram idênticas, mas quem éramos, quem nos tornáramos, era.

— Cameron sabe?

— Ele sabe... pedaços. Mas nunca compreendeu por que joguei tudo para os ares.

— Talvez um dia você devesse contar. — Olhei para Xander, surpresa de encontrá-lo me observando.

— Deus, você é linda.

— Eu... — Calor inundou minhas bochechas enquanto tentava abaixar os olhos e me dar um segundo para recuperar o fôlego. Mas o dedo de Xander deslizou sob meu queixo, me forçando a olhar para ele.

— Você é corajosa e linda e merece muito mais do que...

— Do quê?

Ele.

la dizer ele.

Mas soltou um suspiro controlado e disse:

— O que você teve que lidar.

Meu coração se contraiu. Estava determinado a manter as coisas entre nós inocentes quando não queria nada mais do que subir no seu colo, pegar o rosto entre minhas mãos e o beijar até que estivéssemos respirando um pelo outro.

— Obrigada — falei, controlando a vontade de beijá-lo —, por me contar.

— Não sei por que, mas é fácil com você. — Os dedos dele se moveram para minha bochecha, empurrando um cacho solto de volta para dentro do meu gorro. Um tremor passou por mim com o toque íntimo, a sugestão em suas palavras.

Mas sabia o que queria dizer. Pela primeira vez, eu me peguei querendo me abrir.

Os olhos dele foram para minha boca outra vez, e quase podia imaginar seus lábios roçando sobre os meus.

— Xander...

— Porra — suspirou, o ar estalando entre nós. — Sou mais esperto que isso. Deveria ser...

Não estava falando comigo; estava em guerra consigo mesmo.

— Está tudo bem — sussurrei.

— Não, não está. — Ele me puxou nos seus braços, afundando meu rosto em seu peito. Minhas mãos passaram sobre seus ombros enquanto ele abaixava o queixo para minha cabeça, me segurando. — Nada disso é justo.

Xander estava me segurando como se nunca quisesse me soltar. E apesar do quanto eu queria que me beijasse, de alguma forma isso era muito mais.

— Venha no jogo sábado.

— Tenho que trabalhar — falei, minhas palavras abafadas por todas as camadas entre nós.

— Troque de turno. Deveria estar lá... quero você lá.

— Quer? — Eu me afastei, olhando para ele.

Seus olhos brilhavam com possessão.

— Não gostei de procurar por você na multidão no final de semana passado, sabendo que não estava lá.

— Ah. — Meu estômago ficou tenso com suas palavras roucas.

Diminuiu a distância entre nós, se aproximando para roçar o nariz no meu. Era um sussurro do beijo que queria tanto que meu corpo sofria por isso. Mas ainda assim, ele não me deu, sua boca pairando fora do alcance.

Senti aquele friozinho louco na barriga.

— O que estamos fazendo, Xander?

— Nada... não estamos fazendo nada. — As palavras eram curtas, tensas. Quase tão tensas quanto seu corpo sob meu toque.

— Certo — falei baixo.

Se o fizesse sentir-se melhor fingir que não estávamos fazendo nada, fingir que isso não significava nada, eu poderia fazer o mesmo.

Contanto que não me afastasse outra vez.

— Está com fome? — perguntou, e foi uma mudança tão brusca no momento intenso que acabamos de compartilhar que risada borbulhou de mim. — O quê? — Ele sorriu.

— Sim, poderia comer. — Ansiedade percorreu meu corpo. Ele não iria me levar de volta para os Ford como se isso fosse um erro. Iria me alimentar.

— Vamos. Tá um frio de cair o cu da bunda. — Xander levantou, pegando minha mão e me puxando de leve. Esperava que se afastasse, mas me surpreendeu outra vez, ao me segurar o caminho inteiro até a caminhonete.

— Cuidado — falei enquanto segurava a porta aberta e esperava que eu entrasse. — Poderia me acostumar com isso. — Um sorriso dançou em meus lábios.

Xander balançou a cabeça, me dando um olhar de desaprovação, mas vi o brilho em seus olhos.

Ele gostava disso: do gracejo, da tensão, e intensidade. Mesmo que não aceitasse por completo.

Eu também gostava.

Gostava bastante.

— Isso não é o drive thru — falei minutos mais tarde quando paramos na frente de um prédio em uma quadra tranquila no centro.

— É meu apartamento.

Apartamento dele?

— Ah.

— Não precisamos... só pensei que poderíamos comer com conforto.

— Conforto, claro. — Dei um olhar divertido para ele.

As sobranceiras de Xander se apertaram.

— Vamos deixar uma coisa clara, Peyton. Isso não é uma tentativa de...

— Eu sei, só estou brincando. É apenas comida.

— Certo.

— No seu apartamento.

Ele xingou baixo.

— Foi uma má ideia. Vou te levar...

— Espera. — Peguei seu braço. — Só estou brincando. Faço isso as vezes... quando estou nervosa.

Compreensão despontou em seus olhos ao se aproximar.

— Eu a deixo nervosa, Peyton?

Isso era território perigoso.

Perigoso para caramba.

Como uma dança proibida de puxa e empurra, mas era impossível não ser levada pelo momento.

— Falou algo sobre me alimentar? — Arqueei a sobrancelha, tentando deixar o clima mais leve. Porque quando ele olhava para mim desse jeito, todo sedutor e sério, meu coração bateu com tanta força no meu peito, eu não conseguia respirar.

Um sorriso ergueu o canto da sua boca e ele riu. Xander riu e era um som que queria engarrafar e manter sempre comigo.

Jesus. Menos de algumas horas com ele e queria engarrafar sua risada e memorizar seu sorriso.

— Tão exigente — murmurou, antes de sair da caminhonete, e vir abrir minha porta.

Poderia me acostumar com isso.

Com Xander me paparicando, abrindo portas, e insistindo em me alimentar. Mas sabia que a vida real não funcionava desse jeito. O que isso fosse, aproveitaria cada segundo.

E só esperava sobreviver ao resultado.

CHAPTER 18

XANDER

PEYTON PARECIA em casa encolhida no meu pequeno sofá, atacando o lo mein. Pensei que seria estranho trazê-la aqui, deixá-la ver onde eu morava. Na verdade, no segundo que abri a porta e a deixei entrar, pensei que era a porra de um erro enorme. Mas do melhor jeito Peyton, ela dera uma olhada no meu pequeno apartamento, declarara seu amor por ele, tirara os sapatos e se acomodara no meu sofá.

Fiquei parado na minha pequena cozinha a observando. Nunca conheci ninguém como ela. Antes do acidente, teria dito que ela era como qualquer outra garota de dezessete anos, mas Peyton tinha camadas. Camadas que não mostrava para o mundo. E sabia que se as afastasse, uma por uma, encontraria uma garota além da sua idade, mas com uma vulnerabilidade que não costumava deixar que as outras pessoas vissem.

A vida dela fora difícil; percebera isso do Jase e Ashleigh. Peyton preencheria algumas lacunas, mas ainda não sabia sua história inteira. E pela primeira vez na vida, eu queria.

Eu queria conhecê-la.

Sabia que não deveria. Era errado, de tantas maneiras. Mas eu não conseguia me parar. Peyton me atraía, me fazia sorrir. Ela me fazia rir, e isso não acontecia há um bom tempo.

— Sei que você está me observando. — Olhou para mim e sorriu. — Venha, coma. Nunca vou dar conta de tudo isso.

Pedi comida do meu lugar favorito e observei Peyton comer o peso do seu corpo em lo mein e frango com gergelim.

— É bom, né? — falei, me juntando a ela no sofá.

— Tão bom. — Lambeu os lábios e imaginei beijá-la, outra vez.

Não podia pensar em nada mais, e ela sabia. Permanecia no ar ao nosso redor. Me provocando. Me tentando. Mas se atravessássemos essa linha não teria volta, e não era só minha vida que poderia arruinar.

— Abra — ordenou, se aproximando de mim. Com uma habilidade impressionante, Peyton pegou um pedaço de frango com

os pauzinhos e ergueu para minha boca.

Os olhos dela se iluminaram, observando enquanto saboreava os sabores aromáticos.

— Acho que ninguém me deu frango com gergelim na boca antes — falei.

— Bom, acho que tem uma primeira vez para tudo. — As bochechas dela coraram enquanto se servia de mais macarrão. — Então, um passarinho me contou que vai na casa dos Ford para o jantar de Natal?

— Falei que passaria lá.

— Não pareça tão animado.

— Não sou fã de festas de final de ano. — Dei de ombros.

Peyton colocou o recipiente quase vazio na mesa e cruzou as pernas sob o corpo.

— Por que isso não me surpreende.

— Quando era mais jovem, meu irmão e Hailee sempre tentaram fazer um evento grandioso, mas preferia quando éramos só nós três.

— Como foi crescer com eles?

— Idolatrava Cameron na época. Tudo o que sempre quis foi viver com ele e Hailee. Eu me lembro dele estar na faculdade e odiava isso. Estava no segundo ano e só parecia... errado estar longe dele. Não foi uma boa época para mim.

— E agora?

— Agora o quê?

Revirou os olhos.

— Você sabe o que eu quero dizer.

— Nós crescemos. — Soltei um longo suspiro. — Eu cresci, e não sei... as coisas mudaram.

— Sempre gostei dos finais de ano. Era a única época do ano que minha mãe costumava entrar nos trilhos. — As mãos dela se contorceram no colo e podia pressentir seu desconforto.

— Você não precisa me contar...

— Não, eu quero. É só... não é fácil me lembrar de como as coisas eram ruins.

— Sempre foi só você e sua mãe?

Peyton assentiu.

— Não me lembro de meu pai estar presente. Ela me disse que ele morava do outro lado do rio em Halston. Nunca perdeu tempo em aparecer e nunca perdi tempo de procurar por ele. Moramos nos trailers até ter onze anos, depois nos mudamos para o outro lado da cidade. Estava tão animada para enfim morar em uma casa de verdade. Mas percebi rápido que só trocamos um pesadelo por outro. Minha mãe tinha um relacionamento de amor e ódio com craque.

Porra. O que ela passara... sabia que era ruim, só não sabia quanto.

— Ela se prostituía para bancar o hábito, então estava acostumada com uma onda de homens indo e vindo. Fiquei muito boa em me esconder ou ficar longe. Tínhamos essa vizinha, Sra. Harrison. Ela me deixava ficar as vezes se minha mãe estivesse chapada. Costumava assar cookies para mim e me deixava assistir tantos desenhos que quisesse.

— Peyton... — Minha voz estalou.

Nenhuma criança deveria aguentar isso.

Mas Peyton não apenas suportara, saíra mais forte. Corajosa e linda e confiante.

— Quando conheci Lily, estava tão animada de ter uma amiga, uma verdadeira amiga. Não olhava para mim e via a garota com a mãe viciada e roupas de segunda mão. Ela me via. Nunca vou esquecer isso.

— É uma boa garota.

Peyton hesitou e me arrependi na hora de dizer isso. Mas era natural me referir a elas como garotas. Porque era isso que eram — as filhas dos meus amigos. Estudantes de ensino médio. Adolescentes.

Crianças.

Jesus, o que diabos eu estava fazendo?

— Ah não, conheço essa expressão. — A mão de Peyton foi para sua garganta. — Está prestes a me dizer que isso foi um erro e que você deveria ter me levado de volta para os Ford.

— Você me confunde com um cara bom — falei baixo.

— Você me salvou.

— Também quebrei uma centena de limites morais com você.

— Sei de um limite moral que você não quebrou comigo. — Um sorriso leve moveu os lábios de Peyton.

— A assustaria se dissesse que queria isso? Que queria você?

Território perigoso... estava deixando a conversa entrar em território perigoso outra vez.

— Por que isso me assustaria?

— Porque não sou um merdinha convencido que não sabe o que fazer com o corpo de uma mulher.

A respiração dela falhou, os olhos arregalados e brilhantes e cheios de curiosidade.

— Não fale coisas assim para mim a não ser que esteja falando sério. — As pálpebras dela se moveram. — Não é justo.

— Nada disso é justo — sussurrei, o braço deslizando pelo encosto do sofá para puxar de leve as pontas do seu cabelo. Ela tirara o gorro mais cedo e trançara os cachos dourados em uma trança sobre o ombro.

Não tinha certeza se ela estava ciente disso, mas Peyton se aproximava do meu toque, um gemido suave escapando dos seus lábios.

Jesus. Era um teste sério de controle não ir até ela, puxá-la em meus braços e beijá-la do jeito que queria desde o dia perto do lago na casa do Jase.

Não estava nem certo de como chegamos aqui, em um lugar que estava seriamente considerando quebrar todas as regras que tinha por ela.

Nunca tive nada que era só meu. Normalmente, sabotava tudo de bom na minha vida porque não sabia como fazer... *isso*. Não sabia como deixar alguém entrar.

Mas Peyton era diferente. Sabia como era crescer sentindo-se sozinho no mundo, sentindo-se abandonado. Peyton sabia... quando muitos não o faziam.

Nossas histórias não eram as mesmas, mas nossas almas, nossas almas eram.

— O que você está pensando? — perguntei, meus dedos ainda brincando com as pontas do seu cabelo.

— Você estava certo. — Solto um suspiro pesado, olhando para um lugar na parede. — Aquela noite que você me encontrou, acho

que tinha uma parte de mim que queria que tudo parasse. Acho que tinha uma parte de mim que queria... — Devagar, seus olhos se ergueram para os meus, cheios de tanta angústia que o ar saiu dos meus pulmões com um *whoosh*.

Parte de mim sabia a verdade, mas ouvi-la admitir era devastador.

— Ainda sente isso?

— Não... quero dizer, não sou suicida, Xander. Não é o que isso é. Mas naquele momento, eu só queria... queria não existir.

— Vem cá. — Puxei sua trança de leve e ela se aproximou, se afundando do meu lado. Passei o braço no seu ombro e a segurei firme. — Se algum dia se sentir assim...

— Não me sinto. Não como aquela noite. Mas as vezes as coisas se acumulam dentro de mim e parece que poderia explodir. — Colocou uma mão no meu peito e olhou para mim. — Eu me cortei.

— O quê? — Saiu duro, a confissão estilhaçando algo bem fundo em mim.

Ela hesitou.

— Foi apenas uma vez... — Pânico marcou sua expressão. — Eu-eu precisava saber como era. O que ela sentiu... precisava entender.

— Peyton, isso... — Não sabia o que diabos era. Mas não soava bom.

— Não fiz outra vez. Eu me senti... Deus, me senti tão envergonhada depois. Mas tinha outra coisa. Essa... grande sensação de alívio. Como se toda a frustração e emoção acumuladas tivessem um jeito de sair. — Lágrimas se juntaram nos cantos dos seus olhos. — Posso compreender como as pessoas almejam aquela sensação várias vezes.

— Fico feliz que tenha me contado. — Sem pensar, curvei o braço em volta do seu pescoço e a puxei mais para perto, dando um beijo em sua cabeça. — Mas acho que precisa conversar com alguém, um profissional...

— É, acho que está certo.

— Mesmo? — Eu me afastei de repente.

— Sim. Não estava pronta antes... mas acho que estou pronta agora.

Eu me abaixei, tocando a cabeça na dela.

— Você tem muito para viver, Peyton.

— Mesmo? — Enrolou a mão no meu suéter, nos ancorando juntos. O gloss de baunilha me provocava enquanto o ar ficava denso entre nós.

— Peyton — sussurrei —, isso é uma má ideia.

— Uma ideia terrível. — A boca dela se curvou enquanto se aproximava, pairando a boca sobre o canto da minha.

— Se eu a beijar...

— Você não precisa me beijar — falou, deslizando a mão para minha mandíbula e pressionou um dedo nos meus lábios. Meu corpo era uma mola tensa, rígido ao lado dela. Se ela me beijasse...

Porra.

Meu controle estava falhando. O cheiro dela, o cabelo loiro sedoso roendo na minha bochecha, os dedos contorcidos no meu suéter... estava por um fio. Ainda assim, não podia me mover. Não podia fazer a coisa certa. Preso por suas palavras, seu toque.

— Peyton... — Saiu entrecortado enquanto tentava respirar. Minha língua saiu para molhar os lábios, tocando a ponta do seu dedo. Ela abafou um gemido, os olhos ficando pesados enquanto seu olhar ia da minha boca para meus olhos e de volta.

Porra. Porra. Porra.

Calor se enrolou na minha coluna, uma linha direta até meu pau que pressionava contra o jeans, desesperado para senti-la.

Estava encrocado para caralho.

— Só quero tentar uma coisa — falou, os olhos cheios de travessura.

Com cuidado, ficou de joelhos e montou no meu colo, envolvendo os braços no meu pescoço. Eu não me mexi. Não ousei respirar. Observando enquanto ela se acomodava e se aproximava para tocar a cabeça na minha. Os dedos brincaram com as pontas do meu cabelo do jeito que eu fizera com sua trança.

— É uma arma no seu bolso ou só está feliz em me ver?

Risada ressoou no meu peito enquanto soltava embargado:

— Não posso acreditar que você acabou de dizer isso. — Meu braço se curvou em volta da sua cintura, a puxando mais perto. Os lábios de Peyton se abriram com um suspiro.

— Assim é... melhor. — Abafou uma risadinha.

— Pare — ri outra vez, abaixando a cabeça e pressionando um beijo na sua clavícula. — Não precisa ficar nervosa comigo.

— Você se conhece, né?

Erguendo a cabeça, sorri.

— Sou bem incrível.

— E convencido ao que parece. — Revirou os olhos. — Mas sério, isso é bom? Porque meio que tive a impressão que você não queria...

— Pare. — Meu dedo nos seus lábios a interrompeu. — Se não quisesse que isso acontecesse, não estaria acontecendo. — Como se tivesse algum controle sobre mim perto dela.

Nunca deveria ter chegado neste ponto... entretanto aqui estávamos, no precipício de alguma coisa.

Algo que não queria analisar a fundo.

— Ainda não me beijou — provocou, roçando o nariz na minha bochecha, seguindo com os lábios.

— Talvez esteja esperando a hora certa — falei.

— Quer dizer até eu ter dezoito anos?

— Peyton, alguns dias não vai mudar como me sinto sobre você.

— Dei um olhar firme a ela, mas estava me encarando com olhos cheios de confusão.

— Como você se sente sobre mim?

— Acha que é um hábito meu trazer mulheres para cá para comer no meio da tarde?

— Quer dizer, que não é? — Ela me deu um sorriso tímido.

— Acho que sabe a resposta para isso.

— Talvez. — Peyton pressionou os lábios juntos. — Não esperava... isso. Costumava assisti-lo no treino, sabia. Costumava brincar com Lily sobre você... mas não achava... nunca pensei que estaríamos aqui, agora.

— Aquela noite mudou as coisas. — Percebia isso agora.

Nunca olhara duas vezes para Peyton antes daquela noite. E tentara com muito afinco esquecer tudo sobre ela. Mas sabia o

suficiente sobre trauma para saber que unia algumas pessoas. Estava lá aquela noite. Eu a vi entrar no rio. Nunca esqueceria aquilo.

— O quê? — Peyton procurou meus olhos. Quando não respondi, acrescentou: — Você acabou de ficar tenso. O que você está pensando?

— Sobre aquela noite...

— Por favor, podemos não...? Já falei que conversaria com alguém.

— Nunca vou me esquecer daquela noite, Peyton. — Eu tirei o cabelo do seu rosto.

Não sabia se era a compreensão que se não tivesse tropeçado nela aquela noite as coisas poderiam ter acabado bem diferentes; a conexão assoberbante que senti enquanto ela olhava para mim quando a tirei da água; ou o conhecimento que a vida era preciosa demais, curta demais e desperdiçável. Mas sabia que se não a beijasse bem aqui, neste momento, eu me arrependeria.

No segundo que nossos lábios se tocaram, todas as dúvidas desapareceram. Não éramos duas pessoas separadas pela idade e regras da sociedade, éramos duas pessoas unidas pelo luto e trauma e uma conexão que não podia ser negada.

Peyton gemeu enquanto deslizava a mão no seu cabelo e aprofundava o beijo, curvando minha língua na dela.

— Xander — suspirou, movendo os quadris contra mim.

Porra, era bom.

Bom demais.

Seria tão fácil me perder nela.

Rebolou os quadris outra vez, e um gemido subiu pela minha garganta.

— Peyton, pare. — Minhas mãos deixaram seu cabelo, segurando seus quadris. — Precisamos parar.

Mas ainda a estava beijando, ainda passando os lábios sobre sua mandíbula e pela curva do seu pescoço enquanto se esfregava em mim, apertando meu suéter como se não quisesse soltar.

— Peyton — engasguei. — Precisamos desacelerar... — *Temos que parar.*

Rígida, ela se afastou para olhar para mim. A pele estava corada, os olhos brilhando com desejo. Porra, ela era tão linda.

Um pequeno sorriso incerto moveu seus lábios.

— Gosto de beijar você — falou.

Eu também gostava. As palavras estavam na ponta da minha língua, mas eu as engoli.

— Temos tempo — falei, inalando uma respiração trêmula.

Ela me encarou, o desejo em seus olhos embotando um pouco.

— Temos? Porque isso parece um sonho... e quando eu acordar, você vai voltar a me evitar.

Minha mandíbula se contraiu enquanto tentava controlar o desejo percorrendo minhas veias.

— Não vai ser assim. Não dessa vez. Prometo.

Precisava descobrir como lidar com isso enquanto causava o menor dano possível. Porque isso – ela e eu – ia acontecer. Mas sabia que não seria fácil.

Passei o polegar sobre a mandíbula dela e seus cílios farfalharam.

— Não parta meu coração, Xander — sussurrou, os olhos fixos nos meus. — Não sei se sobreviveria.

CHAPTER 19

PEYTON

XANDER NÃO me deu carona de volta para os Ford. Eu queria andar. Precisava de espaço para pensar, para processar tudo que acontecera.

Ele não gostou da ideia, mas insisti. Além do mais, não era como se ele pudesse me deixar na porta sem uma explicação. Uma que eu sabia que nenhum de nós tínhamos no momento.

Não teve mais beijos nem toques nem abraçar um ao outro, e por mais decepcionada que estivesse, não podia negar que parte de mim estava aliviada. Porque beijar Xander... foi completamente assoberbante. Mesmo com o ar frio roçando açoitando meu rosto, ainda podia sentir o calor da sua boca contra a minha, sentir seu gosto na língua.

Afundi no meu casaco, tentando me proteger o máximo possível do vento cortante. Lily ligara duas vezes desde a mensagem. Estava preocupada e sabia que tinha perguntas. Perguntas que não queria responder.

Perguntas que não podia responder.

Porque esse negócio entre Xander e mim, precisava permanecer em segredo. No segundo que se tornasse público, iria implodir. E me recusava a deixar que isso acontecesse, não quando ainda era tão novo e frágil.

Ele havia me beijado.

Xander Chase me beijou com tanta intensidade que tinha quase certeza que me arruinara para todos os outros beijos.

Toquei um dedo nos lábios, sorrindo que nem uma idiota ao atravessar a rua para o bairro dos Ford. Não conversáramos sobre o que o beijo significava ou o que não significava, mas sabia que algo havia mudado entre nós.

Mas minha bolha estourou no segundo que entrei na casa dos Ford.

— Peyton, na cozinha, por favor. — Felicity chamou.

Os pelos na minha nuca se eriçaram enquanto tirava as botas forradas de pelo e ia para a cozinha. Lily e Poppy estavam sentadas

na bancada de café da manhã, as duas com expressões sérias.

— Está tudo bem? — Minha pele vibrava. Ela sabia onde eu estava? De algum jeito descobriram sobre Xander?

Pânico surgiu dentro de mim.

— Por que você não senta, querida?

Querida era bom. Era um apelido. Ela não estaria me chamando de querida se estivesse prestes a me repreender.

— Certo, pessoal, vocês estão começando a me assustar. — Risada tensa borbulhou na minha garganta.

— O Diretor Kiln ligou. Matou aula esta tarde?

— Sim, mas posso explicar... — comecei. — Tive um momento e precisei sair de lá.

— Você não pensou em ir ao escritório de Mya ou pedir para ver a enfermeira?

— Não estava pensando direito.

— O Diretor Kiln está preocupado. — Os olhos dela se enrugaram com preocupação. — Ele falou que teve uma briga...

— Não foi nada. — Dei um olhar de "me ajude" para Lily, mas ela só moveu a boca: — Me desculpe.

— Sei que as coisas estão difíceis, Peyton, mas não podemos ajudá-la se não conversar conosco. Se acha a escola difícil...

— Não acho.

— Então, o que aconteceu? Sair no meio do dia não é do seu feitio, Peyton, e não podemos deixar para lá porque...

— Me desculpe, tá bom? Algumas garotas estavam falando umas merdas e deixei me atingir. Não queria fazer alarde, mas não podia ficar lá. Então fui embora. Falei para Lily que estava bem.

— Garotas? — Lily enfim falou. — Que garotas? — Tinha um tom protetor nas palavras, e orgulho desabrochou dentro de mim.

Teve um tempo que nossos papéis eram reversos; quando defendia Lily das garotas malvadas e víboras de Rixon High. Ela melhorou tanto.

Mas ainda assim, eu disse:

— Não importa. — Porque não precisava dela ou de ninguém mais lutando minhas batalhas.

Além do mais, não era sobre elas... era o jeito que as coisas pequenas se acumulavam. Era como os corredores da escola de

repente pareciam estreitos demais. Como estava sentada na aula e aí a imagem do corpo ensanguentado e sem vida da minha mãe enchia minha cabeça.

Pela primeira vez em muito tempo, não estava no controle das minhas emoções. *Esse* era o problema.

Lily e a mãe me observavam em silêncio, me analisando como se eu fosse um quebra-cabeças que precisavam resolver.

Respirando fundo, enfim ergui meu olhar para Felicity e disse:

— Acho que estou pronta para falar com alguém... sobre tudo o que aconteceu.

Um sorriso lento ergueu sua boca enquanto alívio me cobria.

— Acho que seria algo realmente bom, querida.

Sexta na escola, eu me senti... diferente. Teve um tempo que a escola era minha salvação, uma chance de escapar da minha vida de merda e ser uma adolescente normal. Mas depois de tudo, percebi que não era uma adolescente normal.

Nunca fui.

A maior parte das garotas da minha idade estava se preocupando com candidaturas para a faculdade e fazer planos para formatura e o verão. Eu me preocupava em como iria bancar minha sobrevivência.

Os Ford eram ótimos, mas não podia ficar com eles para sempre. E quando chegasse o verão, Lily iria para faculdade. Não, ficar com eles a longo prazo não era uma opção. O que significava que precisava de dinheiro.

Precisava de um plano.

E quanto mais pensava nisso, mais percebia que ficar para me formar no ensino médio em Maio só adiaria o inevitável.

Mas precisava saber se a alternativa sequer era viável. O que era o motivo pelo qual estava indo direto para o escritório da Sra. Bennet.

— Entre — chamou quando bati na porta.

— Ei, estava pensando se poderíamos conversar.

Dando um sorriso caloroso, acenou para que eu entrasse.

— Peyton, como você está?

— Eu estou bem.

— Estou feliz que você decidiu me procurar. Estou preocupada com você.

— Na verdade, não vim falar sobre... o que aconteceu.

— Não veio? — Ela se sentou na cadeira, esperando.

— Eu... o que precisaria para me formar mais cedo?

— Formatura antecipada? De onde veio isso, Peyton?

— Não tenho nada, Sra. B. Não tenho casa, família... não tenho dinheiro.

— Querida, isso não é verdade. — A dó no olhar dela era quase demais para suportar. — Você tem seus amigos, e Jason e Felicity. Tem um lar com eles.

— E sou grata. Sou muito grata por tudo o que fizeram por mim. Mas não é uma solução a longo prazo.

— E a faculdade? Pode se candidatar para auxílio financeiro...

— Com todo o respeito, Sra. B, nós duas sabemos que a faculdade está fora de questão com minha situação atual.

— Discordo. Se quer algo o suficiente, nada está fora do alcance, Peyton.

Minha mente voltou para Xander, e me perguntei se diria a mesma coisa se soubesse o tanto que o queria.

— Não posso pensar na faculdade agora — falei. — Não enquanto tiver coisas mais importantes para lidar. — Como meu futuro imediato.

— Falou com Jason e Felicity sobre isso?

— Ainda não. Queria garantir que sabia quais eram minhas opiniões primeiro. Vou fazer dezoito anos semana que vem. Preciso garantir minha independência. Preciso saber que se minhas circunstâncias mudarem outra vez, posso me garantir.

Os olhos dela se arregalaram com compreensão.

— Está preocupada que pode acabar sozinha outra vez?

— Preciso ser realista. A família da Lily fez algo incrível ao me acolher, mas não sou responsabilidade deles. E isso é apenas algo que preciso fazer. Se me formar mais cedo, posso conseguir um emprego em tempo integral. Posso guardar um pouco de dinheiro.

Sra. Bennet passou uma mão pelos cachos fechados. Mesmo nos seus quarenta, a mãe da Sofia era deslumbrante. Mal era uma surpresa que alguns dos rapazes na escola tinha uma quedinha por ela.

— Você está falando sério?

— Estou.

— Posso fazer algumas perguntas. Não é algo que o conselho da escola costuma aprovar, mas você tem um bom argumento.

— Sério? — Incredulidade marcava minhas palavras. — Não vai tentar me fazer mudar de ideia?

— Você é uma boa aluna, Peyton, com uma boa nota. Claro que precisaria ter o número certo de créditos, mas podemos resolver isso.

— Obrigada, obrigada. — Não podia acreditar na facilidade que fora convencê-la.

— Acredite ou não, estou do seu lado. — Ela me deu outro sorriso caloroso. — E compreendo sua situação melhor do que você imagina. Admiro sua determinação e força. É uma garota inteligente com um futuro brilhante pela frente. Nunca se esqueça disso.

Uma onda de emoções surgiu dentro de mim e controlei as lágrimas. Nunca crescera com aquele tipo de elogio e encorajamento. Minha mãe nunca me dera amor ou afirmações positivas ou orgulho. Sempre fora um fardo... um incômodo.

— Obrigada — as palavras saíram tensas —, significa muito.

— Tudo o que peço é que se lembre que não tem problema pedir ajuda, e não tem problema em aceitá-la. Quando soubermos se antecipar a formatura é uma opção viável, fale com Jason e Felicity. Não é uma decisão que deveria tomar sozinha.

— Farei isso, prometo. — Eu me levantei para ir embora, mas ela não tinha terminado.

— Felicity me ligou a noite passada. Disse que está pronta para conversar com alguém.

Eu não estava surpresa. Eram melhores amigas. Era uma dinâmica estranha. O pai da Lily e da Poppy era o treinador do time de futebol, e a mãe da Sofia e do Aaron era a orientadora da escola. Todos eram amigos muito antes de começarem a trabalhar na Rixon High.

— E estou. Ela já entrou em contato com uma terapeuta.

— Ótimo. Acho que vai achar bom ter um lugar seguro para falar sobre tudo o que aconteceu. Mas saiba que minha porta também está sempre aberta.

— Obrigada, Sra. B.

Ela me deu um pequeno aceno.

— Agora vá para a aula antes que a professora reclame que estou atrasando a aluna.

Entrei no escritório cheia de ansiedade. Mas saí sentindo algo que não sentira há muito tempo.

Esperança.

— Peyton, espera.

Olhei sobre o ombro para encontrar Carrie-Anne Trombley se apressando na minha direção.

— Hm, ei — falei. — Você precisa de alguma coisa?

— Na verdade, estou tentando falar com você a semana inteira.

— Tentou?

— Sim, mas não sabia... não importa. Podemos conversar um minuto?

Estava a caminho da biblioteca. Lily, Poppy e Sofia levaram o almoço para o campo de futebol para assistir o último treino dos rapazes antes do grande jogo de amanhã. Mas eu dera uma desculpa sobre ter um trabalho para terminar.

— Hm, claro. Tudo bem. — Acenei para uma alcova tranquila e ela me seguiu.

— Sei que viu meus pais no último final de semana na Cindy, e só queria explicar... — Ela corou. — Uau, certo, isso é tão estranho. Eu... não tenho muitos amigos, mas você já deve saber isso. Minha mãe se preocupa, mas que seja. Não é como se eu me importasse. — Tinha algo nos seus olhos que me dizia que era provável que se importasse. — De qualquer forma, mencionei que sentava com você e Bryan em algumas aulas, e ela meio que se ateve a isso e parecia

tão aliviada que eu fizera novos amigos que meio que a deixei acreditar.

— Isso... eu nem sei o que dizer. — Era meio triste e mais do que um pouco estranho.

Mas ironicamente, eu também compreendia.

— Você gosta dele.

— O quê? — As bochechas dela enrubesceram.

— Bryan, você gosta dele.

— Eu-eu não... ele é um jogador idiota.

Minhas sobrancelhas se ergueram.

— Então não foi no jogo no último sábado para assisti-lo?

— Não — sussurrou-gritou. — Fui com meu primo porque ele é um grande fã de futebol.

— História engraçada, sua mãe me disse que é uma grande fã.

— Maldição — murmurou baixo.

— Relaxa. — Sorri. — Não vou contar para ele.

— Ele nem sabe que existo. — Tristeza entrou em seus olhos. — Não quando ele só vê você... — Carrie-Anne deixou sem terminar e uma pontada de culpa passou por mim.

— Não é desse jeito entre nós. Somos amigos.

— Mas ele quer mais.

— Garotos são coisas engraçadas. Costumam querer o que não podem ter. Mas Bryan acha que você o odeia. Um pequeno conselho. Talvez se soubesse que você gosta dele, se sentiria diferente.

— Não. De jeito nenhum. — Ela balançou a cabeça, pânico brilhando em seus olhos.

— Tá bom. Vai no jogo amanhã? — Tive uma ideia.

— Não tenho um ingresso.

— Posso conseguir um pra você, se quiser?

— Eu... não tenho com quem ir.

— Pode ir comigo e minhas amigas. Vai ter uma festa mais tarde. — Uma que ainda não tinha decidido se iria, mas não podia evitar minhas amigas para sempre. E talvez Carrie-Anne fosse uma boa distração.

— Por que você faria isso por mim?

— Porque sei como é se sentir como se não se encaixasse. E porque Bryan é um bom garoto.

Merecia ter seu final feliz.

— Tudo bem. Eu vou.

— Ótimo. Me dê seu telefone e vou mandar mensagem com todos os detalhes quando tiver falado com meus amigos.

Carrie-Anne e eu trocamos números e saí da alcova... bem na hora que Layla e as amigas estavam atravessando o corredor.

— Ah, olha, é a Barbie ralé com a nerd da escola.

— Vai se...

— Qual é o seu problema? — Carrie-Anne deu um passo à frente, e percebi que estava me protegendo delas. Minha boca se abriu, mal podendo acreditar que a quieta, inteligente Carrie-Anne estava me defendendo. — A mãe dela acabou de morrer. Mostre um maldito respeito.

Uma onda passou pelo ar e até mesmo Layla parecia chocada com as palavras da Carrie-Anne.

— Carrie-Anne, não tem problema — falei, pegando seu braço.

— Tem, tem sim. — Ela encarou Layla. — Ser uma vaca não dá direito a ser uma babaca insensível.

Algumas das amigas dela deram risadinhas, e Layla se virou para elas.

— Vamos — sibilou, dando um dos seus melhores olhares de desdém.

— Deus, odeio ela — Carrie-Anne falou no segundo que desapareceram. — O quê? — falou, enfim encontrando meu olhar.

— Você me surpreendeu, é tudo.

— De... um jeito bom? — Um leve sorriso agraciou seus lábios, e me ocorreu que talvez tivesse mais na Carrie-Anne do que ela deixava as pessoas verem.

— O quê? — perguntou enquanto a observava.

— Nada — Sorri. — Nada mesmo.

— Carrie-Anne? Você convidou *Carrie-Anne Trombley* para o jogo?

— Bryan olhou para mim como se tivesse crescido uma segunda cabeça.

— Sim, tem algum problema?

— Não, mas... Carrie-Anne? Ela é meio que uma sabichona. — Ele franziu o rosto.

— Algum dia tentou conhecê-la? — Arqueei uma sobrancelha.

— Você a conheceu, certo? É bem vocal sobre seu desdém pelo time de futebol. — Ele deu um longo gole na cerveja.

Estávamos na casa dos Bennet, todos abarrotados na toca do Aaron. Lily me implorara para ir com eles e não pude dizer não para seus olhos pidonhos. Sabia que se sentia mal pela emboscada de ontem. Mas não estava brava.

— Ela enfrentou Layla.

— O que quer dizer com enfrentou... é a Layla que está pegando no seu pé? — Compreensão lampejou nos olhos de Lily.

— Posso dar conta da Layla.

— Ei — Ashleigh entrou na toca e foi direto para um dos pufes.

— Então? — Aaron perguntou.

— Ele não quer ir. — Decepção brilhou em seus olhos.

— Falei. Chamei o E umas cinco vezes e deixou bem claro que não estará lá amanhã.

— Só pensei... não importa.

— Mas ele vai no Natal, né? — Poppy perguntou.

— Sim. — Aaron soltou um suspiro. — Papai falou que tem que ir. Deu o sermão de “você é parte desta família”.

— Aaron — Sofia avisou.

— O quê? Só estou falando como é.

— Sim, mas você sabe que não é fácil para ele.

— Ele nem mesmo tenta, mana. É como se ele... ah, não sei.

Podia contar em uma mão quantas vezes eu falei com o irmão adotivo dos gêmeos nos últimos três anos, mas entendia. Mais do que nunca, sabia como era se sentir fora de lugar. Não era sobre a generosidade das pessoas; era valor próprio e saber o seu lugar no mundo.

Então sim, entendia por que Ezra poderia ter dificuldades em morar com os Bennet. Algumas vezes você precisava se aceitar e

deixar o passado para trás antes de aceitar que a família nem sempre era aquela na qual nascia, que as vezes era o que você fazia de si.

— Não posso acreditar que a essa hora amanhã saberemos se somos os campeões ou não. — Bryan esticou as pernas e dobrou os braços atrás da cabeça.

— Vá em frente e fique confortável — Aaron resmungou.

— Não ligue se fizer isso — Bryan respondeu.

— Vocês vão conseguir — Lily disse. Enrolada no colo de Kaiden, ela beijou a parte de baixo do seu queixo. — Deram duro demais para não vencer.

— Como se fosse fácil assim, Lil. — Aaron riu.

— Bom, acredito que vocês conseguem.

— Aí sim, porra. — Bryan virou a cerveja e a bateu na mesa ao seu lado. — Sonho com isso desde que era criança.

— Sim, e só Deus sabe que vocês nunca conseguiriam vencer como um Eagle. — Aaron sorriu.

— Golpe baixo, cara. — Foi a vez do Kaiden rir. — Mas não está errado. Não foi tão ruim vir para Rixon High.

— Sim — Bryan bufou. — Conseguiu a garota e o time de futebol.

— Babaca. — Kaiden se inclinou e deu um pescotapa nele.

Mas Bryan estava certo. Quando ele, Kaiden e Gav transferiram para Rixon High depois que a escola deles pegou fogo, ninguém imaginaria que Kaiden se tornaria o jogador principal dos Raiders.

— Cuzão, doeu. Peyton, babe, beija pra sarar?

Minhas sobancelhas se juntaram enquanto olhava boquiaberta para Bryan.

— Relaxa, Myers, estou brincando. — O sorriso dele dizia uma coisa, mas a intensidade em seus olhos dizia outra completamente diferente.

Por sorte, Kaiden e Aaron começaram a discutir estratégia para o jogo de amanhã e Bryan se moveu no sofá para se juntar a eles.

Ashleigh sentou no lugar dele e olhou para mim.

— O que está acontecendo com você?

— Comigo? Nada, por quê?

— Eu não sei. Parece... quero dizer, entendo. Mas você ficou bem tensa agora... — Abaixou a voz. — Quando Bryan falou aquilo. Aconteceu alguma outra coisa entre vocês?

— Não, eu só... — Não podia contar a verdade para ela, que estava pensando no Xander, no que poderia dizer se visse Bryan flertando comigo.

— E esse negócio da Carrie-Anne... o que é mesmo?

— Não sei — falei. — Eu me senti mal... não tinha com quem ir ao jogo. E me defendeu contra Layla.

As sobrançelas de Ashleigh se juntaram.

— Se Layla está fazendo sua vida difícil, deveria ter me contado. Vou lidar com Layla Hannigan.

— Ela só está com ciúmes que Sean deu o pé na bunda dela e veio atrás de mim outra vez.

— Ainda não posso acreditar que ele e Bryan...

— Alguém disse meu nome? — Do nada, Bryan passou o braço pelo ombro da Ashleigh e sorriu para nós.

— É possível se amar menos? — resmungou.

— Você está falando com a realza do time de futebol, *baby*. — Deu um sorriso largo para ela.

— Deus, faça parar. — Ela bateu nele, se desvencilhando. — Preciso de uma bebida.

— Azar seu — ele falou para ela.

— Você é um bobão — falei.

— Mas você gosta, né?

— Eu...

— Ai. Ela hesitou. — Ele caiu contra o sofá, apertando o coração e fingindo estar magoado.

— Já falei, está lutando acima do seu peso com Peyton, mano.

— Aaron piscou para mim. — Deveria reduzir suas expectativas para outra pessoa. Alguém como... Carrie-Anne, por exemplo.

Bryan sentou-se, fazendo uma careta.

— Sério? Isso não vai acontecer. Nem em um milhão de anos. Ela é... irritante.

— Você se conheceu? — Kaiden riu.

— Acho que ela é mais do que aparenta — acrescentei, e todo mundo olhou para mim.

— Ah, merda. — Bryan olhou boquiaberto para mim. — Me diga que não a convidou para amanhã em uma tentativa de...

— O quê? Não! — menti. — Como se fosse fazer isso.

— Ótimo. — Os olhos dele escureceram, semicerrando em mim. — Porque não estou interessado nela.

Não terminou a frase em voz alta, mas vi as palavras marcadas em seu rosto.

Estou interessado em você.

CHAPTER 20

XANDER

— KAIDEN? — falei, vendo que não seguira o resto do time para o campo. — Qual é o problema?

— Eu não sei se posso fazer isso.

Minhas sobranças se uniram enquanto me sentava ao seu lado.

— Fazer o quê?

— Sair lá... liderá-los. — Os olhos dele encontraram os meus, ansiedade exalando dele conforme sua perna balançava para cima e para baixo.

— Sinto como se fosse vomitar, treinador.

— Nah. — Dei um tapa nas costas dele. — Você consegue, Thatch.

— Mas e se... e se perdermos? E se eu errar?

— Não é possível. — Balancei a cabeça. — Ninguém deu tão duro quanto você nessa temporada, Kaiden. É um grande jogador e um líder ainda melhor.

Ele soltou um suspiro demorado, esfregando a mão no rosto.

— Quero vencer. Quero isso para caralho. Mas sinto como se estivesse perdendo.

— Ei, ei. — Peguei seu ombro. — Você consegue. Está pronto para isso. Acha mesmo que Jase teria confiado o time a você se não estivesse? — Sorri, e Kaiden deu um sorriso fraco.

— Escute. O que seja que aconteça esta noite, se ganharmos ou perdermos, contanto que saiba que fez seu melhor, é tudo o que pode fazer. De qualquer jeito, você nos trouxe até aqui. E merece estar aqui, me ouviu?

— S-sim. — A cor voltou devagar para as bochechas dele. — Não posso acreditar que estou surtando desse jeito.

— Acontece com todos nós, garoto. Acha que Jase nunca vomitou em uma lixeira antes de um jogo importante? — Eu me levantei, esticando a mão. — Agora vamos, você não é bom para o time sentado aqui.

Ele pegou minha mão e me deixou erguê-lo.

— Melhorou? — perguntei, e assentiu.
— Obrigado, treinador, por tudo.
— É tudo parte do meu trabalho. — Pisquei, enganchando o braço no seu ombro e o levando para fora do vestiário e pelo túnel.
— Escuta isso? É tudo por você, Kaiden. Aproveite.

Os olhos dele se arregalaram com admiração conforme saímos no campo. Jase encontrou meu olhar, franzindo o cenho ao mover a boca:

— Problema?
— Está tudo bem — movi a boca de volta, balançando de leve a cabeça. — Pronto?
— Acho que sim, treinador. Obrigado.
— Ótimo, agora vá lá e mostre para todo mundo por que somos os melhores; por que você é o melhor, garoto.

Ele correu na direção do time, depois diminuiu o passo e se virou para me encarar.

— Ei, Treinador?
— Sim? — gritei.
— Não poderia ter feito isso sem você. — Ele sorriu antes de se juntar ao resto do time, como se não tivesse acabado de me dar um soco no maldito peito.

O clima estava elétrico, a multidão de catorze mil pessoas um constante ressoar de trovão conforme o time ficava cara-a-cara com Bridderton.

— Eles conseguem — Jase murmurou ao meu lado, uma mão apertando meu ombro e a outra segurando o livro de jogadas como se contivesse os segredos do universo.

— Corra, CORRA — gritou, correndo pela lateral enquanto Cole avançava, correndo com a bola.

— Vai, VAI — as palavras pareciam ecoar de todas as direções conforme o mar de uniformes vermelhos e brancos se aproximava dele.

Quarenta... trinta... vinte...

— Corra. *CORRA!* — Jase estava tão tenso quanto uma mola, vendo seu jogador desviar e se esquivar da linha de defesa.

— Ele vai... ele...

— *Touchdooooown!* — A voz do narrador foi abafada por nossos espectadores enquanto comemoravam o terceiro touchdown do jogo.

— Sim. SIM! — Jase socou o punho no ar, me dando um sorriso largo. — Está no papo, está no papo.

Ele não estava errado. O time estava dominando o jogo, executando jogada atrás de jogada. Kaiden e sua linha de ataque eram uma força implacável contra a defesa de Bridderton. Quando o último quarto chegou, o campeonato estava tão perto que poderia tocá-lo.

— Você está bem? — perguntei para Kaiden, e assentiu. O rosto estava corado, o corpo vibrando com adrenalina. Era difícil não ser afetado. O rugido da multidão, o burburinho no ar, o cheiro de suor e grama molhada.

— Está no papo, é seu — falei, segurando seu ombro. — Tudo o que precisa fazer é esticar o braço e pegar.

Assentiu outra vez, engolindo uma garrafa de água como se fosse ar.

— Certo, venham aqui — Jase gritou, chamando o time para um último discurso encorajador. — No começo da temporada, o campeonato era nosso para perder. Nosso para defender. E por Deus, nós o defendemos. Vocês deram duro, apareceram, deram tudo de si... e estamos perto assim. — Ele juntou os dedos. — Perto assim. As pessoas dizem que não é vencer que importa; mas parado aqui, tão perto que quase posso sentir, falo que isso é balela. Não sei vocês, mas não quero ir embora para casa como um perdedor hoje. O que acham?

— Queremos vencer, treinador — Kaiden falou, a voz do seu time.

— Com certeza, queremos. Vamos sair lá e continuar forçando. Continuar pressionando. E podemos mostrar para todo mundo nesse estádio hoje por que os Rixon Raiders são os melhores. Porque somos o time para ser vencido. — Ele passou os olhos por

todos os jogadores, orgulho irradiando dos seus olhos. — Raiders no três.

As mãos se empilharam conforme os jogadores se aproximaram, ombro a ombro, jogador a jogador.

— Um... dois... três.

A multidão parecia ecoar a palavra conosco.

— Raiders!

— Jase, precisamos conversar — falei sobre o barulho.

— Mais tarde. — Sorriu, espalmando minha nuca e tocando a cabeça na minha. — Conseguimos, Xan, conseguimos, porra. Você e eu, não tem como nos impedir.

Culpa se enrolou por mim. Porra. Precisava conversar com ele. Precisava contar que não aceitaria a posição permanente. Mas ele estava tão feliz, todo mundo estava feliz para caralho.

Alguns dos rapazes apareceram. Nos cercando, pulando para cima e para baixo, cantarolando:

— *Raiders, Raiders, Raiders.*

— Conseguimos, treinador — Kaiden sorriu. — Conseguimos, porra.

— Com certeza, conseguimos, filho. Você merece isso, garoto. Você merece tanto. — Os dois se abraçaram enquanto Lily e a mãe de Kaiden nos observavam das laterais. No segundo que o apito soou, nossos torcedores, amigos e família entraram em campo para comemorar conosco. Era o caos. Equipes de televisão esperavam nos bastidores para entrevistar os jogadores principais. Iriam querer falar com Kaiden, sem dúvida. Ele comandara o campo com maturidade e precisão. Jogando muito mais do que seus dezoito anos. A defesa de Bridderton não conseguiu pará-lo. Arremessara passe atrás de passe, deixando a bola voar pelo campo e encontrar seus jogadores. Ele até conseguira descolar alguns touchdowns. Kaiden tinham o que era preciso. Tinha o que era necessário para ir até o fim.

— Parabéns — uma voz falou sobre meu ombro e me virei para encontrar meu irmão.

— Obrigado — falei. — Mas foi tudo eles. — Acenando a cabeça para o time, sorri.

Eles mereciam, e não podia negar que parte de mim estava triste que era provável que precisasse deixar isso para trás.

Talvez pudesse dar certo aqui, sob a supervisão de Jase. Parte de mim queria, mas não conseguia. Não podia mentir mais para ele do que já havia feito. Já estava me incomodando. Mesmo que essa coisa com Peyton não fosse a lugar algum, precisava me afastar do time. Era a coisa certa a ser feita... a única coisa.

Minha cabeça estava uma maldita confusão. Não era como se pudesse abrir o jogo com Jase ou meu irmão – com certeza não com meu irmão. Ainda não, enquanto ainda não compreendesse o que estava crescendo entre nós. Mas se fosse descoberto... Ela já sobrevivera muita coisa; não sobreviveria a merda que viria com isso.

Procurei por ela na multidão. Não estava parada com Lily, Felicity, e a mãe de Kaiden; ou Mya e Sofia conforme abraçavam Aaron, sorrindo com orgulho. Também não estava com Hailee e Ashleigh, que pairavam atrás de Cameron, provavelmente dando um pouco de privacidade para nós dois.

— Estou orgulhoso de você, Xander.

Meu irmão podia ter enfiado a mão no meu peito e arrancado meu coração.

Ele estava... *orgulhoso*.

Porra, não podia me lembrar da última vez que ele dissera aquelas palavras para mim. O garoto partido e perdido em mim se empertigou um pouco. Mas não era mais um adolescente e este momento não iria consertar anos de tensão entre nós. Tinha tanta merda não resolvida, coisas que nós dois disséramos com frustração, coisas demais que nunca tivéramos os colhões para dizer.

— Deveria ir parabenizar eles — falei, minha pele tensa demais, o ar nos meus pulmões rarefeito demais.

Eu precisava dela.

Precisava da Peyton.

Mas quando me afastei da minha família e a encontrei, não estava sozinha.

Hughes a estava rodopiando, os dois rindo e se abraçando. Cabelo loiro caía pelas costas dela como um rio, os olhos arregalados com orgulho. Bryan a soltou e olhou para ela com aquela expressão. O jeito que um cara olhava para uma garota quando queria mais do que apenas seus sorrisos e risadas.

Não faça isso. Porra. Ele se aproximou, passando o braço na cintura dela e a puxando mais perto. Pânico marcou a expressão de Peyton conforme olhava para ele como um peixe fora d'água. E eu fiquei parado ali... observando-os, sem poder fazer nada enquanto outro cara – a porra de um adolescente – beijava minha garota.

Entretanto, ela não era, era?

Não havíamos feito promessas um para o outro.

Peyton o afastou, olhando para Hughes com confusão. Ela disse algo para ele e depois se afastou, rodopiando e saindo no meio da multidão. Ele soltou um suspiro profundo, passando a mão pelo rosto e murmurando uma sequência de palavrões. A cabeça dele se ergueu, me encontrando do outro lado do campo. Desviei o olhar, saindo na direção de Peyton. Era uma má ideia, ir atrás dela. Mas todo pensamento racional desaparecera da minha cabeça no segundo que vi Bryan colocar a maldita boca nela.

A constante onda de parabéns e apertos de mãos fazia atravessar a multidão parecer que estava andando pela lama. Mas enfim cheguei do lado oposto do campo e procurei um sinal de Peyton nas arquibancadas.

Mas não a encontrei.

Porra.

Onde ela estava?

— Treinador — Bryan correu até mim. — O que é?

— Nada — falei, me forçando a lembrar que era apenas um adolescente. Um adolescente que tinha muito mais direito de beijar Peyton do que eu jamais tive. — Parabéns, Hughes. Você merece. — Apertando o braço dele, dei um aceno com a cabeça. — Não tem família para comemorar com você?

— Meus pais não conseguiram vir. — Decepção marcava sua expressão. — Eles... estão viajando.

— Sinto muito saber disso. Mas sabe o que dizem, quando os pais não estão...

— É hora de festejar. — Risada enrugou seus olhos. — Você não é como os outros técnicos. — Algo passou na sua expressão, mas pedi licença, pronto para dar o fora dali.

— Vai estar na festa esta noite? — me perguntou.

— Sim. — Olhei para trás.

Ele me deu um aceno curto e não pude compreender a expressão estranha em seu rosto.

No segundo que entramos no Bell, o barulho nos atingiu como um tsunami.

— Puta merda — Kaiden suspirou ao lado de Jase.

— Aproveitem, moçoilas — Jase falou, sorrindo com orgulho ao abrir caminho para deixar o time inteiro entrar na nossa frente. Ele apertou a mão de cada jogador e os parabenizou individualmente. Um líder nato e treinador respeitado.

Parte de mim o invejava, seu relacionamento com os rapazes, o jeito que o admiravam.

— Xander — falou, acenando para que eu entrasse. — Não poderíamos ter conseguido sem você. — Uma compreensão passou entre nós. Ele vira como Kaiden estava nervoso, e suspeitei que soubesse o que tinha acontecido.

Coloquei a mão na dele e dei um pequeno sorriso.

— Não tenho certeza disso, Técnico.

— É verdade. Você deu a força que ele precisava para fazer o que era preciso esta noite.

— Obrigado. — Dei um aceno apreciativo. — Mas ainda preciso conversar com você.

— Conversa pode esperar. — Sorriu, como se soubesse exatamente o que queria dizer. — Está na hora de comemorar.

Entrei, e observei o bar. O lugar estava abarrotado, um mar de azul e branco dos Raiders. Música ecoava dos alto-falantes, pessoas riam e bebiam e celebravam a vitória do time amado.

— Treinador, venha aqui — Kaiden me chamou.

— E aí? — falei.

— Só queria agradecer, por tudo.

— Como eu disse antes, foi tudo você, Kaiden.

— É, bom, ainda queríamos mostrar nossa gratidão. — Bryan e Gav irromperam pela multidão com um copo de um litro e meio de cerveja.

— O que...

— É por nossa conta — Kaiden sorriu.

— Pessoal, não sei...

— *Chase, Chase, Chase* — todos começaram a cantarolar.

— Tem problema? — movi a boca para Jase que tinha se juntado a nós, junto com meu irmão e Asher.

— É uma noite — Jase deu de ombros, com um sorriso presunçoso —, e tecnicamente as férias de final de ano começaram. Além disso, a última vez que conferi, você era velho o suficiente para...

— Tá bom. Mas só uma.

Os rapazes celebraram enquanto me posicionava com a taça enorme.

— Três, dois, um... Beba! — gritaram e eu virei a taça, engolindo a cerveja o mais rápido que pude.

Quando terminei, limpei a boca com o dorso da mão e revirei os olhos.

— É melhor enfileirarem Técnico Ford, Huckley e Macintosh para a vez deles? — falei.

— Já estamos fazendo isso, Treinador. — Gav e Bryan desapareceram na multidão outra vez.

— Isso foi mesmo necessário? — perguntei para Jase, me afastando dos garotos para ficar com os adultos.

— Deixe que se divirtam. Eles merecem.

Um lampejo de loiro chamou minha atenção e olhei para além do meu irmão e seus amigos para encontrar Peyton do outro lado do bar. No meio das amigas, sorria e conversava, mas via a sombra sobre seu rosto.

Sempre vi.

Como se me sentisse observando-a, seus olhos se ergueram para os meus, e por aquele único segundo, fiquei preso em olhos tão azuis que o barulho, a multidão e a música desapareceram até só estarmos ela e eu.

Duas almas perdidas unidas com luto e dor.

A respiração dela falhou, mas então seus lábios se curavam em um sorriso lascivo.

Porra.

Era linda. Como um farol de luz dourada no bar com iluminação baixa. Eu queria ir até ela. Pulsava por mim, uma batida constante que não podia ignorar.

— Xander? — alguém perguntou.

— Eu... preciso de um cigarro — respondi, indo para os fundos do bar. Não esperava que me seguisse, mas meu coração palpitou quando a senti atrás de mim.

As pessoas entravam e saíam do corredor que levava aos banheiros, e no final, a saída de emergência levava para o beco escuro. O beco no qual tinha intenção de ir para fumar um cigarro.

Parei ao lado da porta do banheiro feminino, pegando o maço de cigarros de um jeito exagerado. Minha outra mão ficou pendurada ao meu lado e senti Peyton roçar meu dedos enquanto sussurrava:

— Não significou nada.

Alívio me tomou.

Não percebera o quanto precisava que dissesse as palavras até aquele momento.

Não ousei olhar para ela. Se o fizesse, sabia que não poderia resistir puxá-la para o beco comigo. Empurrá-la contra a parede e beijá-la do jeito que imaginei desde que vi Bryan colocar a boca nela.

Peyton se demorou, a mão roçando na minha.

Um de nós precisava se mover. No segundo que vozes entraram no corredor, eu me afastei, indo para a saída de incêndio. Irrompi pela porta e escapuli nas sombras, acendendo o cigarro.

O que diabos eu estava fazendo?

Todos que conhecíamos estavam aqui esta noite. Todas as pessoas. Precisava manter distância.

Precisava...

A porta abriu outra vez e ela apareceu ali, de olhos arregalados e sem fôlego.

— Você não pode ficar aqui — falei, soltando o cigarro enquanto ia até ela.

Peyton me encontrou no caminho, olhando para mim com tanta intensidade que era como se tivesse enfiado a mão no meu peito e segurado meu coração.

— Precisava ver você — suspirou.

— Se alguém a viu sair aqui.

— Não viram. — Peyton deslizou as mãos pelo meu peito. — Esperei até o corredor ficar vazio.

— Garota esperta.

Mas não mudava o fato que qualquer um poderia tropeçar na gente aqui fora.

— Eu não o beijei de volta.

— Eu sei. — Abaixei a cabeça para ela, respirando seu cheiro.

— Mas por um segundo, pensei que talvez você e Hughes...

— Não me sinto desse jeito por ele. — Os olhos dela suavizaram.

— Fui atrás de você. No estádio, fui atrás de você... Você me deixou todo confuso, Peyton.

— Também não consigo parar de pensar em você... em beijar você de novo. — As bochechas dela coraram enquanto olhava para mim por pálpebras pesadas.

— Merda — falei rouco, minha pouca determinação se esvaindo. — Vem cá. — Pegando sua mão, puxei Peyton mais para as sombras, a pressionando contra a parede. A risada suave quebrou sobre mim, o sorriso acabando o que restava do meu controle.

Enjaulando-a com a mão contra o tijolo, deslizei os dedos pelo seu pescoço e a beijei. O pequeno gemido que escapou dos seus lábios era como o canto de uma sereia, e acabei com a distância entre nós, encaixando as linhas duras do meu corpo contra suas curvas suaves.

Por que isso parecia tão certo?

Por que *ela* parecia tão certa?

As perguntas sumiram da minha cabeça quando Peyton colocou as mãos sob meu suéter e as subiu pelo meu peito.

Jesus. O toque dela era como criptonita, ameaçando me deixar de joelhos.

— Peyton — murmurei, lambendo sua boca, curvando a língua na dela e a beijando com mais intensidade.

— Mais — ronronou, me puxando mais perto. Perto o suficiente que ela sentisse meu pau forçando o jeans.

Os olhos dela se arregalaram quando interrompeu o beijo.

— O que é? — perguntei, deslizando a boca pelo pescoço dela e mordiscando sua clavícula.

— Quero você — sussurrou, hesitação cobrindo suas palavras.

— Peyton...

Dias.

Ela faria dezoito anos em uma questão de dias.

Afastei o cabelo do seu rosto e o coloquei atrás da orelha.

— Logo — falei.

— Você quer dizer depois do meu aniversário. — O olhar dela foi para o chão.

— Ei. — Deslizei o dedo sob sua mandíbula e inclinei seu rosto para o meu. — Não importa, não para mim. Mas vai importar para os outros. Se alguém descobrir... — Não terminei a frase porque a realidade da nossa situação não era algo no qual queria pensar.

— Eu odeio isso. Praticamente me criei sozinha. Minha mãe se matou e me deixou sem nada. E em uma semana, o estado vai me considerar uma adulta, mas não posso escolher com quem quero ficar?

— Não é simples desse jeito. — Soltei um suspiro controlado.

— Eu sei. — Peyton bufou, resignada. — Mas não faz ser mais fácil aceitar.

Curvando a mão na sua nuca, beijei sua testa.

— Vamos dar um jeito.

— Prometa, nós...

— Peyton?

Ela ficou tensa nos meus braços e meus olhos se fecharam com o som da voz do Bryan.

— O que está acontecendo? — Ele se aproximou mais e soltei a Peyton, me virando um pouco para encontrar seu olhar confuso. — Treinador? — A expressão dele ficou tensa.

— Ah, meu Deus, Bryan — Peyton deu um passo à frente, mas continuei segurando sua mão. Bryan percebeu, o olhar afiado focando nos nossos dedos enlaçados.

— Não. — Ele balançou a cabeça, se afastando. — Nem pensar! Ela é... e você é...

— Bryan, por favor. — A voz dela falhou enquanto se afastava de mim e ia para ele. — Posso explicar.

— Você está fodendo ela? — Raiva lampejou em seus olhos e dei um passo à frente.

— Cuidado com seu tom — ralhei.

— Por favor, pare, Bryan. — Peyton se colocou bem na minha frente. — Por favor. Posso explicar... apenas me deixe explicar, certo?

Os olhos dele foram para mim outra vez.

— Volte para dentro, Xander — sussurrou.

— O quê? — Olhei boquiaberto para ela.

— Apenas vá, por favor. — Peyton olhou para mim, me implorando com os olhos.

— Não vou deixar você aqui fora.

— Tá bom, então nós vamos. Venha. — Começou a levar Bryan de volta para a porta como se precisasse protegê-lo... de mim.

Peyton conseguiu empurrar Bryan para dentro, olhando de volta para mim por um segundo antes de segui-lo.

E permaneci preso no lugar, me perguntando que porra acabou de acontecer.

CHAPTER 21

PEYTON

— O QUE DIABOS FOI ISSO? — Bryan sibilou no segundo que a porta se fechou atrás de nós.

— Você não pode contar para ninguém — tagarelei —, precisa me prometer que não...

— Ele tem trinta anos ou algo assim. — Bryan apertou a ponte do nariz. — Vocês estão... juntos? Foi por isso que você agiu estranho mais cedo quando eu... — Mágoa lampejou em seus olhos e eu me odiei.

— Nunca quis machucá-lo.

Ele bufou.

— Mas Chase, sério? É um professor...

— Não é, não de verdade.

— Como se importasse. Você é uma veterana, Peyton. Não tem dezoito anos. O que está pensando? — Desespero cobria todas as palavras. — O que diabos você está...

— Não deveria ter acontecido, juro. — Lágrimas arderam meus olhos, meu coração batendo com força no peito. — Mas depois do acidente... nós...

— Deixou que se aproximasse de você.

— O quê? Não. *Não!* Não é assim. Ele me entende. Sabe como é. Nunca pensei que se sentira do mesmo jeito... juro, eu não...

— Pare, apenas pare. — Bryan deu um passo para trás, colocando um pouco de distância entre nós. Se alguém entrasse no corredor, com sorte apenas pensariam que estávamos tendo uma discussão de namorados. Porque a última coisa que precisávamos era uma plateia para essa conversa.

Meus olhos foram para a porta. Xander não tentara voltar para dentro, não que o culpasse.

— Não me diga que está pensando em voltar lá fora para ele?

— Ele nunca me machucaria.

— Acorde, Peyton, ele está comendo uma garota de dezessete anos. É doentio...

O *paif* da minha mão no rosto de Bryan encheu o corredor. Ele olhou para mim incrédulo, e recuei a mão, mal conseguindo acreditar no que acabara de fazer.

— Sinto muito. Não deveria ter feito isso. Mas nós não... ele não me tocou.

— Então o que foi o que acabei de ver? Porque de onde estava, não parecia inocente.

Culpa pesava no meu peito.

— Nos beijamos, nada mais.

— Merda, Peyton. Isso é loucura. Você tem que saber disso, né? Ele...

— Eu me importo com ele, Bryan. Me importo muito com ele. — Afastei o cabelo do rosto enquanto olhava para ele. Meu amigo. Uma das poucas pessoas que deixara entrar na minha vida este ano. — Sei que é confuso e sei que não entende meus motivos, não espero que entenda. Mas estou pedindo, como meu amigo, para não dizer nada. Por favor?

— Eu não gosto disso. Não gosto nada disso. — Indecisão lampejou em seus olhos.

— Eu sei. Mas não posso evitar como me sinto.

— Jura que ele não a obrigou fazer nada que não queria?

— Bryan — soltei uma pequena risada. — Você me conhece. Acha mesmo que sou o tipo de garota que pode ser convencida a fazer algo que não quer?

— Merda, Peyton. — Ele passou uma mão pelo queixo. — Não sei o que deveria fazer aqui.

— Seja um amigo, Bry — sussurrei, me aproximando dele e envolvendo os braços na sua cintura. — É tudo o que sempre pedi.

— Um amigo. Certo. — Desânimo exalava dele, mas não discuti comigo, me puxando contra seu peito e me dando um abraço apertado.

— Sinto muito que o envolvi nisso.

— Sinto muito que não fui o cara que você precisasse que fosse.

— Bryan. — Olhei para ele e dei um sorriso fraco, meu coração dolorido. — Nunca foi sobre você.

— Pensei mesmo que pudesse conquistá-la. Pensei que se fizesse minha parte e ficasse longe...

— Sinto muito. Mas você vai fazer uma garota muito feliz um dia.

— Peyton? — Uma voz tímida disse, e olhei pelo corredor e encontrei Carrie-Anne parada ali, olhando entre Bryan e mim.

Merda. O universo estava mesmo pregando uma peça em mim hoje.

— Ah, ei, Carrie-Anne. Estávamos só... fiquei um pouco chateada. — Eu me soltei dos braços de Bryan e coloquei um pouco de distância entre nós. — Mas estou bem agora.

— Ah, eu... acho que vou embora para casa.

— Não, não faça isso — soltei. — Bryan estava prestes a pegar outra bebida. Por que não leva Carrie-Anne com você?

— Que porra? — Olhou para mim com dentes cerrados.

Cutuquei seu braço e sussurrei:

— Por favor.

Os olhos dele fixaram nos meus e me deu um pequeno aceno de incredulidade com a cabeça. Sabia o que estava dizendo. Que estava exigindo demais. Mas ele faria isso, porque era eu que estava pedindo.

— Está com sede, Trombley?

Os olhos dela se iluminaram, mas se Bryan percebeu, não reagiu.

— Acho que poderia ficar para mais um drinque.

— Deveria — falei, dando um sorriso caloroso para ela. Queria sugerir que Bryan poderia mostrar a estante dos Raiders cheia de recortes de jornal e parafernália, mas não queria forçar a sorte.

Ele chegou onde Carrie-Anne estava e olhou para mim, movendo a boca:

— Você me deve uma.

Assenti, e sabia que não queria apenas dizer por ser babá da Carrie-Anne.

— Obrigada — movi a boca de volta.

Eles desapareceram de volta no bar, mas eu fiquei, precisando recuperar o fôlego por um segundo.

Esperei para garantir que a barra estava limpa, e depois saí para explicar tudo para Xander.

Mas ao analisar as sombras, percebi que fora embora.

Xander não voltou para a festa. Passei a próxima hora na ponta dos pés, mantendo um olho no Bryan enquanto procurava pelo bar por sinais dele.

— Quem você fica procurando? — Ashleigh me perguntou enquanto ficávamos paradas com Lily, Kaiden, Poppy, Sofia e o irmão.

— Ninguém — falei sem importância.

— É o Bryan e a Carrie-Anne? Porque pensei que estivesse tentando aproximá-los.

— Estava... parece que estão se dando bem?

— Você os viu, certo? Tem desastre estampado nisso.

Olhei para os dois. Bryan estava conversando com Gav enquanto Carrie-Anne pairava ao seu lado, parecendo tão desconfortável quanto ele.

— Ugh, deveria ir até lá — falei.

— Hm, sim, deveria. — Ashleigh me deu um pequeno cutucão e me aproximei deles.

— Ei, está gostando da festa?

Os olhos de Carrie-Anne passaram por mim.

— Não tenho certeza se me encaixo aqui.

— Claro que se encaixa. Sabe que não precisava ficar aqui com Bryan e Gav, poderia ter se juntado a nós.

— Eu não... quero dizer... não estava...

Deus, ela estava tão nervosa.

— Eu entendo. É muita coisa.

— Sim. — Assentiu, colocando uma mecha de cabelo castanho atrás da orelha.

— Vem — falei, acenando para minhas amigas. — Venha conversar conosco.

Bryan olhou para cima nessa hora, fazendo uma careta.

— O que está acontecendo? — perguntou.

— Bom, já que vocês estão fazendo um papel excelente de ignorar Carrie-Anne, estou resgatando-a. — Passando o braço pelos dela, puxei ela para longe, mas Bryan não havia terminado.

— Precisamos conversar — falou, e hesitei, respirando fundo.

Carrie-Anne percebeu, as sobrancelhas franzindo.

— Não aqui — respondi baixo.

Bryan esticou a mão para mim, pegando meu braço.

— Peyton, precisamos...

— Falei *não aqui*. — Eu me soltei dele e guiei Carrie-Anne para longe, mas ela me parou antes de chegarmos nas minhas amigas.

— Qual é o problema? — perguntei.

— O que está acontecendo com você e Bryan?

— O que você quer dizer?

— Ah, vamos, Peyton. Não sou estúpida. Ele está a fim de você. Todo mundo pode ver isso.

— Carrie-Anne, não é...

— Não tem problema, entendo. Você não gosta dele desse jeito então pensou que pudesse tentar levar ele na direção de... outra pessoa.

— Eu só pensei... desculpa.

Ela deu de ombros.

— É o que é. Bem no fundo, sabia que um cara como Bryan nunca gostaria de uma garota como eu.

— Foi uma decisão idiota — falei. — Mas vi vocês dois na aula. Tem algo ali.

— Sim, chama-se ele acha que sou uma nerd pretensiosa e acho que ele é um jogador convencido.

— Então por que você concordou em vir?

— Porque por uma noite, queria saber como era ser vista.

— Carrie-Anne... as pessoas a veem.

Ela me deu um sorriso fraco.

— Estamos na mesma sala desde o nono ano, e esse semestre é a primeira vez que você conversou comigo.

— Sinto muito. — Vergonha queimou por mim.

— Nunca me incomodou antes.

— O que mudou?

— É o último ano. Não quero me formar com todos esses arrependimentos. — O olhar dela foi para o Bryan.

— Deveria contar para ele.

— De-desculpa?

— O que tem a perder? — Sorri.

— Hm... tudo.

Risada suave borbulhou no meu peito.

— Não seja ridícula. O pior que pode acontecer é ele dizer que não está interessado. Mas você nunca vai saber se não contar para ele como se sente.

— Nem saberia o que dizer... além do mais, não sou você.

— Bryan sabe que não gosto dele desse jeito. Somos amigos, *apenas* amigos.

— Não sei... você viu o que acabou de acontecer. Ele praticamente me ignorou o tempo todo.

— É um garoto. São meio bobos quando se trata de garotas. — Sorri. — Apenas pense nisso. Pode ficar agradavelmente surpresa.

Bryan flertava com Carrie-Anne; eu vi. Podia ter algo ali, e ele merecia ser feliz. Os dois mereciam. O fato que eram opostos completos não era ruim.

— Vou pensar nisso — falou. — Mas posso te perguntar uma coisa?

— Claro.

— Se acha que Bryan é um cara tão bom, por que você o descartou com tanta facilidade?

Olhei para Carrie-Anne e respirei fundo.

— Porque quando não existe, não existe.

E quando existia, existia.

Bryan era um bom rapaz. Um dos melhores que conhecia. Mas não era o que eu queria.

Não era o Xander.

Quatro dias depois, não vira ou ouvira nada do Xander. Sabia que ele não poderia exatamente aparecer na casa dos Ford pedindo para me ver, mas pensei... não sei o que pensei.

Só precisava saber que estávamos bem, que Bryan descobrindo nosso segredo não mudava nada.

Não foi nada surpreendente que quando Felicity gritou que tinha um visitante, minha mente foi direto para o Xander. Bem no fundo,

sabia que não era ele, mas não impediu meu coração de palpitar enquanto pulava da cama e afofava meu cabelo, imaginando como seria descobri-lo na porta esperando por mim.

Ele entraria e me colocaria ao seu lado e declararia para todos que tínhamos algo para contar. Naturalmente, ficariam surpresos no começo, mas depois que todos vissem como estávamos sérios sobre nós, compreenderiam. Então poderíamos ficar juntos sem medo de recriminação ou julgamento das pessoas mais próximas de nós.

— Peyton? — Felicity disse, e a imagem se partiu, fazendo um tremor passar por mim.

Nunca seria desse jeito porque a vida não era um conto de fadas. Era difícil e confusa e machucava, e sabia que todo mundo piraria quando a verdade fosse revelada.

Mas tudo o que sempre conhecera foi uma vida de negligência e decepção. Era tão errado querer algo por mim mesma? Era tão errado querer Xander, a pessoa que me entendia melhor do que qualquer outro?

— Ei. — Bryan estava parado na porta, as mãos nos bolsos, enrolado no casaco e cachecol. — Esperava que pudéssemos conversar.

— Eu... hm, claro.

— Quer comer alguma coisa?

— Meu turno começa as cinco, então poderíamos comer na Cindy antes? — Isso parecia bem melhor do que ter essa conversa na casa onde pessoas demais pudessem entre ouvir.

— Só me deixa pegar minha bolsa e casaco — falei. — Pode esperar aqui dentro.

— Entre, Bryan. — Felicity sorriu, dando um olhar compreensivo para mim. Pelo leve sorriso nos seus lábios, sabia que ela nunca me deixaria em paz sobre isso.

Corri para cima e peguei minhas coisas, rezando para que não bisbilhotasse muito. Confiava no Bryan, mas e se ele tivesse decidido que a coisa certa era contar para alguém sobre o que viu?

— Certo, estou pronta.

— Divirtam-se.

Tinha muita sugestão na voz da Felicity.

— Cindy disse que poderia precisar que fique até fechar, mas vou mandar mensagem, tá bom?

— Se precisar de uma carona para casa, ligue para Jason.

— Vou ficar bem. — Eles já faziam o suficiente por mim. — Mas obrigada. — Levei Bryan para fora da porta e o segui até o carro.

— Peyton, eu...

— Ainda não — falei, passando por ele e entrando no carro.

Sabia que isso viria, e ainda assim, meu coração ainda acelerava com a perspectiva de tocar no assunto.

Bryan sabia.

Podia usar esse conhecimento contra mim. Contra Xander. Se fosse outra pessoa, alguém com menos moral e intenções puras, poderia usar como chantagem.

Mas de todas as pessoas que poderiam ter nos encontrado na outra noite; de um jeito, estava feliz que foi ele.

— Vai lá, então, o que queira dizer, desembucha — falei, no segundo que o motor roncou.

— Merda, Peyton... nem mesmo sei por onde começar.

— Se veio para tentar me convencer, perdeu a viagem. Conheço os riscos, Bryan, não muda nada.

— Ele é dez anos mais velho que você, tenha...

— Idade é só um número.

— Então está me dizendo que não surtaria se a Lily ou Ashleigh ou Poppy a procurassem e dissessem que estavam namorando um cara dez anos mais velho? — Os olhos dele deslizaram para os meus e apertou os lábios.

Claro, eu surtaria.

Mas também gostava de pensar que as daria uma chance de explicar antes de tomar conclusões precipitadas.

— É uma circunstância incomum — bufei.

— Porque você quase...

— Morreu. Eu quase morri. — Hesitei, vergonha me perseguindo. — Você pode dizer.

— Você está fixada nele. Tem algum tipo de veneração de herói...

— Ele me salvou. Me tirou do rio e me salvou, Bryan. Claro que tem uma conexão. Mas não é só isso. Olha. — Soltei um suspiro

profundo. — Não sei como explicar.

— Tente, Peyton. Tente, por mim. Porque passei a maior parte do dia de ontem tentando decidir se estava fazendo a coisa certa ao não contar para ninguém.

— Bryan, você prometeu. — Pânico surgiu dentro de mim.

— Eu sei, e não quero quebrar sua confiança. — A expressão dele suavizou. — Mas isso não está certo, Peyton.

Bryan encontrou uma vaga na rua perto do restaurante e desligou o motor, passando as mãos no volante.

— Onde você acha que isso vai dar? Você é uma veterana com a vida inteira pela frente, e Xander é... você ouviu as histórias. Ele é imprevisível e não quer compromisso. Não pode confiar nele, Pey.

Eu me afastei como se tivesse me batido.

— Isso não é justo. Você não sabe o que ele passou...

— E você sabe? — Deu uma risada amarga. — Acorde, Peyton. Ele está aliciando você. Está...

— Pare, apenas pare. Não é assim. Eu...

— O quê? Você o quê? — Seus olhos fuzilaram o topo da minha cabeça mas não consegui encontrar seu olhar.

— Não preciso fingir com ele. Não preciso sorrir. Não preciso tentar ser alguém que não sou. Tem um motivo pelo qual mantenho as pessoas afastadas, Bryan. Sou quebrada. *Irrevogavelmente, irrefutavelmente quebrada.*

— Peyton, não foi isso...

— Pare de tentar me dizer como me sinto. — As palavras saíram na sequência rápida de um suspiro frustrado. — Passei anos aperfeiçoando minha armadura, mas pela primeira vez na vida sinto como se enfim pudesse abaixar minhas barreiras.

Porque Xander sabia. Sabia como era ficar do lado de fora, sempre olhando para dentro.

Sempre fui a bonita, a popular que gostava de flertar com os rapazes e se divertir. Mas aquela garota era falsa. Era uma farsa, escondendo uma vida inteira de dor e medo e nunca ser boa o suficiente.

A garota pela qual Bryan se apaixonara, não existia. Ele se apaixonara pelo ideal. A garota que fingia ser para esconder as

rachaduras, para mascarar que a vida tinha me batido no liquidificador e jogado fora.

Ele soltou outro suspiro pesado, os olhos indo para os meus.

— Tem certeza que ele não...

— Bryan, juro para você. Quero isso... — Meus olhos se abaixaram e se ergueram para os dele lentamente. — Eu quero ele. Não está me pressionando. Na verdade, eu que estou mais insistente nisso. Ele é um cara bom.

— Porra. — Balançou a cabeça, como se estivesse em guerra consigo mesmo. — Tudo bem.

— Então não vai contar para ninguém? — Prendi o fôlego esperando pela resposta.

— Não, não vou contar para ninguém. Não gosto disso, mas acho que entendo... você não pode escolher por quem se apaixona.

— Obrigada. — O ar estava denso ao nosso redor, cheio de arrependimento e culpa.

— Só queria que pudesse ter sido eu — falou baixo.

— Eu sei. Desculpa.

Bryan deu de ombros, me dando um meio sorriso que não chegava nos seus olhos.

— Você merece ser feliz, Peyton. Mas não vai ser fácil para ele. Você sabe disso, certo?

— Eu sei. — Mas alguma coisa que valia a pena era fácil?

— E aí, o que acontece agora? — Bryan procurou meu rosto, mas não tinha todas as respostas, não quando ainda tinha muito para se desvendar.

— Na verdade — falei, uma ideia se formando na minha cabeça. — Pode me fazer um favor?

— Por que não gosto do som disso?

— Por favor... por mim?

Não era justo usar seus sentimentos por mim contra ele, mas não tinha mais ninguém em quem confiar com isso.

— Tá bom. — Ele balançou a cabeça. — Só diga o que precisa.

CHAPTER 22

XANDER

A BATIDA na porta foi inesperada. Ninguém me visitava no apartamento a não ser entregadores trazendo pizza ou comida chinesa, e cozinhei minha própria janta esta noite.

— Só um minuto — chamei, passando a toalha pelo cabelo outra vez. Meus shorts estavam baixos nos quadris enquanto ia para a porta e a abria. — Sim... Peyton?

Meu coração quase pulou para fora do peito.

— O que você está fazendo aqui?

— Posso entrar?

— Eu... hm, sim... entre. — Saí do caminho e a deixei passar, colocando a cabeça para fora para garantir que ninguém a tivesse visto. Meus olhos pousaram no carro familiar dando ré do estacionamento.

— Hughes a trouxe aqui?

— Ele me deu uma carona do trabalho. Pedi para fazer um desvio.

Ciúmes queimou por mim, envolvido em outra coisa. Algo que eu não queria pensar.

— O que você está fazendo aqui?

Peyton retesou com a minha voz afiada, mas não estava olhando para mim. Seus olhos estavam fixos no meu peito, as bochechas queimando vermelhas. Mas não era nada comparado com o fogo que sentia marcando minha pele enquanto ela sorvia meu corpo.

— Vou pegar uma blusa — murmurei, indo direto para o quarto.

O que diabos ela estava fazendo aqui?

Não fiquei na festa depois que Bryan nos descobriu no beco. Era covardia, fugir daquele jeito, deixá-la para lidar com o resultado. Mas sabia que se ficasse, acabaria fazendo ou dizendo algo do qual me arrependeria.

Então fui embora.

Ser pego era um lembrete sério que isso — nós — éramos um erro. Se Bryan contasse para o Jase... nem queria imaginar o que aconteceria.

Mas o fato que Peyton foi a primeira a aparecer aqui sugeria que Hughes havia guardado nosso segredo. Por enquanto.

— Quer beber alguma coisa? — falei, voltando para a sala de estar. Peyton parecia todo tipo de desconfortável, parada ali.

— Não vim porque precisava de uma bebida, Xander. Precisamos conversar — falou, erguendo de leve o queixo, determinação brilhando em seus olhos azuis.

— É, acho que precisamos. — Acenei para o sofá, e ela se sentou em uma ponta enquanto me sentei na outra

— Bryan não vai contar para ninguém.

— Isso é bom. — Passei uma mão pelo cabelo. — Isso é bom.

— Sim. — Ela me deu um sorriso incerto. — E agora significa que teremos alguém para usar de álibi.

— O que você quer dizer? — Franzi o cenho. Porque com certeza, ela não quer dizer...

— Ele entende — falou. — Vai dar cobertura pra gente. Posso dizer que estou com ele, e nós podemos... passar tempo juntos.

— Volta um pouco, você pediu para ele fazer isso?

— É, quero dizer... pensei... Você está bravo. — Decepção a cobriu enquanto pressionava os lábios.

— Eu... merda, Peyton. Não sei o que dizer. Bryan descobrir não foi uma benção, foi um lembrete de que isso não vai dar certo. — Nunca daria, e era um maldito idiota por pensar o contrário. — Se ele contar para o Jase ou...

— Não vai. Conversamos. Ele entende.

Bufei com isso.

— E por que você acha que ele concordou?

— O quê?

— Por que acha que ele se ofereceu para guardar nosso segredo?

— Porque é meu amigo.

— Você é mesmo tapada desse jeito? Só está esperando que você perceba que não é o que quer... — Confusão anuviou os olhos de Peyton e acrescentei: — Ele está dando tempo para aparecer e confortá-la quando tudo for à merda.

Porque iria, sabia disso agora.

Não tinha nada para oferecer para Peyton. Era uma veterana com a vida inteira pela frente. Precisava de encorajamento para correr atrás dos sonhos, não um motivo para ficar presa em Rixon.

É isso que eu me tornaria.

Um fardo.

Uma obrigação.

Ela me usaria como um motivo para não ir atrás do que queria. Nunca queria me tornar isso para ela, não depois de toda merda com meu irmão.

— O que você está dizendo? — Saiu tenso.

— Tivemos sorte que foi o Bryan que nos encontrou. — Desviei o olhar, sem conseguir aguentar a mágoa em seus olhos. — Podemos nos afastar agora e...

Ela se levantou do sofá, olhando para mim com incredulidade.

— Nos afastar? Você quer... terminar?

— Peyton, seja razoável. Bryan nos viu. Eu vi a expressão no seu rosto, o nojo puro. Seria dez vezes pior quando Jase e meu irmão descobrissem. — Nos tornaríamos o escândalo local; *Peyton* se tornaria o escândalo local. Não podia fazer isso com ela, não importava o quanto a quisesse. Ela merecia mais. Merecia andar pela cidade de cabeça erguida. Merecia ser levada em encontros sem medo de ser desdenhada, apontada ou alvo de risadas. Merecia um relacionamento que não precisaria defender toda hora.

Peyton queria isso agora, mas ainda iria querer quando fosse a fonte principal de fofoca da cidade?

Passei dez anos vivendo como o pária local. Não queria isso para ela.

E bem no fundo, ela não queria isso para si.

Não podia querer.

— Não posso acreditar que está terminando comigo. — Ela me encarou com completa incredulidade.

— Nem estamos juntos. Você não pode...

— Não, apenas não. — O corpo dela tremia enquanto erguia a mão. — Você é um covarde, Xander Chase. E parte de mim sabia... bem no fundo, parte de mim sabia que você poderia fugir quando as coisas ficassem difíceis. Porque é isso que você faz, né? — Engoliu as lágrimas acumulando nos cantos de seus olhos. — Você sabota

todas as chances de felicidade que tem porque está assustado... está assustado de nunca ser bom o suficiente, de ser abandonado outra vez.

Raiva açoitou meu âmagô.

— Você não faz ideia do que está...

— Por favor! Me poupe a história triste. — Ofegou uma respiração trêmula. — Passei anos, *anos* implorando por migalhas de atenção da minha mãe, fazendo o que podia para fazê-la me notar, se importar. Eu a vi fazer coisas deploráveis pela próxima dose, ouvi...

Um tremor a percorreu.

— Passei anos pensando que não era boa o suficiente. — Os olhos dela semicerraram, o brilho diminuindo até me encarar com indiferença fria. — Deixei você entrar. Deixei você entrar porque pensei que éramos iguais. Pensei que poderíamos encarar nossos medos... juntos. — Ela me cortou com um olhar fulminante. — Acho que estava errada.

— É melhor assim — soltei embargado, apesar de todas as palavras parecerem erradas.

Estava tão certo que Bryan nos encontrar tinha sido um sinal, um sinal para dar um basta nesta fantasia.

— Então tá. — Peyton secou os olhos. — Sei o caminho da porta. — Saiu pisando firme na direção da porta enquanto eu fiquei parado ali.

Era a coisa certa, a única decisão.

Então por que parecia que meu peito estava se partindo em dois?

Porque você se importa. Você se importa, seu maldito idiota.

Eu me importava – o suficiente para deixá-la ir.

Peyton seguiria em frente. Ela se curaria e encontraria um cara da mesma idade com sonhos e esperanças parecidos, e seria feliz.

Ela chegou na porta, hesitando. Esperando por algo.

— Peyton — falei, e ela olhou para trás, mágoa marcada em cada linha do seu rosto. O nó no meu estômago apertou. — Sinto muito.

— É, eu também. — Ela saiu na noite, a porta batendo fechada atrás dela. O eco reverberou por mim, como um tiro no peito.

Era melhor assim.

Mesmo.

Então por que parecia que tinha acabado de cometer o maior erro da minha vida?

— Parece que precisa disso. — Tash deslizou um copo para mim.

— Obrigado. — Eu o peguei e virei.

— Deve ter sido ruim — falou, apoiando-se no bar. — Harry, outra rodada.

— É pra já, Tash.

— Não esperava vê-lo aqui tarde assim em uma quarta-feira.

— Não esperava estar aqui. — Segurei o copo vazio. Já tinha bebido cinco doses, sentia o calor do uísque em minhas veias, mas não me dava nenhum conforto esta noite.

— Quer falar sobre isso?

— Não muito.

— Já que está me evitando, acho que tem a ver com a loira bêbada do outro final de semana.

Minha mandíbula contraiu, o rosto de Peyton inundando minha mente. Parecera tão magoada, tão decepcionada quando a dissera que era melhor assim.

Era uma bagunça.

Eu estava uma bagunça.

— Sabe, ela parecia jovem, Xander. Jovem demais para...

— Deixa quieto, Tash.

— Vamos. — Ela cutucou meu ombro. — Fale comigo. Costumávamos conversar sobre as coisas, não é?

Não gostava da sugestão em sua voz.

— Podemos conversar. Mas ela está fora dos limites.

— Aah, então esse mal humor é por causa da loira.

Meus olhos estalaram para os dela.

— Falei...

— É, é. Eu te ouvi. Mas nunca o vi assim antes, Xander. Não por causa de um rabo de saia.

Porque nunca me importei o suficiente antes.

Lábios franzidos, encontrei seu olhar semicerrado e a expressão dela ficou pasma.

— Ah, meu Deus, você gosta dela. — Soltou um assobio baixo. — Xander Chase tem um coração afinal de contas.

— Ciúmes não fica bem em você, Tash. — Sorri, me arrependendo na hora. Ela não era o inimigo, mas estava miserável e bêbado, e porra, fiz merda mais cedo.

Mas quando o Bryan tropeçou em mim e Peyton naquele beco no sábado, minha reação natural foi ficar na defensiva. Era meu modo predefinido. O jeito que me protegera ao longo dos anos.

Agora não eram apenas os meus sentimentos que precisava proteger, eram os da Peyton, e não sabia que merda fazer com isso. Tudo o que sabia era que ela merecia mais – merecia uma vida que nunca poderia dar.

— Ah, só porque você quer. — Ela deu tapinhas nas minhas costas. — Já fui lá, peguei a camiseta, e não quero uma reprise.

— Bom saber. — Bufe, sua bravata não me convenceu.

Tash era como eu. Quebrada. Machucada por seu trauma passado. Nunca pedira por mais, mas algumas vezes a pegava olhando para mim, ponderando. Mas nunca puxei o assunto porque não estava interessado.

— Mas falando sério, não é do seu feitio. Preciso me preocupar?

Sabia o que estava perguntando. Ela me vira no meu pior mais de uma vez.

— Não, estou bem — falei.

— Bom, então tá. — Ela pegou a bebida dela e empurrou a minha para mim. — Beba e depois vou deixar você acabar comigo na sinuca.

Um leve sorriso moveu meus lábios. Em todos os anos que a conhecia, Tash nunca chegou perto de ganhar de mim. Mas não a impedia de ser uma boa amiga e jogar comigo.

— Tá valendo — falei, virando a bebida. — Harry, uma garrafa de água, por favor.

— Água, estou impressionada. — Tash provocou. — Quem sabe, talvez ainda tenha esperanças para você.

— Monte as bolas, vou fumar um cigarro.

— Ugh, falei cedo demais — resmungou.

— Desculpe desapontá-la.

As palavras reverberaram por mim. É tudo o que sempre fui. Para Cameron, para meu time e técnico, para mim mesmo... Tinha quase trinta anos e o que tinha para mostrar?

Estar com Peyton me fazia querer melhor... ser melhor. Mas já a afastara.

Ela estava certa. Fizera o que sempre fazia quando alguém começava a se aproximar demais, ou as coisas começavam a ficar muito difíceis.

Fugi.

No passado, era jovem demais, autodestrutivo demais para ver. Mas pela primeira vez na vida, sabia que tinha errado.

A pergunta era, o que iria fazer sobre isso?

— Xander? — Peyton olhou boquiaberta para mim quando entrei na Cindy na tarde seguinte. O lugar inteiro foi decorado com fitas cintilantes de Natal e enfeites. Até mesmo Peyton estava usando um pequeno chapéu de Papai Noel preso em um grampo de cabelo.

— Quero dizer, bem-vindo à Cindy. — Pigarreou. — Quer uma mesa?

— Sim, seria bom.

Pegando um cardápio, acenou para que a seguisse.

— Está bom aqui?

— Sim, obrigado. — Entrei na cabine e aceitei o cardápio, roçando nossos dedos. Peyton respirou fundo e recuou a mão com pressa.

— Bebida? Quer dizer, alguma coisa para beber? — Um rubor marcou suas bochechas.

— Podemos conversar? Que horas você sai?

Depois de jogar sinuca com a Tash ontem à noite, ela me dera um conselho não solicitado. Pegara meu rosto em suas mãos e me disse para consertar o que estivesse quebrado.

Parecia tão simples.

Sabia que não era.

Mas também sabia que não queria passar a vida inteira assim. Sozinho. Amargo e taciturno.

O que Peyton e eu compartilhávamos era raro. Era nosso. E eu não queria abrir mão disso. Mas estava assustado para caralho do resultado. Não para mim. Não dava a mínima para mim. Mas por Peyton.

— Vou trabalhar um turno duplo. Não saio até tarde. — Ela acabou com a conversa, mal olhando para mim. — Posso anotar seu pedido?

— Quero um shake de chocolate grosso, por favor.

— Um shake de chocolate grosso, é pra já. — Ela foi se afastar, mas estiquei a mão, pegando seu pulso.

— Por favor — implorei.

Os olhos de Peyton foram para onde a segurava, fria e imparcial. A mensagem era clara, e soltei seu braço.

Ela estava puta. Não era nada mais do que eu merecia, mas precisava que me desse uma chance de consertar as coisas. De explicar.

Mas antes que pudesse dizer outra palavra, ela foi para o balcão. Minha perna pulava sob a mesa enquanto a seguia pela lanchonete. Mas ela não olhou para mim. Não até voltar com minha bebida.

— Pronto para pedir?

— Peyton, vamos lá. Eu sei que...

— Pare, apenas pare — sibilou baixou. — É meu emprego, Xander. O lugar onde trabalho. Você não pode vir aqui e fazer isso. Não é justo.

Culpa serpenteou pelas minhas costas.

— Você está certa, desculpe. Quero o especial da Cindy com fritas, por favor. — Entreguei o cardápio, sem conseguir resistir roçar os dedos sobre os dela outra vez.

Os olhos de Peyton se fecharam enquanto respirava fundo.

— Eu só quero conversar...

Ela me cortou com um olhar fulminante.

— Acho que disse o bastante ontem à noite.

Peyton me evitou depois disso. Tentei chamar sua atenção... e falhei miseravelmente.

Talvez tenha sido uma má ideia.

Mas não tinha outro jeito de vê-la, e não queria que a primeira vez que nos víssemos fosse no dia de Natal na casa do Jase.

Depois de mal tocar na comida, paguei a conta e fui embora. Ela não queria falar comigo, tudo bem. Mas me recusava a desistir tão fácil.

Então fiquei sentado na caminhonete e esperei.

Duas horas mais tarde, observei enquanto Peyton saía do restaurante e olhava para cima e para baixo na rua. Prendi o fôlego, meio me perguntando se estava esperando que alguém a buscasse. Mas ninguém apareceu. Sem pensar, desliguei o motor que estava me mantendo aquecido e saí da caminhonete.

— Peyton — chamei, ciente do risco, mas era tarde, as ruas estavam silenciosas.

Ela se virou devagar, os olhos semicerrando com incredulidade.

— Perseguição não fica bem em você — ralhou.

Ergui as mãos.

— Eu só quero conversar. Por favor?

Assim como antes, um estalo de trovão ressoou acima enquanto o céu se iluminava com rajadas de raio.

— Inacreditável — murmurou.

— Sua escolha. — Eu me afastei, batendo na lateral da caminhonete.

— Tá bom... tá bom. Mas pode me levar direto para os Ford.

Mesmo agora, Peyton hesitava em chamar de casa. E odiava isso, odiava que ela sentia que não podia se deixar criar raízes ali.

Mas eu entendia.

Lutei contra um sorriso com o jeito que ela pisou firme na direção da minha caminhonete e puxou a porta com força, entrando. Podia lidar com sua atitude se significasse ter uma chance de ao menos conversar com ela.

Mas não podia lidar com o pensamento que a perdera, quando acabara de encontrá-la.

CHAPTER 23

PEYTON

CHUVA RICOCHETEAVA da caminhonete de Xander como a batida constante de um tambor. Era hipnótico. Pelo menos, seria se não estivesse tão tensa. Não deveria ter concordado que me desse uma carona. Mas outra vez, uma tempestade nos unira.

Talvez fosse um presságio.

Talvez nosso relacionamento – ou a ausência dele – fosse uma tempestade. Algo que precisávamos aguentar para encontrar o arco-íris do outro lado.

Era um pensamento legal, mas nada além disso. Xander deixara seus sentimentos sobre nós – sobre mim – perfeitamente claros a noite passada.

— Se não quiser me dar uma carona — falei —, posso ligar para o Bryan.

Foi a coisa errada a se dizer. A mão do Xander apertou o volante com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos enquanto respirava fundo.

— Você está com ciúmes... do Bryan.

Inacreditável.

— É essa a hora que você diz que não me quer, mas também não quer que ninguém me tenha? Porque se for, pode...

O seu olhar duro encontrou o meu, roubando minhas palavras.

— Sabe que não é assim.

— Na verdade, não sei. Ou não pode se lembrar da parte que você terminou? E depois me lembrou que não estava terminando nada porque não éramos nada para começar? — As palavras saíram em uma torrente de raiva e frustração.

— Eu pisei na bola, tá bom? Entrei em pânico...

— Não importa. — Abaixei os olhos para as mãos.

— Importa. Por que acha que esperei hoje?

Não olhei para ele. Não podia. Não estava só com raiva dele; estava decepcionada de um jeito que não havia esperado.

Xander era a pessoa que entendia. Era a pessoa a quem confessei alguns dos meus mais profundos e sombrios segredos, e

depois me deixara de lado como se não fosse nada.

Só aumentou toda a insegurança e preocupação que sempre tive.

Ele me fizera sentir sem valor.

— Peyton, por favor...

— Apenas me leve para a casa dos Ford, Xander. Está tarde, e estou cansada. — E não queria mesmo fazer isso.

Apoiei a cabeça no vidro frio. Xander soltou um suspiro resignado e enfim acelerou, saindo do estacionamento. Mal podia enxergar o restaurante pela cortina de chuva, mas Xander navegou pelas ruas de Rixon com facilidade.

Só que não me levou de volta para os Ford. Pegou a rua para sair da cidade, até o lago.

— Xander... — Foi minha vez de suspirar.

— Cometi um erro, Peyton. Fiquei assustado. — A caminhonete percorreu a estrada de terra e parou. Puxando o freio de mão, Xander se virou para mim, e não pude lutar. Não podia resistir a conexão ficando tensa entre nós.

Nossos olhos colidiram e meu coração palpitou com a intensidade em seus olhos, o completo arrependimento e desespero.

Coração tolo e estúpido.

— Não falei isso ainda, mas vou recusar a proposta de Jase da posição permanente.

— O-o quê?

— Isso, nós, vai chatear muitas pessoas, Peyton. Trabalho na sua escola. Isso não é legal. Tenho quase certeza que é mais do que isso. Poderia ter muitos problemas, e não posso continuar a mentir, não para o Jase.

— Xander, eu nunca...

— Não importa. Se o Diretor Kiln escolher fazer um exemplo de nós, não acabaria bem para mim. Sem contar o que faria com sua reputação.

— Não tenho uma reputação em Rixon. — Não uma boa, ao menos.

— Quer mesmo ser aquela garota? — A expressão dele suavizou, mas vi a frustração em seus olhos. — A garota que está

namorando um homem de vinte e oito anos sem futuro?

— Não ligo para nada disso. Além do mais, você esquece que estou morando com a família da minha amiga porque não tenho para onde ir.

Uma sombra passou pelo seu rosto.

— Bryan nos viu, e entrei em pânico, e percebi que precisava fazer a coisa certa por você e me afastar.

— Isso é uma balela e você sabe. Tenho idade o bastante para tomar minhas próprias decisões.

— Percebo isso agora.

Percebia?

Fiquei surpresa.

— Ainda estou brava com você.

— Sei que está.

Um momento passou enquanto tentava processar o que ele estava dizendo.

— Então você não quer... parar isso?

Esperança desabrochou dentro de mim. Mas esperança era algo perigoso. Vezes demais, dera outra chance para minha mãe... e outra, e todas as vezes, ela me desapontou. Ela me machucou várias vezes até minha esperança se tornar algo afiado e irregular que ressentia.

— Não. — Um sorriso leve foi traçado em seus lábios. — Soube no segundo que deixei que fosse embora que tinha feito a coisa errada.

— Sei que não vai ser fácil, mas nada na minha vida foi fácil, Xander.

— É, entendo isso. — Esticou o braço para minha mão, enlaçando nossos dedos. — Isso está bom?

Assenti, me deleitando com a sensação do seu polegar se movendo sobre minha pele.

— Vou conversar com Jase assim que possível. Quanto mais cedo souber que não vou aceitar a vaga, mais rápido podemos descobrir como contar para todos os outros.

— Certo — sussurrei. Era o que eu queria – ser reconhecida e não escondida –, mas também queria aproveitá-lo sem o escrutínio e julgamento dos nossos amigos e familiares.

— Depois do final do ano — soltei. — Podemos esperar até depois das festas de final de ano? Não falei ainda, porque não sei se posso, mas perguntei para Mya sobre me formar mais cedo.

— Você o quê? — Ele ficou tenso.

— Não se preocupe, não é algo que estou fazendo por causa... da gente. Já tinha decidido que quero isso. Preciso da minha independência, Xander. Preciso me garantir sozinha. Se o conselho da escola disser que sim, poderia me formar cedo, no final de janeiro.

Indecisão lampejou no olhar de Xander, mas aí assentiu.

— Vem cá. — Ele me puxou com carinho sobre o console central e para seu colo. Minhas coxas cercaram suas pernas quando montei nele.

Xander passou os braços na minha cintura e me segurou.

— Três dias. — Ele se aproximou, sussurrando as palavras no canto da minha boca.

— Isso importa?

Os lábios percorreram minha mandíbula e desceram pelo meu pescoço. Prazer escorreu por mim enquanto arqueava nele.

— Considere como preliminares. — As palavras se formaram contra o meu pescoço. — Linda para caramba.

Os dedos de Xander pairaram sobre a curva dos meus seios, roçando o polegar sobre meus mamilos com habilidade. Um gemido ficou preso na minha garganta enquanto rebolava os quadris devagar, procurando mais fricção.

Podia senti-lo, grosso e duro, pressionado contra minha barriga conforme me movia sobre ele, imaginando um cenário muito diferente. Um que envolvia menos roupas e mais pele.

Segurou meu rosto com as mãos, os olhos procurando os meus, profundos e intensos.

— O quê? — sussurrei, meu coração palpitando no peito com tanta força que era difícil respirar.

— Você acaba comigo, Peyton.

E depois me beijou.

A mão curvada na minha nuca, me segurando com possessividade enquanto Xander lambia e provocava a junção da minha boca, me convencendo a deixá-lo entrar. Minhas mãos

seguraram seu moletom enquanto me soltava nele com prazer, a sensação dos seus lábios, o calor do seu corpo sob mim.

— Xander — suspirei, o beijando com mais força, mais intensidade. Nossas línguas se tocaram, lentas e curiosas. Os dedos de Xander se enrolaram no meu cabelo e puxou com cuidado, melhorando o acesso para trilhar beijos molhados pela minha mandíbula e pescoço.

— Devo ter um gosto ótimo — ri, ciente que tinha acabado de sair de um turno de seis horas na Cindy Grill.

Xander encontrou meu olhar, desejo puro brilhando ali.

— Você acha que me importo? — Moveu os quadris, me mostrando exatamente o quanto não se importava.

Um raio de luxúria passou por mim.

— Mais — ofeguei.

Mas vi a aflição em seus olhos. Xander não atravessaria esse limite. Não aqui, ainda não. Mas Deus, precisava que me tocasse. Precisava de algo para abafar as chamas que ameaçavam me queimar por dentro.

Sentindo um pouco de confiança, me movi um pouco sobre ele e depois me abaixei. Bem em cima dele. O rosnado rouco fez minha pele vibrar, fazendo tremores deliciosos passarem por mim.

— Porra, Peyton. — As mãos dele deslizaram para minha bunda outra vez, puxando meu corpo mais perto, me esfregando contra sua ereção. — Isso é perigoso...

— Não estamos fazendo nada. — Eu me aproximei, sorrindo contra sua boca enquanto o beijava. — Não muito.

Deu uma risada sombria, me beijando de volta com tanto desespero quanto eu sentia.

Isso não era errado.

Não era.

Como poderia ser errado quando parecia tão certo?

Enganchei o braço no seu pescoço, deixando minha língua tocar a dele enquanto rebolava os quadris, fingindo que não estávamos separados por camadas de roupas. Fingindo que estava dentro de mim, me amando.

Fiquei tensa.

— Qual é o problema? — As sobrancelhas de Xander se juntaram enquanto observava meu rosto.

— Nada. — Sorri, afastando os pensamentos assoberbantes da cabeça. Coloquei a mão sob o moletom, encontrando sua barriga malhada.

— Porra — Xander engasgou. Minha mão abaixou mais, roçando os pelos que desapareciam para dentro do jeans. Mas a mão dele pegou a minha, seus olhos transmitindo tudo que não diria.

Não aqui.

Não assim.

Ainda não.

— Quero sentir você — sussurrei, rebolando devagar contra ele.

Os olhos dele se fecharam enquanto sibilava um suspiro. Quando se abriram outra vez, estavam tão escuros que não podia ver os anéis das suas íris. Xander afundou a mão no meu cabelo, me arrastando mais perto até estarmos cara a cara.

— Quando entrar em você pela primeira vez, não vai ser na minha caminhonete.

— Não vai? — Minha voz oscilou.

— Quero me demorar. Familiarizar minhas mãos com sua pele, meus lábios com todas as curvas e vales do seu corpo. — Beijou o canto da minha boca, me provocando, fazendo minha barriga contrair. — Vou deitá-la e afundar o rosto na sua boceta e lamber até que me implore para fodê-la.

Minha respiração falhou, ondas de prazer crescendo dentro de mim enquanto me esfregava sobre ele com total abandono.

— Gostaria disso, Peyton? — murmurou. — Gostaria que a fodesse?

— Sim... sim. — Estava perto. A sensação do pau de Xander pressionado contra mim combinado com suas palavras safadas detonaram dentro de mim.

— Imagine que estou dentro de você, imagine que estou preenchendo-a... esticando-a... — A boca dele foi para minha orelha, os dentes roçando na pele sensível ali. Meus dedos apertaram seu moletom com mais força conforme meu corpo começava a tremer.

— Olhe para mim. — A mão do Xander deslizou para minha nuca outra vez, enrolando a mão no meu cabelo, me segurando no lugar enquanto me olhava nos olhos. — Quero vê-la se despedaçar. — Ele estocou para cima e foi o suficiente para me fazer despedaçar.

A onda quebrou sobre mim e gritei, meu peito ofegando enquanto prazer irradiava dentro de mim.

Arrastando o polegar sobre meu lábio inferior, Xander inalou uma respiração entrecortada.

— Linda — sussurrou, me aconchegando no seu peito.

Não sabia quanto tempo ficamos assim, mas quando enfim me afastou, meu coração havia se acalmado, e o desejo esfriara entre nós.

— Deveria... — Fui sair de cima do seu colo, mas sua mão esticou, segurando minha cintura.

— O quê...

A boca de Xander colidiu com a minha, me beijando com tanta intensidade que perdi o fôlego.

Quando se afastou, estava corada e sem fôlego outra vez.

— Vem — falou com um sorriso maroto. — Vou levar você de volta.

Ellis: O que vai fazer para seu aniversário?

Virei de costas, sem conseguir parar de sorrir com a mensagem do Xander. Depois que me dera uma carona para casa ontem à noite, pediu meu telefone e salvou o dele com o nome de Ellis.

Quando perguntei por que Ellis, me informou que era seu nome do meio.

Eu: Lily e Ashleigh estão insistindo para irmos almoçar no Sprinkles e depois tenho um turno no restaurante.

Para a decepção de Lily. Mas dissera para ela – e para o resto da família – que não queria nada exagerado. Era quase Natal. As pessoas tinham o suficiente para se preocuparem com a compra de presentes e comemorações, para se preocuparem com meu aniversário também.

Além do mais, não tinha certeza se poderia aguentar ser o centro das atenções pelo dia.

Ellis: Acha que pode escapar por algumas horas depois do trabalho?

Mordisquei o lábio.

Eu: Por quê, o que você tem em mente?

Ellis: É uma surpresa. Que horas você sai?

Eu: Sete.

Cindy sempre fechava mais cedo na véspera de Natal para dar tempo dos funcionários ficarem com suas famílias.

Ellis: Vou buscá-la.

Eu: Encontro você. Sua casa?

Meu telefone começou a vibrar e atendi.

— Não gosto da ideia de você atravessar a cidade sozinha. — Xander praticamente rosnou as palavras. Precisei abafar uma risada com sua proteção exagerada.

Cuidava de mim mesma há anos.

— Você mora a algumas quadras do restaurante. — Meus olhos foram para a porta. Poppy estava na casa da Sofia, e Lily e Kaiden estavam passando tempo lá embaixo enquanto os pais dela faziam compras de último minuto.

— Ainda não gosto disso.

— Bom, não sou uma donzela em perigo que precisa salvar... outra vez — acrescentei. — Posso andar algumas quadras, Xander. Vou ficar bem.

Além do mais, não queria vê-lo outra vez com cabelo com cheiro do restaurante e uma camada de gordura grudada na pele.

— Tá bom. Mas quero que me ligue no segundo que sair.

— Sim, *pai*. — Risada surgiu dentro de mim.

— Ei, posso ser mais velho que você, mas não tão velho.

Isso era legal, falar com ele, rir com ele como se fôssemos um casal normal. Não que fôssemos... quero dizer, não havíamos conversado a esse respeito.

— Peyton? — Preocupação envolvia sua voz.

— Eu... o que nós somos, Xander?

O momento de silêncio me provocou. E então ele disse as palavras que fizeram meu coração palpitar.

— Minha. Você é minha, Peyton.

— Tudo bem.

— Tudo bem? É tudo que tem a dizer? — provocou.

— Eu não... nós não falamos sobre isso. Não queria presumir...

— Ei, isso, você e eu, é novo e complicado, mas não quero dividi-la com ninguém. — Ouvi suas palavras não ditas.

Menos ainda com Bryan.

— Também não quero compartilhar você com ninguém.

— Ótimo. Então, vejo você no domingo?

— Sim. Eu vou...

— Peyton — Lily chamou do primeiro andar.

— Merda. — Levantei da cama e fui para a porta. — Lily está vindo, preciso desligar.

Meio que esperei que ele surtasse, mas não o fez. Ao invés disso, a risada rouca encheu a linha.

— Vai, te vejo em breve.

— Tchau. — Desliguei e joguei o telefone na mesa.

— Peyton? — Lily bateu na porta.

— Ei. — Abri. — E aí?

— Vamos encontrar Bryan e Gav em Riverside. Tem essa feirinha fofa de Natal. Quer vir?

— Estou preparada para uma maratona de filmes de Natal. — Acenei para meus pijamas e meias fofas. Ia chamar ela para passar tempo comigo até Kaiden aparecer.

Mas não achava ruim. Ela estava feliz. Mais feliz do que jamais a vira.

— Você tem certeza? Me sinto mal deixando-a sozinha.

— Vai, coma todos os doces de final de ano por mim. — Sorri.

— Ah, vou trazer alguns cookies de açúcar de volta para você.

— Perfeito.

Foi se afastar, mas parou no último segundo e falou:

— Está tudo bem com você e Bryan?

— Por que não estaria?

— Kaiden disse que ele parecia um pouco estranho...

— Não faço ideia. — Dei de ombros, a mentira se enrolando no meu coração como arame farpado. Odiava mentir para ela. Mas não estava pronta para contar.

A verdade, era que não estava pronta para contar para ninguém.

Porque sabia que quando contasse, tudo iria mudar.

CHAPTER 24

XANDER

VI MEU IRMÃO, Jase e Asher na mesa de costume no Bell. Uma rajada de ar gélido me seguiu pela soleira enquanto lutava para fechar a porta atrás de mim.

— Xander — Kel me cumprimentou com um aceno curto. — O de sempre?

— Sim, coloque na conta do meu irmão.

Ele riu, me dando um aceno rápido enquanto ia até eles.

— Está atrasado — Cameron resmungou.

— Você olhou para fora? — Abri o casaco e entrei na cabine ao lado de Asher.

— Sim, está caindo o mundo.

— Então, como se sente ao finalmente vencer um campeonato, Xan? — Asher perguntou, e uma onda passou pelo ar.

— Sério? — Cameron repreendeu.

— Relaxa. — Ash acenou para ele. — É só uma pergunta. A escola acabou há muito tempo, certo, Xander? — Olhou para mim e assenti.

— Apesar de não tanto para mim quanto para você. — Eu sorri.

— Se esse é seu jeito de me dizer que estou velho, entre na fila. Escuto o suficiente de Aaron e Sofia. Parece que não sou mais legal o suficiente para ficar com eles.

— Imagine se o seu pai tentasse passar tempo com você quando éramos veteranos — Jase disse.

Asher estremeceu.

— Entendido. Mas sou muito mais legal do que ele jamais foi.

— Como estão as coisas com Ezra? — Cam perguntou.

Ele soltou um assobio baixo, tensão irradiando dele.

— Não vai ficar mais fácil. Sabe, pensei que tivéssemos superado essa merda, mas desde que a mãe biológica entrou em contato, ele está confuso.

— Mas ainda querem completar a adoção.

— Claro que sim, é nosso filho.

— Dê tempo a ele — Cam disse. — Não vai fazer dezoito anos até a primavera.

— Não fazia ideia que estava pensando em adotá-lo — falei.

— Merda, eu e minha boca grande. — Jase abaixou a cabeça e deu um grande gole da cerveja.

— Não tem problema — Asher respondeu. — Você é família. — Ele sorriu para mim.

Agradecia o sentimento mesmo que não me sentisse mais assim.

Teve um tempo, quando éramos mais jovens, que via Jase e Ash como tios. Eles me guiavam junto com Cameron. Mas era diferente agora. Tinham as próprias famílias, os próprios filhos.

Tinham os próprios problemas.

— Não sei vocês — meu irmão falou para a mesa —, mas estou pronto para alguns dias de folga do trabalho.

— As coisas na academia estão ruins desse jeito?

— Não, as coisas estão ótimas. — Cameron administrava uma academia, trabalhava como personal trainer, terapia de esportes, e treinamento. O negócio foi de fortalecimento a fortalecimento ao longo dos últimos anos, e teve um tempo em que ele queria que me juntasse a ele.

Mas mal podíamos aguentar ficar no mesmo recinto algumas vezes, menos ainda trabalhar juntos. Ele há muito desistira de me pedir que me juntasse ao negócio da família.

— Só estou ansioso por um pouco de tempo de qualidade com a Hailee.

— Ahh, trabalho está atrapalhando...

— Ash, pelo amor de Deus, é da minha irmã que você está falando — Jase resmungou.

— E ele é casado com ela há quase vinte anos. Eles têm dois filhos. Sabe como os bebês são feitos, né? — As sobrancelhas do Asher se moveram.

— Babaca. — Jase arremessou a bolacha nele.

— É difícil. Entre a exposição da Hailee na galeria de arte e meus clientes, não tem sido fácil encontrar tempo para só... ficarmos juntos.

— Entendo — Jase disse. — Mas agora que a temporada de futebol acabou as coisas devem se acalmar. — O olhar dele se demorou em mim e me preparei para a pergunta que prometera a Peyton que não responderia, ainda não.

— Para onde foram os anos? — Asher forneceu a distração perfeita. — Num segundo você tem dezoito anos e acha que sabe de tudo. No próximo minuto está criando adolescentes de dezessete anos que não sabem de nada. Ninguém me preparou para isso.

— Supere, docinho — Cam riu. — Eles deixam o ninho, e ainda assim não fica mais fácil. Hailee fica mais preocupada com Avery agora do que jamais ficou quando ele morava em casa.

— Seja grato que ainda não tem filhos, Xan.

Nossa mesa ficou em silêncio, e Jase fuzilou Ash, que olhava para mim com simpatia, e talvez até um pouco de pena. Cameron também estava me observando, mas não dei atenção a ele.

— Relaxa — falei, rindo para afastar o desconforto repentino que pairara sobre nós. — Não quero filhos.

— Ainda. — Asher franziu o cenho. — Você ainda não quer filhos.

— Tente nunca — resmunguei.

— Vamos, Xander, não pode saber disso. Um dia vai encontrar a mulher certa, ela vai derrubar você e vai ver uma vida que nunca ousou imaginar. — Asher deu um tapa no meu ombro. — Confie nisso.

— Nah, não é a vida para mim. — Mal podia cuidar de mim, menos ainda de uma criança. Ainda assim, minha mente foi para Peyton. Ela queria isso? O casamento grandioso, a cerca branca... uma família.

Porra. Com calor de repente, tirei o casaco.

— Você está bem aí? — Jase me observou.

— Sim, agora esquentei.

Ele me deu um olhar estranho, mas não falou mais nada. Eu não queria falar disso. Não agora. Nem nunca. Mas assim que a conversa foi para assuntos mais seguros como as festas de final de ano e a temporada da NFL, não podia tirar a mente de Peyton. De todas as coisas das quais não havíamos conversado – todas as coisas que precisávamos conversar.

Eu a queria.

Queria de um jeito que nunca quis ninguém antes.

Mas não pensara muito no futuro. Então recusaria a proposta do Jason e Peyton se formaria mais cedo. Mas e depois? Estava falido e ela não tinha nada. Não eram as coisas que deveria se preocupar no começo de um relacionamento.

Desconforto passou por mim enquanto tirava o rótulo da minha garrafa de cerveja. Sabia qual era a coisa certa a se fazer. Tentei – e falhei – com que acontecesse. Mas Peyton era a primeira coisa na minha vida que queria por mim. Não pelo meu irmão, ou meus pais, ou as pessoas ao meu redor.

Por mim.

E era egoísta demais para abrir mão disso.

Abrir mão dela.

Mas também nunca fui alguém que vivia pelo futuro... então, onde isso nos deixava?

No dia seguinte, depois de trabalhar com ressaca graças ao Asher insistir para que ficássemos para mais um drinque e mais um, desbravei o centro a contragosto para comprar alguns presentes de última hora. Não era como se pudesse aparecer no Jase de mãos abanando. Mas até chegar no apartamento com a caminhonete cheia de cartões-presente para as crianças, garrafas de vinho e chocolates para as mulheres e uma variedade de coisas inúteis para meu irmão, Jase e Asher, precisava de uma bebida. Só estava grato que a maioria das lojas oferecia embrulho de presentes, porque esse era meu limite.

Subi as sacolas para o apartamento e me recompus para ir ao The Tap, mas a vibração do telefone me parou. Sorri com o pseudônimo da Peyton.

Loirinha: Surpresa.

Um barulho do lado de fora do meu apartamento e meu coração acelerou no peito. As pernas atravessaram a distância até a porta e a abri com força.

— Oi. — Peyton estava ali parada, parecendo pecado e tentação enrolados em um pacote loiro de olhos azuis. — Sei que concordamos em nos vermos amanhã, mas todo mundo saiu outra vez. Estava sentada sozinha naquela casa, e...

Peguei sua mão e a puxei para dentro e empurrei contra a porta.

— Você está aqui — suspirei, passando o nariz na sua mandíbula, pairando a boca sobre os lábios suaves.

— Estou aqui. — Ela sorriu. — Tem problema? Quero dizer, não sabia...

— Problema nenhum.

O fato que ela teve os colhões de vir aqui sem avisar depois da última vez... bom, era mais do que eu merecia.

— Você ia sair? — A sobancelha de Peyton se uniu enquanto observava meu jeans e suéter. — Você está... — Engoliu.

— Ia no The Tap.

— Ah. — Decepção lampejou em seu olhar. — Eu não...

— Ssh — sussurrei a palavra no canto da sua boca. — Prefiro ficar aqui com você.

As mãos dela se enrolaram no meu suéter e ela respirou trêmula.

— Mesmo?

— Sim. Está com fome?

Merda. Pergunta errada. As pupilas dela dilataram, calor subindo pelo pescoço até as bochechas.

— Por comida. — Mordisquei sua mandíbula, sem conseguir resistir ao desejo de beijá-la. Nossas bocas se encaixavam como peças de um quebra-cabeças, o deslizar das nossas línguas fazendo uma pontada de luxúria passar por mim.

Porra, essa garota.

Essa garota linda e corajosa.

— Xander — ronronou, apertando meu suéter entre os dedos trêmulos. — Quero...

— Ssh — sussurrei, beijando para abafar suas súplicas. Estava certa. Não importava se a tivesse agora, ou amanhã depois que

fizesse dezoito anos. Mas aliviava um pouco da profunda culpa que sentia por sequer estar aqui, beijando uma garota dez anos mais nova do que eu.

Mas sabia que a idade não mudava a jovem mulher. Não subestimava o que ela passara, o que sobrevivera. Não mudava o fato que experienciara mais do que a maior parte dos adultos.

Mas importaria para todos os outros. Afetaria o jeito que as pessoas nos viam.

O jeito que a viam.

Minhas mãos deslizaram para o cabelo de Peyton, e me deleitei em como era suave contra meus dedos. Imaginei espalhado sobre meu travesseiro mais de uma vez. Deus, eu a queria. Mas precisava ser o adulto aqui.

Eu *era* o adulto.

Me forçando a interromper o beijo, peguei sua mão e sorri.

— Vem. Me deixe surpreendê-la com minhas habilidades culinárias.

— Pensei que não cozinhasse? — A sobrancelha dela se ergueu com diversão.

— Ah, você me pegou. Mas acabei de encher a geladeira. Tenho certeza que consigo inventar alguma coisa.

— Tem ovos? — perguntou, e concordei. — Certo, pega a frigideira e um pouco de óleo. Vou precisar de uma tigela e um garfo também.

— Peyton, você não...

— Quero fazer isso. Não vai ser nada impressionante, mas vai ter um gosto bom.

— Você tem um gosto bom. — Eu me aproximei e roubei um beijo. Quando me afastei, ela soltou um suspiro contente.

— Poderia me acostumar com isso. — Sorri, e ela acrescentou: — Agora pare de me distrair.

— Sim, chef. — Com um sorriso, peguei todas as coisas que Peyton pediu e sentei em uma banqueta, observando enquanto ela quebrava ovos em uma tigela e começava a batê-los. — Era minha comida de escolha no ensino fundamental. Rápida, fácil e deliciosa. Costumava inventar, acrescentando qualquer coisa que tivéssemos

sobrando na geladeira. Mas o meu favorito sempre foi presunto, cebola, queijo e tomate. Corte esses, por favor.

Peyton empurrou os ingredientes na minha direção, e cortei tudo com eficiência em pequenos pedaços antes de ralar o queijo.

— Perfeito. — Acrescentou tudo na tigela e misturou tudo, antes de esquentar um fio de óleo na frigideira. — Pode fazer um omelete, mas nunca fui muito boa nisso, então apenas faço mexidos. É tão bom quanto.

Tentei evitar demonstrar minha carranca com o pensamento que ela precisou aprender a se alimentar tão jovem. Mas quando olhou para cima, percebi que havia falhado.

— Não olhe para mim desse jeito. Algumas crianças passam por coisas piores do que eu.

Meus dentes rangeram.

— Odeio que ela não se importou o suficiente.

Peyton deu de ombros.

— Queria que as coisas fossem diferentes? Claro que sim. Mas sobrevivi, Xander. Não deixei que me quebrasse.

Não, não deixou. Mas algo havia quebrado nela quando a mãe se matara. Ela me dissera isso.

Deu as costas para mim, focando nos ovos mexidos. Levantei da baqueta e fui até ela, deslizando as mãos em volta da sua cintura e abaixando o queixo no seu ombro.

— Você é forte para caralho, Peyton. Espero que saiba disso.

Um tremor passou por ela e a respiração falhou.

— Isso é legal — sussurrou. — Parece como algo que um casal normal faria.

Li nas entrelinhas. Um casal normal – não éramos isso, mas era bom fingir. Podia imaginá-la, parada aqui de manhã, usando apenas minha camisa, movendo os quadris com o som do rádio enquanto fazia nosso café da manhã.

Jesus. O pensamento era tão claro; roubou o ar dos meus pulmões.

— Xander? — Peyton olhou para mim.

— Estou bem. — Forcei um sorriso, dando um beijo no seu nariz.

— Os ovos estão queimando — falei, soltando-a para colocar um pouco de espaço entre nós. — Vou pegar alguns pratos.

Precisava recuperar o fôlego e me acalmar.

Peyton representava tudo o que sempre evitei.

Compromisso.

Abrir meu coração – minha vida – para outra pessoa.

Um futuro.

Mas assisti-la fazer algo tão simples quanto cozinhar ovos mexidos para nós, percebi que queria isso... com ela. Foda-se a sociedade, fodam-se as regras, e as consequências. Talvez devesse tê-la salvado aquela noite, talvez fosse o jeito do destino de me dar tudo o que nunca soube que precisava.

— Quase terminei. — Olhou para mim e sorriu. Iluminou todo meu apartamento enfadonho, um raio de luz na escuridão. — O quê? — A risada dela vagou até mim, e percebi que estava apenas parada ali, observando-a. Estava *admirado* por ela.

Sem outro pensamento, diminui a distância entre nós. Enganchei o braço na sua cintura e a puxei contra meu peito.

— Os ovos — protestou.

— Os ovos podem esperar — minha voz estava baixa e rouca. Estiquei o braço por ela e desliguei o fogão.

— Xander, pensei que...

Deslizei o polegar sobre os lábios dela, a silenciando. Minha boca seguiu, lambendo e provocando. Peyton se derreteu contra mim, dobrando os braços em volta dos meus ombros e me beijando de volta. Deslizando as mãos em volta das suas coxas, eu a ergui, e ela envolveu as pernas na minha cintura.

— Se quiser parar. — Enrolei uma mão no seu cabelo, puxando de leve. — Agora é uma boa hora para me dizer.

— Quero você — falou. — Acho que quis desde a noite que me tirou do rio.

Respirando trêmulo, a carreguei até o quarto, fechando a porta com o pé atrás de mim. Peyton passou a boca sobre minha mandíbula, deslizando a língua pelo pescoço, roçando os dentes sobre a pele com a barba por fazer.

— Eu amo isso — ronronou, arranhando as unhas sobre meu queixo. — Amo a sensação.

Porra. Estava tão duro que não tinha certeza se poderia durar, e queria aproveitar meu tempo com ela. Para mapear seu corpo e

aprender toda curva e vale do seu corpo, cada parte sensível dela. Queria descobrir onde tocar e lambendo e beijar para fazê-la corar, para fazê-la gritar meu nome.

Não cheguei até a cama, empurrando-a contra a parede, a enjaulando com meu corpo. Ela me encarou com os grandes olhos abertos, fogo fervilhando entre duas poças azuis de gelo. Pura, desejosa, inabalável. Nenhuma palavra foi trocada por nós enquanto deslizava a mão pelo pescoço, descendo pelo corpo e apertando os seios com força o suficiente para fazê-la ofegar. Minha mão deslizou mais para baixo, por sua barriga lisa, só parando quando cheguei no cóx da sua legging.

Ela assentiu, me dando permissão em silêncio, e coloquei a mão para dentro, encontrando-a molhada e cheia de desejo.

— Deus — era um ronronar rouco enquanto deslizei dois dedos nela. Peyton gemeu, arqueando na minha mão, exigindo mais. — Xander... — A mão dela foi para meu jeans, tentando me tocar pelo jeans. Mas a afastei. Precisando manter uma rédea curta no meu controle.

— Ssh — cantarolei, lambendo seu pescoço e mandíbula, a beijando intensamente. — Eu cuido de você.

Começou a cavalgar minha mão, rebolando com as estocadas dos meus dedos. De leve para começar, depois mais profundas, esticando-a. Acrescentei o polegar, circundando o clitóris em perfeita sincronia. Nem mesmo a deixei nua e estava duro como uma pedra, desesperado para senti-la apertada ao meu redor.

— Vou... Deus...

Engoli seus gemidos, enfiando a língua em sua boca, arrancando todo prazer possível dela. O corpo estremeceu ao meu redor enquanto meu nome escapava de seus lábios como uma prece.

Xander... Xander... Xander...

Era a melhor coisa que ouvira na vida. Não dei tempo para que se recuperasse, nos rodopiando e a levando para a cama. Peyton pousou com um baque suave, olhando para mim com olhos pesados de desejo. Fraco contra seu feitiço, tirei a camiseta e abri o jeans, deixando que caíssem no chão.

— Tem certeza? — Minha voz estava grossa.

Peyton assentiu, e coloquei o joelho na cama, para que pudesse me inclinar e tirar sua legging e calcinha. Um tremor passou por ela.

— Sente-se — falei, e a ajudei a tirar sua camiseta e sutiã.

Ela parecia um anjo, deitada na minha frente, um halo de cabelo loiro espalhado nos travesseiros.

— Você é tão linda — falei. Mas depois algo chamou minha atenção. Uma cicatriz na parte de dentro da sua coxa. Meu dedo roçou a pele se fechando.

— Xander... — Pânico surgiu em sua voz.

— Está tudo bem. — Passei o polegar sobre a imperfeição, engolindo o nó enorme na garganta. — Todos temos cicatrizes, Peyton.

CHAPTER 25

PEYTON

ALÍVIO AFUNDOU em mim e exalei uma respiração trêmula. Esqueci tudo sobre a cicatriz, perdida demais na sensação de Xander me tocando, o jeito que me beijou como se não pudesse ter o bastante.

O ar estalou ao nosso redor, a conexão entre nós ficando tensa enquanto Xander rastejava sobre mim, os olhos indo para o relógio na mesa de cabeceira. Olhei para ele, vendo o horário. Quase dez.

— Podemos esperar mais duas horas — provoquei, sabendo que ele queria esperar até meu aniversário.

Olhou para mim, desejo fervilhando em seus olhos.

— Esperei o bastante — rosnou, encaixando o corpo sobre o meu. Planos duros e curvas suaves. Um tremor passou por mim enquanto minhas mãos subiam e passavam sobre seus ombros, maravilhada com seus músculos. O corpo dele era uma obra de arte que eu queria admirar e estudar. Mas quando seus lábios encontraram a base do meu pescoço e desceram para o meio dos meus seios, todos os pensamentos sumiram da minha cabeça.

— Xander — suspirei, afundando os dedos no seu cabelo e arqueando o corpo na direção da sua boca, precisando de mais.

A língua dele passou pela curva do meu seio, lambendo chupando, roçando os dentes sobre o mamilo. Um gemido ficou preso na garganta, calor se reunindo na minha barriga. Ergui as pernas em volta da sua cintura, tentando me esfregar contra ele, desesperada pela fricção. Mas Xander ficou um pouco fora de alcance, segurando o peso nos braços.

Mas precisava dele agora, antes que percebesse que era uma ideia péssima e criasse barreiras em volta do seu coração outra vez.

— Xander. — Puxei as pontas do seu cabelo, o forçando a olhar para mim. — Quero sentir você dentro de mim.

Os olhos dele escureceram enquanto forçava um suspiro controlado.

— Se fizermos isso...

— Eu sei. — Engoli.

Ele estava enrolando. Soube no segundo que me pressionou contra a parede e se recusou a me deixar tocá-lo. Era sua última tentativa em manter algum controle. Porque se cruzássemos essa linha, nós dois sabíamos que não teria volta.

Mas o que ele não sabia era que não ligava para nada disso.

Só me importava com isso, nós. Juntos.

— Estou tomando anticoncepcional. — Soltei, hesitando com as palavras repentinas.

— Merda, Peyton. — Passou a mão pelo queixo enquanto controlava um gemido, soltando um entre frustração e desejo.

Minhas bochechas ardiam quando disse:

— Não quero nada entre nós.

Não agora. Nem nunca.

Ele se segurou e moveu-se para frente, passando o pau na minha umidade. Não consegui segurar o gemido na garganta. Era tão bom, e nem estava dentro de mim ainda.

— Quero ir devagar... mas você está tão molhada e sonhei com isso. — Ele me beijou com carinho, movendo os lábios para minha orelha. — Imaginei fodê-la na pele. Deus, Peyton, preciso estar dentro de você. — Pressionou a ponta um pouco para dentro e parou, olhando para mim. — Sem volta.

— Sem volta — sussurrei, e Xander me preencheu com um movimento contínuo.

Ondas de prazer quebraram em mim enquanto rebolava algumas vezes antes de arrastar o pau para fora e estocar de volta.

— Porra — sibilou, afundando o rosto no encontro do meu ombro com o pescoço, beijando e chupando a pele ali.

Meu corpo se ajustou devagar com a sensação dele, e comecei a encontrar seus movimentos até nos movermos como um. Xander puxou minhas pernas sobre sua cintura para que pudesse ir mais forte... mais fundo... me levando na direção de um lugar que não sabia se já havia chegado.

Transei antes. Apreendi tudo o que gostava e não gostava, mas isso era... isso era diferente. Xander sabia coisas. Sabia como mover os quadris para fazer minhas respirações saírem em lufadas curtas e afiadas. Sabia como manipular meu corpo de um jeito que me fazia implorar por mais.

Sabia como me tocar, beijar e acariciar de um jeito que fazia minha cabeça girar.

— Deus, isso é... *Deus!* — Pressionei os lábios, tentando impedir os gemidos desejosos de escaparem. Mas era demais, intenso demais.

Estava em todos os lugares. Nossa pele molhada de suor, os beijos famintos e desesperados. Xander fodeu minha boca com língua, sincronizando com as estocadas firmes enquanto se movia dentro de mim.

— Você é tão gostosa — suspirou contra meus lábios. — Gostosa para caralho. — As mãos dele deslizaram sob minha bunda, inclinando meu corpo na sua direção enquanto aumentava o ritmo, me atingindo no ângulo certo.

— Xander... Deus. — Minhas pernas começaram a tremer, uma onda intensa de prazer surgindo dentro de mim.

O polegar encontrou meu clitóris e me fez voar pelo abismo.

— Posso sentir você gozando, apertando meu pau... Peyton... *porra!* — Suspirou as palavras contra meu pescoço antes de fixar a boca na minha e me dar um beijo intenso. — Estou perto... pooorra... — O corpo tenso, um rosnado baixo ressoou no seu peito enquanto gozava dentro de mim.

Por um segundo, houve silêncio. Nada exceto pelos nossos corações acelerados e respirações ofegantes. Xander se inclinou, roçando o nariz no meu, soltei um suspiro de contentamento conforme capturava minha boca em um beijo suave.

— Isso foi...

— Sim. — Os olhos dele se fecharam antes de pousarem nos meus outra vez. — Você está bem?

Concordei com a cabeça.

Esperei que se tornasse desconfortável, para ele se retrair para aquele lugar dentro de si. Mas a noite era cheia de surpresas.

— Espere aqui — Xander deu um beijinho na ponta do meu nariz antes de levantar da cama. Assisti enquanto ia, nu, para o banheiro. Voltou com uma toalha umedecida. — Aqui.

— Obrigada. — Minhas bochechas coraram enquanto me limpava.

Descartou a toalha e voltou para a cama comigo, me puxando contra seu lado enquanto deitava de costas.

— Tentei com tanta força me dizer que isso era errado. — A voz dele estava grossa. — Mas isso não pareceu errado, Peyton, nada disso.

Meus dedos desenharam círculos preguiçosos em seu peito.

— Algumas vezes você não escolhe, é escolhido — falei baixo.

— O quê? — Xander perguntou.

— Lembra o que disse sobre minha vizinha, Sra. Harrison? Bom, as vezes quando ficava chateada com... tudo, ela pegava meu rosto entre suas mãos e me dizia isso.

Mas nunca compreendera o que queria dizer até recentemente.

Não escolhi crescer com uma mãe sem amor, assim como não escolhi encontrá-la morta no chão do banheiro. Assim como não escolhi me apaixonar pelo homem que me salvara naquela noite.

Não sabia se acreditava no grande destino da vida, mas tudo o que aconteceu me trouxe até aqui, a este momento. E não podia encontrar força em mim para desejar algo diferente.

— Queria que não precisasse ir embora — sussurrei, me aconchegando mais perto. Meus dedos traçaram a tatuagem de escritura sobre o peitoral. Percebi antes, mas nunca perguntei o que significava.

— O que significa?

— Era jovem e tolo e tenho quase certeza que estava bêbado.

— Mas o que significa?

— Depois da morte do meu pai, pensei bastante. Era jovem e acho que alguma parte de mim queria respostas. Meus dois pais foram tomados de mim... mexeu com minha cabeça. — Os dedos dele subiram pela minha espinha, fazendo tremores passarem por mim. — Meu terapeuta na época falava muito sobre reconhecer meu luto, me dando tempo e espaço para processar meus pensamentos sobre perdê-los. Pensei que estivesse falando merda, para ser honesto. Mas Hailee me deu esse livro sobre mindfulness e a mesma frase aparecia. Esteja aqui, agora. Não sei, gravei.

Passei os dedos sobre a tinta desbotada.

— Acha que ajudou?

— Acho que passei os últimos dez anos fazendo o exato oposto do que significa.

Me apoiando no cotovelo, olhei para ele.

— O que quer dizer?

— Peyton. — Ele soltou um suspiro pesado. — Tenho quase trinta anos e o que tenho para mostrar da minha vida?

Não sabia como responder isso. Ele tinha o emprego na Rixon High, mas iria abrir mão dele... por mim.

Meu estômago afundou.

— Posso perguntar uma coisa? — Assentiu, e forcei as palavras.

— Se você e eu não fôssemos... sabe, teria aceitado o emprego?

— Não pode me perguntar isso. Nós acontecemos e não me arrependo disso, nem por um segundo.

— Mas...

— Nada de “mas”. — Ele se aproximou e roçou os lábios nos meus. — Você me faz querer mais, Peyton. Isso nunca aconteceu antes. Terão outros empregos. Outras oportunidades.

Tudo foi perfeito, mas agora parecia que tinha uma sombra escura pairando sobre nós.

Culpa se infiltrou na felicidade que sentia, ameaçando acabar com ela.

— Aposto que se arrepende de ter andado ao longo do rio naquela noite.

— Não. Não faça isso. — Segurou meu queixo, os olhos escuros me lancinando. — Não coloque palavras na minha boca. Você quer a verdade? — Concordei com a cabeça. — O único arrependimento que tenho é que as coisas não serão fáceis para você... por minha culpa. Por causa disso.

Curvei a mão no pescoço do Xander e toquei minha cabeça na dele.

— Nada de arrependimentos, combinado?

— Combinado. — Ele soltou um suspiro longo e controlado, como se precisasse me ouvir dizer isso. — Vista-se, quero alimentá-la antes de levá-la de volta. — Xander me beijou rápido antes de sentar.

— Na verdade, Bryan vai me buscar.

Ficou tenso, olhando sobre o ombro.

— Ele o quê?

Eu me sentei, curvando o corpo sobre o seu e pressionando os lábios na lateral do seu pescoço.

— Todo mundo acha que estou com Bryan. Esperam que me leve de volta. É só um amigo... um amigo que precisamos no momento. — Eu o beijei outra vez.

— Tudo bem — falou, e pude pressentir sua desaprovação. Mas se queríamos nos ver durante as férias de final de ano, precisaríamos de uma desculpa, uma que as pessoas não prestariam muita atenção.

Xander colocou as roupas e recolheu as minhas e as colocou no pé da cama.

— Vou dar um pouco de privacidade a você. — Calor queimou em seus olhos conforme o lençol escorregava pelo meu corpo. — Deveria... — Engoliu.

— É, provavelmente deveria. — Desejo pulsou por mim, e sabia que se não me deixasse para que me vestisse, nunca sairíamos desse quarto.

Xander me deu um sorriso malicioso antes de me deixar sozinha. Segurei o lençol contra o corpo, mal podendo acreditar que estava aqui. Foi tudo o que imaginei e mais, apagando qualquer dúvida que tinha que isso era errado.

Nada tão errado poderia parecer certo desse jeito.

Forçando meu coração acelerado a se acalmar, me vesti rápido e domei o cabelo em uma trança solta. Encontrei Xander no fogão, esquentando os ovos mexidos.

— Talvez devêssemos jogar isso fora? — Olhei ao redor dele para ver a mistura cozida pela metade. — Posso fazer minha outra especialidade.

A testa de Xander se ergueu em brincadeira, e bati no seu peito.

— Vou informar a você que o sanduíche de queijo grelhado perfeito requer muito treino.

— Eu amo isso. — Ele envolveu os braços na minha cintura, me aconchegando na curva forte do seu corpo.

— Eu também — falei sobre a emoção se acumulando em meu peito.

Xander afagou meu pescoço, dando beijinhos na pele.

— Preciso de queijo e pão — falei, me esquivando dos seus braços. — Você fica sentado aí e controle suas mãos.

— Sim, chef. — Ele piscou.

Não podia pensar com ele tão perto, e, com certeza, não podia fazer sanduíche de queijo grelhado. Era uma distração tentadora.

E tão afundado na minha pele que não sabia se algum dia sairia.

— Preciso ir — falei, tentando me soltar da boca do Xander. — Ele já está esperando há dez minutos.

— Deixe que espere mais cinco — Xander murmurou contra meus lábios, roçando a língua com habilidade contra a minha.

— Xander... — suspirei, empurrando de leve seu pescoço. — Está tarde. Eu preciso...

— Sim. — Ele se afastou, soltando um suspiro forte. — Eu sei.

— Mas vejo você amanhã.

— Com certeza, aniversariante. — Passou um dedo pela minha mandíbula e pressionou um beijo final nos meus lábios. — Diga para Hughes dirigir com cuidado, você é preciosa.

Revirei os olhos apesar do quanto me fez derreter. Amava esse lado do Xander. Protetor. Possessivo. Todo rosnado e taciturno.

Era difícil acreditar que poderia querer uma garota partida como eu. Mas eu sentia todas as vezes que olhava para mim, todas as vezes que ele me tocava.

Nos demorando, dedos roçando, olhos fixos se recusando a desviar o olhar.

— Preciso ir... — falei. Ainda assim, não me movi.

Sentia como se saísse agora, a bolha que formamos ao nosso redor estouraria.

— Amanhã — falou, em uma voz baixa e rouca.

Meu telefone vibrou, rompendo a tensão. Não precisei olhar para saber que seria Bryan.

— Boa noite — falei.

Xander deu um pequeno aceno, o olhar pesado me seguindo enquanto saía do seu apartamento.

Eu me forcei a descer os degraus e atravessar o estacionamento na direção do carro do Bryan. Olhos julgadores encontraram os meus conforme entrei.

— Não — falei.

— O quê? Não ia dizer nada. — Um sorriso brincou em seus lábios, mas não alcançou os olhos. — Pensei que fosse ter que subir e te arrastar de lá.

— Estávamos...

— É, não preciso saber o que estava fazendo. — A mandíbula dele apertou enquanto se forçava a respirar fundo.

— Obrigada. Te devo uma.

— Sim, bom, talvez você pudesse não me deixar esperando tanto tempo da próxima vez, e por favor, prometa não empurrar Carrie-Anne para cima de mim outra vez. Ela é... muito trabalho.

Culpa me atingiu que o mantive esperando por tanto tempo quando estava fazendo muito por mim. Atingiu com mais força quando pensei nos seus verdadeiros sentimentos por mim. Deus, seria muito mais fácil se ele se apaixonasse por Carrie-Anne.

— Bryan — suspirei —, você nem a conhece.

— E nem quero conhecer. Se não posso ter... bom, melhor não pensar nisso. Considere esse o seu presente de aniversário antecipado.

— Sinto muito, sabe. Nunca quis machucá-lo ou deixar que pensasse que poderia existir algo mais entre nós.

— Não deixou. — As mãos dele apertaram o volante com um pouco mais de força. — Só pensei... não importa. Você está com treinador Chase agora. Porra, nunca vai ficar mais fácil dizer isso.

— É só durante o final do ano, depois vamos descobrir como contar para todo mundo.

— Sabe que a merda vai bater no ventilador, né? Quero dizer, entendo que não pode evitar gostar dele ou que seja. — Ele me deu um olhar de soslaio. — Mas muitas pessoas vão ficar chateadas.

— Eu sei. — Foi um pequeno preço a se pagar. Além do mais, não era como se estivéssemos arruinando um casamento ou destruindo uma família. Xander não tinha ninguém – além do irmão e sua família – e eu também não. Éramos duas almas perdidas que tinham encontrado um pouco de paz juntas.

Com certeza as pessoas que se importavam conosco veriam isso. Depois que superassem a diferença de idade entre nós, veriam como nos sentimos um sobre o outro.

Percorremos o resto do caminho com Bryan falando de bobagens sobre os amigos e o time. Não esperava que compreendesse meu relacionamento com Xander. Era o técnico dele, o mentor. Xander estava em uma posição de autoridade, confiado com o bem-estar dos jogadores, e os outros alunos com os quais entrasse em contato.

Eu não era estúpida. Sabia que algumas pessoas olhariam para nós e presumiriam que tivemos um relacionamento ilícito de professor e estudante, mas não era assim.

Enfim, chegamos na casa dos Ford. Bryan puxou o freio de mão e se virou para mim.

— O que vai dizer a eles? — Os olhos dele foram para a casa.

— Açam que você queria me levar para o cinema pré-aniversário.

— Qual filme nós vimos?

— Eu não sei. Não pensei tão lá na frente.

— The Wreckage. É um filme de fim de mundo, algo que assistiria.

— Obrigada.

— Sim. — Seu olhar desviou do meu.

— Bryan, eu...

— Não vamos fazer isso, sim? Falei que guardaria seu segredo, e o farei.

— Você é um bom amigo, Bryan. — Abrindo a porta, fui sair, mas ele me impediu.

— Peyton?

— Sim?

— Feliz Aniversário. Espero que consiga tudo o que deseja. — Ele se inclinou e abriu o porta-luvas e me entregou uma pequena caixa de presente. — Acho que poderia ficar com isso.

Arame farpado de culpa enrolou em volta do meu coração quando vi o presente.

— Comprei antes de, bom, você sabe...

— Obrigada. — Saí do carro e fechei a porta, respirando fundo.

Era uma pessoa horrível. A pior. Bryan não merecia isso. Mas também não podia fingir que tinha algo mais ali quando não tinha.

Bryan podia ver apenas a mim.

Mas eu só via Xander.

CHAPTER 26

XANDER

FIQUEI ACORDADO METADE DA NOITE, ainda podia sentir o cheiro da Peyton nos meus travesseiros, meus lençóis. O perfume de baunilha estava espalhado pelo quarto, esquentando meu sangue.

Ela fora perfeita em todos os jeitos possíveis. Mas não esperava me sentir tão exposto depois.

Desde que minha mãe ficou doente, quando era só uma criança com medo de perdê-la, as pessoas olhavam para mim com simpatia e pena. Depois que morreu, perderam a habilidade de me ver. Só viam meu luto e minha dor e raiva com o mundo. Meu pai e Cameron tentaram me esconder daquilo, para me proteger. Mas só ficou pior depois que papai morreu. Estava tão bravo e confuso, a simpatia das pessoas se tornou maculada pelo medo. Não sabiam como me alcançar, o que dizer para mim, e cresci ressentido por isso. Mesmo com Cameron e Hailee. Era como se minhas defesas instintivas trabalhassem contra mim, repelindo as pessoas em vez de atrair. Mas não sabia como fazer parar.

Não sabia como deixá-los entrar.

Depois da merda do último ano, tudo mudou outra vez. As pessoas não viam mais um garoto afetado pela perda dos pais. Viam um adolescente que jogou tudo pelos ares, um garoto que manchou o nome da família.

Não era mais uma vítima; era o vilão.

Mas olhando para Peyton enquanto amava seu corpo, não vi traços de dó ou simpatia ou medo ou decepção... Vi apenas compreensão misturada com desejo. Ela me queria. Apesar de tudo, essa garota corajosa e linda me queria.

Não merecia isso – não merecia ela. Mas foi um momento de tanta clareza, que abalou as fundações da minha alma.

E talvez ela estivesse certa quando disse que nem sempre escolhíamos, que às vezes, éramos escolhidos.

Nunca esperei me tornar o herói da história de alguém... não queria isso. Mas quando olhou para mim, não me sentia como aquele garoto perdido ou o homem de coração gelado que me

tornara. Eu me sentia vivo. Pela primeira vez em anos, sentia como se pudesse respirar.

Sentia que talvez, só talvez, tivesse algo melhor me esperando.

Era uma noção maluca dados os obstáculos que estavam entre nós, mas nunca fui um que seguia as regras, ou que me conformava com as regras da sociedade ou as expectativas dos residentes de mentes pequenas de Rixon. E se perder meus pais quando era jovem me ensinou alguma coisa, foi que a vida era curta.

Peyton era minha chance de algo bom, algo além da vida sombria e sem amor que construía para mim.

Com o raiar do sol enfim espreitando pela separação nas cortinas, me inclinei e peguei o telefone.

Eu: Feliz aniversário. Aproveite o seu dia.

Não esperava que Peyton já estivesse acordada, mas a resposta veio na hora.

Loirinha: Seria melhor se estivesse acordando ao seu lado.

Acrescentou um emoji de piscada e lutei contra um sorriso. Jesus. Estava me transformando num meloso. Mas era impossível resistir brincar com ela.

Eu: Hm, gosto de como isso soa. Posso pensar em alguns jeitos que posso desejar um feliz aniversário a você...

Loirinha: Estou ouvindo...

Ela estava dentro. E pelo estado da minha ereção matinal, estava mais do que disposto em concordar.

Eu: Eu a puxaria em meus braços, suas costas contra meu peito e deslizaria a mão para sua barriga, apertando com cuidado seus seios enquanto minha boca sobe pela lateral do seu pescoço.

Meu sangue virou fogo enquanto lutava contra o desejo de me segurar.

Loirinha: É tão gostoso, Xander... posso sentir você pressionado na minha bunda, duro e pronto...

Porra. Eu me segurei e disquei seu número. A voz dela, rouca de sono, preencheu a linha.

— Bom dia — falou.

— Deus, queria que estivesse aqui agora. — Minha voz estava ofegante, e ouvi sua respiração falhar.

— Você...?

— Sim, tem problema? — Me masturbando com mais força, imaginei ela na cama, nua e pronta para mim.

— Ah, meu Deus — suspirou.

— Está molhada, Peyton? Toque-se, deslize dois dedos na sua boceta e me diga o quanto está molhada.

Ela soltou um gemido abafado.

— Estou encharcada.

— Porra, sim. Mova seus dedos e imagine que sou eu. Imagine que estou aí, pressionado contra você enquanto deslizo os dedos

para dentro e para fora, circulando o polegar sobre seu clitóris.

— Xander — engasgou. — Deus, isso é...

— Não pare. Estou perto... — Meu punho apertou em volta do meu pau, imaginando que era a boceta quente e molhada da Peyton.

Os pequenos gemidos e suspiros que fazia foram suficientes para me levarem pelo limite. Um formigamento intenso percorreu minha espinha e gozei na mão, gemendo alto.

A risada suave de Peyton encheu a linha, seguido pelas respirações ofegantes.

— Ah, Deus... Xander.

— Goze para mim, imagine que são meus dedos que está cavalcando.

Ela alcançou o orgasmo e gemeu baixo, o som abafado como se estivesse pressionando a mão na boca.

Silêncio encheu a linha enquanto ficávamos deitados ali, nas nossas camas separadas, ofegando e com o coração acelerado.

— Isso foi uma surpresa — Peyton por fim disse.

— Uma boa, espero? — Porra, não fazia sexo por telefone há uma eternidade. Mas podia acordar todas as manhãs e fazer isso e morrer um homem feliz.

— Muito boa. — Ouvi o sorriso na sua voz. — Mas ainda desejo que estivesse aqui... Preciso de você, Xander.

— Esta noite. — As palavras quase ficaram presas na minha garganta.

— Já estou contando as horas. Merda, posso ouvir as pessoas no corredor. Provavelmente deveria ir.

— Tudo bem. Vejo você mais tarde. Feliz aniversário, Peyton.

A linha ficou muda, e soltei o telefone na cama, balançando a cabeça devagar. Estava encrocado.

Muito encrocado.

Para matar um tempo – e evitar ficar lamentando pelo apartamento esperando que Peyton chegasse aqui – decidi ir para a academia no

centro. Por quase duas horas, levei o corpo ao limite, queimando todo excesso de energia que ela incitava em mim.

Depois de um banho rápido, coloquei o moletom e peguei a mochila e deixei a academia, trombando direto com o Bryan.

— Ah é você. — Seus lábios se afinaram.

— Bryan — falei, por que que porra tinha para dizer?

Decepção e traição irradiavam dele. Sabia que gostava de Peyton. Não era um idiota. Sabia que era o único motivo pelo qual mantivera nosso segredo.

— Certo, isso foi legal e tal, mas vou indo. — Ele se moveu para desviar de mim, mas peguei o braço no último segundo. Seus olhos encontraram os meus, cheios de raiva.

— Acho que deveríamos conversar.

— Não tenho nada para dizer para você.

— Por favor — falei. Peyton se importava com Bryan, o chamava de amigo. E era um bom garoto. Vira isso mais de uma vez quando apareceu para resgatá-la de Sean Farrow.

— Tá bom. Vou encontrar os garotos no Bell, mas tenho tempo.

— Quer tomar um café? — Acenei a cabeça para um vendedor na rua.

— Claro. — Bryan foi naquela direção, sem se importar em esperar por mim.

Tinha todo o direito de ficar puto comigo, mas não evitava a pontada.

Quando o alcancei, já havia pedido. Fiz o meu pedido e peguei os cafés e fui para um banco vazio nos limites do parque.

— Apenas me diga uma coisa — Bryan disse, depois de um minuto desconfortável de silêncio. — Se importa mesmo com ela ou isso é só um... jogo para fazê-lo sentir-se melhor sobre si mesmo?

— Não é um jogo, Bryan.

— Então você se importa mesmo com ela?

— Sim.

Não adiantava negar o que já sabia.

— Não esperava que isso acontecesse — acrescentei. — Mas algumas vezes você não pode impedir essas coisas.

— Ela só passou por tanta coisa... e você... porra, não sei como compreender isso.

— Lutei contra isso, sabia? — confessei. Talvez fosse porque precisava conversar com alguém sobre isso, ou talvez fosse porque de todas as pessoas em Rixon, Bryan conhecia Peyton. Ele sabia como era fácil ser encantado por ela.

— Acha que não sei que é errado, que todo mundo vai olhar para mim e pensar que sou um tipo de... — Não podia dizer.

— É — concordou, só fazendo o nó no meu estômago apertar mais.

— Peyton não é como as outras garotas da sua idade, Bryan.

— Foi assim que você justificou para si? — Ele soltou uma risada amarga. — Porque é uma balela.

— Isso saiu errado. Só quero dizer... depois de tudo que ela passou; compreendo como é carregar tanta dor.

Bryan bebericou o café enquanto olhava para o parque. Luzinhas foram penduradas nas árvores densas, os troncos envolvidos com enormes laços prateados. Tudo o que precisávamos era de um pouco de neve e seria o perfeito inverno encantado bem no coração de Rixon.

— Ela disse algo parecido — falou baixo, como se o machucasse proferir as palavras. — Apenas me prometa uma coisa — Bryan enfim olhou para mim outra vez. — Não a machuque.

Nunca imaginei um cenário onde aceitaria conselhos de um adolescente de dezoito anos, mas aqui estava.

— Vou tentar não fazer isso.

Machucar Peyton era a última coisa que queria. Se muito, queria fazer o exato oposto. Queria fazê-la rir e sorrir e se sentir bem sobre si. Queria mostrar que a vida nem sempre era uma batalha, que mesmo na escuridão existiam lampejos de luz.

— Acho que é tudo o que tenho pra dizer, então. — Ele se levantou de repente, pairando sobre mim. De repente, não me sentia muito como o mais velho. Sob o olhar semicerrado, eu me sentia pequeno.

— Prometi a Peyton que não vou dizer nada a ninguém, mas depois que o recesso de final de ano terminar, se não confessarem, eu vou.

Dei um aceno silencioso. Era uma ameaça, uma que não tinha dúvidas que cumpriria se não fizesse o que ele considerava ser a

coisa certa.

— Se você se importa com ela tanto quanto diz, então não vai ter problema em contar para todo mundo — falou, antes de jogar o copo de café no lixo e se afastar de mim.

Soltei uma respiração tensa. Foi melhor do que eu esperava. Não era como se precisasse da sua aprovação ou compreensão, mas era amigo da Peyton, e não queria aliená-la mais do que necessário das pessoas com a qual se importava.

Passando uma mão no rosto, virei o café antes de jogar fora. Colocando a mochila no ombro, andei o curto caminho até minha caminhonete, quando uma ideia me atingiu.

Era o aniversário da Peyton, de dezoito anos, e não comprara nada para ela.

Parecera muito cedo no nosso relacionamento para me comprometer em comprar alguma coisa. Mas as palavras de despedida de Bryan se repetiam na minha mente.

Analisei a sequência de lojas. O que diabos você comprava de presente de aniversário para uma garota de dezoito anos? Normalmente, comprava um cartão-presente da loja favorita da minha sobrinha, ou colocava uma nota de cinquenta no cartão. Mas Peyton não era minha sobrinha, era minha garota.

Mas nunca fizera isso antes, comprar presentes para uma garota em uma tentativa de demonstrar afeto. Parte de mim quase desejou que Bryan não tivesse ido embora tão rápido, aposto que saberia o que comprar para ela.

Irritação enrijeceu minha coluna. Eu podia fazer isso. Não precisava ser algo elaborado ou caro, apenas algo pequeno para mostrar que estava levando isso a sério. Levando nós a sério.

Não que qualquer coisa faria justiça a intensidade que ela se embrenhara sob minha pele.

— Pense — murmurei —, pense, idiota.

Quão difícil seria escolher algo para a garota que entrou na minha vida atropelando tudo e se recusava a sair?

A garota pela qual me apaixonara perdidamente.

CHAPTER 27

PEYTON

— Nossa — falei quando enfim entrei na cozinha. Evitei descer o máximo que pude. Ainda mais depois da minha chamada surpresa para despertar do Xander.

Ainda estava corada, e não era por causa das faixas de aniversário e balões decorando a cozinha.

— Feliz Aniversário, amiga — Lily cantarolou ao contornar a ilha e me abraçar. — Pensei que fosse ter que subir e te arrastar da cama — sussurrou.

— Só precisava de tempo. — A mentira parecia cinzas na língua.

— Feliz aniversário, Peyton. — Felicity me deu um sorriso caloroso.

— Presentes, vamos abrir presentes. — Poppy bateu palmas.

— Primeiro, vamos esperar...

— Estou aqui. — A voz de Jason ecoou e segundos depois apareceu segurando uma caixa de bolo. — Feliz aniversário — falou. — Espero que esteja com fome porque essa coisa pode alimentar umas cinco mil pessoas.

— Pai! — Lily ralhcou, abrindo a tampa da caixa. — Aahhhh, é tão bom.

— O que é... ah meu Deus — suspirei. — Você não fez isso.

— Ah, eu fiz. Fiz mesmo. — O lábio dela se curvou.

— Minha carteira discorda — o pai da Lily resmungou enquanto ia direto para a cafeteira.

— Isso é incrível, muito obrigada. — Encarei o enorme bolo personalizado de funfetti, completamente assoberbada. Nunca tive um bolo de aniversário antes, não um só meu ao menos. E agora tinha um grande o suficiente para alimentar todas as pessoas que conhecia.

— Ia fazer panquecas para o café — Felicity falou, olhando sobre o ombro da Poppy. — Mas Jase está certo, acho que precisamos começar agora se quisermos fazer alguma diferença.

— Bolo para o café? — Lily sorriu e assenti.

— Bolo para o café.

Nos esbaldamos com bolo enquanto abria minha pequena pilha de presentes. A maioria era algo que poderia fazer uso – e não tinha muito dinheiro sobrando para comprar – maquiagem, botas novas que eram quentinhas e resistentes o suficiente para o inverno, um gorro e cachecol. Lily comprou um suéter lindo que era macio como seda e um tom mais escuro que meus olhos. Ficaria perfeito.

— Muito obrigada. Não esperava tudo isso.

— Nada disso — Felicity disse. — Todo mundo merece ser paparicado no aniversário. — Ela olhou para o marido, e ele se empertigou.

— Na verdade — pigarreou —, tem mais uma coisa. — Ele pegou um pequeno envelope das costas e me entregou.

— O que é isso?

— Abra e veja.

Eles já me deram tanto, mas a expectativa nos seus rostos me fez abrir o envelope. Tirei um bilhete. Não um bilhete, um cheque.

— Não — soltei, abrindo e olhando o valor. — É demais — falei, meus olhos ardendo com lágrimas. — Isso é demais.

Felicity envolveu o marido com o braço e sorriu para mim.

— Pensamos que poderia usar para dar entrada em um carro ou guardar para faculdade. Sabemos que não é muito...

— Não é muito? Sra. Ford, isso é mais do que posso aceitar. — Dois mil e quinhentos dólares era mais do que poderia sonhar. Claro, para eles, era apenas uma gota no oceano, mas para mim, era tudo.

E era demais.

— Não posso aceitar isso. — Engoli as lágrimas que ameaçavam cair.

— É seu, Peyton. Queremos dar para você. E, por favor, pelo amor de Deus, pare de nos chamar de Sr. e Sra. Ford. Você é da família agora.

Olhei boquiaberta para eles, sabendo que havia perdido a batalha. Se não depositasse o cheque, era provável que recorreriam a opções mais definitivas.

— Obrigada. — Minha voz tremeu. — Isso... obrigada.

— Sabemos que não tomou uma decisão sobre a faculdade, e compreendemos, mas queríamos que soubesse que tem uma

pequena poupança. Também conversamos, e gostaríamos que economizasse o que nos dá para as compras junto com isso.

— Eu... preciso pagar minha parte. — Era algo que precisava fazer.

— Sabemos disso, mas é demais. Ao invés disso, pensamos que poderia pedir comida para a família de vez em quando ou pagar um jantar.

— Eu...

— Diga sim — Lily incitou.

Minhas sobancelhas se juntaram. Ela estava por trás disso? Não confiei a ela a maioria das coisas, mas sabia que precisava contribuir.

Quatro pares de olhos me observavam, esperando. A expectativa era quase demais para aguentar.

— Sim, tudo bem. Tudo bem... Obrigada.

— Excelente. — Felicity deu um largo sorriso.

Dois mil e quinhentos dólares. Seria um depósito para alugar um apartamento. Não que poderia bancar as mensalidades. Mas talvez poderia se Cindy me desse turnos inteiros no restaurante.

— Quais são seus planos para o resto do dia? — ela acrescentou.

— Tenho que trabalhar mais tarde.

— Mas primeiro ela prometeu almoçar conosco no Sprinkles — Lily disse.

— Não conseguiu tirar o dia de folga? — Jason perguntou.

— Não. — Não que tivesse pedido.

— Não posso acreditar que já é véspera de Natal. — Poppy levou a conversa para assuntos mais seguros. — Ainda tenho um monte de presentes para embrulhar.

— Por que isso não me surpreende? — Lily respondeu com uma risada leve.

— Espero que esteja pronta para o caos de amanhã, Peyton. Nunca tem um momento entediante quando os Ford, Chase, e Bennet se reúnem.

— Nós não somos tão ruins assim, mãe. — Lily deu um sorriso saudosos.

— Kaiden e a mãe não saberão o que os atingiu. — Poppy acrescentou com um sorriso.

Deveria ser uma época feliz, um tempo de alegria e risada, mas só fui lembrada de tudo que não tinha... isso e o fato que precisaria passar o dia com Xander e fingir que não era nada para mim.

Meu estômago embrulhou.

— Acho que vou tomar um banho — falei, levantando da banqueta.

— Bom plano. Depois podemos começar suas comemorações de aniversário. — Lily me deu um sorriso.

— Sim, claro.

Conforme me afastava, senti me observarem. Senti a pena e a preocupação. Roçava contra mim como dedos gelados. Mas não deixaria que entrassem.

Não podia.

Não, a não ser que quisesse me despedaçar.

— Acho que acabamos aqui — Cindy falou. — Aqui, isso é para você. — Ela me entregou um envelope grosso.

— O que é isso?

— Seu bônus de final de ano. Não é muito, mas...

— É ótimo, obrigada. Na verdade, queria perguntar uma coisa.

— Claro. — Ela apagou as luzes e foi comigo até a porta. Não tinha nenhum músculo no meu corpo que não doía com o turno movimentado que acabamos de ter, mas foi a distração perfeita.

— Se tiver uma chance que pudesse trabalhar mais turnos, seria uma possibilidade?

As sobrancelhas dela se uniram.

— Mas e a escola?

— Posso conseguir me formar mais cedo, e o dinheiro extra cairia bem.

— Sempre tem espaço para uma boa funcionária, Peyton, mas não compreendo... por que você... — Compreensão cobriu seu

rosto. — Ah, entendi. Sabe que sempre vou arrumar turnos extras para você, se é o que quer.

— Obrigada, e muito obrigada pelo bônus.

— Saia daqui e aproveite o resto do seu aniversário. — Ela me dispensou com um aceno de mão. — E Feliz Natal, querida.

— E Feliz Natal, Cindy.

Saí na noite escura, puxando o casaco ao meu redor. O carro do Bryan esperava na rua e corri para encontrá-lo.

— Ei — falei, entrando.

— Ei. — Saiu tenso. — Feliz Aniversário.

— Obrigada, e obrigada por fazer isso. Sou muito grata. E meu presente, Bryan, era lindo.

Fui tomada por culpa quando abri a pulseira com a estrela de prata. Lily, Poppy e a mãe delas todas se derreteram sobre ele quando mostrei a elas, revirando os olhos quando as lembrei que éramos apenas amigos.

— Sem problema. — Ele foi para o prédio de Xander, enquanto pegava minha pequena bolsa de maquiagem e começava a retocá-la. Já trocara o uniforme de trabalho e borrifara o cabelo e corpo com perfume. Não era ideal, mas teria que ser suficiente. Não queria desperdiçar um segundo do nosso tempo limitado juntos.

— Sabe, trombei com ele esta manhã.

— Mesmo? — Minha cabeça se virou para ele, e assentiu.

— Conversamos.

Minha coluna ficou tensa.

— O que ele disse?

— Ecoou o que você disse a outra noite. Deus, queria odiá-lo por... — Bryan se cortou, respirando fundo. — Ele explicou bem. Falei que manteria o segredo até o final das férias de final de ano.

— Obrigada.

Ele me deu um aceno incisivo, e culpa serpenteou por mim.

— Ah, aqui. — Vasculhei a bolsa. — Comprei uma coisa para você. — Colocando um pequeno presente no painel, sorri para ele. — Não é muito, mas Feliz Natal, Bryan.

— Merda, Peyton, não precisava.

— Sim, precisava. Você foi um bom amigo para mim, e apesar do que possa pensar, eu me importo com você.

— Pelo menos vou ter um presente sob a árvore. — Era uma piada. Estava brincando, e ainda assim, tinha algo no jeito que a risada não chegava nos seus olhos e fez meu coração apertar.

— Seus pais voltaram para o final de ano, né?

— Sim, voltaram há alguns dias. Estou ansioso para um pouco de tempo em família de qualidade. — O sarcasmo nas suas palavras me fez hesitar. — Não se preocupe comigo — acrescentou.

— Não é nada que nunca passei antes.

Paramos na frente do prédio do Xander.

— Vou voltar antes das onze.

— Obrigada — falei.

Com dedos trêmulos, abri a porta e saí.

— Ei, Peyton?

— Sim? — Olhei para trás.

— Fico contente que está feliz.

Bati a porta e fiquei parada ali, observando enquanto Bryan ia embora.

Pesava no meu coração que o machucara, mas sempre fui honesta. Mesmo quando estávamos ficando, fui clara sobre ser apenas sexo. Ainda assim, Bryan era a última pessoa que queria machucar.

Tristeza passou por mim, mas aí a porta do Xander se abriu e o senti me observando. Conforme me virava devagar e encontrava seu olhar intenso, todo o resto desapareceu.

— Oi. — Subi as escadas para o apartamento.

— Feliz Aniversário. — Um leve sorriso marcou seus lábios enquanto seus olhos percorriam meu corpo, deixando um rastro de calor no seu encaixe. — Vem.

Xander pegou minha mão e praticamente me puxou para isso.

Meus olhos se arregalaram, pousando na bancada de café da manhã.

— Xander!

— Não é muito, mas pensei...

— Eu amei, obrigada. — Eu me afastei dele e fui para a pequena decoração de aniversário. Tinha um balão, um pequeno vaso de flores, um pequeno bolo, e uma sacola de presente e um cartão.

Emoção surgiu dentro de mim enquanto passava as mãos sobre as pétalas, me inclinando para cheirá-las.

— São lindas.

Ele veio por trás de mim, deslizou os braços pela minha cintura e me puxou contra seu peito firme. Os lábios roçaram a curva do meu ombro, me beijando de leve.

— Feliz Aniversário.

— Obrigada. — Eu me aconcheguei nele, envolvendo os braços sobre os seus.

Uma sensação de paz me cobriu. Nunca quis isso. Nunca pensei que poderia me abrir para alguém e mostrar as partes mais profundas e sombrias de mim. Mas aqui estava, completamente caidinha por esse cara complexo, cheio de camadas e maravilhoso.

— Percebi que não poderia levar as flores para casa depois que as comprei, mas pensei que pudesse deixá-las aqui... Para quando viesse visitar.

— Gostaria disso. — Inclinando a cabeça, rocei os lábios nos dele. Xander aprofundou o beijo, colocando a língua na minha boca, me reivindicando. — Hmm — suspirei, assoberbada com seu gosto, a sensação de estar aconchegada nos seus braços fortes.

— Posso abrir? — Eu me afastei para olhar para ele.

— Vá em frente.

Minha pele formigava com animação. Não esperava que comprasse um presente para mim. Isso entre nós ainda era tão novo e frágil. Só estava feliz por estar aqui.

Com dedos trêmulos, peguei a sacola de presente e a abri.

— O que é...? — Risada escapou dos meus lábios enquanto pegava a pelúcia. Era um ursinho de aniversário usando um chapéu de festa e segurando uma fatia de bolo.

— Eu amei, obrigada. — Eu me virei e joguei os braços ao seu redor.

— É apenas um ursinho bobo. — Xander tentou fazer pouco caso, mas o que não sabia, era a primeira pelúcia que alguém me dera.

— Bom, amei.

— Tem uma caixa de chocolates aí também. — Acenou para a sacola. — Sei que não é muito...

— Pare. — Minha expressão suavizou. — Amo que fez isso para mim. — Abraçando-o outra vez, afundei o rosto no seu ombro, inalando seu cheiro.

— Faz um bom tempo desde que passei a véspera de Natal com alguém — sussurrou.

Ergui o rosto para olhar para ele, e Xander me pegou de surpresa, roubando um beijo.

— É só mais um dia — falei, me recusando a deixar os anos de memórias se infiltrarem e arruinarem o momento.

— Mas não deveria ser. — Os olhos dele lampejaram com algo que não pude identificar. — Meus pais sempre fizeram um grande alarde quando éramos crianças. Tínhamos essa tradição na véspera de Natal. Ela fazia nosso café da manhã favorito e depois visitaríamos o mercado de Natal em Halston. Depois disso, passávamos a tarde assistindo filmes de Natal. Sempre nos deixava abrir um presente antes que fôssemos para cama.

Tristeza passou por ele, tão forte que podia sentir.

— Xander — suspirei, acariciando sua bochecha.

Piscou, saindo da memória.

— Foi há muito tempo.

— Talvez devêssemos começar nossa própria tradição... — Olhei para ele, esperando que não tivesse dito a coisa errada.

Não sabíamos onde isso estava indo, mas queria acreditar que não era algo fugaz, mas o começo de algo real.

— Gosto de como soa. — Humor brilhou em seus olhos.

— Ei. — Cutuquei a barriga dele com o cotovelo. — Estou falando sério. Poderíamos assistir um filme de Natal, pedir uma pizza e nos aconchegar sob um cobertor.

— Um cobertor, hm... e vai estar nua sob o cobertor?

Dei um olhar divertido a ele, saindo do seu abraço.

— Você pede a pizza, vou escolher o filme. Tem pipoca?

— Hm, não. Não costuma ser uma prioridade na minha lista de compras limitada.

— Tá bom. Podemos dividir meu bolo. — Sorri. — Ah, e talvez pedir um sorvete com a pizza.

— Nós vamos realmente fazer isso? — As sobrancelhas dele se ergueram, hesitação anuviando seus olhos.

— Ah sim. — Eu me aproximei, roçando os lábios nos dele. — E você vai amar cada minuto.

CHAPTER 28

XANDER

ASSISTIR um filme com Peyton esparramada sobre mim era virtualmente impossível. Os dedos dela deslizaram sob minha camiseta há um tempo, traçando círculos preguiçosos sobre minha barriga. Ela não os levava para baixo, mas não me impedia de imaginar.

Na verdade, era tudo o que podia pensar.

A risada dela encheu o apartamento, tão livre e contente, enquanto se deixava levar por uma cena sobre um elfo crescido. Era um filme que me lembrava da minha infância, um dos favoritos do Cameron, mas estava muito mais interessado nela. O jeito que os olhos se arregalavam com as cenas engraçadas e a respiração falhava nos momentos tristes. O rosto de Peyton era um caleidoscópio de emoção e amava que se sentia tão confortável comigo.

Caixas vazias de pizza e potes de sorvete estavam espalhados na mesa. Depois que terminamos de comer, afundei no sofá gasto e Peyton entrou no espaço entre meus braços, puxando um cobertor sobre nós.

— Está gostando? — Ela olhou para mim.

— Sim, é ótimo.

Ela revirou os olhos.

— Podia ao menos fingir que está assistindo.

— Estou ocupado demais observando você.

Peyton respirou fundo, as pupilas dilatando com desejo.

— Deveria assistir seu filme — provoquei. — Não quer perder.

Mostrou a língua para mim e avancei, chupando-a na minha boca.

— Xander — gritou, os dedos arranhando meu peito enquanto a deitava no sofá e engatinhava sobre ela.

— Hora do filme terminou — disse rouco.

— Mas está quase... — As palavras ficaram presas na garganta enquanto passava a língua no seu pescoço e mordiscava sua orelha.

— Você estava dizendo?

— Tudo bem... *tudo bem*. Mas é melhor fazer valer a pena, amo esse filme.

Risada ressoou no meu peito ao passar a língua de volta pela curva do seu pescoço. Peyton inclinou a cabeça para trás, me dando melhor acesso, e pressionei um beijo na base do pescoço conforme suas mãos envolviam meu pescoço.

Ficando de joelhos, tirei a camiseta, me sentindo como um maldito rei enquanto seu olhar faminto me sorvia.

— Precisa tirar isso. — Minhas mãos foram para as calças e me afastei, puxando-as junto com a calcinha.

— Xander — protestou, mas apenas sorri.

— Quer fazer nossa própria tradição, certo?

Os olhos brilhando, assentiu.

— Então considere como seu presente de véspera de Natal. — Deslizando os braços sob as coxas, eu as abri e afundei o rosto na sua boceta.

— Ah meu Deus — Peyton gritou, segurando meu cabelo enquanto passava a língua pelo centro dela. O gosto dela era bom para caralho, voltei para mais, lambendo e provocando. Acrescentando dois dedos, os estoquei dentro dela e sobre seu clitóris. O corpo dela arqueou na direção do meu, os pequenos gemidos de prazer como música para meus ouvidos.

Puxou meu cabelo de leve, e nossos olhos colidiram sobre seu corpo.

— Mais — exigiu —, preciso de mais.

— Garota gananciosa. — Sorri, passando a língua sobre o clitóris e roçando os dentes ali.

— Xander... — A voz ela era uma mistura de gemido e súplica.

Estocando a língua dentro dela, lutei contra a vontade de subir no seu corpo e a foder até afundar no sofá. Queria aproveitar meu tempo, saboreá-la. Nosso tempo juntos era contado, e queria passar cada segundo venerando-a.

Mas Deus, também queria afundar nela.

— Deus... *Deus*... — ofegou, a mão no meu cabelo ficando quase dolorosa. Mas valia a pena, para vê-la se desfazer na minha língua. O orgasmo a atravessou e gemeu meu nome várias vezes.

Subindo pelo seu corpo, abri o cinto, e com a ajuda de Peyton, afastei o jeans do quadril, só o suficiente para soltar meu pau.

— Preciso de você — suspirou, enganchando os braços sobre meus ombros.

Deslizando a mão sob a bunda, eu a ergui de leve e pressionei para dentro, devagar.

— Porra — engasguei.

— Mova-se... preciso que se mova. — Peyton se remexeu sob mim, mas fiquei imóvel, olhando para ela, memorizando cada segundo disso.

— Pode me sentir? — falei contra seus lábios. — Sentir o que você faz comigo? — Beijando-a, curvei a língua na dela. Lambidas lentas e vagarosas enquanto estocava os quadris no mesmo ritmo preguiçoso.

— Xander — bufou, ficando impaciente. Mas eu não queria apressar isso.

— Apenas sinta. — Pressionei uma de suas pernas para trás, me deixando ir mais fundo. Nós dois gememos, prazer faiscando pelo meu corpo. Ela era gostosa para caralho. Como se fosse feita para mim, e só para mim.

Impaciente, rebolou, me puxando para dentro do seu corpo. Foi o suficiente para acabar com meu último resquício de controle e estoquei nela, forte e rápido. Peyton se segurou em mim, os gemidos suaves melodia para nosso ritmo. Suor escorreu pela minha coluna conforme nossos beijos ficavam mais famintos, mais atrapalhados... mais sujos.

Essa garota...

Essa porra de garota.

Ela me encontrou estocada por estocada, me deixando tomar o que precisava. Me dando o que eu precisava. E quando gozei com o som do seu segundo orgasmo a percorrendo, ela esticou a mão para dentro do meu peito e segurou meu coração, o reivindicando para si.

O pensamento me atingiu com tanta intensidade que estremeci.

Sabia que Peyton tinha poder sobre mim.

Não sabia que acabaria por completo com minhas proteções e roubaria minha alma.

— Você está bem aí? — Peyton perguntou do sofá.

Depois de nos limparmos e nos vestirmos, dei uma desculpa de levar as caixas de pizza para o lixo enquanto Peyton assistia o fim do filme.

— Sim. — Forcei um sorriso, mas Peyton viu.

— Qual é o problema? — Ela se levantou e veio até mim.

— Nada, eu...

— Por favor, não me insulte. Conheço esse olhar. Eu o uso com frequência. — Os lábios dela se curvaram, mas o sorriso desapareceu quando não respondi. — Xander?

— Só fico pensando que você merece...

— Não isso outra vez — bufou. — O que aconteceu com nada de arrependimentos, hm?

Esfreguei o rosto.

— A verdade?

— Sempre.

— Nunca me senti assim antes.

— E você acha que eu sim? — Sua expressão suavizou. — Quando estou com você, é como... como se pela primeira vez, depois de muito tempo, pudesse respirar.

Queria dizer que sentia o mesmo, que ela acalmava algo bem fundo em mim. Fazia isso. Mas mais e mais, me sentia como se não pudesse respirar perto dela. Porque parte de mim estava com o pé atrás. Esperando que ela percebesse que queria mais do que isso. Mais do que eu.

Era confuso para caralho.

— Quero isso, Xander. — Olhou para mim com determinação feroz. — Não sei como fazer você ver isso.

— Vem cá. — Eu a puxei no meu peito e apoiei o queixo na sua cabeça, a segurando.

Não fazia ideia do que o futuro guardava, como iria sobreviver amanhã ou o que viesse depois disso. Mas jurei para mim mesmo fazer tudo no meu poder para não arruinar isso.

— Posso dar seu presente agora?

— Comprou algo para mim?

— Sim. — As palavras dela me acertaram em cheio no peito.

— Mas eu não...

— Me deu mais do que o suficiente. — Ela foi para bolsa e pegou alguma coisa. — É pequeno. — Entregando a caixa pequena, acrescentou: — Feliz Natal, Xander.

Aceitei o presente e abri com cuidado, surpreso com o chaveiro preto brilhante dentro.

— Vi esta manhã em uma loja a caminho do trabalho. Achei que seria...

— É perfeito. — Passei os dedos pela gravação, sentindo emoção embargar a garganta.

Algumas vezes você não escolhe, é escolhido.

— Todas as vezes que olhar para ele, quero que saiba que escolhi você. — Meus olhos se ergueram devagar para os dela. — Escolhi você, Xander.

Se pensava que já era dona da minha alma, isso selava meu destino.

Peyton Myers era minha.

Mas mais do que isso, eu era dela.

A manhã seguinte foi igual os últimos cinco anos. Acordei sozinho. Nada de presentes sob a árvore – não tinha uma – e ninguém para me desejar Feliz Natal.

Exceto que quando peguei o telefone da mesa de cabeceira e esfreguei os olhos para afastar o sono, tinha uma mensagem de Peyton que me fez sorrir pela primeira vez em um longo tempo.

Loirinha: Feliz Natal, Xander. Sei que não podemos ser nós mesmos hoje, mas desejarei que pudéssemos.

Ela também mandara uma mensagem. Uma foto usando um gorro de Natal e pouco mais se os ombros nus significavam alguma coisa.

Eu: Feliz Natal. Acho que o resto da imagem está faltando...

Loirinha: Galanteador.

Eu: Com você, sempre.

Minha imaginação perdeu o controle, imaginando-a em nada além daquele pequeno gorro e talvez um laço gigante para abrir.

Loirinha: A mãe de Lily não estava brincando quando disse que o Natal era um caos. Poppy acordou há horas e seu irmão e Hailee acabaram de chegar. Que horas você vai vir?

Eu: Mais tarde. Tento evitar a troca de presentes.

Conferi as outras mensagens, e com certeza, tinha uma do meu irmão me encorajando a ir para os Ford mais cedo do que tarde. Também tinha uma da Hailee. Mas sabiam que não cederia.
Nunca o fiz.

Loirinha: Estraga prazeres. Vejo você mais tarde xo

Loirinha: p.s. Vou usar algo especial...

Porra. Ela ia me matar antes que o dia terminasse.

Eu: Comporte-se!

Peyton respondeu com um monte de emojis de piscadas e risadas, e não pude evitar rir. Mesmo sob toda a dor e trauma, ela encontrava a força para sorrir. Estava completamente admirado por ela.

Levantando da cama, tomei um banho rápido e me vesti. Tinha muitas outras mensagens de Jase, Asher, Avery, e Ashleigh. Tinha até uma da Tash. Depois de responder todo mundo e comer um pouco de café da manhã, peguei relutante a sacola de presentes guardada ao lado da porta e fui para a casa dos Ford.

O caos já estava instalado quando cheguei.

— Tio Xander — Ashleigh abriu a porta, iluminada como uma árvore de Natal em um suéter piscante espalhafatoso de Natal. — Feliz Natal. — Ela abriu um sorriso largo.

— Feliz Natal, Leigh. — Entreguei a sacola para ela. — Trouxe presentes.

— Excelente. Então pode entrar.

Revirando os olhos, entrei na casa, mandando em silêncio que meu coração se acalmasse.

— Aí está ele. — Jase apareceu. O suéter de Natal não era tão ruim quanto o da Ashleigh, mas ainda era... interessante.

— Bonito suéter — provoquei.

— É, bom, parece que não recebeu a informação sobre as roupas. — Acenou para minha camisa xadrez.

— Deve ter me escapado. — Meu lábio se moveu com um sorriso compreensivo, e sussurrou algo antes de se aproximar.

— Feliz Natal, Xander. Estamos felizes que está aqui. — Jase me puxou para um abraço de homens.

— Obrigado, para você também.

— Cervejas estão na geladeira. Fique à vontade.

Dei um aceno apreciativo e saí na direção da cozinha, vendo meu irmão e Hailee no meio de um mar de papel de embrulho rasgado.

Ele encontrou meu olhar.

— Xander, entre aqui e abra...

— Já vou — falei e continuei andando. Apesar da hora, precisava de uma bebida primeiro. Algo para aliviar a tensão da energia percorrendo meu corpo.

A cozinha dos Ford fora transformada em algo saído da reportagem de Natal da revista *Ideal Home*. Duas mesas foram unidas, o suficiente para acomodar todos nós. Decoradas com centros de mesa e louças combinando. Quase hesitei com a cena. Meu sobrinho Avery era um filho da puta sortudo, escolhendo passar o final de ano com a família da noiva ao invés de se juntar as festas conosco.

Risada ecoou pelo corredor enquanto as crianças se provocavam sobre os presentes. Fui direto para a geladeira, me servindo de uma garrafa de cerveja. Alguém se aproximou, e fechei a porta, me inclinando contra o balcão, esperando encontrar meu irmão ou Jase.

Não esperava ver Peyton entrar na cozinha, usando um vestido suéter preto até o joelho que marcava todas as suas curvas. Minha boca secou na hora enquanto fiquei parado ali, boquiaberto para ela. Percebi que estava marcado com pequenos flocos de neve de linha prateada. A própria interpretação do código de vestimenta ao que parece.

— Feliz Natal, Xander. — Um sorriso compreensivo brincou em seus lábios ao andar direto até mim e desviar para o armário sobre minha cabeça. No segundo que o corpo roçou no meu, um gemido ressoou fundo no meu peito.

Me. Fodi.

Ela não estava mentindo mais cedo, quando disse que usaria algo especial. Queria arrastá-la para longe de olhos e ouvidos bisbilhoteiros e tirar o vestido ridiculamente apertado e...

— O que seja que está pensando — sussurrou. — Pare. Ou vai nos colocar em apuros. — Risada suave marcava suas palavras,

envolvendo meu coração, e meu pau, como um punho.

— Você está... porra, Peyton. Como devo sobreviver ao jantar com você desse jeito?

— Feliz Natal. — Seus olhos brilharam com diversão e desejo incontrolado.

Não podia me mover, encantado por seu sorriso, o cheiro do brilho labial de baunilha e perfume que amava usar. Mas não era o único congelado no lugar. Peyton olhava para mim com tanta intensidade, que me tirou o fôlego.

Ninguém jamais olhou para mim com tanto desejo e anseio.

— Peyton, eu...

— O que está demorando tanto? — A voz do Cameron ecoou, perto demais. Nos afastamos bem na hora que entrou na cozinha.

— Só pegando uma cerveja — falei, esperando que não percebesse a rouquidão na minha voz.

Peyton pegou uma tigela e começou a servir o saco de batatas que tirara do armário.

— Salgadinhos. — Ela se virou e deu um sorriso caloroso para meu irmão, desviando para desaparecer pelo corredor.

As sobrancelhas dele se uniram.

— Está tudo bem?

— Sim, por que não estaria?

— Olha, Xander, sei que as coisas não...

— Não vamos fazer isso. — Dei um passo à frente. — Não hoje. É Natal. Feliz Natal, mano.

— Feliz Natal. Estou feliz que está aqui. — Apertou meu ombro, e por um segundo, eu era apenas o garoto de onze anos sem ninguém além do meu irmão mais velho para me proteger.

Mas éramos mais velhos agora. Separados por anos de decepção e vergonha e palavras duras. E não duvidava por um segundo que se soubesse o que ele encontrara de verdade...

Nunca me perdoaria.

CHAPTER 29

PEYTON

— NÃO PRECISAVA FAZER ISSO — falei para Aaron enquanto olhava o cartão de presente nas minhas mãos. Não esperava presentes de todo mundo, mas com certeza, quando todos nos reunimos na grande sala de estar dos Ford, tinha uma pequena pilha com meu nome. Presentes de todo mundo menos o Ezra. Mas ninguém se importava que ele não comprara nada para ninguém. Sua presença – apesar de coagida – era o bastante.

— Não é nada demais. — Ele sorriu.

— É perfeito. — O bolo de emoção preso na minha garganta aumentou. Percebia agora, sentada aqui, que os Ford não eram os únicos que me aceitaram na sua família.

Era assoberbante.

E só ficava pior por saber que Xander estava sentado na minha frente. Não conversamos outra vez, e evitara fazer contato visual. Mas o sentia me observar. Meu vestido teve o efeito desejado mais cedo, mas escapamos por um triz do Cameron. Precisávamos tomar mais cuidado.

— Aqui, por que não abre um, Ezra? — Ashleigh disse, empurrando uma pequena caixa para ele. Dei a ela um aceno imperceptível, grata pela tentativa de tirar o foco de mim.

— Obrigado — ele falou baixo, pegando o presente. Abriu com dedos lentos e estáveis. Não me surpreendia, dado a natureza de Ezra. Uma expressão estranha passou por ele enquanto abria a tampa e olhava para dentro. — Eu...

Apreensão brilhou nos olhos de Ashleigh enquanto Ezra lutava para encontrar palavras. Percebi que era o presente dela. Parecia tão esperançosa... mas o brilho em seus olhos foi extinto quando ele abaixou a caixa e falou em geral:

— Obrigado.

Lily franziu o cenho, olhando para mim como se para dizer: *O que diabos foi aquilo?*

Não sei, respondi em silêncio ao dar de ombros.

— Vou pegar outra bebida — Ashleigh disse, pedindo licença. Lily foi atrás dela.

— Então tá — Felicity falou. — Por que não terminamos de abrir os presentes e depois a festa pode começar de acordo? — A risada estava tensa, mas quebrou o clima.

Poppy e Sofia entregaram os presentes remanescentes, e no final, todo mundo, incluindo Kaiden e a mãe, tinha uma pequena pilha aos pés.

— Isso é... obrigada — a mãe do Kaiden disse, lutando contra as lágrimas grudadas nos cílios. — Não precisava fazer tudo isso.

— É Natal — Jason sorriu. — Claro que precisávamos. Agora não sei vocês, mas estou pronto para comer.

— Comer? — a esposa repreendeu. — Comeu todas aquelas panquecas no café.

Ele deu tapinhas na barriga.

— E agora estou pronto para o brunch.

Todo mundo deu risadinhas. Até Ezra conseguiu dar um sorriso, os olhos ainda presos na porta pela qual Ashleigh desaparecera há um minuto. Nunca cheguei ao fundo da amizade deles... se puder chamar disso. Mas ela era a única pessoa que ainda tentava encorajá-lo a entrar no nosso grupo.

Conversas paralelas começaram ao meu redor — os adultos; Poppy, Sofia e Aaron; Kaiden a mãe, e Xander.

— Ei — sussurrei, me aproximando do Ezra. — Você está bem?

— Sim — respondeu, os olhos indo para a porta. Parecia um animal encurralado, pronto para fugir a qualquer momento.

— Quer tomar um ar?

O reflexo das luzinhas dançava nas suas íris marrom escuras.

— É, pode ser.

Levantamos e escapulimos sem perguntas, todo mundo distraído por suas conversas. Fui na direção da cozinha, para onde presumi que Lily e Ashleigh estivessem, mas Ezra se virou para a porta da frente.

— Você está indo embora? — perguntei.

— Não vejo ar fresco aqui, vê?

Então tá.

Peguei o casaco do suporte, coloquei sapatos e o segui para fora.

Ezra não parou até chegarmos no pequeno muro separando a garagem dos Ford das árvores que cercavam a propriedade. Ele se abaixou, soltando um suspiro fino.

— Não é fã de festas de final de ano? — perguntei.

— Você é?

— Touché. O que Ashleigh comprou para você?

— Sabia... que era dela?

— Palpite de sorte. — Dei de ombros. — O que era?

— Não importa.

Algo me dizia que importava, mas não pressionei.

— Ela gosta de você, sabia?

— Não deveria. — A garganta dele se moveu enquanto olhava para as densas nuvens branco-acinzentadas acima. Foi o máximo que falei com ele. Peyton-falsa e Ezra eram bem diferentes. Mas agora... agora sentia um desejo estranho de desvendar seus segredos e deixá-lo saber que não estava só.

— Falam que tentou se matar aquela noite, no rio.

Hesitei com o tom seco das palavras, mas surpreendentemente, não encontrei julgamento nelas.

— Falam muitas coisas.

— É... verdade? — Os olhos dele encontraram os meus, procurando respostas.

— Eu estava em um lugar ruim.

— Mas agora não está?

— Está ficando mais fácil. — Com a ajuda dos meus amigos, Jason e Felicity... Xander, devagar, dia após dia, estava ficando mais fácil.

— Você não... quero dizer, não quer...

— Me matar? — Ele soltou uma risada tensa. — Não, mas gosto do silêncio.

Que coisa estranha de se dizer. Mas Ezra não desenvolveu, e não tive coragem de perguntar. No lugar, eu disse:

— Deveria nos dar uma chance um dia. Nunca se sabe, pode gostar de passar um tempo conosco. E significaria muito para Aaron e Sofia... para Leigh, se você participasse de vez em quando.

Os olhos dele se fecharam como se não conseguisse compreender minhas palavras, o convite nelas.

— É — suspirou. — Talvez.

Concordei com a cabeça.

— Vou ver se precisam de ajuda com alguma coisa. Feliz Natal, Ezra.

Ezra me observou ir embora. Havia quase chegado na porta quando respondeu:

— Feliz Natal, Peyton.

Nunca participei de um jantar de Natal com tantas pessoas. O barulho era ensurdecedor enquanto todo mundo distribuía vários acompanhamentos. Tudo cheirava tão bem. Enchi o prato com purê de batatas, vagens, couve-flor com molho de queijo e ervilhas na manteiga.

— Tudo parece tão bom — falei sorrindo.

A mãe de Lily me deu um grande sorriso do outro lado da mesa.

— Tive muita ajuda. — Os olhos dela foram para Hailee e Mya.

— Nunca tive... — Eu me interrompi, percebendo que todos olhavam para mim. — O presunto está com um cheiro ótimo.

A conversa recomeçou, mas os olhos de Xander permaneceram no meu rosto. Estava sentado do outro lado da mesa, algumas cadeiras para o lado, perto de Kaiden. Arrisquei encontrar seu olhar enquanto todos estavam ocupados enchendo os pratos. Ele sorriu. Um sorriso verdadeiro, tão cheio de calor e promessa que fez um tremor descer pelas minhas costas.

Era uma benção e uma maldição tê-lo aqui. A presença me acalmava, me dava a força para sorrir e conversar com meus amigos e suas famílias. Mas também era tortura não poder ir até ele. Tentei não imaginar como seria se soubessem.

— Peyton está certa, Sra. Ford — Kaiden disse. — Isso é ótimo. Muito obrigado por nos convidar.

— São sempre bem-vindos, filho. — Jason deu um aceno. — Apesar que acho que o limite será um namorado. — Os olhos dele

foram para Poppy, e ela mostrou a língua.

— Vamos precisar de uma mesa maior no próximo ano. — Asher riu. — Quem sabe, talvez traga uma namorada ano que vem, Xan?

Meu coração palpitou enquanto sangue rugia nas minhas orelhas.

— Não contaria com isso. — As palavras saíram da língua de Xander com convicção firme.

Sabia que só estava desviando da pergunta, mas Deus, doía — ouvi-lo fazer pouco caso da sugestão do Asher.

— Não está com fome? — Poppy me cutucou, notando minha comida intocada. Tudo cheirava muito bem, mas agora tinha um nó no estômago.

— Eu... estou com um pouco de dor de estômago. — Não era uma mentira completa.

Algum dia nos aceitariam?

Algum dia seríamos recebidos em suas famílias?

Olhei para cima, os olhos colidindo com os de Xander outra vez, e franziu o cenho como se sentisse a mudança em mim. Meus lábios se curvaram em um pequeno sorriso, mas sabia que não chegava aos meus olhos, a realidade da nossa situação pressionando em mim.

Com certeza, tinha que saber que ouvir essas palavras machucaria?

— Licença — pedi, me levantando, o peso devastador de tudo muito grande para suportar. — Preciso ir ao banheiro.

— Melhor se apressar, Peyton — Aaron chamou atrás de mim. — Antes que meu pai coma todo o presunto.

Risada encheu o ar enquanto saía da sala e me apressava pelo corredor.

Frustração vibrava por mim. Sabia que hoje seria difícil, mas não antecipara me sentir tão... tão fora de lugar. Eu me importava com Xander; me importava muito. Não queria nada além de nos dar uma verdadeira chance. Mas estar aqui, cercada por meus amigos e seus pais, ouvi-lo falar daquele jeito, parecia impossível ter fé que as coisas dariam certo.

Dentro do banheiro, tranquei a porta e pressionei a cabeça contra a madeira, respirando trêmula. Queria tanto alguém para

conversar sobre tudo. Para me tranquilizar que tudo ficaria bem. Que Xander e eu sobreviveríamos a isso. Eu precisava dele. Precisava de um jeito que me assustava. Era meu salva-vidas, me mantendo boiando em um mar de escuridão.

A vibração do telefone me trouxe de volta para o presente e peguei do bolso do vestido.

Ellis: Você está bem?

Uma pergunta tão pesada. Respondi rápido.

Eu: Não sei... é mais difícil do que pensei que seria.

Ellis: Não falei sério. Você sabe disso, certo?

Eu: Sim.

Ellis: Falaremos sobre isso depois.

Guardando o celular, lavei as mãos e me encarei no espelho. Estava tão animada para ver Xander hoje, para colocar uma roupa sexy para ele e aproveitar os olhares quentes do outro lado do recinto. Não imaginei como me faria sentir insegura. Entretanto, me sentia como seu segredinho sujo.

O pensamento deu um soco no meu peito.

Quando voltei para a mesa, Lily me deu um olhar questionador.

— Tudo bem? — Moveu a boca, e assenti, voltando para o meu lugar. O olhar de Xander estava pesado, mas não encontrei seus olhos. Não podia.

Relutante, belisquei a montanha de comida no meu prato, tentando afastar mais preocupações de Poppy ou de qualquer outro. Quando terminei, empurrei um pouco para frente, fingindo ouvir as muitas conversas acontecendo na mesa. Kaiden concentrava a maior atenção de Xander, discutindo o jogo de futebol que passaria mais tarde.

— Certo, certo, quietos — Jason se levantou, batendo o garfo contra a garrafa de cerveja. — Tenho quase certeza que é tradição falar algumas palavras antes da comida, mas nunca fui de fazer as coisas de acordo. Só queria usar essa oportunidade para dizer que me sinto abençoado de passar o dia com minha família. Porque é isso que vocês todos representam. Conheço Cameron e Asher a maior parte de trinta e nove anos e agradeço aos céus todos os dias por sua amizade. E agora, nossos filhos estão crescendo, prontos para deixarem o ninho e percebi que é o último ano que podemos estar todos juntos.

As mulheres em volta de mesa estavam com os olhos marejados enquanto meus amigos pareciam um pouco envergonhados com as palavras emocionadas.

— E sei que Asher estava brincando mais cedo sobre a mesa maior ano que vem, mas quero que todos saibam que nossa mesa sempre será grande o bastante para vocês e seus futuros... parceiros. — Ele engoliu a última palavra.

— Certo, pai. Acho que entendemos a mensagem. — Poppy riu.

— Acho que é bem doce, babe. — Felicity puxou o marido para a cadeira e se inclinou para beijá-lo.

— Apenas se lembrem — deu um olhar firme para as filhas —, posso lidar com namorados. Não posso lidar com ser avô tão cedo. Isso vale para você também, Kaid...

— Ah meu Deus, *pai!* — Lily suspirou, as bochechas ficando vermelhas.

— Certo. — Felicity se levantou. — Quem está pronto para sobremesa?

— Eu ajudo com os pratos. — Hailee levantou para ajudar.

— Vamos assistir ao programa pré-jogo — Cameron disse. — Gritem quando estiver pronto.

Os homens, incluindo Xander, se levantaram e saíram da cozinha.

— Vou ajudá-las — Sra. Thatcher disse, dando tapinhas no braço de Kaiden.

— E aí, éramos sete. — Aaron sorriu, mas desapareceu quando Ezra se levantou.

— Vou tomar um ar.

Observamos ele ir até a porta dos fundos. Os ombros de Ashleigh se curvaram, mágoa cravada em sua expressão.

— Pelo menos ficou pela refeição inteira — Sofia opinou.

— Grande coisa. — Aaron resmungou.

— Aaron...

— É, que seja. Vou assistir ao jogo. Kaiden?

Ele olhou para Lily, que sorriu.

— Vai. Vou ficar com as garotas.

No segundo que desapareceram, Lily se virou para Ashleigh.

— Você está bem?

— Estou bem.

Mas eu conhecia aquele tom, e conhecia aquele olhar. Ela não estava bem. Nem um pouco.

— Não sei por que você continua tentando — Sofia disse, baixo. — Ele é...

— Eu sei, mas todo mundo merece ter alguém do seu lado. — O tom defensivo na voz da Ashleigh não me surpreendeu. Era ferozmente protetora das pessoas com quem se importava. Todos éramos, do nosso jeito. Era uma das coisas que mais invejava nelas logo que conheci Lily. Os laços que compartilhavam espelhavam os que os pais compartilhavam, e agora eu era uma delas.

Pelo menos, até a verdade ser revelada.

Aí quem sabe o que aconteceria?

CHAPTER 30

XANDER

ESTAVA em algum tipo de inferno.

Peyton estava irritada comigo, e não a culpava. Mas quando Asher me provocou sobre trazer uma *namorada* no ano que vem, as palavras escaparam sem pensar. Não foi até ver a mágoa lampejar em seu rosto que soube que errara.

Mas não era como se pudesse admitir a verdade.

Ainda não.

— É errado que abandonamos as crianças? — Hailee perguntou. Estava aconchegada no meu irmão, com os olhos um pouco vidrados pelas taças de vinho.

— Nah, deixe que se divirtam — Jase respondeu.

— Estou tão orgulhosa de você, babe. — Fee beijou a mandíbula dele. — Lidou muito bem com tudo.

— É, bom, ela vai para a faculdade no ano que vem — resmungou —, acho que duas noites em uma cabana com o namorado tarado não vai me matar.

— Ainda não posso acreditar que concordou com aquela merda. — Asher gargalhou.

— Vai se foder, cara. Muito em breve Sofia vai pedir para fazer uma viagem romântica com o namorado.

— Posso aguentar. Sou legal desse jeito. — Ele piscou.

— A Peyton parecia bem para você?

Minha coluna enrijeceu enquanto evitava fazer contato visual com a Fee.

— Parecia quieta.

— Acho que é esperado — Mya falou. — Finais de ano sempre serão difíceis para ela, um lembrete de tudo que aconteceu.

— Eu acho que sim. Só me preocupo que não estamos fazendo o suficiente.

— Estão. Mais do que o suficiente. — Mya sorriu. — É um limite tênue entre dar espaço e encorajá-la de leve para encarar tudo o que aconteceu. É um bom sinal que está disposta a fazer terapia.

— Preciso de um cigarro — anunciei, me levantando com um pouco de instabilidade. Afoguei minhas frustrações no uísque.

— Precisa parar com essa merda — Cam chamou atrás de mim, mas o dispensei com um aceno.

Depois de nos forçar a comer um monte de sobremesa, os adultos, junto com Aaron e Kaiden assistiram o jogo enquanto as garotas foram para a sala de estar. Ezra foi embora mais cedo, depois de conseguir permissão de Asher para ir embora. Conseguiu ficar para o jantar, e Asher e Mya haviam concordado que era melhor do que nada.

Podia ouvir a risada, os gritinhos de garota e risadinhas. Aaron e Kaiden se juntaram a elas há pouco tempo, e quem sabia o que estavam aprontando. Mas não ousei ir descobrir. Porque não queria ver a mágoa nos olhos de Peyton outra vez.

Eu era um maldito covarde. Corajoso o suficiente para amá-la nas sombras, mas assustado demais para amá-la em público.

Não que a amasse. Não amava. Não tinha certeza se era capaz disso. Mas eu me importava com ela mais do que pensava ser possível.

O frio me atingiu, e afundei no casaco enquanto saía na direção do lago em busca de paz. Mas não a encontrei. Pegando um cigarro, estava prestes a acender quando o farfalhar de folhas chamou minha atenção.

— Pensei que o encontraria aqui — Peyton disse. Envolvera um cardigã de tricô pesado sobre o vestido e colocara o chapéu de lã.

— Não deveria...

— Relaxa, ninguém me viu. Os adultos estão todos bebendo e conversando, e os outros então brincando de jogos bobos. — Chutou o chão congelado com a bota, se recusando a olhar para mim.

— Peyton...

— As palavras saíram — sussurrou —, como se nem precisasse pensar nelas.

Entredentes, inclinei a cabeça para o céu e respirei fundo.

— Pensei que tivéssemos combinado em nos dar o final de ano.

— Combinamos. — Devagar, ergueu os olhos para mim. Tão cheios de tristeza e derrota. — Você nem hesitou. Acho que me

pegou de surpresa.

— Vem cá. — Eu a puxei para meus braços e a observei. — O que falei não significa nada.

— Doe.

— Eu sei. — Porra, sabia, e acabava comigo. — Mas agora não é a hora certa.

— Não quero machucar ninguém, Xander. Não quero que nos odeiem. Que odeiem você. — Os olhos se fecharam e ela inalou uma respiração trêmula. Quando olhou para mim outra vez, me senti sem fôlego. — Mas não posso impedir isso... não posso evitar me sentir desse jeito.

— Eu sei. — Trazendo-a mais para perto, dei um beijo na sua cabeça. — Também não posso.

Peyton deslizou as mãos dentro do meu casaco, as enrolando na minha camisa.

— Preciso de você.

Aquelas três palavrinhas acabaram comigo.

Roçando os dedos na sua mandíbula, segurei seu queixo com carinho e inclinei o rosto para o meu.

— Também preciso de você. — *Mais do que jamais saberá.* Me inclinei e a beijei. Uma vez, duas, até nossas línguas se tocarem em um ímpeto de completa rendição à conexão ardendo entre nós.

— Xander. — Meu nome em seus lábios era uma prece sussurrada.

— Feliz Natal, Peyton — suspirei as palavras, a beijando com mais intensidade. Ela se agarrou em mim, se recusando a soltar. Mas não podíamos fazer isso, não agora. Não aqui.

— Peyton, precisamos parar.

— Não, preciso...

— Eu sei, mas não podemos, não aqui. — As palavras tinham um gosto amargo na minha língua. Eu não queria parar. Queria empurrá-la contra a árvore mais próxima e gastar as horas me familiarizando com todos os vales e curvas do seu corpo.

Desejo dançava em seus olhos, mas desapareceu no segundo que me afastei.

— Vejo você lá dentro — falou, fria, as proteções voltando ao lugar.

Peyton rodopiou e saiu na direção da casa enquanto exalava uma respiração controlada, passando a mão com força no rosto. Era a escolha certa, a *única* escolha.

Mas não deixava mais fácil observá-la se afastar de mim.

Na manhã seguinte, estava sentado tomando café, encarando o telefone, desejando que vibrasse. Minha última mensagem para Peyton me assombrava, desde que cheguei a noite passada depois de enfim deixar a casa do Jase. Ele me oferecera o quarto de hóspedes. Mas não podia ficar lá, sob o mesmo teto que Peyton. Não depois do nosso breve beijo perto do lago.

Eu: Me deixe recompensá-la.

Não sabia como planejava fazer isso. Não quando nossas opções eram limitadas a ficar no meu apartamento, ou na minha caminhonete, em algum lugar sob o esconderijo da escuridão ou em um lugar ermo.

Mas precisava vê-la. Precisava de um jeito que não podia bem compreender.

Odiava que a machucara, outra vez.

Mas ela não respondeu. Era quase onze horas e meu telefone acendera exatamente uma vez, com uma mensagem do Cam. Ele queria consertar as coisas entre nós. Pressenti mês passado no jogo de quartas-de-final do time. Mas sabia que no segundo que descobrisse a verdade, nossa trégua instável iria pelos ares.

Então o mantive afastado.

Coloquei o prato e a caneca na pia e fui para o banho, mas a vibração do meu telefone me fez parar. Alívio me inundou ao ver o apelido da Peyton.

Loirinha: Como?

Minha boca se curvou.

Eu: Vou dar um jeito. Pode escapulir por algumas horas esta noite?

Loirinha: Tenho que trabalhar até as seis, mas verei se Bryan pode nos cobrir depois?

Não gostava de depender dele para isso, mas não tinha muita escolha se quisesse vê-la. E queria.

Precisava vê-la, colocar um sorriso de volta em seu rosto. Porra, precisava disso.

Eu: Faça isso. E escuta, sinto muito, sobre ontem...

Loirinha: Não foi culpa sua. Só surtei. Lily e Poppy querem passar um tempo juntas esta manhã antes dela ir para a cabana com Kaiden, então vejo você mais tarde xo

Eu: Até mais tarde... e Peyton, sinto muito.

Ciúmes encheu minhas veias, seguido por uma onda de vergonha. Eu era a porra de um homem, com ciúmes de um garoto de dezoito

anos viajando com sua garota por alguns dias. Mas Peyton merecia tudo isso. Merecia ser coberta de afeto.

Coloquei o telefone na bancada, tirei a roupa e entrei pelado no chuveiro. Mas não podia parar de pensar nisso.

Peyton merecia ser tratada bem, e ia descobrir um jeito de fazer exatamente isso.

Estava nervoso quando Peyton bateu na minha porta horas mais tarde.

— Oi — falou com um leve sorriso.

— Oi. — Dei um passo para trás para deixá-la entrar. O perfume de baunilha me atingiu enquanto fechava a porta e a puxava em meus braços.

Minhas mãos foram para seu cabelo, inclinando o rosto para o meu.

— Sinto muito.

— Está tudo bem.

— Não, não está. Não pensei... não...

— Ssh. — Peyton pressionou o dedo contra meus lábios. — Não quero passar o tempo que temos juntos brigando. Além do mais, você ia me recompensar... — A sobancelha dela arqueou.

Risada ressoou no meu peito.

— Ia, né?

Roçando os lábios nos dela, a beijei. A língua lambeu a junção da boca de Peyton, convencendo-a a se abrir para mim. Ela abriu, nossas línguas se tocando em uma dança lenta de submissão. As mãos dela se enrolaram no meu suéter, nos ancorando juntos.

— Xander — sussurrou, se afastando e ofegando.

— Vou te levar para sair. — Beijei sua testa.

— O-o quê? Mas achei...

— Relaxa. Não vamos sair em Rixon. Pensei que pudéssemos fazer uma pequena viagem.

— Pensou, hm?

— Quero namorar você, Peyton. Quero levá-la para sair e mostrá-la para o mundo.

A ideia surgiu mais cedo. Claro, não poderíamos ser vistos em Rixon, mas havia algumas cidades perto o suficiente para irmos onde ninguém nos conheceria.

— Queria que tivesse me contado. Teria usado algo um pouco mais...

— Você está perfeita. — Beije a ponta do seu nariz. — Então, Peyton Myers, quer sair comigo?

O sorriso dela era cegante, me atingindo direto no peito.

— Sim. — Jogou os braços ao meu redor. — Vou sair com você.

— Então vamos lá. Precisamos chegar lá até as oito.

— Você fez reserva? — Seus olhos brilharam animados.

— Mais ou menos. Você vai ver. Trouxe luvas?

— Não, eu não...

— Tenho um par a mais. — Comprei mais cedo na loja da minha rua. Eram baratas, mas serviriam.

— Um encontro — Peyton suspirou. — Um encontro de verdade... estou nervosa.

— Por quê?

— Porque você é... você, e eu sou...

— Perfeita. — *E estou tão caidinho por você.*

Eu a beijei, pegando o gorro da sua mão e puxando sobre seus cachos loiros.

— Vai precisar disso.

Peyton me observou com cuidado, o ar estalando entre nós.

— O que você está aprontando, Xander?

Disfarçando a batida forte do meu coração, o jeito que minhas palmas ficaram suadas, com coragem, sorri e disse:

— Vai ver.

— Isso é... nem sei o que dizer. — Peyton se aconchegou ao meu lado enquanto nos acomodávamos na nossa namoradeira, puxando o cobertor para nos cobrir.

Outras vinte e nove namoradeiras estavam espalhadas no telhado do The Heights em Halston, cada uma com um aquecedor, almofadas e uma cobertura escura que dava a quantidade perfeita de privacidade.

— Como você descobriu esse lugar? — Olhou para mim, os cachos loiros escapando do gorro. Estava frio, cortante. Mas só ajudava a ambientação da noite de cinema no telhado. Estavam passando um clássico de final de ano, e apesar de não ser minha escolha de filme, suspeitava que Peyton amaria.

— Gostariam de beber alguma coisa? — Uma garçonete parou ao nosso lado.

— Chocolate quente para mim, por favor. — Peyton desviou o olhar do cardápio. — Xander?

— Dois. E queremos um balde de pipoca.

— É pra já.

— Isso é tão legal. Nunca fui em nada parecido antes. A animação da Peyton era contagiante, e relaxei contra as almofadas macias com um sorriso.

Quando encontrei por acidente o anúncio da noite de cinema no telhado, pareceu a solução perfeita para o nosso problema. Era romântico, mas nos dava uma privacidade que a maior parte das atividades de noites de encontros não dariam.

Além do mais, significava que poderia ficar bem perto dela, então era perfeito.

Peyton se inclinou e roçou os dedos na minha mandíbula, dando um beijo ali.

— Obrigada.

— Sinto muito por não ser um jantar romântico em um restaurante chique.

— Ssh. Não preciso de nada disso. — Os lábios dela pairaram sobre os meus, e meus olhos observaram o telhado. Nossa namoradeira estava afastada nos fundos, envolta em sombras exceto pelo lampejar da tocha marcando a frente de cada namoradeira. Estávamos praticamente sozinhos.

Curvei a mão na nuca de Peyton e a segurei enquanto aprofundava o beijo, colocando a língua em sua boca.

— Sei que ninguém pode nos ver — sussurrou contra meus lábios —, mas parece... ilícito.

— Podemos parar. — Minha testa ergueu.

Os olhos dela brilhavam na escuridão.

— Não, eu gosto. — Peyton retornou, os sons dos nossos beijos abafados pelos créditos de abertura do filme.

Passos que se aproximavam me fizeram recuar, tocando nossas cabeças.

— Você me deixa tão excitado — sussurrei.

— O sentimento é totalmente mútuo. — Um sorriso largo espalhou-se no rosto de Peyton, as bochechas corando sob a luz das velas.

— Dois chocolates quentes e um balde de pipoca. — A garçonete colocou o pedido na mesinha ao lado da namoradeira. — Aproveitem o filme — desejou antes de desaparecer de volta nas sombras.

Peyton encheu a mão de pipoca e levou a mão para a boca.

— Abra. — Riu, me alimentando com os grãos salgadoadocicados.

— Sua vez. — Peguei alguns grãos. Segurei meu pulso, me deixando alimentá-la. Quando fui me afastar, Peyton chupou meu dedo, enrolando a língua nele.

Desejo pulsou por mim, meu pau se manifestando enquanto engolia um gemido. Sorrii para mim, diversão dançando em seus olhos azuis.

— Continue fazendo isso — rosnei —, e não vai ver muito do filme.

— Talvez não queira ver o filme — Os olhos dela brilharam com desejo.

Porra.

Pensei que poderíamos vir aqui e brincar de ser um casal normal, mas agora tudo o que podia pensar era arrastá-la de volta para o carro e deitá-la no banco de trás, encontrando jeitos de fazê-la gritar.

— Comporte-se — repreendi, mordiscando a ponta de seu dedo. A risada suave preencheu nosso cantinho do telhado, mas mal foi um sussurro contra o barulho do filme passando na tela enorme.

Nunca gostei de gestos românticos – nunca tive um motivo para isso. Mas isso, bem aqui, era algo que poderia me acostumar.

E estava lentamente percebendo que Peyton era tudo o que queria e nunca soube que precisava.

CHAPTER 31

PEYTON

NUNCA ME SENTI TÃO CONTENTE QUANTO ACONCHEGADA ao lado de Xander no conforto da nossa namoradeira privativa, assistindo o filme no telhado do hotel.

Era perfeito.

Os dedos dele brincavam com as pontas do meu cabelo, traçando formas sem sentido na minha barriga. O assento reclinava o suficiente para ficarmos quase deitados, nossas pernas erguidas à frente.

— Podemos ficar aqui para sempre? — sussurrei contra a mandíbula com barba por fazer. Xander se virou um pouco, capturando minha boca em um beijo carinhoso.

Tudo desapareceu enquanto sua língua passava pelos meus lábios e se enrolava na minha. Era fácil fingir que éramos apenas duas pessoas aqui, sob um cobertor de estrelas brilhantes.

Eu me inclinei, pressionando a mão no seu abdômen conforme intensificava o beijo. Ninguém nunca fez esse tipo de coisa para mim. Ele sabia que eu amava filmes clichês de final de ano, então fez meu coração palpitar quando percebi o que iríamos fazer no nosso encontro.

Deus, ainda não podia acreditar que estava em um encontro de verdade com Xander Chase, o homem que me salvara de diversas formas. E logo, quando contasse para Jason que não voltaria para o emprego de treinador, e me formasse mais cedo, não precisaríamos nos preocupar com esconder nosso relacionamento.

— Porra, Peyton — Xander falou rouco, a voz marcada por luxúria. — Você tem um gosto bom. Acho que nunca vou cansar de beijá-la.

As palavras dele fizeram meu peito inflar enquanto afagava seu pescoço, deixando a mão escorregar mais para baixo. Estava escuro, as sombras nos cobrindo junto com o cobertor.

— Peyton — avisou conforme meus dedos se atrapalhavam com o botão das calças.

— Quero senti-lo — suspirei as palavras no canto da sua boca.
— Ninguém pode ver nada.

A mão dele cobriu a minha e esperei que afastasse meus dedos, só que não o fez. No lugar disso, Xander pressionou minha mão no seu pau, sibilando com a fricção.

— Olha o que faz comigo. — Um brilho malicioso lampejou em seus olhos, esquentando meu sangue.

Com seu encorajamento, mergulhei a mão no jeans e cueca e segurei sua ereção.

— Porra — sibilou outra vez.

— Ssh — provoquei, lambendo a junção de seus lábios. — Vai precisar ficar quieto.

— Talvez devesse puxar você para cima de mim e me afundar na sua boceta? Aí podemos ver quem pode ficar quieto.

Minha respiração falhou com suas palavras safadas e abafei uma risada. Eu queria isso. Deus, como queria. Mas primeiro, queria senti-lo. Queria fazê-lo perder o controle.

Xander me beijou com força enquanto o acariciava devagar, passando o polegar sobre a gota de sêmen.

— Porra, não pare — arrastou, entre beijos quentes e molhados.
— Mais forte.

— Desse jeito? — Apertei os dedos enquanto aumentava o ritmo.

— Sim, porra... sim. — Ofegou, a mão apertando o cobertor.

Os olhos dele brilhavam na escuridão, cheios de desejo e pura luxúria. Afundou os dedos no meu cabelo, roçando o polegar no meu pescoço enquanto me beijava, me forçando a engolir seus gemidos de prazer.

— Me deixe te comer.

As palavras fizeram minha barriga contrair.

— Não podemos, não aqui. — Minha respiração ficou ofegante enquanto o levava mais perto do limite.

— Então me deixe tocá-la...

Risada borbulhou dentro de mim.

— Paciência — repreendi. — Me deixe cuidar de você. — Virei um pouco o pulso conforme subia e descia a mão. Ele estava perto.

Dentes apertados, pernas tensas ao me beijar com respirações ofegantes.

— Merda, Peyton, estou quase... porra, sim...

Xander afundou o rosto conforme gozava forte. Pressionou um beijo no meu pescoço, trilhando os lábios até minha mandíbula.

— Você é... incrível.

Soltei a mão e limpei nos guardanapos que nos entregaram com as bebidas e a pipoca.

O olhar intenso de Xander fez minha respiração falhar.

— Precisamos contar para eles — falou como se tivesse acabado de descobrir alguma coisa.

— É, eu sei. — Engoli, o momento entre nós desapareceu.

— Sabe, não dou uns amassos assim há um bom tempo. — Um sorriso de derreter se espalhou no rosto de Xander.

— Ah é?

Ele se aproximou, roçando o nariz no meu.

— Sim. Desde o colégio.

— Bom, acho que namorar uma mulher mais jovem tem seus benefícios. — Apesar das emoções em guerra dentro de mim, sorri de volta.

— Acho que sim. — Xander roubou um beijo antes de me aconchegar de volta ao seu lado, onde fiquei pelo restante do filme.

Andamos o curto caminho até a caminhonete de Xander, o braço em volta do meu ombro enquanto comia meu cachorro-quente. Estava tarde, hora de voltar para Rixon, deixando uma sensação agriçoce no meu peito.

Hoje foi incrível, um vislumbre de como as coisas seriam depois que confessássemos para nossos amigos e familiares.

— A única coisa que faria essa noite melhor seria ne... ah meu Deus. — Meus olhos quase esbugalhavam quando flocos de neve começaram a cair.

— Você planejou isso? — Sorri para Xander e ele deu risada.

— Tenho vários talentos, mas controlar o clima com certeza não é um deles.

Um suspiro contente escapou dos meus lábios enquanto me afundava mais ao seu lado.

— Queria que esta noite não precisasse terminar.

— Só mais algumas semanas. — Beijou minha cabeça.

Conversamos mais cedo, vagando pelas ruas tranquilas de Halston e decidimos que apesar de contarmos para Jason e Felicity depois de amanhã quando não precisasse trabalhar no restaurante, iríamos esperar até que me formasse para levar a público.

Seria difícil, mas ao menos depois que as pessoas mais próximas soubessem, poderia passar mais tempo na casa dele.

— Está com medo do que vão dizer? — perguntei enquanto ele entrava na caminhonete.

— Com medo, não. Mas suspeito que a repercussão seja problemática por um tempo.

Meu peito apertou.

— Queria que não precisasse ser assim.

Xander colocou a chave na ignição e o motor roncou. Aumentou o aquecedor e se aproximou, pegando minha mão.

— Você vale a pena — falou baixo.

— Você também, sabia? — Meu lábio curvou.

Xander estava preocupado com o que a verdade faria com minha reputação, mas não era eu que as pessoas julgariam. Ele era o adulto, o que tinha experiência. As pessoas perverteriam isso, transformariam em algo que não era.

Meu estômago afundou.

— Ei — falou, roçando os nós dos dedos nas minhas bochechas.

— Vai ficar tudo bem, Peyton.

— Eu sei. — Contanto que estivéssemos juntos, iria ficar bem.

A vibração do meu telefone interrompeu a tensão e peguei da bolsa.

— É o Bryan — falei, lendo a tela.

— Gosto do garoto, mas vou ficar feliz quando ele não precisar mais cobrir a gente.

— Sério, já falei, não precisa ter ciúmes do Bryan.

— Ele colocou a boca em você. Claro que estou com ciúmes.

— É meu amigo, Xander.
— Eu sei, mas você ficou com ele. Faz alguma ideia de como isso me deixa maluco?
— Espera um minuto você sabe? — Pisquei, confusa. Nunca contei para ele.
— É bem óbvio. — Seus lábios se afinam.
— Por que nunca falou antes?
— Não queria pegar muito pesado.
— E agora? — Minha sobrancelha se ergueu enquanto lutava contra um sorriso.
— Agora quero marcar meu nome no seu corpo, para que todos saibam a quem pertence.
— Neandertal.
— Com você? Sempre. — Xander deslizou a mão no meu pescoço, segurando com cuidado, e me beijou.
— Deveríamos voltar — falei, interrompendo o beijo primeiro. Ele soltou um suspiro frustrado.
— Sim, sem problema.
— Obrigada por esta noite. Foi perfeito.
Roçou o polegar sobre meus lábios, olhando para mim com tanta intensidade que mal podia respirar.
— É, bom, você vale a pena.

Na manhã seguinte, encontrei Poppy e a mãe dela na cozinha.

— Como foi seu encontro com Bryan? — perguntou, e Poppy deu uma risadinha.

— Não foi um encontro. Somos apenas amigos.

— Bom, acho que é adorável que vocês passem tanto tempo juntos.

As palavras dela me fizeram hesitar.

— Ele é legal — falei, evitando seu olhar perscrutador. Mas Poppy encontrou meu olhar e sorriu.

Desde que Bryan e eu estávamos passando tanto tempo juntos, imaginei que todos pensassem que mais estivesse acontecendo do

que qualquer um estava disposto a admitir. Mas ninguém me pressionou por respostas.

— Vai ter que trabalhar um turno duplo hoje?

— Sim — respondi, pegando uma banana da fruteira. — Das dez às quatro.

— Que pena — Poppy falou. — Vamos passar o tempo na Sofia.

— Talvez eu passe por lá depois.

— Aposto que Bryan gostaria disso. — O canto da boca dela se inclinou. Amassei um guardanapo e atirei nela.

— Garotas — a mãe repreendeu. — Vou estar no centro o dia inteiro, mas se precisar de uma carona, ligue para Jase. Deve estar em casa até as três. Apesar que olhando para o tempo, não sei quanto treino vão conseguir fazer.

Rixon acordara com um cobertor de neve branca e fofa, mas não foi o suficiente para fazer a cidade parar.

— Sabe que vão passar o dia inteiro na sede bebendo e jogando sinuca — Poppy disse.

— Talvez. Mas merecem uma folga. Seu pai trabalha duro, querida. Tio Cameron também.

— Eu sei, mãe. — O telefone dela soou e pegou do balcão. — É a Lily. Falando oi.

Meu telefone acendeu um segundo depois e recebi a mesma mensagem, acompanhada de uma foto dela com o Kaiden usando os roupões brancos fofos na frente de uma janela com vista para a cena perfeita de inverno.

— Nem um pinga de inveja — Poppy resmungou.

— Sua hora vai chegar, Pops. — A mãe sorriu. — Agora se vocês estiverem bem, preciso sair.

— Claro, vejo você mais tarde, mãe.

— Se aqueçam, vocês duas. — Felicity pegou a bolsa e saiu.

— O Bryan vai dar uma carona para você até o trabalho? — Poppy perguntou e eu balancei a cabeça.

— Cal se ofereceu para me buscar quando estivesse indo.

— Legal. Então... ontem à noite...

— Poppy.

— O quê? — Ela abafou um sorriso. — Tem que saber que está nos deixando loucas não saber o que está acontecendo com vocês

dois.

— Somos amigos.

Poppy me deu um olhar firme.

— Amigos que passam tempo juntos, sozinhos.

— Você e Aaron passam tempo juntos à sós de vez em quando.

— É diferente. Ele é... um dos meus melhores amigos.

— Hmm, se você diz.

— Ei — ralhou —, o que isso quer dizer?

— Nada, nada mesmo.

— Que seja. — Mostrou a língua para mim — Sabe, não tem problema se você gostar dele, Peyton. Você parece... diferente esses dias. Mais feliz. Mais leve. Bryan te faz bem.

Meu estômago embrulhou. Se soubesse a verdade.

— O quê? — Sua expressão mudou. — Eu não quis dizer...

— Não tem problema. Você está certa. Eu me sinto diferente.

Os pedaços do meu coração partido estavam lentamente sendo consertados. Os buracos sendo preenchidos com luz e amor e alegria.

Só que Poppy não sabia a verdade.

Não sabia que não era Bryan me trazendo de volta à vida.

E me perguntei o que diria se soubesse a verdade, quando todos soubessem a verdade. Porque com certeza me ver assim era muito mais valioso do que os eventos que me trouxeram a este ponto.

Sei que as pessoas olhariam para mim e Xander e veriam algo errado.

Algo tabu e proibido.

Mas como algo que curava de dentro para fora poderia ser ruim?

CHAPTER 32

XANDER

A BATIDA pesada na minha porta me assustou. Não esperava visitante. Meu irmão, Jase e Asher estavam no clube. Recusara o convite de ir junto, esperando evitá-los até amanhã quando iria entregar minha demissão oficial para Jase, e depois confessar tudo.

Não podia mais mentir para ele. Não quando confiara em mim e me dera o trabalho. Ele merecia a verdade, mesmo que destruísse nossa amizade.

Atravessando o apartamento, olhei pelo olho mágico e abri a porta.

— Jase, isso é...

— Precisamos conversar — falou entredentes, batendo o ombro no meu ao passar.

Pavor me encheu, mas não tive tempo de perguntar o que estava acontecendo. Quando fechei a porta e me virei para encará-lo, sua expressão assassina dizia tudo.

— Diga que não é verdade — falou frio. Frio para caralho.

Ericei-me.

— Vamos sentar...

— Sentar? Acha que quero *sentar*? — Nojo passou por ele. — Quero que me olhe nos olhos e me diga que não é verdade. Quero que me diga que não existe possibilidade nenhuma que você... porra, não posso nem dizer. — Ele empalideceu.

Ergui as mãos, pânico tomando conta de mim.

— Posso explicar.

— Explicar? Que porra poderia dizer que sequer começa a explicar como Darryn acha que viu você e Peyton em Halston ontem à noite... *juntos*.

— Porra, Huckley nos viu.

Meu estômago afundou.

— Sim, ele viu vocês. Falou que estavam passeando pelo centro parecendo bem confortáveis. — Raiva exalava dos poros dele. — Ele me ligou mais cedo por respeito.

— E para tirar uma pra cima de mim, sem dúvida — murmurei.

Jase me deu um olhar firme.

— Não é a porra do problema em questão. — Apoiou as costas na bancada da cozinha e soltou um suspiro pesado. — Fale comigo, Xander. Me diga que porra está acontecendo aqui.

— Não deveria ter acontecido. Tentei...

— Está fodendo ela?

Minha coluna se enrijeceu.

— Não é assim.

— Você é doentio. É uma criança...

— Não é, e você sabe — respondi entredentes. — Ela não caiu no rio naquela noite, Jase. Tentou... porra. — Passei a mão no rosto.

— E não acha que é mais motivo para não se envolver com ela pelo amor de Deus? Ela está instável e você... puta que pariu, Xander. Deveria ter mais juízo.

Raiva o circulava como uma tempestade.

— Não sei o que devo fazer. Huckley está ameaçando levar para o conselho escolar. Ela é uma aluna na escola onde você trabalha...

— Tem dezoito anos.

— Não importa, caralho — berrou, as veias no pescoço pulsando. — Existem leis sobre esse tipo de coisa. Corrupção de menores é um crime... você poderia acabar na cadeia. Faz alguma ideia do tipo de merda que pode acontecer?

Meus dedos foram para o cabelo, puxando as pontas com frustração.

Ele estava certo.

Claro, estava certo para caralho.

E eu sabia. Sabia que isso poderia acontecer e ainda assim, não me impedi. Porque Peyton estava tão fundo na minha pele, um comichão que não importava o quanto coçasse, não sumia.

Jase olhava para mim como se não me reconhecesse mais. Era um olhar que estava acostumado a ver no meu irmão, mas nunca Jase. Sempre fora o juiz de paz, o que tentava acalmar as coisas entre mim e Cameron. Ele me dera uma chance de algo real com o time, e até onde sabia, jogara de volta na sua cara.

Quebrara sua confiança.

Fodi as coisas.

— Tentei dizer que não ia aceitar o emprego — falei, como se fizesse diferença. — Logo depois do campeonato, tentei...

— Quanto tempo? — Raiva cobria suas palavras, gelando meu sangue.

— Algumas semanas.

— Eu mesmo deveria chamar a polícia. Não é certo. Ela é uma inocente...

— Acha que a forcei? — Bile revirou no seu âmago. — Eu nunca iria...

— NÃO IMPORTA, CARALHO — rugiu, o punho dele bateu na bancada, fazendo a fruteira tremer. — Acha que Huckley dá a mínima para isso, ou o Diretor Kiln, ou Mya? Tudo o que verão é um homem, a porra de um homem formado, em quem confiei, se aproveitando de uma adolescente, a porra de uma criança, no momento em que mais precisava.

— Jase, eu...

— Não, Xander. — Apontou o dedo para mim. — Você precisa me escutar, alto e claro. O que seja que pensar que sente ou como tenha justificado para si, termina. Termina agora. Peyton está de luto. Está magoada e precisa de ajuda. Ajuda profissional. Não precisa de um cara que está na pior complicando tudo, a deixando confusa e enchendo sua cabeça com noções idealistas sobre... porra, nem sei o que isso é.

Recuei, suas palavras um golpe físico.

— Fico feliz em saber como realmente se sente.

— Ah, puta que pariu, Xander. O que você poderia oferecer a ela? Tem a vida inteira pela frente. Um futuro. Uma chance de algo melhor. Depois que fizer terapia e descobrir o próximo passo, Peyton pode fazer qualquer coisa que quiser. Você não vai ser nada além de uma marca no seu passado.

Poderia ter enfiado uma faca nas minhas costas. Olhei boquiaberto para ele, tentando formular uma resposta. Mas não tinha palavras.

Porque ele estava certo.

Não tinha nada para oferecer para Peyton. Sem meu emprego na escola, voltaria para empregos sem futuro e vivendo de salário a salário.

Ela merece mais.

Merecia muito mais.

Mas deixei o jeito que ela me fazia sentir me cegar para esse fato. Queria tanto acreditar que poderíamos ter algo juntos – algo real. Mas talvez nunca devesse ser desse jeito.

Desistira da minha chance no colégio, mas Peyton... ainda tinha o mundo aos seus pés.

— Precisa terminar. Hoje. Vou cuidar do Huckley.

— Jase, cara, não posso...

Os olhos dele semicerraram, fúria fervilhando ali. Jase era uma tempestade silenciosa, e se forçasse mais, explodiria.

— Pode e vai. Não estou pedindo. Como guardião da Peyton, estou mandando, você vai terminar, porra. — Respirei fundo enquanto ele saía pisando firme até a porta, abrindo-a com força. — E Xander?

— Sim?

— Considere-se oficialmente demitido. — Bateu a porta atrás de si. Reverberou por mim enquanto afundava na poltrona gasta.

Não deveria ter acontecido desse jeito.

Ontem à noite foi uma das melhores da minha vida.

Mais um dia.

Mais uma porra de dia e abriria o jogo com Jase.

Mas parte de mim não podia evitar pensar que talvez isso fosse carma por foder minha vida na escola. Talvez o universo não tivesse terminado de foder comigo.

Pensara que salvar Peyton aquela noite era minha segunda chance. Que talvez ela fosse minha redenção. Mas talvez nunca tenha sido sobre mim.

Talvez fosse sobre ela.

Porque apesar que isso a machucaria, ela iria superar. Iria se formar, e fazer terapia e lidar com o luto e quando estivesse pronta, encontraria um cara legal como o Bryan. Alguém com esperanças e sonhos e uma chance de algo mais do que... isso.

Olhei em volta do meu apartamento fuleiro.

Peyton merecia mais do que isso.

Merecia algo melhor do que eu.

E por mais que não quisesse admitir, talvez, com o tempo, Huckley tivesse nos feito um favor.

Passei o dia no sofá assistindo ESPN, tentando, e falhando, não pensar nela.

Bryan iria trazer Peyton depois do trabalho, apesar que apenas o pensamento daquela conversa me fazia querer vomitar. Mas quanto antes arrancasse o band-aid, melhor.

Quando bateu na porta, meu estômago estava em um nó apertado.

— Oi. — Peyton deu um grande sorriso para mim, as bochechas coradas de frio.

— Oi — falei. — Entre.

Sua expressão mudou.

— Xander, o que é?

— Entre, precisamos conversar. — Vi Bryan saindo do estacionamento, e parte de mim queria que viesse e a salvasse disso.

De mim.

— Xander. — Peyton passou por mim, mas não foi muito longe antes de rodopiar. — Está me assustando. Aconteceu alguma coisa?

— Jase sabe.

— O-o quê? Mas... como? Bryan nunca...

— Não foi o Bryan, Peyton. Técnico Huckley... nos viu ontem à noite. — Soltei um suspiro profundo. — Ligou para o Jase mais cedo.

— Ah Deus. — A mão foi para a base do pescoço. — Mas contou tudo para Jase, certo? Que vai deixar o time e eu...

— Não importa.

As sobrancelhas dela se uniram, confusão anuviando os olhos.

— O que quer dizer, não importa?

— Precisamos terminar. — Minha voz calma estava em dissonância com a tempestade me devastando.

— O quê... não. *Não!* Sei que não é ideal que ele tenha descoberto desse jeito, mas íamos contar para ele amanhã. Tenho dezoito anos agora, e você não trabalha mais na escola, e com sorte, vou me formar mais cedo. Não impo...

— Sim, importa. Huckley ameaçou levar para o conselho escolar.

— As palavras abriram meu peito.

Lágrimas grudavam nos cílios da Peyton conforme a situação ruía ao nosso redor.

— Vou dizer a eles que foi consensual. Vou dizer que eu...

— Peyton, escuta. Não importa. Sou empregado pela escola. Você é uma aluna. Eles têm motivos para investigar... para denunciar.

— Não, não aceito isso. Preciso de você, Xander... Eu-eu te amo. Estou apaixonada por você.

Estou apaixonada por você.

As palavras ecoaram no meu crânio.

Amor.

Ela me amava.

— Você não me ama.

— Não me diga como me sinto — fervilhou, determinação brilhando em seus olhos enquanto erguia o queixo com desafio. — Acho que sei há um tempo... e acho que sente o mesmo. E sei que é uma confusão, mas vamos dar um jeito. Juntos.

— Não.

Peyton pulou para longe como se tivesse visivelmente lhe dado um tapa.

— Não? — Sua voz tremeu. — Não, não vamos dar um jeito, ou não, você não sente o mesmo?

Me preparando, respirei fundo.

— Eu me importo com você, Peyton, mesmo. Mas eu não... não posso amá-la.

— Você não pode me amar — repetiu baixo as palavras, a incredulidade em sua voz destruindo meu âmago. — Mas eu senti. — Foi um sussurro irregular. — Todas as vezes que me beijou, todas as vezes que estivemos juntos, eu senti.

Ela não iria aceitar isso, a não ser que arrancasse seu coração e o pisoteasse. Olhei para ela, implorando em silêncio para que

compreendesse. *Não me obrigue a fazer isso.*

— Sinto muito. Mesmo. Nunca deveria ter deixado chegar tão longe.

— Você está mentindo. Está tentando me proteger... entendo. Mesmo. Mas escolho você, Xander. Escolho você e nada que ninguém diga ou faça vai mudar isso.

— Isso foi um erro. — Pressionei os lábios, deixando as palavras surtirem efeito. — Não quero compromisso, Peyton. Isso foi divertido e tudo, mas nunca iria durar. Nós dois sabemos disso.

Lágrimas escorriam nas suas bochechas.

— Entendi. — Estremeceu, os olhos se fechando ao respirar fundo.

Culpa me preencheu, ameaçando me deixar de joelhos. Ela não podia ver que não era só o seu coração partindo?

— Se vale alguma coisa — falei —, sinto mundo que aconteceu desse jeito.

Peyton fungou, secando os olhos com o dorso da mão.

— Sabe, aquela noite que me tirou o rio, pensei que fosse meu herói. Como estava errada. — A risada dela era feia, sombria e perversa, espelhando a tempestade dentro de mim. — Você não é o herói da minha história, Xander. É o vilão, e nunca vou perdoá-lo por partir meu coração.

Desviou de mim e foi para a porta.

— Peyton, espera — falei rápido. — Vou te dar uma carona até em casa. É o mínimo que posso fazer.

Bufou, abrindo a porta com tudo. A rajada de ar gélido não era nada comparado a temperatura no meu apartamento.

Os olhos dela pareceram olhar por mim enquanto dizia:

— Acho que já fez o suficiente.

Peyton saiu do apartamento sem olhar para trás, completamente alheia ao fato que estava levando meu coração machucado e ensanguentado consigo.

Dois dias depois, enfim deixei meu apartamento. Jason me ligara mais cedo para dizer que lidara com Huckley, mas veio com um preço alto. Afundei no casaco e fui na direção de lápides familiares, abaixando para passar a mão sobre o túmulo dos meus pais.

— Oi, mãe, pai. — Soltei um suspiro pesado. — Eu errei. Porra, errei feio dessa vez. Tem uma garota... é inteligente e engraçada, e Deus, é linda. E me entende. Sabe como é estar perdido. Eu não mereço. — *Nunca merecerei.* — Mas acho que ela me ama. Vocês a amariam. Ela não se leva muito a sério e ama aqueles filmes clichês de final de ano que vocês dois amavam. Mas ela merece mais... — Quase engasguei com o nó na garganta.

Dois dias e não tivera notícias de Peyton, não que esperasse ter. Vi a completa devastação em seus olhos ao se afastar de mim, a traição. Ela me deixara entrar; me dera um presente raro, e eu joguei de volta na sua cara como se não significasse nada.

Como se ela não significasse nada.

Fechando os olhos, respirei trêmulo. Quando os abri outra vez, ouvi o triturar de folhas.

— Eu tenho que ir. Não sei quando voltarei, então queria vir pedir desculpas. Desculpas por não ter sido melhor. Sinto muito que não fui o filho que vocês queriam que fosse. Mas vou tentar, tá bom? Vou descobrir como me consertar, e quem sabe, talvez ainda tenha um final feliz a minha espera.

— Xander... — Cameron disse atrás de mim, e me levantei para cumprimentar meu irmão. Não o vi desde que Jase me visitou, mas sabia que ele sabia. Ele me mandara uma mensagem dizendo exatamente o que pensava de mim e da minha *habilidade de continuar fodendo minha vida*.

— Esperava o Jase — falei.

— Queria fazer isso.

— Se está aqui para esfregar sal na ferida, estou...

— Por quê? — Minhas sobrancelhas se uniram, e ele soltou um suspiro, mas a raiva era palpável. — Por que ela?

— Algumas vezes você não escolhe, é escolhido — murmurei baixo. — Algum dia pensou que talvez tivesse um motivo que estava lá aquela noite? Que de todas as pessoas nessa cidade, fui eu que

estava lá no momento que ela... — Ainda não podia dizer as palavras.

— O que você está dizendo? — Cameron esfregou o queixo, olhando para mim com incredulidade.

— Todo mundo fica falando que a salvei aquela noite. Mas talvez tenha sido ao contrário... talvez ela tenha me salvado.

— Xander, eu...

— Não faz diferença agora. Sei o que vem em seguida.

— Sabe, queria que não precisasse ser assim. — Parecia genuinamente magoado.

— É, bom, queria que muitas coisas fossem diferentes.

Cam pegou um envelope do bolso do casaco e me entregou.

— O que é isso? — Peguei, olhando para o cheque com zeros demais.

— O suficiente para começar do zero.

— Não posso aceitar — respondi, empurrando de volta para ele.

— Pegue. Mas faça bom uso. Sabe, acho que isso... tempo longe, vai fazer bem para você. Faz muito tempo que está perdido, Xander. Talvez esteja na hora de se encontrar.

Não parecia hora de dizer que já havia me encontrado no sorriso pertencente a um anjo loiro de olhos azuis que nunca deveria ter colocado os olhos em mim.

— Como ela está?

— Xander, eu...

— Por favor, só isso.

— Vai ficar bem.

Era uma resposta imparcial. Mas de certas maneiras, estava aliviado que não havia dito a verdade — não estava certo se poderia aguentar.

— Sei que as coisas nem sempre foram fáceis conosco — falou —, mas sempre será meu irmão, Xander. E sempre estarei aqui por você.

Embargado demais para responder, dei um pequeno aceno.

— Deveria ir, Hailee e Ashleigh estão esperando por mim no carro. Vamos comer alguma coisa no Bell.

— Diga a elas... que sinto muito.

Era sua vez de assentir.

— Sinto muito que nos perdemos, Xander. Falo com você em breve. — Cam se virou e foi embora. Afastou-se de mim como se não tivesse como voltar disso.

E talvez não tivesse.

Fiquei parado ali, segurando o cheque na mão. Enfiei no bolso e peguei os cigarros. Mas ao olhar para o maço, suas palavras ecoaram por mim. *Talvez esteja na hora de se encontrar.* Amarrotei o maço na mão e joguei na lixeira próxima.

Olhando de volta para as lápides dos meus pais, um leve sorriso marcou meus lábios.

Não era muito.

Um pequeno passo.

Mas todo mundo precisava começar de algum lugar.

CHAPTER 33

PEYTON

— Ei, posso entrar? — Lily olhou pela porta, os olhos cheios de simpatia.

— Claro.

Fechou a porta, veio e sentou-se na beirada da cama.

— Estamos preocupados com você.

— Estou bem.

Mentira.

Era uma mentira das grandes.

Não estava bem. Meu coração estava estilhaçado em pedaços irreparáveis.

Xander foi embora.

Deixara Rixon sem olhar para trás. Nada de mensagem, nada de ligação, nada.

Deixara a cidade — me deixara — e devia seguir em frente, como se pudesse respirar sem ele.

— Peyton, faz três dias e você mal deixou o quarto. Isso não é saudável.

— Sinto muito se não posso fingir que está tudo bem... — Apertei o travesseiro com mais força, piscando para controlar as lágrimas. Chorei incessantemente depois que me afastei de Xander, das suas palavras venenosas e cruéis. Fiquei surpresa que ainda tinha lágrimas para chorar.

— Sabe, é melhor assim...

— Não, apenas não. — Olhei boquiaberta para ela. Como poderia dizer isso? Eu o amava. Estava apaixonada por ele, e as pessoas estavam agindo como se fosse uma paixonite boba de escola a qual superaria.

— Peyton. — Ela se aproximou, esticando a mão para o meu braço. — Sei que dói agora, mas vai ficar mais fácil.

— Como você pode dizer isso? Sinto como se meu coração tivesse sido arrancado do peito... — E não tinha sobrado nada além de um buraco vazio.

— Meu pai só queria protegê-la. Se Xander ficasse e vocês dois... As pessoas não compreenderiam.

Ouvi as palavras que não disse. *Eu não entendo.*

— Você merece muito mais, Peyton.

— Ah, meu Deus. — Puxei o braço. — Pare de dizer o que mereço. Isso não é um jogo, Lil. Não estou me rebelando porque tive uma vida difícil e quero atenção. Xander e eu compartilhamos algo. Ele sabia... sabia como era para mim. Tentou me afastar. Lutou contra a conexão entre nós porque sabia que era errado. Mas algumas vezes, você não escolhe... — *É escolhido.* Deus, aquelas palavras iriam me assombrar para sempre.

Acreditei mesmo que Xander fosse meu salvador.

Quando importava, não foi nada além de um covarde. Estava preparada para lutar por nós, para arriscar os poucos relacionamentos e amizades que tinha, por ele.

Que idiota.

— Sinto muito. — Lily me deu um sorriso fraco. — Acho que estou tendo dificuldades para entender... É o Xander.

— Foi exatamente por isso que não te contei — murmurei. Ficou magoada no começo. Mas foi por isso que não confiei meu maior segredo a ela. Ela não entendia.

Nenhum deles entendia.

— Peyton, isso não é justo...

— Nada disso é.

O pai dela mal podia olhar para mim. Poppy estava me evitando. Ashleigh não queria nada a ver comigo. Estavam todos agindo como se tivesse cometido um ataque pessoal contra eles quando ninguém parou para considerar como isso foi difícil para nós. Para mim.

A única pessoa que me mostrara um pouco de simpatia fora Bryan, mas recusei suas inúmeras propostas de me salvar da casa dos Ford.

— Peyton — Felicity chamou do primeiro andar. — Você tem um visitante.

Por meio segundo, imaginei Xander parado na soleira. Mas eu sabia melhor. Ele foi embora, e não iria voltar tão cedo. Ignorando o olhar pesado da Lily, levantei da cama e coloquei um moletom de Rixon High.

Sra. Bennet estava esperando.

— Peyton — falou. — Esperava que pudéssemos conversar.

Olhei para Felicity, e ela ergueu as mãos.

— Não é coisa minha, prometo.

— Tem algum lugar que podemos ter privacidade para conversar?

— Claro — Felicity disse. — Pode usar a sala de estar. Estarei na cozinha se precisar de mim.

Relutante, segui Mya e me sentei em uma das cadeiras.

— Presumo que contaram para você?

— Contaram. — Sentou na minha frente. — Mas não vim falar sobre o Xander.

— Ah?

— Enfim tive notícias do conselho escolar. Se ainda estiver falando sério sobre se formar mais cedo, ficarão felizes em aprovar o pedido. Vai precisar completar os trabalhos em andamento, mas tem créditos o suficiente e uma média forte o bastante para ser possível.

— Quero fazer isso.

— Você tem certeza?

— Cem por cento. — Quanto mais cedo me formasse, mais cedo poderia pegar mais turnos na Cindy e começar a economizar para meu próprio apartamento.

— Preciso perguntar, Peyton. Esse plano... não tem nada a ver com...

— Não. Queria isso antes de... — Ela assentiu, me salvando de falar as palavras. — Eu me recuso a ser o fardo de outra pessoa.

— Sabe que não se sentem assim.

— Não é como eles se sentem, é como eu me sinto, e preciso saber que posso fazer isso. Quero ganhar dinheiro, Sra. B. Quero poder me sustentar.

— Eu entendo. Quando as aulas retornarem, posso dar entrada na papelada. Também vai precisar que Jase e Felicity assinem, já que são seus guardiões legais. Gostaria de falar com eles agora? Posso ficar se precisar de apoio moral.

— Não — falei. — É algo que preciso fazer sozinha, mas obrigada, por tudo.

— Quando as aulas começarem, vou marcar uma reunião para você ir ao meu escritório e dar entrada.

— Tudo bem. — Eu me levantei e segui Mya até a porta. — Vejo você em breve.

— Sim. E, Peyton, sei que as coisas parecem desoladas agora, mas é uma lutadora e não tenho dúvidas que vai sair vitoriosa. Amanhã é um novo ano, vida nova.

— Como se mudasse alguma coisa.

Mya se despediu de Felicity e foi embora, enquanto eu respirava fundo e me preparava para a conversa que precisava ter.

Encontrei Jason e Felicity na cozinha.

— Podemos conversar?

— Claro, querida. Vamos nos sentar. — Felicity acenou para a mesa. Jason mal podia olhar para mim, tensão rodopiando no ar. Sabia que estava bravo. Com Xander, consigo... talvez até um pouco comigo.

— Algumas semanas atrás, pedi para Mya, Sra. Bennet, que verificasse minhas opções de uma formatura antecipada.

— Tudo bem. — Felicity franziu o cenho.

— Vocês sabem que não tenho planos de me candidatar a faculdade, não este ano. Não depois de tudo que aconteceu. — Engoli o nó na garganta sem conseguir encontrar seus olhares pesados. — Vocês foram muito generosos, e sou muito grata. Mais do que jamais saberão, mas preciso me sustentar sozinha. É algo que preciso fazer. E não posso perder mais cinco meses no ensino médio quando poderia estar trabalhando, ganhando dinheiro.

— Peyton, querida, apesar de admirável, é completamente desnecessário. Não a acolhemos e esperamos que contribuísse. Nunca foi...

— Eu sei, mesmo. Mas é importante para mim fazer isso. Passei a infância inteira me sentindo um fardo, Felicity. Me sentindo sem valor e nunca boa o suficiente... Demorei muito tempo para superar

isso. Mas não sou mais criança. Tenho dezoito anos e preciso saber que posso me sustentar.

— Eu-eu não sei o que dizer. — Soltou um suspiro exasperado, e notei como o marido estava imóvel e silencioso. Ainda estava fervilhando sobre tudo o que aconteceu, mas esperava que pudesse deixar isso para trás para fazer a coisa certa aqui e me dar permissão para me formar mais cedo.

— Com sua generosidade, já tenho o suficiente para um depósito caução para meu próprio apartamento. E Cindy já me ofereceu mais turnos no restaurante, então poderei encontrar um lugar para mim.

— Querida, não tem pressa. Diga a ela, Jase. — Cutucou o marido. — Se é por causa do que aconteceu... Não precisa ir embora, Peyton. Amamos tê-la aqui.

Por fim encontrei os olhos de Jason. Um tempestade estava se formando ali, o ar esfriando à nossa volta.

— Só tem um empecilho — falei. — Preciso da permissão de vocês. Sra. Bennet disse...

— Não — ele disse seco.

— Jason!

— De jeito nenhum, Felicity. Ela é só uma criança. Não sabe o que quer.

— Peyton, querida, porque não vai encontrar Lily, Jason e eu discutiremos isso.

— Sim, sem problema. — Eu me levantei, mas não antes de olhar para ele outra vez. — Sei que está cuidando de mim. Mas é minha vida. Deveria poder escolher como quero viver.

Mal saí da cozinha antes das vozes altas encherem o ar. Mas estava cansada demais para me importar. Felicity lutaria por mim, tentaria convencer o marido a fazer a coisa certa.

A discussão ficou mais alta, e fiz uma careta, odiando que tivesse entrado na vida deles e causado tudo isso. Pegando o telefone do bolso, abri uma nova mensagem para Bryan.

Eu: Pode vir me buscar, por favor?

Bryan: Estarei aí o mais rápido possível.

Olhei para o lago, Bryan em silêncio ao meu lado.

— Estou preocupado — falou, por fim interrompendo o silêncio denso.

— Eu sei. — Respirei fundo. — Eu não podia...

— É. O que aconteceu?

— Falei para eles que queria me formar mais cedo, e Jason não quis nem ouvir.

— Ele apenas se importa. — Bryan me lançou um olhar solidário.

— Eu sei disso. Mas é minha vida, Bryan. Preciso controlar meu futuro.

— Conversou com ele sobre as coisas? Sobre o Técnico Chase?

— Não, basicamente nos evitamos. Eu não sei o que dizer. — Quando descobri que ele mandou o Xander embora, queria brigar. Discutir e defendê-lo, nos defender. Mas aí me lembrei das palavras de Xander.

Não posso amá-la... isso foi um erro.

Um erro. Ele me chamou de erro. Deus, doeu. Primeiro, estava tão convencida que só estava tentando me proteger, tentando evitar as repercussões do Técnico Huckley descobrir a verdade. Mas não se machucava alguém com quem se importava desse jeito.

Não o fazia.

— Não estava errada, Myers. Técnico Chase é o adulto. Deveria ter juízo.

— Sabia o que estava fazendo, Bryan. — Era igualmente responsável por todos os beijos e toques que compartilhamos. Eu os quis. Quis tudo de um homem que nunca deveria ser meu.

E cometi o erro tolo de pensar que ele sentia o mesmo.

Uma nova onda de lágrimas ardeu o fundo dos meus olhos. Bryan percebeu e xingou baixou, se inclinando para me puxar em seus braços.

— Sinto muito — sussurrou.

— É, eu também. — Minhas mãos se fecharam no seu moletom.

— Sabe, acho que é um monte de merda o que ele disse para você... falei com ele aquele dia. Vi a expressão no seu olhar. Ele se importa com você, Peyton.

— Não importa.

Porque não era o suficiente.

Eu não era o bastante.

— Então vai mesmo fazer isso? Vai se formar mais cedo?

Olhei para ele e assenti.

— Se me derem permissão, sim.

— Vou sentir sua falta, Myers. — Seu olhar escureceu.

— Não vai se livrar de mim tão fácil.

Mas não estaria por perto para sempre. Ele, Lily, Kaiden e Ashleigh iriam para a faculdade e começariam a nova fase de suas vidas. Mas não podia pensar nisso.

Não iria.

— Vai superar isso, sabia? — Ele me segurou afastada. — Você é forte para caralho e sei que não quer acreditar ainda, mas um dia vai encontrar o homem certo que vai conquistá-la.

Dei um sorriso falso. Não queria dizer que já encontrara isso. Que Xander era minha pessoa. Porque ele não queria ouvir, ninguém queria.

E talvez todos estivessem certos.

Talvez fosse hora de aceitar a verdade.

Xander foi embora...

E não iria voltar.

CHAPTER 34

XANDER

SEIS SEMANAS DEPOIS...

— Olha só quem chegou — Tash disse enquanto me aproximava do bar.

— Tash, parece bem. — Dei um beijo na sua bochecha.

— Esse lugar fica bem em você. — Ela sorriu. — O de sempre?

— Na verdade, um refrigerante.

— Não me diga... largou o cigarro e a bebida? — Assenti, e ela bufou. — O que diabos você faz para se divertir aqui? — A voz dela encheu nosso lado do bar, e Jenson, o barman, me deu um olhar questionador.

— Não ligue para ela — falei. — É de outra cidade.

— Rixon mal é... ah que seja. — Os olhos de Tash enrugaram.

— É bom te ver, Xander.

— Você também.

— Como tem passado?

— Ótimo. As coisas estão... boas.

— Você tem certeza? Porque não vou mentir, fiquei preocupada quando deixou a cidade sem nem mesmo ligar.

— Foi complicado.

— A loira.

— Como você...

— Eu a vi, com seu irmão, a esposa dele e a filha. É uma aluna na escola, não é?

— Era. — Concordei com a cabeça. Ouvi pela Hailee que se formaria semana que vem. Não teria uma cerimônia chique, mas comemorariam em família. Não fui convidado, não que esperasse ser.

— Merda, Xander. Uma adolescente. Que porra estava...

— Ssh, fale baixo.

— O que diabos aconteceu? — Os olhos dela esbugalharam.

— Fomos pegos, Jase surtou, e ele e Cam acharam melhor que eu deixasse a cidade por um tempo.

Ela soltou um assobio baixo.

— Merda, isso é fodido.

O nó permanente no meu estômago revirou.

Tash não estava errada, Halston ficava bem em mim. Larguei os cigarros e a bebida. Estava na terapia, e começara a voluntariar em um centro de jovens local. Mas não importava o quanto mudasse as coisas, ainda tinha um buraco aberto no meu peito.

Duvidava que desapareceria.

Deixar Peyton foi de longe a coisa mais difícil que já fiz. Mas Jase e meu irmão estavam certos. Não tinha nada para oferecer a não ser um monte de bagagem emocional e problemas que ela não precisava que a segurassem.

Nosso relacionamento foi um furacão, surgido de dor e luto e escuridão. Ela queria um herói, e parte de mim precisava ser o seu salvador. Mas se o tempo e espaço me ensinaram alguma coisa, era que outra pessoa não podia consertá-lo. Só você poderia fazer isso por si.

Porra, estava começando a soar como meu terapeuta.

— Então aqui está — Tash acrescentou.

— Aqui estou. — Bati a garrafa contra a dela. — Não é muito ruim. Tenho um apartamento decente. — Graças ao Cameron. — E meu prédio tem uma academia, então malho bastante. Ajuda...

— Ajuda?

— Merda.

Os oohs de Tasha semicerraram e depois se arregalaram.

— Puta merda, ainda está encanado nela.

— Não foi só um casinho, Tash. — O tom defensivo nas minhas palavras surpreendeu nós dois. — Era a garota que tirei do rio.

— Uau, você não faz as coisas pela metade, né? — Ele me deu um sorriso empático. — Falou com ela desde que foi embora?

— Não. — Escrevi uma centena de mensagens e deletei todas. O que poderia dizer para consertar a bagunça que fiz de tudo? Desculpa com certeza não bastava.

Peyton confessara que se apaixonara por mim e eu jogara de volta na sua cara.

A chamara de erro.

Nem um segundo passava no qual não me arrependia daquela conversa, mas sabia que nunca me deixaria ir sem lutar a não ser que a machucasse. A não ser que provasse que era tudo que ela sempre se recusara a acreditar.

Soltei um suspiro controlado e passei a mão no rosto.

— Eu entendo. Você errou. Mas é você, Xan, nunca deixou ninguém entrar antes. Ela deve ser especial se conseguiu encontrar seu coração sob todo esse pelo.

— Vai se foder. — Eu ri.

— Mas sério, você disse que ela não está mais na escola? — Assenti, e ela continuou. — E tem dezoito anos? — Mais um aceno. — Então que porra você ainda está fazendo aqui? A não ser que esteja... se escondendo.

— Não estou. — As palavras foram secas.

— Então, qual o problema?

— Ela merece mais — falei, baixo, me recusando a encontrar o olhar de Tash.

— Ah, me poupe. Todos passamos por coisas, Xander. A vida é difícil e confusa, e algumas vezes machuca... mas só temos uma chance de viver. — Ela deu tapinhas nas minhas costas. — Entendo o cigarro e a bebida, todos nos beneficiamos de um detox de vez em quando, mas negar uma chance de ser feliz? Isso não faz sentido para mim.

Os olhos de Tash fuzilaram o lado do meu rosto até enfim olhar para ela.

— O quê? — perguntei, indeciso se queria saber a resposta. Mas Tasha não era nada além de honesta.

— Você merece. — Seus lábios se curvaram em um sorriso caloroso. — Merece ser amado.

— Merda, Tash, não imaginei que fosse do tipo sentimental.

— Confie em mim, não acontece muito. — Ela sorriu. — Mas é você... e eu o vi beber e foder para sair de um buraco escuro por muito tempo. Você se importa com ela... não deixe que escape pelos seus dedos por algo tão tolo quanto orgulho.

As palavras reverberaram dentro de mim, mas ela não havia terminado.

— Vai se arrepender, Xander. Se não tentar consertar as coisas, vai se arrepender. E já tem muito disso.

Virei o refrigerante desejando que fosse uma cerveja. Tash me deixara inquieto, me forçara a olhar para as coisas que não queria ver, ainda não.

Mas a verdadeira pergunta era: iria fazer algo a respeito?

— Xander, aqui. — Lynton acenou para mim.

— Ei, cara, e aí?

— Julian trouxe a coleção de cartas. — Ele abriu o fichário. — Olha isso. Ele tem a carta do Jason Ford iniciante.

— Uau, isso é bem legal. — Sentei ao seu lado no banco.

— Né?

— Sabe, conheço Jase.

— Mentira. — Olhou boquiaberto para mim. — Quer dizer, conheceu ele?

— Ele é um amigo.

— Puta merda, quero dizer... uau. Isso é...

— Relaxa, garoto. — Baguncei seu cabelo. Lynton era um dos garotos frequentes do clube da juventude para jovens garotos lidando com uma gama de problemas emocionais. Perda de pais, separação, crianças no sistema, o centro fornecia um lugar seguro para fazerem atividades. Ele pegou gosto imediato por mim.

— Como ele é?

— Ele é um cara bom. Cresci com ele. É o melhor amigo do meu irmão.

— Tão legal. — Ele sorriu. — Espera até os outros descobrirem.

Julian encontrou meu olhar do outro lado do recinto e sorriu. Lynton era um bom garoto, mas era tagarela, e não tinha dúvidas que o resto das crianças saberiam tudo sobre meu relacionamento com Jase até o final do turno.

Passamos pelo resto da pasta, Lynton apontando os jogadores favoritos e os heróis. A energia dele era contagiante, e invejava o

jeito que sorria todas as vezes que passava pela porta apesar da vida turbulenta que tinha em casa.

— Parece que estão se divertindo. — Julian pairou sobre nós.

— Julian, Julian, advinha? — Lynton se remexeu no banco, mal se contendo. — Xander conhece Jason Ford, não é legal isso?

— Uau, mocinho, respire. — O gerente voluntário sorriu. — Na verdade, preciso pegar o Xander emprestado por um segundo, se não tiver problema?

— Claro, quero mostrar as cartas para Dexter e Cody. Tchau, Xander.

— Tchau, garoto. — Ergui a mão em um aceno, observando enquanto pegava a pasta e saía correndo na direção de um pequeno grupo de garotos.

— Podemos conversar? — Julian perguntou.

— Claro. — Nervosismo passava por mim enquanto o seguia para o escritório.

— Sente-se. — Apontou para o sofá.

— Está tudo bem?

Diversão enrugou seus olhos.

— Não pareça tão preocupado. É uma boa conversa, espero.

Ufa. Relaxei no sofá.

— E aí?

— Sei que faz apenas algumas semanas desde que começou a voluntariar, mas surgiu uma oportunidade. Falei com Debra e concordamos que gostaríamos de dar uma chance a você.

— Sinto muito. Uma chance de quê?

— Gostaria de ser o nosso mais novo conselheiro de juventude em treinamento?

— Sério? — Olhei para ele boquiaberto. — Mas não tenho qualificações formais.

— É um estágio. Trabalharia para nós enquanto completa as qualificações. O pagamento é questionável, e o trabalho é intenso, mas no final, o contrataríamos como um membro qualificado da equipe.

— Eu-eu não sei o que dizer.

Eles me queriam.

Eu.

— Você impressionou no último mês, e já é um ás para o time. Isso, junto com sua experiência de vida, o faz o candidato perfeito. Tem um processo formal, mas Debra e eu concordamos que a vaga é sua, se quiser.

— Obrigado, eu... uau, estou sem palavras.

— Não precisamos de uma decisão hoje. Pense durante a semana. Vai precisar de ao menos uma recomendação pessoal, mas pensei que não seria problema conseguir uma do Técnico Ford.

— Ele piscou.

Julian sabia sobre meu irmão, Jase e meu emprego de treinador na escola, mas não sabia tudo.

Porra.

Isso era... uma oportunidade gigantesca de enfim colocar minha vida nos trilhos e fazer algo de mim mesmo. Fazer uma diferença para as crianças como um dia fui. Perdidas e confusas e com medo.

— Vou pensar, obrigado. — Levantei e estiquei o braço para apertar sua mão.

— Ótimo. — Julian me deu um olhar afiado. — Acho que poderia fazer uma verdadeira diferença aqui. Espero que tome a decisão certa.

Estupefato, deixei o escritório e fui direto para o banheiro de funcionários. Nunca em um milhão de anos esperava isso. Eu me candidatei para o voluntariado para me manter ocupado e sentir como se estivesse fazendo algo positivo com meu tempo. Algo mais do que o ciclo interminável de trabalho não qualificado no qual estava preso.

Mas ele precisava de uma recomendação pessoal, e a única pessoa que podia me dar uma não falara comigo desde o dia que deixei Rixon. Mas o que foi que Tash dissera para mim? Não deixe algo tão bobo quanto o orgulho impedir que faça algo que quer.

E eu queria isso.

Antes que pudesse me convencer do contrário, peguei o telefone e abri uma nova mensagem.

Eu: Ei, sei que faz um tempo. Mas preciso conversar com você.

Jase: Estava na hora.

Meu lábio curvou com a resposta. Típico Jase.

Eu: Amanhã a noite, na minha casa? Cameron tem o endereço.

Jase: Estarei lá às seis.

Eu: Obrigado.

Ainda não sabia o que diria a ele. Como consertaria o dano causado a nossa amizade. Mas estava disposto a me dar uma chance...

E era tudo o que poderia pedir.

— Esse lugar é bem melhor do que aquele fuleiro que morava em Rixon. — Jase entrou no apartamento e observou a sala de estar organizada.

— É legal.

Ele bufou.

— Tem alguma cerveja?

— Não, estou... em detox.

— Acho que é café, então?

Assenti, indo direto para a cafeteira.

— Veio direto do trabalho? — perguntei.

— Sim. — Esfregou a mandíbula, se apoiando em uma das baquetas no balcão de café. — Como você tem passado?

— Bem, acho. Mantenho-me ocupado.

— Bom, isso é bom. Hailee atualiza todos nós.

— Claro que ela faz isso. — Eu dei um sorriso melindroso.

— Você não ligou.

— Pensei que fosse bem óbvio da nossa última conversa que não queria falar comigo.

— Merda, Xander. Estava com raiva. Falei muitas coisas...

— Não importa. Aconteceu, e não chamei você aqui para discutir o passado.

— Não? — Me olhou desconfiado.

— Não. Preciso de um favor.

— Ah, aí está.

A suposição me fez eriçar, mas não era nada que não merecia. Eu me forcei a respirar fundo.

— Me ofereceram um estágio no centro de juventude no qual me voluntario, mas preciso de uma recomendação pessoal.

A surpresa na sua expressão machucava quase tanto quanto sua suposição anterior.

— Sinto muito. Apenas presumi que queria dinheiro ou algo assim.

— Não dessa vez — falei sério.

— Xander, eu...

— Que tal, não, Jase. Se não quiser escrever, compreendo. Fiz merda. Quebrei sua confiança e coloquei sua integridade e trabalho em risco. E não tem um dia que passa sem que me arrependa de como as coisas aconteceram, mas quero mesmo isso. Acho que poderia... ser bom nisso.

Ele me observou por um segundo, os olhos procurando meu rosto.

— Você está diferente.

— É, bom, tive bastante tempo para refletir.

O tempo pareceu parar, cada segundo de silêncio mais doloroso que o anterior.

— Se vale alguma coisa — por fim falei —, sinto muito. Não deveria ter acontecido daquele jeito.

— Mas aconteceu...

— Sim.

— Você a amava?

— Jase, eu... — As palavras ficaram presas na minha garganta. Era a pergunta que me fazia todos os dias desde que saí de Rixon.

Eu a amava?

Falei que não podia. Que não era capaz.

Mas tinham momentos, quando fechava os olhos e via o rosto de Peyton, que meu coração inflava ao ponto que pensava que pudesse explodir.

Não era incapaz de amá-la. Estava aterrorizado do que faria comigo quando ela descobrisse que eu não a merecia. Foi a isso que se resumiu – que não sobreviveria amá-la e perdê-la.

— Xander?

Pisquei, balançando a cabeça para afastar os pensamentos.

— Não faz diferença agora.

A vida dela estava em Rixon, e a minha aqui. E talvez fosse melhor assim. Talvez fosse o único jeito de proteger nossos corações da ruína inevitável do nosso relacionamento.

Os olhos dele semicerraram.

— Vou escrever sua recomendação.

— Vai?

— O que aconteceu não muda o fato que foi bom com o time, com os rapazes. Sempre teve tanto potencial, Xander. Só não podia ver além da própria dor para reconhecer. Me mande os detalhes, e resolverei.

— Obrigado.

— Isso significa que não vai voltar para Rixon tão cedo?

— Acho que não é uma boa ideia, e você?

Algo lampejou em sua expressão, mas ignorei. Qualquer coisa que quisesse dizer, não resultaria nada de bom. O dano estava feito.

Nem podia me levar a perguntar como ela estava.

— Quer ficar para comer alguma coisa? Ia pedir comida.

— Não posso esta noite, mas talvez outro dia.

— Sim, claro. — Saiu tenso conforme percebia que nossos laços poderiam estar danificados demais para serem reparados por completo.

Levantou do banco e foi para a porta, mandando mensagem para alguém.

— Foi bom te ver, Xander.

— É, você também.

Meu telefone apitou e franzi o cenho, o pegando do balcão.

— O que é isso? — perguntei quando chegou na porta.

— Os detalhes do jantar de formatura da Peyton.

— Eu não entendo. — Minha expressão ficou dura, a menção do nome dela um fardo muito pesado para suportar.

— Deveria ir — falou baixo, como se não quisesse dizer as palavras.

— Por quê? — Minha voz falhou.

— Porque você é da família... e apesar de tudo, ela iria querer que estivesse lá.

CHAPTER 35

PEYTON

— MESA CINCO. — Cal souu o sino, e fui até o balcão de serviço, enchendo as mãos de pratos.

— Obrigada — falei, serpenteando pelas mesas. — Certo, tenho um cheeseburger sem pickles, e a salada de frango com molho separado. — Servi os pratos. — Bom apetite.

— Sabe, não parou de sorrir — Cindy falou.

— Só estou feliz por estar aqui.

Era meu primeiro dia trabalhando um turno inteiro no restaurante. Eu me formara oficialmente e entrara no mundo de emprego em tempo integral.

Foram semanas difíceis. Passei a maior parte do tempo de coração partido pelo Xander, revivendo cada momento que passamos juntos, tentando descobrir o que deu errado. Mas quando enfim recebi o sinal verde para me formar, parecia que um peso tinha sido erguido.

Talvez Xander e eu não éramos para acontecer. Mas isso, tomar controle da minha vida do único jeito que sabia como, era um passo na direção certa.

Jason fora muito teimoso no começo, se recusando a sequer pensar em assinar o formulário de permissão, mas Felicity – com uma ajudinha da Lily – conseguiu convencê-lo. Concordada com a condição que não corresse para encontrar um apartamento, o que não era problema para mim. Quanto mais economizasse, melhores minhas opções.

As coisas estavam boas.

Eu estava bem.

Claro, ainda doía pensar no Xander, mas aceitei que não voltaria. Superar demandaria um certo tempo. Não que suspeitasse que o faria por completo. Mas estava determinada a conseguir.

Em algum ponto do último mês, percebi que não sobrevivi a tudo o que passei só para desistir porque partiram meu coração. Eu era melhor que isso.

Merecia mais do que isso.

Terapia ajudou bastante. Trabalhamos o trauma do suicídio da minha mãe e agora estávamos resolvendo devagar os sentimentos indeterminados da minha infância e a negligência que sofri nas suas mãos.

Tinha um longo caminho pela frente, mas era um começo.

Um grupo de pessoas entrou no restaurante e sorri.

— Isso é uma surpresa — falei, cumprimentando meus amigos.

— É, bom, não podíamos deixar que começasse o primeiro dia de trabalho em tempo integral sem passar para desejar boa sorte.

— Lily produziu uma pequena caixa das costas. — Parabéns.

Abri a tampa e cheirei o cupcake de chocolate do Sprinkles.

— O cheiro está ótimo. Vou comer no intervalo. — Já havia parado para o almoço, mas teria outros quinze minutos mais tarde.

— Se encontrarem uma cabine, levo os cardápios.

Kaiden guiou Lily; e Bryan, Poppy e Sofia seguiram. Mas Ashleigh ficou para trás.

— Oi — falou.

— Oi.

— Escuta, estamos bem? Sei que disse que sim. — E eu disse, várias vezes. — Mas não posso...

— Leigh, relaxa. — Sorri. — Estamos bem. Prometo.

— Certo. — Os ombros se curvaram, alívio marcado em sua expressão. — Porque você é uma das minhas melhores amigas, Peyton, e odeio que as coisas estão estranhas entre nós. Sei que o que teve com Xander...

— Não aqui. — Balancei a cabeça.

Não podia perder o controle, não aqui. Não agora. Apesar de estar em um lugar melhor, era mais fácil mantê-lo trancado em uma caixinha do que falar sobre ele.

Descobri isso do jeito difícil, quando há algumas semanas, fizemos uma noite de garotas na casa dos Bennet e ficamos bêbadas com o vinho da Sra. Bennet. Lily e Ashleigh começaram a me perguntar do Xander, e antes que percebesse, estava sentada em uma poça de lágrimas, tremendo enquanto tentava colocar em palavras o que acontecera entre nós.

Não perguntaram de novo depois disso, e nunca puxei o assunto. Mas acho que perceberam no dia, a profundidade do que

sentia por ele.

— Tudo bem. — Assentiu. — Mas se quiser falar sobre isso... sobre ele. Estou aqui.

— Obrigada. — Peguei uma pilha de cardápios e fui para a cabine com ela.

— O que tem de bom, Myers? — Bryan deu um sorrisinho maroto.

— Você comeu aqui o bastante para saber o que é bom a essa altura. — Eu ri.

Era verdade. Bryan parava aqui o tempo todo para comer; algumas vezes só para gastar o tempo até me dar uma carona para casa. Nossa amizade estava mais forte do que nunca, e sabia que tinha sorte de ainda tê-lo ao meu lado, depois de tudo.

— Querem pedir algo para beber e venho anotar o pedido da comida quando decidirem?

— Sim — Poppy falou, e todos fizeram os pedidos.

Fui colocar no sistema e Cindy me ajudou a prepará-los.

— Ainda acho que deveria dar uma chance a ele — falou, olhando na direção de Bryan. — É bonitão.

— Não é desse jeito entre nós. Ele é um dos meus melhores amigos.

— Amigos podem se tornar mais.

— Cindy! — repreendi.

— Tá bom, vou parar. Ei, talvez ele goste de uma tigrona?

— Ah, meu Deus, você não tem jeito. — Diversão brincava em meus lábios. Enchi a bandeja e voltei para meus amigos.

— Bebidas. — Servi todo mundo. — Prontos para pedir?

— Sim. — Lily sorriu, pedindo o dela e de Kaiden. Poppy foi em seguida, depois Ashleigh e Bryan.

— Ótimo, não vai demorar. — Chegaram antes do movimento depois da aula. — Onde estão Sofia e Aaron? — perguntei.

— Drama de família Bennet. — Ashleigh fez uma careta.

— Ezra?

— Quem mais?

— Eu me pergunto se virá amanhã — falei. Os Ford organizaram uma pequena comemoração de formatura em um restaurante

chique na cidade. Não queria nada elaborado então concordamos com jantar.

— Não ficaria esperando.

— Não se preocupe, Myers — Bryan opinou —, estarei lá.

Eu sorri para ele.

— Não esperaria nada menos.

O último ano não foi como esperava. Perdi minha mãe, minha casa, até me perdera no caminho... Mas não estava sozinha. Não mesmo. Tinha bons amigos e uma família que me tratava como fosse a minha.

Era o bastante.

Eu era o bastante.

E precisava acreditar que tinha um final feliz esperando por mim.

— Eles sabem que queria que isso fosse tranquilo, certo? — Vendo os balões e faixas, segurei a mão da Lily e atravessamos o restaurante. O pai dela reservou o salão do fundo inteiro, o que era alguma coisa, ao menos. Não precisaria sobreviver a noite com os outros clientes me encarando.

Não era todo dia que um aluno se formava antecipadamente de Rixon High, e a essa altura todo mundo sabia minha história. Mas não sabiam do Xander. Jason conseguiu manter isso em segredo. Não sei bem como ele conseguiu fazer o Técnico Huckley ficar quieto, mas o fez.

— Queriam que fosse especial.

Dei um olhar afiado e Lily revirou os olhos.

— Dê isso a eles. — Apertou minha mão. — Estão orgulhosos de você, Peyton.

Duvidava muito disso, mas não queria discutir.

Não esta noite. Não quando as coisas enfim estavam mais calmas entre todos nós.

— Aqui está. — Jason se levantou, alisando a camisa preta.

— Isso é... obrigada. — Não poupavam despesas com a decoração de mesa e as garrafas de champanhe nos baldes de gelo

espalhados pela mesa.

Sentamos assim que uma garçonete apareceu e entregou cardápios com encadernação em couro.

— Vou dar um tempo para decidirem e volto em breve. Se precisar de alguma coisa, é só chamar.

— Obrigada, Harriet. — Felicity deu um sorriso caloroso, e olhei para ela em indagação. — Ela se voluntaria no abrigo de animais algumas horas por semana.

— Então, Peyton, como se sente de finalmente estar livre da escola? — Sr. Bennet perguntou, para a irritação da esposa. Ela cutucou o braço dele, me dando um sorriso de desculpas.

— Me sinto... muito bem. Só estou animada de estar ganhando dinheiro e olhando para o futuro.

— Nada de errado nisso — falou, erguendo a taça. — À Peyton.

— Peyton. — Meu nome ecoou na pequena sala e corei.

— Obrigado por roubar meu discurso — Jason protestou.

— Pode deixar o seu para depois do jantar.

— Você está linda — Bryan sussurrou com um sorriso provocador, antes de me dar um abraço de urso.

— Tire as mãos, Hughes.

— É, é, Myers. Beba algumas taças de espumante e não vai poder resistir ao Brymeister. — As sobrancelhas dele se moveram e irrompi em risada.

— Ah, meu Deus, nunca mais se chame desse jeito. — Vendo a cadeira vazia, falei para Kaiden: — Sua mãe vai se juntar a nós?

— Não, não conseguiu vir. Mas mandou um cartão. — Ele empurrou o envelope por cima da mesa.

— Ela não precisava fazer isso.

— É de nós dois.

— Obrigada.

— O que é bom? — Bryan cutucou meu ombro, mas estava ocupada demais vendo Jason observar a entrada da sala privativa como uma águia.

— Myers.

— Desculpe, o quê? — Olhei para Bryan e ele riu

— Está inquieta.

— Não, não estou. Eu só... não importa. — O canto da minha boca se inclinou enquanto abria o cardápio. — Vamos ver o que tem de bom.

O jantar foi incrível, mas estava tão cheia, me esbaldei tanto com frango parmegiana que quando trouxeram o carrinho de sobremesas, tive que passar.

— Fraquinha — Bryan provocou e belisquei sua mão.

Jason ainda estava agindo estranho, olhando para a porta e para o telefone. Estava começando a pensar que tinha planejado outra surpresa. Mas ninguém mencionou nada, e estava feliz em ficar ignorante. O jantar foi o suficiente. Eu não queria, ou precisava, de nada mais.

Depois que a garçonete serviu todas as sobremesas, Jason se levantou, batendo o garfo no vidro.

— Discurso — Sr. Bennet arrastou, ganhando da esposa uma cotovelada na barriga.

Todos rimos com ele curvado de dor.

— Você é pior que as crianças — Jason disse. — Agora, onde estava? Ah, sim, Peyton. — Os olhos dele foram para mim. — você veio para essa família em uma situação difícil. Nem sempre sei as coisas certas a dizer ou fazer, mas com sorte você soube que tinha um lugar conosco. Sempre terá um lugar entre nós. Posso não ser seu pai, mas estou orgulhoso de ser o homem que a vê se transformar em uma jovem, confiante e independente mulher. Demorou um pouco para aceitar sua decisão, mas agora percebo que era sua para tomar. E posso respeitar isso.

Ele ergueu o copo e todo mundo seguiu.

Emoção ardeu meus olhos enquanto lutava contra a onda de lágrimas que surgia.

— A Peyton.

Era o segundo brinde a mim da noite, e dessa vez, não consegui impedir as lágrimas silenciosas de escorrerem pelas bochechas enquanto todo mundo olhava para mim. Era minha vez de falar.

— Só quero dizer um grande obrigada aos Ford por me acolherem e me darem um lugar para ficar. Nunca vou esquecer o que fizeram por mim. É verdade o que dizem, que família nem sempre é sangue, são as pessoas que estão presentes, não importa o que aconteça.

— É isso aí! — Asher falou, tirando o foco de mim.

Risada encheu o recinto enquanto todo mundo atacava as sobremesas. Todos vieram aqui esta noite por mim. Não por obrigação, mas porque este grupo de pessoas era família de todos os jeitos que importavam.

Eles me aceitaram, falhas, bagagem e tudo.

E isso era algo para se valorizar.

— Boa noite — Jason disse para Asher e Cameron enquanto as esposas se abraçavam e se beijavam. Poppy e Sofia já tinham ido embora com Aaron já que iriam para a casa do Cole para assistir um filme.

— Também vamos sair — Lily disse, aconchegada no braço de Kaiden. — Vai ficar bem indo para casa com mamãe e papai?

— Acho que vou sobreviver. — Sorri.

— Tchau. — Acenaram e foram atrás dos outros, me deixando com Jason e Felicity.

— Gostou da noite, querida?

— Sim, obrigada. — Olhei para Jason parado perto da porta. — Está tudo bem?

— Sim, por que pergunta?

— Ele está agindo meio estranho.

— Confie em mim quando digo que não é nada de novo. — Felicity sorriu, pressionando a mão na minha bochecha. — Ele falou sério, todas as palavras, sabia? Estamos muito orgulhosos de você, querida.

— Obrigada. — Engoli em seco.

— Tudo bem? — perguntou para Jason enquanto se aproximava.

— Sim. — Ele sorriu, mas não chegou nos olhos. — Vamos. — Envolheu o braço na cintura dela e seguiu atrás deles.

Saímos na calçada com uma rajada de ar frio.

— Que bom que o carro está na esquina. — Felicity riu.

— Com frio, amor? — Afagou o pescoço dela, sem ligar que tinham uma audiência. — Não se preocupe, vou aquecer você mais tarde.

Uma pontada de mágoa passou por mim. Mesmo agora, depois de todo esse tempo – depois da faculdade, uma carreira na NFL, a carreira de Felicity, duas filhas, e uma filha adotiva com mais bagagem do que os quatro juntos – ainda estavam super apaixonados.

Eu queria isso.

Podia reconhecer isso agora.

Sempre tive medo demais de me deixar querer isso, mas queria.

Dobramos a esquina do restaurante quando uma voz disse:

— Peyton.

Meu corpo congelou, o ar preso nos meus pulmões como se tivesse esquecido como respirar. Me virei devagar.

— X-xander... eu não.

Compreensão me atingiu. A cadeira vazia. Jason agindo estranho como se estivesse esperando que outra pessoa se juntasse a nós.

— Está atrasado — falou para Xander de algum lugar atrás de mim.

— Fiquei preso com uma cosia. Sinto muito por ter perdido. — O olhar de desculpas pousou em mim, mas não sabia pelo que estava se desculpando.

Eu não entendia.

— Você foi embora — soltei, meus pensamentos confusos demais. Pensei que estava lidando com tudo. Pensei que o coração partido, o vazio que senti, estivesse se curando devagar. Mas agora ele estava parado ali, olhando para mim, tão lindo... e eu estava uma confusão.

Minhas proteções construídas com cuidado desabaram ao meu redor e não sabia o que fazer.

— Peyton — repetiu, dando um passo na minha direção. — Você está bonita.

Está bonita.

Uma risada amarga subiu pela minha garganta.

— Você tem que estar de sacanagem comigo. Não vi ou tive notícias de você em quase dois meses e é isso que tem para me dizer?

Culpa lampejou em seus olhos.

Ótimo.

Queria que se sentisse culpado. Queria que sentisse um décimo da mágoa que senti todos os dias desde que proferiu as palavras, "*Não posso amá-la.*"

— Não consigo entender — falei, precisando interromper o silêncio denso. — Como você está aqui? — Xander olhou para Jason, e olhei boquiaberta para ele. — Você o convidou?

— Eu o vi recentemente. Posso ter mencionado seu jantar de formatura.

— Entendi.

— Peyton, querida. — Felicity se aproximou. — Por que não...

— Vocês dois deveriam conversar — Jason disse. — Podem voltar para a casa. Vamos dar um pouco de espaço para vocês.

Dariam?

Não entendia o que estava acontecendo.

Quando enfim pensei que estivesse chegando em algum lugar, ele estava de volta.

Xander estava de volta.

CHAPTER 36

XANDER

MÁGOA BRILHAVA EM SEUS OLHOS.

Mas não era nada comparado com o quanto me despedaçou ouvir o desdém na sua voz.

— Não — ela respondeu. — Não tenho nada para dizer para você. — Peyton envolveu os braços na cintura.

— Peyton, talvez devesse...

— Não tem problema. — Balancei a cabeça para Fee. — Não vou segurar vocês. Mas, por favor, pegue isso. — Abrindo o casaco, peguei o envelope do bolso interno e entreguei para ela.

— O que é? — Olhou como se tivesse entregado uma bomba relógio.

— Apenas leia. Por favor?

Peyton encontrou meu olhar, mas não deixou escapar nada.

— Estou pronta para ir agora. — Ela passou por Jase e Felicity, entrando no carro.

— É bom te ver. — Fee me deu um abraço. — Estou tão brava por ficar tanto tempo longe.

— Desculpa, por tudo.

Não era o suficiente, mas perdão não acontecia da noite para o dia.

— Como ela está, de verdade? — Olhei para o carro, sem querer nada além de ir até ela.

— Está bem — Jase disse. — Por mais que fui contra isso, acho que formar mais cedo vai ser bom para ela. Trabalhou o primeiro turno completo no restaurante ontem. Não a vi sorrindo tanto há um bom tempo.

— Vou ver como está. — Fee apertou a mão do Jase. — Não demore.

Ele deu um aceno curto, observando-a sair, depois olhou para mim.

— Você veio.

— Quase não vim.

— O que fez você mudar de ideia?

— Tem muita coisa que nunca consegui dizer a ela.
— Vai ficar? — A sobrançelha dele ergueu.
— Sim, estou em um motel nos limites da cidade.
— Cam sabe que voltou?
— Ainda não.
— Vocês precisam conversar.
— Eu sei. — Meu peito subiu com o peso das palavras. —
Escuta, não tenho direito de pedir, mas diga para ela ler a carta.
— Vai me fazer querer te caçar e quebrar suas pernas?
— Provavelmente, mas a vida é curta demais para não ir atrás
do que você quer.
— E o que você quer, Xander? — O olhar frio dele me fuzilou.
— Quero tudo.
Sem explicar, rodopiei e saí pela calçada. Peyton não estava
pronta para conversar, mas não era só ela com quem precisava me
desculpar.

— Xander? — Hailee piscou como se não pudesse acreditar. — Isso
é uma surpresa.
— Ei, ele está em casa?
— Está. Entre. — Acenou para que entrasse, pegando meu
casaco e pendurando. — Halston faz bem para você.
— Obrigado.
— Como estão as coisas?
— Jase não contou? — Franzi o cenho. Não era do feitio deles
guardar segredo um do outro.
— Falou que estava bem.
— Estou. A vida é surpreendentemente boa. — Só tinha uma
coisa faltando.
— Hailee, alguém... Xander. — Cameron apareceu, a expressão
séria. — Então está vivo.
— Oi, irmão.
— Vou dar um pouco de espaço para vocês dois. — Hailee
beijou a bochecha do meu irmão e depois olhou para mim. — É bom

te ver, Xander. Não deixe passar tanto tempo da próxima vez.

Acenei, observando-a desaparecer na sala.

— Você veio por ela. — Não era uma pergunta.

— Vim para vê-la, sim. Mas não é o único motivo que estou aqui. Podemos conversar?

— Claro, tenho algumas cervejas na geladeira. — Acenou para que o seguisse.

— Na verdade, refrigerante ou café servem. — Cameron olhou para mim e franziu o cenho, então acrescentei: — Estou diminuindo.

— Certo.

Sentei à bancada de café.

— Como estão as coisas?

— Xander, não pode simplesmente aparecer e esperar falar abobrinha. Não depois do que aconteceu.

— Eu sei. Porra, eu sei. — Arrastei a mão pelo rosto. — Nem sei por onde começar.

Empurrou uma caneca de café para mim.

— Tente...

— Sabe quando penso em quando era criança, não é da mamãe que me lembro, ou do papai, é de você. Você sempre esteve presente para mim. Não importava o que acontecesse. Eu o idolatrava, e quando foi para a faculdade, parecia que meu mundo tinha implodido.

— Xander, eu...

— Não, me deixa terminar. Tudo o que sempre quis foi te deixar orgulhoso. Mas as coisas ficaram todas confusas. Você tinha Hailee e depois ela engravidou, e de repente eu não era o centro do seu mundo... e sei como isso parece errado. Mas não consegui lidar.

Respirei fundo.

— No último ano, estava tão bravo com tudo. Você ficava pressionando sobre a faculdade, o futuro... e não sei, acho que passei a ressentir você. Odiava que todo mundo olhava para mim e via a estrela de futebol como se fosse só pra isso que servia.

— Você era bom, Xander. Podia ter ido até o fim.

— Você acha que não sei disso? Acha que não me arrependo disso em todos os segundos do dia? Mas bem no fundo, não queria por mim, Cam, queria por você, por eles... e joguei tudo fora porque

não podia lidar, porque estava tão confuso de ter perdido nossos pais... e você...

— Xander, você nunca me perdeu. — Os punhos dele se apertaram nas pernas. — Sempre estive lá.

— Eu sei disso agora. Eu fodi tudo. Soube no segundo que acordei no hospital e vi a decepção em seus olhos. As coisas mudaram entre nós naquele dia, e em vez de confessar tudo, reforcei minhas defesas e o deixei para fora. Deixei para fora porque era mais fácil do que encarar a verdade. Eu o decepcionei. Decepcionei todo mundo.

Silêncio se alongou. Denso e pesado com os fantasmas do nosso passado.

— Mas quando tirei Peyton do rio, não queria ser o herói. Era a última coisa que eu queria. Mas quando ela olhou para mim, foi como se pela primeira vez em um longo tempo, eu pudesse respirar. Ela fez tudo ficar quieto, Cam. A auto aversão, o amargor e arrependimento, fez tudo desaparecer.

— Porra... — suspirou, passando a mão na nuca. — Você a ama.

— É, acho que sim. E planejava contar para Jase, confessar para todos vocês porque não queria colocar em risco o que tinha com ela. Mas aí Huckley nos viu, e tudo foi pelos ares... e a perdi. Perdi a melhor coisa que já aconteceu comigo.

— Eu não sei o que dizer. — Ele balançou a cabeça. — Quando descobri, fiquei pensando que se um cara da sua idade chegasse perto da Ashleigh, iria querer matá-lo com as próprias mãos. Mas você e ela, não foram circunstâncias normais.

— Não, não foram.

— Não muda o fato que fez do jeito errado. Você sabe disso, certo?

— É, eu sei. Sentiria o mesmo. Mas para ser honesto, não posso dizer que faria diferente.

Porque cada segundo com Peyton valeu a pena. Mesmo quando estava tentando lutar, ou quando sabia que era errado, valeu a pena.

— Você já contou para ela?

— Não pessoalmente, não.

Os olhos dele anuviaram com isso.

— Sei que deveria fazer o papel do irmão mais velho e mais sábio, e parte de mim quer, mas... você já perdeu tanto.

— Nós dois perdemos.

— Sim, mas eu tenho Hailee e as crianças. Tenho uma vida, uma família. — A expressão dele entristeceu. — Nunca quis...

— Não, não vai fazer isso. Não vai aparecer e tentar carregar um pouco desse fardo. Fiz minhas escolhas. Eu. Está na hora de assumi-las.

Cam contornou a bancada de café da manhã e me puxou em seus braços.

— Sempre estarei aqui por você, Xander. Mesmo que a gente se perca, sempre estarei aqui.

— Eu sei, mano. — Eu o abracei mais forte. — Eu sei.

CHAPTER 37

PEYTON

LÁGRIMAS ESCORRIAM pelo meu rosto enquanto segurava a carta de Xander, lendo pela terceira vez.

Peyton,

Antes de você, era amargo. Bravo e calejado do mundo. Não acreditava em amor ou almas gêmeas ou felizes para sempre. Claro, vi todo mundo ao meu redor se apaixonar e encontrar sua pessoa, a outra parte da alma, mas sabia que nunca seria eu. Veja, eu não queria. Não queria dar meu coração para alguém, só para perdê-los em algum ponto do futuro. Sempre tive problemas de compromisso, um profundo senso de abandono que enquanto eu crescia se tornou uma fortaleza de aço em volta das minhas emoções.

E depois eu a vi no rio naquela noite. Não queria ser o seu herói. Não queria ser o herói de ninguém. Mas vi o jeito que você olhava para mim. Ninguém nunca olhou para mim desse jeito. Eu me sentia indigno, não merecedor da sua atenção. Mas quanto mais você ficava na minha cara, mais eu cedia. E uma coisa estranha aconteceu. Pela primeira vez na vida, pude respirar. Você não olhou para mim e viu Xander a decepção constante, o azarado bebendo para desperdiçar a vida. Viu Xander, o herói, seu salvador, o cara que sabia como era sempre se sentir do lado de fora olhando para dentro.

Sabia que era errado querer você. Porra, era tão errado. Mas como algo que parecia ser tão certo poderia ser errado?

Se pudesse voltar no tempo, gostaria de pensar que faria as coisas diferente. Que diríamos que precisávamos esperar. Mas a verdade, é que não sei se faria. Porque apesar de tê-la salvado aquela noite, o que você não deve saber é que também me salvou. Você me ensinou como sorrir, como rir e amar. Me ensinou o que significa ser corajoso e lutar por algo melhor.

Menti naquela noite quando disse que não poderia amá-la. Eu te amo, Peyton. Amo suas falhas e imperfeições, suas cicatrizes e bagagem emocional. Amo a garota que você é, e a mulher que vai se tornar. Sei que a machuquei. E sei que não mereço uma segunda chance, mas aqui estou mesmo assim, pedindo por uma última oportunidade.

Você me pediu uma vez para não partir seu coração... e falhei. Mas juro que não vai acontecer outra vez.

Estou no The Happy Days Motel, quarto 4B, nos limites da cidade, até domingo. Se quiser conversar, sobre qualquer coisa, sabe onde me encontrar.

Xander

— Peyton? — Ouvi uma batida suave na porta. — Posso entrar?

— Sim.

A cabeça da Jason apareceu pela porta.

— Oi — falou.

— Ei. — Funguei, secando os olhos com as mangas. — E aí?

— Só queria ver como estava. Foi uma noite cheia.

— Por que falou para ele do jantar?

Ele se apoiou na beirada da mesa.

— Porque não importa o que tenha acontecido entre vocês dois, Xander é família e pensei que deveria estar lá... e pensei que poderia querer ele lá.

— Não queria. — Olhei para ele. — Pelo menos pensei que não.

— Conseguiu alguma resposta? — O olhar foi para a carta na minha mão.

— Algumas.

— Sei que não deve ser fácil conversar comigo sobre isso. Fui eu que mandei Xander embora.

— Xander é um homem maduro. Se não quisesse ir, não precisava...

— Sim, Peyton, precisava. Se Huckley tivesse falado com Diretor Kiln, Xander poderia ter sido preso. Seu nome seria arrastado na

lama. Inferno, meu nome, do Cam, nossas famílias... teria sido muito complicado.

— Eu tinha dezoito anos. Teria negado tudo.

— Eu sei, mas não muda o fato que ele trabalhava na escola onde você estudava. Xander ir embora foi a decisão certa, a única decisão. Vocês dois precisavam de tempo...

— Tempo?

— Você estava em luto, Peyton, e Xander a salvou, literalmente salvou sua vida. Você estava vulnerável e se ateve a ele, e acho que bem no fundo, uma parte de Xander precisava salvá-la.

— Por causa dos pais — sussurrei.

— Sim. Quer você queira admitir ou não, seu relacionamento foi fruto de um lugar sombrio, e aquele tipo de emoção pode ser intenso e assoberbante. Pode deixar as pessoas imprudentes.

Apertando os lábios, desviei o olhar. Ele estava certo, pareceu com um furacão.

Uma tempestade que nenhum de nós podia evitar.

— O tempo separados deixou que resolvessem as coisas; deixou que dessem um passo para trás e vissem as coisas com uma perspectiva diferente.

— Pensou que eu o esqueceria?

— Esperava, sim. E parte de mim estava começando a pensar que talvez estivesse esquecendo. Mas eu a vejo, Peyton. Todos os dias. Você sorri nas horas certas e engaja nas conversas e dá risada, mas vejo a dor no seu olhar. O anseio.

— Eu...

— Não tem problema, não estou aqui para julgar. Não dessa vez. É meu papel proteger minhas meninas, e isso vale para você. Sempre valerá. Mas também respeito seu direito de tomar as próprias decisões. Tem dezoito anos agora, se formou na escola, e está trabalhando em tempo integral, e sei que está economizando para o seu apartamento.

Tinha um tom protetor em sua voz que costumava ser reservado para conversas entre ele e as filhas.

— Se pode pagar as próprias contas e ser independente, pode escolher quem amar. Não vou ficar no caminho disso, não importa o quanto me incomode.

— Eu-eu não sei o que dizer — gaguejei, completamente assoberbada com suas palavras.

— Você sente falta dele. Vejo todas as vezes que olho para você. E sabe o que vi quando fui visitá-lo? Vi o mesmo olhar vazio em seus olhos. — Jason me deu um sorriso fraco. — Algumas vezes o amor não segue as regras, Peyton. As vezes é confuso e cruento e implacável. Algumas vezes nos machuca e nos parte. Mas quando encontra o tipo certo de amor, o amor pelo qual vale a pena lutar, nunca deveria abrir mão dele.

Foi para a porta.

— Pense bem. — Os olhos voltaram para a carta. — Todo mundo merece uma segunda chance. Se Fee não tivesse me dado uma ou duas ao longo dos anos, Deus sabe que não estaríamos aqui agora.

— Obrigada, Jason, por tudo. — Lágrimas escorriam pelo meu rosto. — Felicity, Lily e Poppy têm sorte de tê-lo.

Ele piscou e disse:

— Acho que isso também a faz sortuda.

Sorri.

É, acho que sim.

Na manhã seguinte, parei na frente do quarto do Xander no The Happy Days Motel, ponderando se cometera um erro de vir aqui.

A carta dele havia aberto os pontos frágeis no meu coração, mas foram as palavras de Jason que me deram coragem de vir aqui. Devia isso para mim mesma, para a parte de mim que sabia que não sonhara cada beijo e momento roubado, escutá-lo.

Mas no segundo que cheguei na porta do quarto, medo me esganou, me impedindo que batesse na porta.

— Ugh, isso é ridículo — murmurei, me forçando a dar um passo mais perto assim que a porta se abriu.

— Peyton. — Xander me encarou com olhos arregalados.

— Eu... oi.

— Estava saindo para ir para o Jase.

— Estava?

— Sim. Quando não mandou mensagem, pensei... — Alívio o tomou. — Você está aqui.

— Estou aqui.

— Quer entrar?

— Eu...

Queria?

Podia?

Respirei fundo e me soltei da presa gélida do medo.

— É, quero.

Segui Xander para dentro do quarto limpo e organizado. Tinha uma mala no canto que indicava sua curta estadia, mas não queria pensar nisso agora. Minha mente não tinha espaço para processar tudo.

— Leu minha carta?

— Sim. — Sentei com cuidado na única cadeira enquanto Xander sentava na beirada da cama, se inclinando na minha direção, do jeito que eu me inclinava de leve para ele.

Como imãs, minha mente sussurrou.

Exceto, não éramos imãs agora. Porque ele me afastara e fora embora, e qualquer elo invisível que existia entre nós foi partido em dois.

— Falei sério, Peyton. Todas as palavras.

— Você me machucou, Xander. Você...

— Eu sei, porra, eu sei. — Passou a mão no rosto, soltando um suspiro doloroso. — Eu errei. Eu sei disso. Mas acho que talvez precisasse perdê-la para perceber o que tinha, para perceber como me sentia de verdade por você.

— Você me ama?

— Sim, tanto. Me matou ficar longe, sem mandar mensagem ou ligar. Mas precisava resolver algumas coisas. Precisava encontrar um jeito de me consertar antes que eu... — As palavras ficaram presas na garganta, e sabia que ele provavelmente nunca tinha se aberto assim para alguém.

E eu entendia. Nenhum de nós estávamos acostumados a nos deixar ser vulnerável na frente dos outros. Mas não era qualquer pessoa. Era Xander. E eu era a Peyton, a garota que se abria com

ele, confiara nele com meu coração. Era a garota que olhava para ele e o via. De verdade.

— Teria voltado por mim se Jason não tivesse visitado?

— Um dia, sim.

— Um dia... — Soltei uma risada amarga, desviando o olhar.

— Não posso mudar o que aconteceu, Peyton — suspirou. — Só posso reconhecer meus erros e seguir em frente. Mas não quero seguir em frente sem você.

Deus, queria acreditar nele.

— Jason disse que acha que nosso relacionamento era algum tipo de dependência porque estávamos machucados.

— Acho que está certo...

— O quê?

Xander ergueu as mãos.

— Apenas me escute um segundo. Estava em um lugar sombrio e acho que precisava de um salvador. — A expressão dele suavizou. — Precisava de alguém que a salvasse.

Apertei os lábios. Ele tinha razão. Mas as pessoas se uniam pelo luto e trauma o tempo todo. Não embotava o que sentia por ele.

Não mesmo.

— O que sinto... o que sentia por você. Era real.

— O que... sentia? — Mágoa piscou em seus olhos. — Então você não...

— Xander, isso não é justo. Você me deixou. Apenas foi embora e não sabia se voltaria. Me disse que não poderia me amar. Que foi um erro. — Meu coração se partiu outra vez, lembrando de como me senti ouvindo aquelas palavras. — Tem alguma ideia de como me senti?

— Sinto muito.

— É tarde demais. — Lágrimas escaparam dos meus olhos, escorrendo pelo rosto. Isso era muito difícil, ficar sentada com ele aqui. Escutando enquanto tentava consertar o que ele quebrara.

— Não diga isso. — Ficou de joelhos na minha frente, deslizando as mãos nas minhas coxas. — Preciso de você, Peyton. Preciso de você.

Eu me inclinei, tocando a cabeça na dele enquanto meus olhos se fechavam.

— Não posso mais confiar em você. — Suspirei as palavras, suprimindo um tremor.

— Pode. — A mão dele curvou na minha nuca, me segurando enquanto secava uma lágrima com o polegar. — Não quero mais ser aquele cara. Raivoso, amargo... frio. Você me mostrou outra coisa, Peyton. Você fez isso. Sei que a salvei aquela noite, mas você também me salvou.

As palavras de Xander acariciaram meu rosto, e respirei trêmula ao piscar para afastar as lágrimas que ainda caíam. Falara o mesmo na carta.

— Me dê mais uma chance, por favor?

Tensão estalou entre nós enquanto sentia minha determinação ceder. Ele estava oferecendo tudo o que sempre quis.

A boca pairou sobre a minha, tocando sem tocar.

— Preciso de você — repetiu. — Eu preciso de você.

— Diga. — Segurei seu rosto com as mãos, o olhando firme no olho. — Preciso ouvir você dizer.

— Eu te amo, Peyton Myers. Amo seu sorriso e atrevimento e força. Mas acima de tudo, amo sua alma. Como poderia não amar quando é a outra metade da minha?

Soltei um suspiro trêmulo, o coração palpitando no peito. Meus braços envolveram seu pescoço, o apertando contra mim enquanto nossos lábios se tocavam em um beijo incerto, nós dois assustados que o outro pudesse desaparecer.

— Nunca parta meu coração outra vez — sussurrei.

Xander procurou meus olhos e sorriu com o que viu ali.

— Não vou, prometo — falou, me beijando. Me reivindicando com os lábios, me marcando com sua língua, e juntando meus pedaços com toda respiração compartilhada.

— É você e eu, Peyton. — Interrompeu o beijo, nada além de amor e promessas do futuro brilhando em seus olhos. — Você e eu contra o mundo.

EPILOGUE

PEYTON

UM MÊS DEPOIS...

— Pare. — Risada escapou de mim enquanto Xander fazia cócegas na minha cintura, as pernas enroladas nas minhas, o roçar de pele nua e dedos provocantes me fazendo arrepiar.

— Você sabe a palavra de segurança. — Sorriu, afagando meu pescoço. Os dedos pintavam círculos nas minhas curvas.

— Xander, eu... tenho que... — Mudaram de direção, deslizando pela minha barriga e direto sobre a calcinha. Ofeguei, as sensações assoberbantes.

— Você estava dizendo? — Beijou o canto da minha boca, um brilho travesso no olhar.

— Você é tão safado.

Afastou a calcinha e pressionou dois dedos em mim sem avisar. Um gemido ficou preso na minha garganta, mas então estava me beijando, engolindo cada respiração e suspiro.

— Hm — murmurou —, você sempre está tão molhada para mim.

— Me beije — sussurrei, curvando a mão na nuca de Xander e o puxando para mim.

Colidiu a boca na minha, me beijando com força. Intenso e profundo. Os dedos se curvaram dentro de mim enquanto o polegar circulava meu clitóris, me fazendo correr na direção do êxtase.

— Deus, sempre é tão bom — murmurei entre beijos quentes e molhados.

Meu corpo era uma mola apertada, uma onda intensa crescendo dentro de mim enquanto continuava a me estimular com os dedos.

— Mais...

— Garota gananciosa. — Pressionou um beijo no canto da minha boca, lambendo a junção dos meus lábios com preguiça. Lambendo e mordiscando minha mandíbula.

Beijar Xander era minha coisa favorita. Amava o roçar da sua barba por fazer no meu rosto, o gosto da sua língua, o jeito que segurava minha nuca, me segurando exatamente onde me queria.

— Estou perto — gemi. — Continue...

Tirou os dedos de mim e sorriu.

— Xander, que porra? — Olhei feio para ele, e riu.

— Juntos. — O sorriso aumentou conforme se movia para cima de mim, se encaixando entre minhas pernas.

Em uma estocada contínua, ele me preencheu e nós dois gememos.

Xander olhava para mim enquanto se afastava e voltava para dentro, tão fundo que uma pontada de dor passou por mim. Mas foi rapidamente afogada em prazer conforme encontrávamos nosso ritmo.

— Porra, você é uma delícia. — Ele se inclinou, capturando minha boca em um beijo sujo e lento. Ergui os quadris para encontrá-lo, estocada por estocada, e pegou minhas pernas, as erguendo para que pudesse ir mais fundo... mais forte... mais rápido.

— Xander — gritei.

Abaixou a cabeça, passando a língua sobre meu mamilo e depois fechando a boca sobre ele, chupando.

Minhas mãos afundaram em seus ombros, prazer faiscando pelo meu corpo.

— É...

— Sim, eu sei. — Xander sorriu contra meu pescoço, me beijando ali. — Eu te amo, Peyton.

Nenhuma outra palavra foi dita enquanto ele amava meu corpo até a felicidade total.

Sempre foi intenso entre nós, como se soubéssemos como tínhamos sorte de ter nos encontrado. Nosso relacionamento não começou de forma convencional, e a sociedade podia nos julgar – julgar ele – por estarmos juntos, mas não importava.

Nada vai ficar entre a gente de novo.

— Vou sentir saudade. — Fez beicinho enquanto nos vestíamos relutantes.

— Eu sei, mas vou ficar longe só por três dias. — Eu, Lily, Ashleigh e os rapazes iríamos para Pocono Mountains para as férias de primavera. Só nós seis, uma comemoração pré-formatura.

— Não sei se gosto da ideia de você sozinha em um resort de ski com o Hughes. — A sobancelha dele arqueou.

Fui até ele, deslizando os braços na sua cintura.

— Você não tem nada para se preocupar. Bryan é meu amigo, nada mais. Além disso, não estaremos sozinhos. Ashleigh e Gav também vão e não são um casal. Na verdade, se parar para pensar, Lily e Kaiden serão os diferentes.

— Eu poderia ir...

— Falamos sobre isso: a, você odeia esquiar, b, é estranho, você é o treinador deles, e c, vai querer roubar todo meu tempo e distorceria o propósito de viajar com meus amigos. — Dei um olhar afiado para Xander antes de roubar um beijo. — São só três dias e você prometeu ao Cameron que iria fazer trilha com ele.

— É, eu sei. — Ele me envolveu com os braços e me puxou para perto. — Vou sentir sua falta.

— Sabe o que dizem...

— Não deixe a namorada passar férias de primavera com outro cara.

Bati no seu peito.

— Xander Ellis Chase!

— Tudo bem, tudo bem! Espero que você e seus amigos se divirtam.

— Nos divertiremos. Me ajude com as malas? — Xander ficou na minha casa ontem a noite. Eu me mudei há algumas semanas. Jason e Felicity me imploraram para ficar, mas depois de tudo, não queria que as coisas fossem mais estranhas do que já eram.

Todo mundo que importava havia aceitado nosso relacionamento até certo ponto, mas demoraria um pouco para a poeira abaixar. Xander decidiu ficar em Halston, e eu queria ficar em Rixon já que tinha meu emprego no restaurante. Então por enquanto, tinha minha casa e ele a dele. Mas funcionava. Recebíamos muito mais olhares

em Rixon, mas sabia que com o tempo as pessoas seguiriam em frente para o próximo escândalo.

Eu estava feliz.

Estávamos felizes.

E isso era tudo o que importava.

XANDER

— Treinador. — Bryan se aproximou desconfiado. — Como...

— Escuta, Hughes, e escute bem — falei com um sorriso. — Precisamos de algumas regras para essa viagem. — Meus olhos foram para onde Peyton, Ashleigh, e Lily estavam reunidas, vendo Kaiden e Gav carregarem o porta-malas.

— Regras? — Bryan ralhou.

— Sim. Você e Peyton...

— Whoa, treinador. Sabe que não é assim. Eu nunca iria...

— Relaxa, garoto. — Sorri. — Só estou te enchendo o saco. Mas cuide dela, sim? Ela é importante para mim. — Peyton olhou para nós e nosso olhar se encontrou.

Porra. Nunca me cansaria do jeito que olhava para mim. Felicidade irradiava do seu sorriso, e amor queimava nos seus olhos azuis.

— Eu sei, treinador. Ela também é importante para mim.

Minha cabeça se virou para Bryan e seus olhos se arregalaram.

— Merda, não quis dizer... *amigos*... é importante para mim como amiga.

Risada ressoou no meu peito. A verdade é que Bryan era um bom garoto. Ele guardou nosso segredo, foi um bom amigo para Peyton, e continuou um amigo para nós dois.

Ainda estava me acostumando a lidar com meu relacionamento com Peyton e o fato que os amigos dela ainda estavam na escola, mas fazíamos dar certo. Não era muito melhor com nossas famílias. Apesar do Jase e meu irmão nos darem suas bênçãos, as coisas ainda estava desconfortáveis para caralho. Mas eu compreendia, e contanto que não tentassem se meter entre nós outra vez, poderia suportar.

— O que vocês estão conversando aqui? — Peyton apareceu, se afundando ao meu lado. Passou a mão na minha barriga, fazendo meu pau se mover. Só de pensar em todas as coisas safadas que fizera com ela mais cedo faziam meu sangue esquentar.

— Não é da sua conta, Loirinha.

Ela sorriu para mim. Passei a chamá-la de Loirinha desde que tudo aconteceu.

— Estamos quase prontos.

— Vou ver se precisam de ajuda. — Bryan deu um pequeno aceno.

— Xander... — Peyton se moveu na minha frente e semicerrou os olhos. — O que você fez?

— Eu?

— Sim, você!

— Apenas o lembrei que você era importante para mim.

A carranca dela desapareceu.

— É? Importante quanto?

Rindo, abaixei a cabeça e rocei os lábios no seu pescoço.

— Muito importante.

— Hm, gosto de como soa. — Os dedos da Peyton se enrolaram no meu suéter enquanto chupava a pele.

— Xander... não comece ou nunca vou querer ir embora.

— Meio que é o plano. — Sorri. Mas ela não caiu, batendo as mãos no meu peito. Me endireitando, fiz beicinho.

— O que eu vou fazer com você?

— Posso pensar em algumas coisas. — Minhas sobrancelhas se moveram, me ganhando mais uma carranca.

— Você é tão safado. Deveria ir. — Um segundo passou, o ar ficando denso entre nós. — São só três dias, né? — murmurou, e vi um lampejo de hesitação.

— Três dias — repeti.

— Podemos aguentar três dias.

— Com certeza.

— Certo, então. Ligo quando chegarmos lá. — Peyton mordiscou o lábio inferior.

— Vem cá, Loirinha. — Passei o braço na cintura dela, a puxando mais perto. — Eu te amo para caralho.

Teve um tempo que aquelas palavras me assustavam, me faziam querer correr na direção oposta. Nunca acreditei que merecesse amor de alguém como Peyton.

Mas amor nem sempre seguia as regras, e estava tão grato que tropecei nela naquela noite no rio. Eu a salvara, mas ela também me salvou.

— Também te amo, Xander. — Ela olhou para mim. — Mais do que jamais pensei ser possível.

— Mesmo? — Sorri que nem bobo.

— Sim. Mas preciso mesmo ir, então vai ter que... — Ela me deu um olhar afiado e depois desviou o olhar para meus braços que ainda estavam ao seu redor.

— Tá bom. Vai. E divirta-se.

— Eu vou. — Andando de costas, moveu a boca: — Eu te amo. E como o pau mandado que agora eu era, as retribui.

PEYTON

— Isso que é vida — falei, me reclinando na beirada da jacuzzi enquanto as bolhas quentes espumavam ao meu redor.

— Né? — Lily suspirou. — Me sinto tão relaxada.

Vapor saía da água, nos envolvendo como névoa.

— O que acham que estão fazendo? — Ashleigh moveu os olhos para a cabana.

Lily sorriu, pegando o coquetel da beirada e dando um gole.

— Besteira do jeito que garotos gostam.

— Foi um bom dia — acrescenta. Assistimos os caras se fazerem de bobos nas colinas e depois alugamos tobogãs.

Entre formar na escola, trabalhar em tempo integral no restaurante, e passar tempo com o Xander, não via muito minhas amigas esses dias, então era bom viajar com elas.

— Sim. — Ashleigh soltou um pequeno suspiro, e inclinou a cabeça para trás, fechando os olhos. Dei um olhar preocupado para Lily.

— Ezra — Lily moveu a boca.

Ah.

Até onde sabia, Ezra estava mais separado dos Bennet do que nunca. Sofia e Aaron não tinham problemas, mas Ashleigh era teimosa quando se tratava dele. Há algumas semanas, Lily me disse que ouviu eles discutindo, mas Ashleigh não contou o que aconteceu.

Não falava nada dele.

Mas talvez estar longe de Rixon fosse a oportunidade perfeita para que se abrisse.

— Ei, Leigh — falei e ela ergueu a cabeça.

— Sim?

— Algo que queira falar?

— Não, por quê?

— Vai, babe, somos nós. E você parece... quieta.

Soltou um longo suspiro, hesitando. Lily parecia pronta para interferir, mas balancei a cabeça.

Por fim, Ashleigh disse:

— Querer alguém que não te quer é uma merda. — Lágrimas encheram seus olhos.

— Ah, babe. — Estiquei o braço e apertei sua mão. — Ezra?

— Sim. Quero dizer, é estúpido. Nós nunca... não é como se ele tivesse me dado um sinal, sabe? Mas é como se quanto mais quisesse esquecê-lo, mais penso nele.

— Ele sabe como você se sente? — Lily perguntou.

— Não falei para ele, não com todas as palavras. Mas tentei estar presente por ele, vocês sabem. Mas não posso continuar lutando por ele se não quiser que o faça.

— Não acho que tem a ver com você, Leigh. Acho que Ezra tem umas coisas para descobrir.

Ele não ia se formar. Reprovou em muitas matérias. Mya e Asher estavam tentando convencê-lo a repetir o ano, mas parece que isso tinha afundado como uma pedra.

Ezra não ligava.

E podia ver como estava machucando Ashleigh saber que ele desistira.

— Sim, mas ainda é uma merda. — Limpou uma lágrima.

— Ah, babe, vai encontrar alguém. Além do mais, no outono você vai para faculdade, vivendo sua melhor vida.

Ela sorriu, mas não chegou nos olhos.

— Não posso acreditar que temos apenas mais alguns meses juntas — Lily disse.

Há alguns meses, isso teria me assustado. Perdê-las. Ficar presa em Rixon sozinha, sem minhas amigas. Mas não era mais aquela garota. Tanto havia mudado.

Eu havia mudado.

Tinha um emprego que gostava, meu apartamento e Xander.

Todo o resto era um bônus.

Meu telefone começou a tocar e Lily riu.

— Ah meu Deus, ele é pior que papai.

Espirrei água nela enquanto saía da jacuzzi e me enrolava com uma toalha.

— Vou pro nosso quarto.

— Fale para o Xander que vamos confiscar seu telefone amanhã
— Ashleigh gritou atrás de mim.

— Alô — falei, atendendo.

— O que você está aprontando?

— Sabe que ligou há quatro horas, né? — Contive uma risadinha enquanto entrava no meu quarto e da Ashleigh. — Lily e Ashleigh estão falando em confiscar meu telefone amanhã.

— Diga que se fizerem isso, não vou hesitar em aparecer aí.

— Está com saudade?

— O apartamento não é o mesmo sem você.

— Xander...

— Vem morar comigo — soltou do nada.

— O-o quê?

— Vem morar comigo. Passamos todas as noites juntos. E estou cansado de ter metade das minhas roupas na minha casa e metade na sua.

— Mas é cedo, muito cedo... — Meu coração batia enlouquecido no peito.

Ele queria que *morássemos* juntos.

Estava certo. Já passávamos todas as noites juntos, o que significava que um de nós estava sempre dirigindo de um lado para o outro. Mas não era muito longe.

— Ou posso morar com você, se quiser ficar em Rixon — continuou. — Só sei que estou sentado no meu apartamento e você não está aqui e é uma bosta.

— Você está falando sério?

— Como a morte. Eu te amo, Loirinha, e pretendo passar o resto da vida com você. Então do jeito que vejo, podemos passar pelas fases normais de um relacionamento, ou podemos ir direto para a parte que você está na minha cama todas as noites com suas coisas femininas espalhadas no meu apartamento e...

— Sim. — Sorri tanto que minhas bochechas doeram. — Sim, vou morar com você.

— Uau, eu tinha um discurso todo preparado. Até fiz uma lista.

— Não fez. — Risada escapou de mim, e era tão pura, tão cheia de amor, que pensei que meu coração pudesse explodir.

— Fiz sim — teimou. — Então, vamos fazer isso? Vamos mesmo morar juntos?

— É, acho que vamos.

— Segunda — falou seco.

— Segunda?

— Quero que se mude na segunda, no segundo que voltar.

— Xander, não posso mudar na segunda. Tenho um contrato de aluguel, tenho que dar aviso.

— Veremos — murmurou. — Agora fale comigo para que possa dormir com o som da sua voz.

— Xander, não posso...

— Faça o que peço. — Podia imaginar sua expressão birrenta e olhinhos pidonhos.

Caindo contra os travesseiros, soltei um suspiro suave.

— Você é um pé no saco, sabia.

— Sim, mas você me ama.

— Sim, amo.

Não era todo dia que você podia se mudar com seu herói. Mas Xander era muito mais do que isso para mim. Era meu salvador. Meu confidente. Meu melhor amigo. Minha alma gêmea.

Era o homem que passaria a vida amando.

E não podia esperar para ver o que nos aguardava no futuro.

ASHLEIGH

Dois meses depois...

— Tio Xander, você veio. — Joguei os braços em volta dele e o apertei com força.

— Parabéns, Leigh Leigh. — Ele me segurou afastada, me analisando. As sobrancelhas se uniram, a boca apertou. — Você está bêbada?

— É uma festa. Nossa festa de formatura. É claro que estou bêbada. — Dei um sorriso travesso. — Mas não conte para meu pai. Tem que prometer que não vai...

— Relaxa, Leigh — Peyton disse, deslizando sob seu braço e afundando ao seu lado. — Ele não vai contar. Certo, babe? — Ela sorriu para Xander.

Nossa, ainda era estranho pensar neles juntos. Um dia, se eles se casassem, seria minha tia.

Uau, fundiu meu cérebro. Minha melhor amiga e minha tia.

Peyton abafou uma risada e pisquei para eles.

— Falei isso em voz alta?

— Aham. Pode querer suspender o álcool, Leigh. — Ela me deu um olhar afiado.

— Merda, desculpa. — Solucei. — Não quis... quero dizer, seria legal se vocês se casassem. Topo ser sua sobrinha e...

— Leigh Leigh? — Tio Xander disse, parecendo um pouco atarracado, e assenti. — Pare de falar agora.

— T-tá bom.

— Vamos encontrar o Bryan. — Peyton sorriu. — Vai ficar bem?

— É, vou. — Não era uma mentira completa. Estava feliz de estar aqui, comemorando com meus amigos. Conseguimos – sobrevivemos ao ensino médio. Logo estaríamos correndo atrás dos nossos sonhos na faculdade.

Bom, a maior parte de nós.

Procurei pelo quintal lotado do Bryan, esperando ter um vislumbre do Ezra.

Sabia que era provável que não viria. Afinal, não se formara com o resto de nós. Mas não me impedia de procurar por ele, esperando que talvez, só talvez, ele viria comemorar conosco.

Comigo.

Ezra Jackson era meu tendão de Aquiles. Passei meses, anos até, tentando ser sua amiga. Tentando ser sua pessoa. Mas todas as vezes que pensava que estava chegando perto, ele se afastava, e eu era deixada de coração partido outra vez.

Era uma bosta gostar de alguém que não gostava de você. Mas era pior ainda que nos raros momentos que ele agia como se me quisesse, eu era fraca demais para recusá-lo.

— Ashleigh. — Lily e Kaiden se aproximaram de mim. — O que você está fazendo?

— Nada. — Sorri. — Peyton e Xander estão aqui. Pode acreditar que ele veio?

— Eu me pergunto como ela conseguiu convencê-lo — Lily disse, e Kaiden bufou.

— Você não quer saber. — Ele sorriu.

— Ew, nojento.

— Sabe, um dia ela vai ser minha tia, isso é nojento.

— Você está bem? — Lily franziu o cenho.

— Sim. Melhor que bem. — Consegui dar o melhor sorriso que podia. — Conseguimos, Lil. Nos formamos. E agora o mundo é nosso.

Mas não estava olhando para ela, estava olhando além. Ainda procurando Ezra.

Desejando em silêncio que só dessa vez, ele me surpreendesse.

Festejamos até tarde da noite, mas Ezra não apareceu. Não que esperava de verdade que aparecesse.

A casa do Bryan estava uma bagunça, copos e garrafas vazios estavam espalhados no quintal. Mas Kaiden e Gav prometeram

ajudar a limpar amanhã. Minha cabeça já doía por causa do álcool, mas a pizza que comemos mais cedo absorveu o suficiente que não me sentia mais bêbada.

— Vou levar essas sacolas para o lixo — falei em geral. Gav estava cochilando no sofá, e Kaiden e Lily estavam envoltos demais um no outro para me notarem. Bryan desaparecera mais cedo e nunca reapareceu, e Peyton e Xander foram embora há horas depois que ele declarou que era inapropriado ver a sobrinha e os amigos encherem a cara.

Palavras dele e não minhas.

Peguei as sacolas e saí pela porta dos fundos, indo para a lateral da casa. Depois de deixá-las no lixo, estava prestes a voltar para a casa quando o ronco baixo de um motor chamou minha atenção. Antes que soubesse o que estava fazendo, contornei a casa, parando de supetão quando vi o carro familiar nas sombras.

Ezra.

Mesmo na escuridão, podia sentir seus olhos em mim.

A primeira emoção que sentia sempre que Ezra estava por perto era um fio de animação, mas costumava ser seguido por frustração ou raiva.

Hoje não foi diferente.

Fui pisando firme na direção do carro e abri a porta com tudo.

— O que você está fazendo aqui?

— Bom ver você também, docinho.

— Não me chame assim. — Eu fervei. — Está atrasado, a festa acabou.

— Não vim para a festa. — Os olhos âmbar dele afundaram nos meus. Intensos e firmes.

— Eu não vou fazer isso, não hoje. — Fui bater a porta, mas sua voz me parou.

— Vamos, Leigh. Não fica assim. — Um segundo passou e soltou um longo suspiro. — Sabe porque não vim.

— Não, não sei.

Ezra era um lobo solitário, sempre fora. Mas esta noite, de todas as outras, poderia ter vindo.

Poderia ter vindo... por mim.

— Dê um passeio comigo — falou baixo.

— Um passeio? Agora? São quase duas da manhã.

— Por favor? — Um leve sorriso curvou sua boca e senti aquele puxão familiar na barriga. Quando Ezra sorria, e não fazia muito isso, mudava todo seu rosto.

Nunca vou admitir para ninguém, mas vivia por seus sorrisos.

Eu o estudei, sem conseguir tirar os olhos do seu rosto. Era uma tela perfeita de feições marcantes e lábios carnudos, e olhos de mel que olhavam direto na sua alma. Uma argola prateada perfurava seu nariz e um ponto de luz brilhava na orelha, os dois dando a ele uma intensidade que a maioria dos rapazes de Rixon não tinham. Tinha uma sombra de barba no seu lábio superior e queixo, e o cabelo estava arrumado em cachos. Ezra Jackson tirava meu fôlego todas as vezes que olhava para ele.

Me encarou com um sorriso preguiçoso. Um que reconhecia. Meu estômago afundou.

— Está chapado.

— Dei um tapa mais cedo, mas estou bem. Pare de se preocupar.

Mas eu me preocupava. Sempre me preocupava quando se tratava de Ezra.

— Dê um passeio comigo, vamos. — Fez beicinho, arrastando o lábio inferior carnudo entre os dentes e soltando devagar. — Vamos, docinho, sabe que quer.

Maldito seja.

E maldito seja meu tolo e volátil coração.

— Tá bom, mas só um pouco. — Entrei no carro, mandando uma mensagem rápida para Lily para que soubesse onde estava.

Música calma saía dos alto falantes enquanto Ezra saía da garagem dos Hughes. Não conversamos, não enquanto as casas passavam, silenciosas e sonolentas.

— Para onde estamos indo? — Percebi que estava saindo da cidade.

— Quer ver o quão rápido pode ir? — Os olhos brilharam.

— Ezra, acho que não é... — Pisou fundo e o carro acelerou como um foguete. — Ezra, que *diabos*? — Minha mão se curvou na beirada do banco.

— Relaxa, docinho, é só um pouco de diversão. Algo para fazer o coração acelerar.

— Isso foi uma má ideia, deveria me levar de volta.

Olhou para mim, a mandíbula contraindo.

— Queria que fosse na festa, certo? Suas mensagens foram por isso, me implorando para que fosse.

Vergonha marcou minhas bochechas. Mandeí mensagem para ele, várias vezes. Mas bebi muito, demais, e odiava pensar nele sozinho.

— Está sendo um babaca — falei calma, me recusando a deixar que me provocasse. — Quero que me leve de volta para a casa do Bryan, *agora*.

— É. — Soltou um suspiro tenso. — Que seja. — Ezra freou para fazer o retorno no meio da estrada.

— Jesus — sibilei baixo. Mas pelo menos estava mais devagar.

— Está certa — falou frio, lançando um olhar âmbar na minha direção. Estava mais escuro agora, quase castanho com um anel dourado ao redor. — Isso foi um erro. — Ele me prendeu naqueles olhos. — Nem sei por que...

Faróis me cegaram.

— Ezra, *cuidado* — gritei, me preparando.

— Caralho! — Ele tentou desviar, mas era tarde demais. O caminhão estava vindo direto na nossa direção.

— Ah, meu Deus — suspirei e aí meu mundo explodiu em um lampejo de metal rangendo e borracha queimando. O carro virou e virou outra vez, vidro quebrando e ossos estalando.

Dor irradiava de cada centímetro do meu corpo, escuridão nadando na minha visão. Não podia ver... não podia pensar.

— Leigh? — alguém chamou enlouquecido. — Ashleigh?

— E-eu... — As palavras mal se formaram nos meus lábios, algo escorrendo da minha boca. Sangue. Deus, tanto sangue.

— Ezra — choraminguei. — Eu... — Deus, doía para respirar. Doía tanto. — Estou assustada.

— Sinto muito, docinho. — Parecia longe, os limites da minha consciência oscilando, escuridão avançando, embotando meu mundo. — Eu sinto muito mesmo.

PLAYLIST

Feel Something – Jaymes Young
Watch – Billie Eilish
Skin – Sabrina Carpenter
Perfectly Wrong – Shawn Mendes
Don't Give Up On Me – Andy Grammar
Wildest Dream – Taylor Swift
The Village – Wrabel
Train Wreck – James Arthur
Forever – Labrinth
Love in the Dark – Isak Danielson
Are You With Me – Nilu
Falling Apart – Michael Schulte
Half Light – BANNERS
Say – Ruel
Moments Passed – Dermot Kennedy
Hope is A Heartache – LEON
I Should Go – James Vincent McMorrow

ABOUT THE AUTHOR

Autora best-seller *USA Today* e *Wall Street Journal* de mais de quarenta livros *young adult* maduros e *new adult*, L.A. COTTON é mais feliz escrevendo o tipo de livro que ela ama ler: histórias viciantes cheias de angústias adolescentes, tensão, e reviravoltas.

Sua casa é em uma pequena cidade no meio da Inglaterra onde ela equilibra ser uma autora em tempo integral com ser mãe/juíza de duas pequenas pessoas. No seu tempo livre (e quando não está acampada na frente do computador) você vai encontrar L.A. imersa em um livro, escapando do caos que é a vida.

LA ama se conectar com leitores. Os melhores lugares para encontrá-la são:

www.lacotton.com

